

A photograph of a woman holding a young girl. The woman is seen from the side, her face partially visible as she looks down at the girl. The girl is wearing a blue and white plaid shirt and is looking towards the camera with a slight smile. They are outdoors, with a background of soft-focus purple flowers and green foliage. The lighting is warm, suggesting late afternoon or early morning.

cherish
BOOKS

Esperare
por
Mim

TIA LOUISE

autora best-seller USA TODAY



Título original: Wait for me
Copyright © 2019 Tia Louise
Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Sônia Carvalho
Preparação de texto: Luciane Rangel
Revisão: Elimar Souza
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Gisele Souza
Marketing e Comunicação: Elimar Souza

Louise, Tia

Espere por mim/ Tia Louise; tradução de Luciane Rangel. Rio de Janeiro: Cherish Books,
2020.

Tradução de: Wait for me

ASIN

1. Ficção americana I. Rangel, Luciane. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books
Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz
Rio de Janeiro - RJ
E-mail: cherishbooksbr@gmail.com
<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[Sete Anos Atrás](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Abalo Sísmico](#)

[Dias Atuais](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

Para os amantes de canções tristes e doces surpresas...

*Para meu marido, que queria uma história sobre o pomar de
pessegueiro onde ele cresceu, e para Ilona, minha amiga.*



Prólogo

Noel

Minha mãe era linda demais para morrer.

Pelo menos, foi o que todo mundo disse.

Penelope Jean Harris era descendente do fundador de nossa cidade e a garota mais bonita em três paróquias. Ela foi líder de torcida no colégio, rainha do baile, rainha da formatura e em tudo o mais. Ela ganhou os concursos de Princesa do Pêssego, quando adulta e quando adolescente e o Miss Dixie Gem. Ela teria se tornado Miss Louisiana se meu pai não a tivesse transformado em uma senhora.

Eu tinha onze anos – aquela idade estranha entre muito grande para brincar no riacho só de calcinha e muito pequena para dormir sem a luz do armário acesa. Eu amava Dolly Parton e borboletas, colher pêssegos direto das árvores do meu pomar e comê-los, pular no lago e correr atrás de coelhos com meu irmão mais novo, Leon.

No verão, as árvores eram de um verde rico e o doce aroma do suco de pêssego enchia o ar. No inverno, elas pareciam mãos esparsas e ossudas, estendendo as palmas para o céu. Seus galhos eram como dedos que se espalhavam, agarrando-se à esperança.

Os olhos castanhos de mamãe se enrugavam nos cantos sempre que ela olhava para mim, meus irmãos ou meu pai. Seu sorriso doce era um sol quente quando eu sentia frio.

Ela me envolvia em seus braços e cantava uma velha canção triste quando eu estava com sono, mal-humorada ou "desmoronando", como dizia. Eu imaginava esse "desmoronando" como se eu fosse várias peças de dominó de mármore que eu poderia alinhar e derrubar da mesa com um tapa, espalhando-as por toda parte. Eu colocaria seu cabelo castanho sedoso em volta de mim como uma capa, fecharia meus olhos e inspiraria...

Então ela se foi.

Ela saiu para uma caminhada em uma noite fria de inverno ao longo da estreita estrada de terra que passava por nosso pomar e foi até a velha casa na colina. O ar estava gelado; fogueiras queimavam. O homem que dirigia a caminhonete disse que ela apareceu do nada.

Ele não a viu.

Ela nunca o viu.

Seis semanas depois, naquele mesmo pomar com flores de pessegueiro nas árvores e orvalho caindo na grama, no mesmo local onde ela morreu, meu pai tirou a vida com sua própria arma.

Acho que às vezes o amor te faz esquecer que as coisas podem melhorar.

Acho que ele não viu uma curva na estrada à frente.

Acho que ele só viu uma linha reta conduzindo-o cada vez mais fundo para a escuridão.

Meu pai era a estrela de seu time de futebol do colégio... mas a vida lançou-lhe um passe que ele não conseguiu pegar com a morte de mamãe.

Nosso mundo mudou para sempre naquele inverno.

Dolly Parton diz que o amor é como uma borboleta, suave e gentil como um suspiro, mas pelo que eu entendi, acho que ele é mais como um tornado, chocante, violento e tão poderoso que pode arrancar sua alma pela boca...

É mais veloz do que você pode correr e explode uma casa à distância enquanto deixa a próxima pacificamente de pé.

Não sabia para que lado o amor me levaria, se seria silencioso ou com o rugido de um trem de carga. Eu deveria saber. Deveria ter percebido no momento em que o vi.

Foram ambos. Foi calmo como um pincel de penugem de pêssago, mas deixou minhas entranhas em pedaços. Ele torceu meus pulmões e me ergueu tão alto que me jogou no chão com tanta força, que tocou meus ouvidos e inundou meus olhos.

Tudo começou no verão antes de eles partirem, um mês antes de meu irmão ser enviado para lutar em uma guerra que todos diziam ter acabado.

Tudo começou na cozinha da casa da minha mãe...



Sete Anos Atrás



Capítulo 1

Taron

— Levante-se e vá brilhar, espertinho. — Sawyer dá um chute no meu pé, jogando minhas pernas para fora do sofá, e eu me ergo com meu punho cerrado.

— Que diabos... — A defesa é um instinto para mim, já que na minha infância precisei aprender a me defender sozinho.

— Esteja na caminhonete em sete minutos.

Eu esfrego meus olhos com a mão em vez de socá-lo.

— Já são sete horas? Ainda está escuro.

— Temos que seguir os horários da fazenda agora — sua voz imita a de nosso sargento, e ele fecha a porta do banheiro sem olhar para trás.

Horário de fazenda, horário militar... não me admira que ele tenha se adaptado tão facilmente ao básico. Levantando meu telefone, vejo que são apenas cinco horas. *Merda.* Olhando em volta, tento me orientar no quarto grande e escuro. A insinuação de um sonho ainda paira na borda do meu cérebro.

Pele macia, cabelo macio... Um cheiro tão familiar, mas não consigo identificá-lo – doce, mas turvo. Quero fechar meus olhos, enterrar meu rosto em seu pescoço e apenas respirar...

Foi apenas um sonho.

Um sonho que gostaria que terminasse de uma vez.

Com um rosnado baixo, eu me levanto, abaixando a ereção em meu short e procurando pelo chão a calça jeans e a camiseta que usei no passeio na noite passada.

Chegamos à casa de Sawyer depois da meia-noite, quando caí no sofá da sala, pensando que dormiria mais de cinco horas. Terminamos o acampamento na semana passada e recebemos nossas ordens de marcha. Somos verdadeiros fuzileiros navais agora, com apenas algumas semanas antes de partirmos para a América do Sul para uma missão de dezoito meses.

Dezoito meses, se tivermos sorte.

Ao mesmo tempo em que encontro minha camisa, algo quente e úmido mancha meu rosto.

— O quê...! — eu grito, caindo de bunda.

Meu coração está na minha garganta quando a porta do banheiro se abre novamente, lançando uma coluna de luz no chão. Um cachorro grande, preto e cinza com um olho azul e outro castanho, está parado à minha frente. Parece que está sorrindo. Tenho certeza de que sabe que me assustou pra caralho.

— Akela, venha — a voz de Sawyer é afiada.

— O banheiro é seu.

Ele não para ao passar por nós, e o cachorro fofo o segue até a cozinha. Balançando a cabeça, cambaleio em direção à luz.

Cinco minutos depois, estamos na caminhonete. Não sou uma pessoa matutina, mas devo dizer que o nascer do sol dourado sobre as colinas cobertas por árvores baixas e pesadas com folhas verdes e pêssegos maduros é muito especial. Uma névoa de orvalho o faz brilhar.

Sawyer está com o boné abaixado enquanto dirige e não parece notar. Ele tem estado muito focado desde que deixamos Nashville ontem à noite. Acho que voltar para casa pode ser estressante, mesmo se você for o dono do lugar e seu melhor amigo tenha se oferecido para voltar e ajudar a resolver as coisas.

— Isso é que é cachorro. — Meu cotovelo está apoiado na janela aberta e a brisa quente nos envolve na cabine.

— Ela é da Noel. — Ele está dirigindo devagar em uma estrada de terra estreita.

Ele me contou um pouco sobre sua irmã mais nova, sobre seus joelhos esfolados e rabo de cavalo, perseguindo coelhos.

— Para onde vamos?

— Harristown central. — Ele dá uma sugestão de sorriso, e estou feliz em ver que ele não está triste.

— Onde é isso?

— Você vai ver.

Continuamos a trinta quilômetros por hora até chegarmos a uma rodovia pavimentada de duas pistas. Ele vira à direita, indo para a pequena cidade, e acho que vai acelerar.

Mas não acelera.

Olhando para o meu telefone, vejo que está fora de serviço.

— Não tem sinal de telefone aqui?

Ele me lança um olhar.

— Para quem você está tentando ligar?

— Eu quero avisar a Patton e Marley que chegamos.

— Eu tenho um telefone fixo em casa.

Apertando meus lábios, eu aceno com a cabeça. Ah, sim. *Ótimo.*

Mais cinco minutos e saímos em uma estrada secundária, até uma parada de caminhões com um restaurante Denny's anexo, onde vários veículos estão estacionados perto da entrada e homens de jeans e boné descem lentamente, ajustando a parte de cima das calças e se espreguiçando.

— Denny's? — Eu lhe lanço um olhar cético.

Ele apenas encolhe os ombros.

— Foi assim que eles sempre fizeram.

— Fizeram o quê?

— Organizaram a lista de trabalhadores para a colheita.

— Você não tem seus próprios trabalhadores para a colheita?

— Eu estou prestes a ter.

Ele estaciona a caminhonete, ajusta o boné e sai. Eu o sigo para dentro no mesmo ritmo lento que o resto dos veteranos que estão entrando pelas portas. Em minha mente está a nossa conversa de algumas semanas atrás, quando estávamos recebendo nossas tarefas, falando sobre deixar o país.

Ele me contou tudo sobre a fazenda de cem acres que herdou de seu pai no norte da Louisiana, e eu disse que gostaria de conhecê-la algum dia.

Eu não tenho muita família em Nashville, além de meus amigos, Patton Fletcher e Martin “Marley” Randall. Alistamo-nos juntos na esperança de conseguirmos a mesma missão, o que, felizmente, aconteceu.

Sawyer se deu bem com Patton, Marley e comigo no nosso primeiro dia, e temos sido inseparáveis desde então. Quando ele me pediu para voltar para casa com ele, a fim de ajudá-lo a colocar tudo em ordem antes de embarcarmos, eu me perguntei: por que não? Eu ficaria apenas passando tempo, festejando muito se passasse um mês em Nashville esperando.

— Boas-vindas ao herói da cidade — uma voz nos chama do outro lado da sala.

— Ainda não. — Sawyer aperta a mão de um homem que parece pelo menos vinte anos mais velho que nós. — Como está a equipe este ano?

— Quase a mesma do ano passado — a voz do homem é ponderada, como a do meu amigo. Ele acena com a cabeça em direção a um homem mexicano robusto sentado em uma mesa do outro lado.

— Jay Hidalgo tem uma boa equipe alinhada. Estamos apenas discutindo preços.

Então ele olha para mim e acena com a cabeça.

— Como vai?

Eu rapidamente estico a minha mão.

—Taron Rhodes.

Ele me cumprimenta.

— Dutch Hayes. Sou dono dos campos de algodão do leste da cidade até o Delta.

— Legal. — Não tenho ideia de como responder, mas Sawyer interrompe.

— Taron é um amigo meu de Nashville. Terminamos o básico juntos.

— Outro fuzileiro naval? Com essa cara?

O meu maxilar se aperta. Ser o que as pessoas consideram bonito tem vantagens e desvantagens definidas. A vantagem é a transa fácil, embora nunca tivesse sido um mulherengo. Não é o meu estilo.

Exceto quando ocasionalmente esbarro em caras que pensam que não posso lhes dar umas belas porradas.

Ainda assim, fui ensinado a respeitar os mais velhos.

— Outro Fuzileiro — digo através de um sorriso constrangido.

— Não se deixem enganar por ele. — Sawyer agarra o meu ombro. — Eu confiaria a Taron minha vida.

Dutch acena com a cabeça.

— Companheiros de guerra.

— Algo assim — Sawyer redireciona. — Será que o Digger pode passar aqui esta tarde? Preciso resolver o problema de Noel e Leon antes de partir.

Uma luz gananciosa pisca nos olhos do homem quando Sawyer está de costas. Ele rapidamente a esconde, e eu gosto dele ainda menos.

—Você escolhe a data e eu o aviso. — Eles vão até onde Hidalgo está sentado esperando com os braços cruzados, e eu decido esperar lá fora.

Deslizando para uma cabine de vinil vermelho, noto que o wireless está funcionando neste lugar. Eu rapidamente mando uma mensagem no grupo para os caras dizendo que nós chegamos. Marley imediatamente envia de volta um emoji de sinal de paz. Ele provavelmente já está chapado. Seu apelido é “Sr. Acorda e Fuma”.

Patton provavelmente está explodindo de raiva. Posso imaginá-lo me xingando por partir dessa maneira, mas ele estaria subindo pelas paredes neste lugar. Eu meio que estou aproveitando de uma maneira diferente, optando pelo essencial.

Eu acabo de pegar um menu coberto de plástico quando uma mulher com cabelo loiro-avermelhado preso no alto da cabeça e um avental marrom desliza até a mim. Ela parece ter a mesma idade da minha mãe.

— Olá, lindo. Posso pegar um café para você? — Ela me dá uma piscadela e vejo que seu crachá de plástico diz *Florence*.

— Oi, Florence. — Eu retribuo seu sorriso. — Seria ótimo.

Ela pega um jarro dourado ao lado dela e enche a pequena xícara sobre a mesa à minha frente.

—Pode me chamar de Flo. Você é novo na cidade?

— Apenas visitando o pomar LaGrange. Sou amigo de Sawyer.

—Não diga. — Ela olha com curiosidade para onde ele está com os dois homens. — Milagres nunca cessam.

Não tenho certeza do que isso significa, mas estou feliz pelo café. Foi uma longa manhã e não são nem sete horas.

— Você vai ficar por aqui ou está apenas de passagem?

Eu bebo a mistura fraca e marrom e aceno com a cabeça.

— Ficaremos aqui por algumas semanas e depois seremos enviados para a América do Sul.

— Ahh... — Ela desliza um cartão de visita sobre a mesa para mim.

— Se você precisar de alguém para lhe mostrar a cidade, me avise.

Pego o cartão e vejo um número de telefone escrito nele.

— Ei, Flo. — Sawyer está na ponta da mesa, remexendo no bolso da frente.

— Você está pronto?

Termino minha bebida com um gole, pegando o pedaço de papel.

— Quanto eu te devo?

Ela me dá outra piscadela.

— Sem cobrança, docinho. Basta me avisar se precisar de alguma coisa.

— Espere. Se eu não pagar, você tem que repor com suas gorjetas, certo?

Ela torce o nariz e balança a cabeça.

— Não se preocupe com isso.

Colocando uma nota de dez em sua mão, dou um tapinha em seu ombro.

— Fique com o troco.

Seus olhos são amorosos.

— E eu pensei que os cavalheiros do Sul tinham saído de moda.

— Só estou pagando minha conta.

Não quero entrar na história da minha família, mas sei como o orçamento de uma garçonete pode ser apertado.

Sawyer dá um soco no meu braço.

—Vamos, Casanova. Te vejo mais tarde, Flo.

Ela concorda.

— Fico feliz em ver que você finalmente está conseguindo fazer amigos... E, bons amigos.

Estamos na caminhonete indo para a fazenda e, como sempre, ele não fala muito. Mas é o estilo de Sawyer. Ele é o membro quieto do grupo. Patton é todo arrogância, Marley está sempre atrás de uma festa, uma fuga. Eu estou... ainda procurando saber quem sou.

O sol está mais alto no céu, e o brilho cintilante do amanhecer sobre o pomar de pêssegos se foi. Agora o calor está pegajoso e a umidade crescente.

Ele se inclina para a frente.

— Vai fazer um calorão.

— Você conseguiu sua equipe?

— Acho que sim. Acredito que Digger será uma boa escolha para assumir enquanto eu estiver fora. Tudo deve funcionar sem problemas por um tempo.

— Você não vai deixar sua irmã no comando?

— Noel? — Sua testa enruga.

— Ela é apenas uma criança. De qualquer forma, vai começar a faculdade. Precisa se concentrar em seus estudos.

Eu sei que deixar o pomar e seus irmãos pesa em sua mente. Eu também sei que ele realmente quer fazer algo por si mesmo. Agora pode ser sua última chance – pelo menos foi o que ele me disse.

Ele sai da estrada de terra estreita em frente à extensa casa da fazenda. É a primeira vez que a vejo à luz do dia e estou impressionado com o tamanho. É uma estrutura de dois andares com revestimento de madeira branca e uma grande varanda completa com um balanço. É a imagem do clássico americano.

Fechamos as portas com força e eu o sigo subindo a calçada, passando pela pequena cerca branca e a porta da frente. Meu estômago imediatamente começa a roncar quando os aromas de torradas frescas, bacon escaldante e ovos fritos atingem meu nariz.

—Droga, isso cheira bem. — Eu esfrego minhas mãos sobre meu estômago.

O telefone de Sawyer começa a tocar e ele levanta a mão.

— Eu já vou entrar. Entre e apresente-se a Noel.

Eu não vou discutir. Sigo o cheiro da comida e, quanto chego mais perto, ouço uma voz alta, cantando uma velha canção de Dolly Parton, que costumava aparecer naquele programa de TV. Soa bem.

Eu empurro a porta de vaivém e quase bato na minha bunda pela segunda vez hoje.

De pé, de costas para mim, quem está estendendo a mão sobre a cabeça em direção a um armário aberto não é uma criança de forma alguma. Noel é pequena e esguia, com curvas em todos os lugares certos. Ela está vestindo uma regata verde-clara, shorts cortados, e seu cabelo castanho brilhante está preso em um coque em sua cabeça com pequenas mechas caindo.

Eu vejo enquanto ela se estica mais para os pratos, e meus olhos deslizam pela pele lisa de seu braço até a cintura estreita, passando pela curva de sua bunda e descendo pelas pernas insinuantes até os pés descalços.

Suas unhas estão pintadas de vermelho brilhante.

Quando estou prestes a oferecer ajuda, ela pula com um pé na beira do balcão, pega uma grande travessa e uma tigela de marfim, mas devem ser muito pesadas para ela. Tudo parece acontecer em câmera lenta.

Ela cambaleia e sua música se transforma em um grito alto, enquanto ela cai para trás.

— Oh, não... NÃO!

— Noel! — Eu mergulho para frente e, por algum milagre, ela pousa em meus braços, fazendo-me cair de joelhos.

Estou inclinado para a frente, segurando-a perto. Nós dois estamos respirando rápido, nossos narizes quase se tocando. Seus olhos piscam e abrem, e quando encontram os meus, castanhos-dourados como uísque, acho que estou apaixonado.

Uma inspiração profunda e estou rodeado por flores frescas e primavera. Ela é macia como seda, seus seios contra o meu peito e seus lábios carnudos e brilhantes na frente dos meus.

Eu poderia beijá-la...

— Meu Deus, um anjo... — é um sussurro ofegante, um pouco rouco e muito sexy.

— Eu sou Taron.

Ambos os pratos ainda estão em suas mãos. Ela pisca algumas vezes antes de olhar ao redor.

— Oh, inferno.

Ela se afasta e eu me movo para o lado, ajudando-a a se levantar. Quando ela se levanta, suas pernas estão bem na minha cara, lisas e musculosas, e eu resisto à vontade de estender a mão e deslizar minha palma contra sua pele... *Merda, controle-se, Taron.*

— Você está bem? — Eu me levanto rapidamente, tocando levemente seu braço.

— Acho que sim. — Ela olha para mim e sorri timidamente, e eu juro que a terra se move.

— Quero dizer, sim... Obrigada. Poderia ter sido um tombo bem feio.

Seu olhar me captura, e suas bochechas bronzeadas ficam vermelhas.

— Noel, Jesus! — Nós dois pulamos quando Sawyer entra na sala gritando.

—Você pode usar a maldita escada!

Eu me afasto dela rapidamente, encostando-me no balcão, e ela vai até onde ele está parado na porta.

— Deus, Sawyer! Você quase me deu um ataque cardíaco.

— Você vai me causar um, se continuar fazendo acrobacias como essa. Estou prestes a sair do país e você está escalando a cozinha como uma artista de circo sem rede.

— Cale a boca e me dê um abraço. — Ela estende os braços para abraçá-lo.

Ele olha para mim.

— Obrigado por salvar a minha irmã idiota.

— Imbecil. — Ela empurra o ombro dele.

— Obrigada, Taron.

Ela sorri, mas seus olhos não encontram os meus. Eu não posso dizer se ela está envergonhada, abalada ou outra coisa. De

qualquer forma, ela se vira e me dá outra visão de sua linda bunda. Minha mão vai para meu estômago e eu esfrego a dor repentina lá.

— Espero que você esteja com fome. Fiz meia dúzia de ovos e uma pilha de biscoitos.

— Estou faminto. — Sawyer vai até a mesa.

Eu me forço a parar de olhar para ela como se nunca tivesse visto uma garota antes.

— Como posso ajudar?

— Apenas se lave. A mesa está posta. — Ela se move rapidamente ao redor do pequeno espaço em seus pés descalços, enquanto eu vou até a pia e lavo minhas mãos.

Ela salta para onde eu estou e me entrega uma toalha, e o cheiro dela me envolve novamente, fresco e quente, e meu sonho passa pela minha cabeça.

— Vamos comer. — A voz de Sawyer é afiada, e eu me junto a ele na mesa.

Não estou aqui para um romance de verão, e sim, para ajudar na colheita. Em poucas semanas, terei partido, e não posso perder isso de vista – não importa o quão gostosa seja a irmã "pequena" de Sawyer.

— Louvado seja o Senhor e passe os biscoitos.

— Ela se senta na minha frente e, desta vez, quando nossos olhos se encontram, uma sugestão de um sorriso surge em seus lábios.

Nosso olhar se confunde como se estivéssemos compartilhando um segredo e todas as minhas boas intenções escorregam pela janela.



Capítulo 2

Noel

Puta merda, Taron Rhodes é o homem mais sexy que já vi, e ele acabou de salvar minha vida. Ou meu pescoço.

Ou, no mínimo, minha bunda.

Agora ele está sentado à minha frente à mesa, e cada vez que ele olha para cima, é como subir aquela colina no topo da velha estrada do pomar a oitenta quilômetros por hora. Minhas entranhas voam para minha garganta e toda a minha respiração desaparece.

— Não posso sair de Caracas para visitá-la no hospital... — Sawyer ainda está falando como um velho. — Eu preciso saber que você está fazendo boas escolhas, cuidando de Leon.

Tomo um gole de suco de laranja, tentando fazer meu estômago relaxar para que eu possa comer.

— Não vou precisar de uma escada quando você se for. Vou cozinhar para dois.

Taron olha para mim novamente e meu estômago dá um salto.

É muito para um café da manhã.

Ele tem os olhos mais incríveis. Não sei dizer se são verdes ou azuis. Eles são uma mistura pálida de ambas as cores, e se destacam sob suas sobrancelhas e cabelos escuros.

Uma barba rala cobre suas bochechas. Tenho certeza de que ele terá que raspar antes de se apresentar para o serviço – pelo

menos foi o que eu sempre ouvi – ainda assim, gostaria de passar minhas unhas nele enquanto beijo seus lábios carnudos...

— Passe os ovos— meu irmão grunhe.

Taron e eu alcançamos ao mesmo tempo, e quando nossos dedos se tocam, eu juro que soltam faíscas.

— Consegui. — Seu sorriso é brincalhão, de menino mau, e eu suspiro ao ver as linhas de músculos envolvendo seus braços quando ele passa a tigela.

— Jay Hidalgo e sua equipe estarão aqui bem cedo amanhã de manhã. — Sawyer coloca mais ovos em seu prato antes de deixar cair a colher de pau.

Isso me tira do meu devaneio.

— Eu preciso alimentá-los?

Merda, é uma viagem de um dia inteiro ao Walmart.

— Eu disse a ele que não temos tempo para isso. Eles vão trazer suas próprias refeições. Preciso de você com os alunos do ensino médio na classificação, e não, passando o dia todo no mercado.

Essa velha tristeza cutuca meu peito. Sawyer tem sido muito bom em me manter informada sobre sua implantação, mas acho que meu cérebro simplesmente não quer se agarrar às informações. Eu continuo esquecendo os detalhes.

— Quanto tempo antes de você partir?

— Estarei aqui durante a colheita, o festival do pêssego. Nós nos apresentaremos no dia 5 de julho.

Logo após o feriado. Eu aceno, olhando para baixo e empurrando minha comida ao redor do meu prato. A decisão de Sawyer de se juntar ao exército me assustou no início. Já perdemos muito, e então ele foi e escolheu os fuzileiros navais. Esse é o ramo mais difícil do serviço. Eles servem por mais tempo e estão nos lugares mais perigosos...

— Droga, Noel!— Meu irmão mais novo, Leon, entra na cozinha com suas botas de cowboy como uma gangue de um homem só. — Por que você não me chamou para o café da manhã? Você sabe que estou morrendo de fome.

— Sua irmã estava muito ocupada tentando se matar. — Sawyer estende a mão e bagunça o cabelo escuro e desgrehado

de Leon. — Pegue um prato, garoto.

— Eu nunca terei que me preocupar que um dia você decida ir embora — eu provoço quando ele cai em uma cadeira.

— O bolo de milho vai te segurar.

— Como se você sempre fizesse bolos. — Ele pega um biscoito em formato de cabeça de gato e monta na cadeira.

— Cale a boca e coma — eu digo suavemente, apontando para o prato. — Pegue logo mais um.

Por mais que ele coma, ainda é magro como um fio. Seus jeans caem de seus quadris sem cinto, e sua camisa xadrez vermelha está solta sobre uma regata branca. Seu cabelo é muito longo, e ele me lembra um cavalo jovem, bagunçado e selvagem.

— Eu conheço alguém que faz bolos muito bons. — A voz rica de Taron se junta à conversa.

— Você faz bolos de milho? — Sawyer ri, e eu me pergunto quando meu irmão se tornou um pai. Ele tem a mesma idade de Taron, mas eles estão em mundos diferentes. — Relatório para o rancho às seis horas amanhã.

Uma covinha perfura a bochecha desalinhada de Taron e aqueles olhos estão de novo em mim. É como um líquido efervescente em minhas veias.

— Não me importo de ajudar você com o café da manhã.

Eu olho para o meu prato, tentando parar todas as borboletas. *Sério, Noel?* Ele vai pensar que eu nunca vi um homem bonito antes.

— Certo. Seria ótimo. — Minha voz está baixa.

Leon aperta os olhos para ele.

—Você é amigo de Sawyer?

— Taron — ele se apresenta.

Eu empurro o pé de Leon para fora da cadeira.

— Sente-se à mesa como se você tivesse boas maneiras.

— Me deixa, mulher! — Leon enfia outro pedaço de biscoito na boca, e eu lanço um olhar para Sawyer.

— Isso não é mulher, é sua irmã. — Meu irmão mais velho cara-de-pau.

Todos os três caras riem e meus olhos se estreitam.

— Obrigada. — Sarcasmo é forte em meu tom, e Leon ri mais, batendo o peito contra a mesa.

Sawyer limpa a garganta, e acho que porque ele é um fuzileiro naval agora ou talvez porque esteja partindo, tem a decência de tentar salvar a situação.

— Leon.— Sua voz é afiada. — Eu preciso que você ajude Noel enquanto eu estiver fora. Trate-a com respeito.

Leon geme como o garoto de quinze anos que é. Sawyer deve ter lhe dado um olhar furioso, que eu não percebi, porque ele muda de tom.

— OK.

— Seus amigos vêm hoje?— Sawyer muda a conversa para negócios. — Precisamos deles prontos para nos organizarmos amanhã de manhã. Jay está vindo com sua equipe.

Meu irmão mais novo encolhe os ombros.

— Eles disseram que estariam aqui.

— Por que você não envia uma mensagem de texto para ter certeza?

Ele solta um gemido e se empurra para fora da cadeira.

— Bom café da manhã, mana.

— Pegue outro biscoito. — Eu coloco um em sua mão enquanto ele sai raspando a porta.

Sawyer se levanta, puxando o telefone do bolso.

— Vou verificar a situação da caixa. Obrigado, Noel.

Ele está fora da porta, deixando-me em uma mesa cheia de pratos sujos.

Taron se senta observando eles irem antes de se virar para mim. Ele é tão gostoso.

— Eles são sempre assim?

Minha testa franze enquanto eu finjo pensar, então aceno.

— Basicamente.

— Então você faz o café da manhã, eles comem, te dão trabalho e depois deixam para você limpar tudo?

— Bem... quero dizer, é o que fazemos. A casa é minha. — Afastando-me da mesa, começo a recolher os pratos e levá-los para a pia. Atrás de mim, ouço-o fazer o mesmo e me viro.

—Você não precisa...

— Vim aqui para ajudar. — Ele me dá outro sorriso e eu mordo meu lábio inferior, observando-o carregar os pratos sujos, seus ombros largos se esticando em sua camiseta de algodão. Ele deve ter pelo menos 1,90.

— Acho que Sawyer está esperando que você o ajude com o trabalho dos homens.

— O trabalho dos homens?— Sua voz muda. — Isso é algo que eu não esperava ouvir de você.

— Por quê?— Meus olhos se estreitam.

— Você não me conhece.

— Verdade — ele concorda.

— Mas eu conheço seu irmão, e ele disse que você se formou com honra e planeja ir para a faculdade de administração no outono.

— Eu vou. —Atravessando de volta para a mesa, pego o último dos pratos sujos.

— E não espero ter que levantar e carregar um alqueire de pêssegos em uma sala de reuniões.

— Um alqueire. — Ele segura uma toalha e eu lavo o primeiro prato, passando para ele secar.

— Isso são pouco mais de vinte quilos. — Eu lhe entrego outro prato limpo, e ele seca, esticando a cabeça para colocá-los na prateleira todas as vezes.

Quando ele faz isso, sua camisa sobe e eu tenho um vislumbre das linhas dos músculos em seu estômago. *Gostoso*.

— Entendo. — Ele olha para mim novamente, e meus olhos se voltam para a água com sabão.

— Na fazenda, o trabalho é dividido por quem pode carregar mais peso?

— Eu não sei sobre fazendas. — Eu passo para ele outro prato, deslizando meus olhos para o lado para dar outra espiada em seu abdômen.

— Mas no Pomar LaGrange, colocamos todos onde podem ser mais úteis. Tipo, você é muito bom em secar pratos e afirma que pode fazer bolos...

— Eu faço bolos muito bons. Você vai ver.

Inclinando-me mais perto, eu pego um sopro de seu cheiro, masculino e limpo.

— Ainda assim, eu não desperdiçaria suas costas na cozinha quando você for necessário na plataforma de carga.

Eu ligo o botão do triturador de lixo e ajudo a comida a escorrer pelo ralo. Akela trota para dentro do cômodo como se fosse uma deixa, e eu jogo para ela o último pedaço de bacon, então me agacho para esfregar seu pescoço branco e fofo enquanto ela mastiga.

Taron cruza os braços nos observando.

— Ela me derrubou esta manhã.

—Akela! — O riso faz cócegas no meu estômago e eu balanço meu rosto para ela. Ela só lambe meu nariz.

— Você derrubou Taron?

Ele se agacha ao meu lado para acariciar sua cabeça.

— Husky?

— Sim. — Eu lhe dou mais uma esfregada no pescoço e fico de pé.

— Alguém a jogou no campo quando ela era filhote. Sawyer disse que eu não poderia mantê-la, mas ele não é meu pai.

Seus olhos ficam sóbrios com minhas palavras.

— Sawyer me contou o que aconteceu com seus pais. Deve ter sido difícil.

— Foi há muito tempo. — Não sei por que sempre digo isso. Não importa quantos anos passem, perder nossos pais da maneira que perdemos é uma dor que nunca passa.

Agora meu irmão está saindo de casa, colocando-se em perigo.

Com um suspiro, afasto esses sentimentos como sempre faço. Sentir-se mal não muda absolutamente nada.

— Desculpe todas as mulheres por aqui que estão se atirando em você.

— Estou feliz por estar aqui para segurar você.

— Eu também.— Eu pisco e tento sorrir.

Nós compartilhamos um momento... até que a porta dos fundos se abre e Sawyer enfia a cabeça para dentro.

— Você está planejando ficar em casa o dia todo ou vem para ajudar?

— Ele me ajudou com a louça.

— Bolo de milho, pratos... Saia daí e venha para onde eu preciso de você.

— Você vai encarar isso de novo pela manhã. —Taron desce correndo as escadas atrás do meu irmão.

Eu saio para a varanda observando seu aspecto forte, enquanto ele se afasta. Exalando um pequeno suspiro, calço minhas botas de cowboy. Os adolescentes estão perambulando no galpão de classificação e, se Sawyer está se preparando para a equipe, preciso ensinar essas crianças a separarem pêssegos.

Eles virão cedo amanhã, e não podemos ficar para trás. As próximas duas semanas vão ser uma loucura por aqui.



Capítulo 3

Taron

A casa do capataz fica a cerca de trinta metros da colina acima da casa. A porta trava um pouco, mas Sawyer a empurra e entra para abrir uma pequena janela.

— Está abafado, mas vai esfriar rápido. — Ele abre uma porta estreita no canto traseiro.

— Banheiro completo aqui. Armário ali.

Eu largo minha mochila em uma cadeira, olhando ao redor do pequeno espaço.

— Não é ruim.

— Você é bem-vindo em casa a qualquer hora e vai comer conosco. — Ele caminha até a porta, suas botas batendo no chão de pinho.

— Mas aqui você terá um pouco de privacidade... se conhecer alguém ou algo assim.

Minha mente se desloca para Noel, mas eu a retenho. Ficar, especialmente com a irmã mais nova do meu melhor amigo, não foi o motivo de eu ter vindo para esta pequena cidade.

— Ninguém deve mexer nas suas coisas, mas só para garantir.
— Ele me joga um molho de chaves.

— Venha para a doca de carregamento quando terminar, e eu vou te mostrar como usar a empilhadeira.

Com isso, ele se vai, e eu dou uma olhada rápida no local. É pequeno, mas há uma cama de casal no canto com uma mesa de cabeceira e um abajur ao lado. Alguns livros estão na prateleira - ambos parecem romances de cowboy. Do outro lado da sala, um frigobar está em um balcão com uma cafeteira ao lado.

Cortinas cobrem as janelas, e a cadeira onde deixei minha mochila está posicionada em frente a uma pequena televisão de tela plana. Eu olho para o meu telefone - ainda sem serviço.

— Tanto faz. — Eu já fiz contato com as pessoas que me importam em Nashville.

Demoro cinco minutos para desfazer as malas, pendurar meus poucos pertences no armário e colocar meus produtos de higiene pessoal no banheiro antes de sair novamente, deixando as chaves na mesinha ao lado da porta.

Noel tem um grupo de adolescentes no enorme galpão de pêssago, e eu vejo como ela usa uma cesta de bolas de tênis para demonstrar a seleção. É uma boa combinação de meninos e meninas, e ela é encorajadora, mas rigorosa, enquanto os guia através do processo de encontrar as bolas amarelas com linhas pretas nas laterais e separá-las em cestas, enquanto empilha as amarelas em caixotes.

— Essa está boa.

Você precisa se mover rápido, mas não muito para que não deixe escapar as estragadas. — Ela ajuda uma pequena garota loira a virar uma das bolas antes de colocá-la em um engradado vazio.

Essa está boa.

A próxima bola quica na preguiçosa da Susan e rola para onde eu estou. A garota ao lado de Noel lamenta: Eu estraguei essa aqui!

Noel apenas ri.

— Tudo bem! Os pêssagos de verdade não fogem de você tão facilmente. Você está indo bem!

Nossos olhos se prendem e ela sorri enquanto caminha até onde estou segurando o pêssago falso que escapou. Meu estômago aperta, mas eu empurro esses sentimentos para baixo, lembrando a mim mesmo porque estou aqui.

Ainda assim, meus olhos a absorvem enquanto ela se aproxima. O short que ela está usando deixa suas pernas

bronzeadas em plena exibição, das botas de cowboy até a panturrilha, e seu cabelo escuro ainda está preso em um coque bagunçado no topo de sua cabeça. Ela sorri - lábios carnudos e naturais se separando sobre os dentes brancos e retos e, *caramba*, ela é linda.

— Betsy perdeu seu pêssego.

Eu não consigo resistir.

— É o fim da picada.

Ela pisca para mim.

Por um momento, ela não diz uma palavra, e imagino um avião caindo e pegando fogo...

Até eu ver o brilho em seus olhos.

Seus lábios se apertam e ela estende a mão.

— Ela é um pouco confusa com os detalhes.

Meus lábios se contraem e eu seguro a bola de tênis.

— Ela parecia incapaz de falar.

— Ela precisa praticar o que é um pêssego.

Eu não consigo segurar uma risada e eu balanço minha cabeça.

— Você me pegou.

Sua sobrancelha se arqueia e ela pega a bola de tênis, girando nos calcanhares e saindo vitoriosa.

— Lamentável.

Isso me faz rir alto, e ela se vira para trás, rindo. Uma pequena covinha está bem no canto de seu lábio inferior, e eu balanço minha cabeça. *Essa garota.*

— Ei! — A voz afiada de Sawyer chama minha atenção.

— Precisamos levar essas placas para a doca de carregamento agora.

Eu o sigo pela entrada dos fundos e passamos o resto da manhã levantando e carregando caixotes de madeira por um lote de concreto. Depois de um tempo, eles parecem pesar duzentos quilos cada um, e eu entendo por que Sawyer passou no treinamento básico.

O suor escorre pelos meus lados, e minha camiseta está encharcada e grudada em mim quando Leon aparece com um cooler na mão.

— Obrigado. — Pego uma garrafa de água e ele retira sanduíches e coca-cola.

— Noel disse que há muito mais se você quiser.

Estou desembrulhando o que parece ser salada de frango.

Sawyer já terminou seu primeiro sanduíche e está rasgando o segundo enquanto pega as chaves do caminhão.

— Estou indo para a cidade pegar as últimas caixas. Volto em uma hora.

Leon está bem em seus calcanhares.

— Eu vou com você.

O irmão coloca a mão em seu ombro.

— Eu preciso que você fique aqui no caso de Digger aparecer antes de eu voltar.

— Digger? O aquele idiota vem fazer aqui?

— Ele sabe como administrar um pomar.

— Para dentro do chão. — Leon cruza os braços e vejo uma semelhança entre os irmãos.

— Digger era apenas uma criança quando tudo aquilo aconteceu.

— Mesmo assim, ele herdou os genes. Achei que eles produzissem algodão agora.

— Ele fará o que eu disser para fazer. — Sawyer se vira para a caminhonete.

— Você vai se comportar.

Leon se aproxima e senta-se na parte de trás da caçamba, observando seu irmão entrar no Chevy e sair da área de carga onde estivemos trabalhando.

Minha fome diminuiu um pouco e estou na minha segunda garrafa de água.

—Quem é Digger?

— Algum idiota que está de olho neste lugar. Sawyer nem mesmo enxerga. Talvez ele se importe ou não se importe, afinal, ele vai embora.

Ele salta do trailer e começa a caminhar em direção às fileiras de árvores que se estendem pela colina. Eu olho na direção que meu amigo acabou de sair e resolvo me retirar depois de seu irmão mais novo.

Subimos a colina em silêncio. Eu observo enquanto Leon para ocasionalmente, empurrando as folhas das frutas manchadas e inspecionando cada uma. Ele finalmente escolhe uma que tem uma divisão lateral e continua para a próxima árvore curta.

— Ei. — Eu paro enquanto ele repete o processo, encontrando outra fruta madura demais e jogando-a no refrigerador que trouxe com ele.

Ele vira os olhos para mim.

— O quê?

Seu tom brusco não me incomoda.

— Quantos você precisa?

— Noel disse para levar uns dez. Ela vai fazer sorvete. — Ele encontra outro pêssigo e o joga no refrigerador.

— Você está procurando algum em particular?

— Apenas aqueles que não podem ser vendidos. — Ele pega outro, e eu examino o galho à minha frente.

Estou surpreso com o tempo que leva para encontrar um pêssigo estragado.

— Acho que pensei que haveria mais divisões.

— Estes são pêssigos Freestone. Eles continuarão amadurecendo até o final de julho. — Ele pega outro e entrega para mim. — Você pode comer um.

Virando-o na mão, procuro sinais de bichos.

— Precisa ser lavado?

— Não, usamos um inseticida natural para controlar as lagartas e brocas.

— Legal. — Dou uma mordida na fruta partida, e o suco é refrescante após o longo dia puxando placas no calor.

— Não é tão doce quanto eu pensei que seria.

Ele continua colhendo várias outras frutas.

Eu sigo, terminando aquele que ele me deu.

— Devo jogar o caroço?

Ele encolhe os ombros.

— Não vai doer nada.

Eu o deixo cair e limpo as mãos na minha calça jeans. Ele para e olha para frente antes de fechar a tampa do refrigerador. É um pouco depois do meio-dia e está quente como a face do sol aqui. Eu

piso em um buraco com meu mocassim e gostaria de ter trazido sapatos de sola mais resistente.

Leon olha para baixo.

— Podemos ir até a loja de botas se você quiser comprar algumas para enquanto estiver aqui.

— Não é uma má ideia. Você pode ir comigo.

— Depois que o maldito Digger finalmente chegar aqui.

Meus lábios se contraem e tenho a sensação de que ele não tem permissão para soltar a bomba F. Ainda assim, eu não estou querendo explodir suas bolas. Eu acho que ele está chateado com a partida de Sawyer.

— Você realmente odeia aquele cara.

— Odiar é pecado. — Ele chuta um pêssego caído e um enxame de moscas gira em torno dele, em seguida, volta ao local onde estavam pousadas. Dou uma olhada para ele e ele encolhe os ombros.

— Você verá quando ele chegar.

Caminhamos um pouco mais adiante na linha e eu me arrisco.

— Você é muito inteligente. Você já está no ensino fundamental?

— Farei dezesseis anos na próxima semana. — Ele olha para mim como se fosse uma conquista.

— Você sabe que eu fui um acidente?

— Quem te disse isso?

— É a piada de família. — Ele encolhe os ombros.

— Meu nome é Noel ao contrário. Disseram que foi porque meus pais ficaram sem opção de nomes. Meu aniversário é exatamente seis meses depois do dela.

— Espere... mas Noel...

— Ela vai fazer dezenove anos no Natal. Só quero dizer que a data de nascimento dela é 25 de dezembro, então a chamaram de Noel. O meu é 25 de junho, exatamente o oposto.

— Então eles chamaram você de Leon. — Eu rio, perguntando-me como seus pais devem ter sido. É difícil conciliar com o que sei deles.

Ele se vira e começamos a descer a colina novamente, em direção à casa.

— Eu realmente não lembro muito deles. Eu só me lembro de Sawyer trabalhando duro o tempo todo.

— Ele disse que teve que abandonar a escola por um ano.

— Ele percebeu que era mais importante manter as coisas funcionando aqui do que terminar o décimo ano. Foi bem no meio da temporada de plantio. A cidade inteira quase contribuiu para nos ajudar. As senhoras da igreja nos trouxeram comida e roupas.

Eu me lembro da minha mãe, lutando para conseguir um emprego de garçomete, fazendo o seu melhor para cuidar de mim sozinha em Nashville.

— Nem todo mundo tem esse tipo de apoio.

Ele encolhe os ombros.

— Eu imagino.

— Seu irmão realmente se preocupa com você. Ele fala de você o tempo todo.

— Então por que ele está indo embora? — Ele vira os olhos para mim e vejo a dor fervilhando ali.

Estamos de volta em casa e escolho minhas palavras com cuidado.

— Você disse que ele tem trabalhado muito desde que tinha sua idade. Talvez ele queira fazer algo por si mesmo agora. Enquanto ainda pode.

— Sim, bem, nós precisamos dele aqui. Não em algum país estrangeiro, onde ninguém sabe o que pode acontecer com ele.

— Ei. — Eu pego o braço dele.

— Eu não vou deixar nada acontecer com o seu irmão. Eu prometo.

A raiva em sua testa diminui ligeiramente. Ele balança a cabeça e começa a subir os degraus, deixando a porta de tela bater atrás dele. Eu ouço a voz de Noel lá dentro e caminho em direção ao galpão. Preciso de um banho, mas não sei o que mais meu amigo reservou para nós esta tarde. Eu me sinto como um morto-vivo depois de trabalhar o dia todo só com cinco horas de sono.

Uma brisa quente sopra sem parar pelo galpão vazio de pêssegos, e eu me sento na caçamba, pensando na promessa que acabei de fazer a Leon. Não sei o que nos espera quando partirmos para a ativa, mas pretendo fazer o que for preciso para cumprir essa

promessa. É o que todos nós combinamos quando nos separamos.
Família.



Capítulo 4

Noel

Metade dos pêssegos que Leon colheu estão lavados, cortados em cubos, e no congelador. Os cinco restantes vão para o processador de alimentos com mel, raspas de limão, e creme de leite para preparar sorvete fresco como sobremesa, depois do jantar.

Despejo a mistura na máquina de sorvetes e contemplo a colina no grande galpão onde passei a manhã ensinando a vinte crianças a arte de escolherem os pêssegos. Amanhã, a equipe do Sr. Hidalgo descerá ao pomar e limpará rapidamente as árvores, esvaziando e transportando sua carga para os cintos onde os adolescentes separarão os machucados ou os cortarão em cestas para fazer compotas, conservas, xarope ou sorvete de pêssego.

Os frutos imaculados serão empilhados em caixas, que os rapazes maiores levantam e transportam para os caminhões de espera.

Taron terá que engolir suas palavras – Brenda Stein, uma das meninas maiores, queria ajudar os meninos a transportarem as caixas para os caminhões, e eu disse que sim. Ela prometeu não exagerar.

Minha mente filtra as conversas que tivemos hoje. Ele é tão fácil de conversar, tão brincalhão e relaxado. Eu bufo lembrando-me da

nossa guerra de trocadilhos. Ele deveria saber que eu já ouvi todos eles.

Limpando minhas mãos em uma toalha, eu saio pela porta e subo a colina em direção ao galpão. Quando me aproximo, vejo Taron deitado de costas em um dos reboques com o boné sobre o rosto. Ele ainda está usando aquele tênis Converse, e eu só espero que ele saiba que ficarão arruinados se ele os usar para trabalhar no campo.

Sem realmente pensar sobre isso, vou até onde ele está empoleirado e empurro de brincadeira seus pés cruzados.

— Melhor conseguir algumas botas, rapaz da cidade. — oh! Ah, não!

Os pés de Taron caem para o lado, mas não param por aí. Suas pernas saem da traseira do caminhão e o resto dele o segue, batendo no chão com um baque.

— Porra! — Sua voz baixa é alta.

— Taron! — Eu corro ao redor da caçamba até onde ele está caído de lado, balançando a cabeça.

— Que diabos?

Eu caio de joelhos, colocando minha mão em seu ombro.

— Eu sinto muito!

— Você acabou de me empurrar para fora da caçamba? — Raiva pisca em seus olhos de lobo e eu me sinto uma merda.

— Eu não fiz! EU...

— Eu acho que você fez. — Ele se levanta para se sentar, balançando a cabeça.

Seu rosto está todo coberto de sujeira e eu quero morrer.

— Aqui. — Eu seguro a toalha ainda em minhas mãos.

— Deixe-me limpar seu rosto. Você está bem?

Ele segura meu braço e se levanta lentamente, esticando-se para um lado e estremecendo.

— Merda... Parece que eu quebrei uma costela.

Eu coloco a mão na boca.

— Taron. Eu sinto muito.

Ele olha para mim e acho que vou chorar. Enquanto ele me estuda, a raiva parece derreter. Algo diferente toma seu lugar, algo tortuoso.

— Agora você me deve uma.

Minhas sobancelhas se erguem.

— Você não...

— Oh, sim. — Ele levanta o ombro e circunda o braço, estremecendo novamente ao fazer isso.

Meu coração bate mais rápido. Estou um pouco nervosa sobre o que poderia ser a vingança.

— Foi um acidente...

— Você não empurrou acidentalmente meus pés da caçamba.

Dando um passo à frente, pego seus braços.

— Eu realmente não sabia que você cairia...

Nossos rostos estão próximos de novo e sinto sua respiração em minha bochecha. Meus olhos se erguem e os dele estão abaixados, encontrando meu olhar e enviando calor à minha calcinha.

Foi como quando ele me segurou na cozinha. O ar ao nosso redor parece estalar. Suas mãos abrangem minha cintura e seus braços são como faixas de ferro sob meu controle. Sinto-me como sorvete de pêssego derretendo ao sol sob seu olhar. Meus lábios ficam quentes e pesados e, *oh, senhor, quero tanto que ele me beije...*

— Ei, o que está acontecendo aqui? — reconheço a voz do tenor imediatamente e dou um passo para trás, para longe do inferno que é Taron Rhodes me segurando em seus braços.

— Digger? — Eu me sacudo, empurrando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você está procurando por Sawyer?

Eu ando ao redor da caçamba e sinto Taron me fitando. Eu o senti me observando o dia todo, e isso faz cócegas no meu estômago.

— Ei, Noel. — Digger Hayes dá um passo à frente para me dar um breve abraço. Ele sempre quer beijar minha bochecha, mas eu me esquivo na hora certa.

A voz profunda de Taron interrompe sua saudação.

— Sawyer teve que dirigir até a cidade para pegar algumas caixas.

Os olhos de Digger se estreitam enquanto ele inspeciona Taron.

— Acho que não nos conhecemos.

— Ainda não. — Taron dá um passo à frente, estendendo a mão.

— Taron Rhodes. Estou aqui para a colheita.

As sobancelhas de Digger sobem e eu o vejo relaxar visivelmente.

— Você deve ser o amigo militar de Sawyer.

— Marinheiro. Eu sou seu amigo da Marinha.

— Oh, certo. — Digger dá uma risadinha que me faz estremecer. Ele é um idiota tão condescendente.

— E você está gostando de nossa pequena cidade até agora? Eu imagino que seja muito diferente de Nashville.

— Só estou aqui a um dia, mas gosto do que vejo. — Seus olhos oceânicos encontram os meus, e é como um raio direto no meu íntimo.

— Estamos muito felizes com isso. — Digger coloca o braço em volta dos meus ombros e minha cabeça gira para encará-lo. *Ele perdeu a cabeça?*

Eu saio de seu abraço indesejado.

— Vou preparar um pouco de café, vocês querem?

Os olhos de Taron se estreitam.

— Eu estou bem. Obrigado, Noel.

— Parece bom. — Digger sorri, movendo-se para me seguir.

— Vou acompanhá-la até a casa.

Qual é o problema dele?

— Não há necessidade. Eu vou trazer aqui para fora. Sawyer deve voltar a qualquer minuto.

— Eu não me importo. — Digger tem um olhar penetrante e eu exalo um suspiro.

— Tanto faz.

Taron cruza os braços, os olhos ainda estreitos enquanto observa Digger me seguir até a porta dos fundos. Eu olho para trás algumas vezes. De alguma forma, quero que ele saiba que não tenho nada a ver com esse interesse repentino vindo de meu velho amigo. Meu velho e chato amigo.

Empurrando a porta, vou direto para a cafeteira e retiro a jarra para encher de água. Nada sofisticado por aqui.

— Ele parece um bom sujeito. — Digger olha pela janela da sacada em direção ao galpão de pêssegos.

— Legal da parte dele ter vindo para ajudar na colheita.

— Sawyer está diferente. Eu acho que ele está animado. — Colho os grãos de café da cesta, coloco-os no lugar e ligo a cafeteira.

— Ele esteve tão focado neste lugar por tanto tempo.

— E você? — Digger se vira para mim com um sorriso estranho no rosto.

— Está animada para começar a faculdade de administração?

A maneira como ele fala comigo me soa arrogante.

— Estou animada para tentar coisas novas, sim.

— Você já descobriu como vai pagar por isso?

Cruzando meus braços, eu levanto uma sobrancelha.

— Isso é da sua conta?

— Acontece que eu sei que o pomar mal está cobrindo as despesas agora.

Eu nem vou perguntar como ele sabe dessa informação. Todo mundo parece saber dos negócios de todos em uma cidade pequena.

— Eu tenho meus próprios planos. — Não que eu queira que ele os conheça.

— Certo. A loja. — A petulância está em seu tom novamente.

— Recebemos muitos turistas por aqui. Muitas pessoas gostam de usar produtos orgânicos, não tóxicos, por isso a indústria está em crescimento...

— Eu só estava pensando... — Ele coloca a mão no meu braço, interrompendo.

— Talvez você queira sair algum dia. Comigo.

Lançando uma risada, eu balanço minha cabeça.

— Eu sinto muito. Já não tentamos isso? — Namorar Digger Hayes é a última coisa que quero fazer novamente.

— Ir ao baile do pêssego dificilmente é namoro. Você é uma garota bonita, Noel. Eu adoraria ver você ocupando seu lugar na sociedade. Comigo.

— Contigo. — Não é uma pergunta.

— Vamos jantar no LaFonda's.

— Apenas políticos vão ao LaFonda's.

— Você é tão fofa. — Ele balança a cabeça e, juro, quero dar uma joelhada na virilha dele.

— Filhotes são fofos. — Minha voz é um aborrecimento velado.

— LaFonda's é a mais bela churrascaria de Harristown. É um lugar que sua mãe estava acostumada a frequentar.

Isso me surpreende.

— Meus pais nunca tiveram dinheiro para ir a um lugar como aquele.

— Estou falando sobre a família da sua mãe, sobre você ser da realeza de Harristown. Você não é uma dona de loja.

— Eu não sou da realeza de Harristown. Não fomos criados assim.

Ele se inclina perto o suficiente para que sua respiração passe por minhas sobrancelhas.

— Talvez seja hora de uma mudança. Eu gostaria de trazer você de volta ao que você é. Eu gostaria de trazer todo este pomar para o covil de Hayes e restabelecer o que era antes.

Dou um passo para trás, minha testa franzida.

— Você bebeu hoje, Digger?

— Noel... — Ele ri. — Você é tão adorável. Tudo o que estou pedindo é que pense sobre isso. Abra sua mente e deixe sua imaginação vagar. Poderíamos ser o rei e a rainha desta cidade.

— Veja. — Eu aponto para o balcão. — O café está pronto. Deixe-me servir uma xícara para você.

Ele cruza os braços e me observa de uma maneira que eu não gosto. Eu rapidamente coloco uma xícara para ele e pego o creme da geladeira. Não estou querendo passar mais tempo nesta cozinha, e onde diabos está Sawyer?

— Aí está. Eu fiz alguns muffins de pêssego. — Alcançando o micro-ondas, tiro o prato de bolos confeitados de rosa ouro.

— Fique à vontade. Eu estarei no galpão.

Estou prestes a sair quando meu braço é preso por um aperto desconfortável.

— Não se esqueça de quem você é, Noel. Eu te conheço a vida toda. Nós temos história.

Puxando meu braço para longe, eu sorrio, mas há aço por trás dos meus olhos.

— Eu posso ter conhecido você a minha vida toda, Digger Hayes, mas isso não significa que temos uma história.

— Basta ter em mente quem estará aqui quando todos os outros tiverem partido.

Minhas entranhas parecem venezianas de madeira quando um vento forte sopra. Estou abalada e inquieta, e quem diabos, é Digger Hayes para me fazer sentir assim?

Desço os degraus de trás, mas em vez de ir para o galpão de pêssegos, dou uma volta e subo a colina. Quando a vida fica complicada, eu sempre caminho por essas árvores. Elas nos pertencem. Fazem parte da nossa família e nos mantêm vivos. Uma respiração pesada e um latido leve, e Akela está comigo.

— Ei, garota. — Eu esfrego sua cabeça. Ela tem cinco anos, o que para cães é mais velha do que eu.

Assim como essas árvores, ela me levanta quando estou me sentindo para baixo. Eu coloco minha mão em sua cabeça e caminho até a tensão diminuir em meu peito. Tenho trabalhado muito para evitar complicações, para manter minha vida o mais simples possível. Talvez Digger esteja certo, e eu não devesse deixar um cara que só vai ficar aqui algumas semanas me distrair. Mas isso com certeza não vai acontecer, porque tudo o que eu quero é ser dona da minha própria vida.

Virando-me, volto para a casa. Aconteça o que acontecer, logo chegará a hora do jantar e tenho homens famintos para alimentar. Se eu aprendi alguma coisa sobre a vida, é que ela faz o que quer, e o melhor que podemos fazer é apertar o cinto e nos preparar.



Capítulo 5

Taron

— Segundo a lenda, eles ganharam esse nome porque os fazendeiros assavam os bolos nas costas de suas enxadas. — Minhas mãos estão enterradas até o pulso em fubá, farinha com fermento, ovos, açúcar, leite desnatado, enquanto misturo tudo em uma tigela.

— Nós não vamos trazer uma pá para dentro de casa. — Noel está ao meu lado quebrando uma dúzia de ovos em uma grande tigela branca.

— Por que você não usa uma colher para misturar?

Hoje ela está usando outro short e uma regata bege. Seu cabelo está em um rabo de cavalo alto na cabeça, e as pontas dançam em grandes cachos ao redor de seus ombros. Eu quero envolver um em volta do meu dedo e puxar.

— Colheres são para otários. Você não as está usando.

Ela segura um garfo.

— Estou fazendo ovos mexidos. Tenho que mexer os ovos.

— De qualquer forma, como eu estava dizendo... Eu baixo meus olhos, ela revira os dela, e eu quero puxá-la para perto.

— Usaremos uma frigideira de ferro fundido.

Deixando a mistura na tigela, lavo as mãos e as seco, jogando uma gota d'água na frigideira preta para ver se ela salta. Quando isso acontece, começo a abrir gavetas.

— O que você precisa? —Noel está segurando um grande bloco de queijo e uma faca sobre a tigela de ovos.

— Concha.

— Gaveta superior à sua esquerda.

— Não corte em direção à sua mão.

Ela olha para as mãos e balança a cabeça.

— Cuide de sua vida. — Ainda assim, noto que ela muda de direção com a faca.

— Como está sua costela?

— Melhor. — Acho que eu a deixei preocupada com isso.

— Oh! Graças a Deus! Rezei para que estivesse tudo bem.

Sawyer me mataria se você estivesse muito ferido para trabalhar. — Ela está falando rápido e isso me faz sorrir. Então ela aperta os olhos para mim.

— Portanto, não há mais razão para se vingar.

— Pense de novo. Você me empurrou para fora de uma caçamba.

— Foi um acidente!

— Ok, certo.

— Vejo que você arrumou sapatos melhores.

— Mas não foi porque você tentou quebrar meu pescoço.

Quando Sawyer voltou e levou Digger, o idiota, ao escritório para conversar, Leon e eu dirigimos até Boot City, onde compramos um par de botas de trabalho bem básicas. Leon me faz lembrar de como me senti tantas vezes na época que tinha a idade dele, quando minha mãe deixou Nashville e eu me tornei uma verruga na bunda do meu tio, que gostaria que eu fosse embora.

Antes de conhecer Patton e Marley.

Antes de entrarmos para o exército.

Agora sinto que tenho uma família. Sinto que posso fazer a diferença e acrescentar algo... Se eu não estivesse sentindo essa inquietação, poderia ter encontrado alguma coisa tão gratificante aqui nesta pequena cozinha.

Segurando a tigela sobre a frigideira, coloco cuidadosamente a massa com uma concha, formando quatro bolinhos.

— Você *usa* colheres. — O olhar presunçoso em seu rosto me faz puxar seu rabo de cavalo.

— Estritamente para fins de medição.

— Ai!— Ela bate na minha mão.

— Isso não doeu.

Com um suspiro exagerado, ela despeja a mistura de ovo em uma frigideira adjacente no fogão e observa-a borbulhar, espalhando-a com o garfo.

— Quem te ensinou a fazer bolos de milho? — Sua cabeça se inclina para o lado e, por um minuto, sou pego por seus olhos brilhantes, curiosos e doces.

— Paula Deen — eu deixo escapar, e ela ri.

— É a verdade. Ao contrário de você, eles são a única coisa que sei fazer.

Ontem à noite, ela preparou um jantar de costeletas de porco fritas, feijão verde e purê de batata com bolinhos e sorvete de pêssago como sobremesa. Foi a melhor comida que eu provei na minha vida – ou talvez eu estivesse morrendo de fome com o quão duro trabalhamos o dia todo. Queria ser uma companhia melhor, mas depois de uma cerveja, fazia o possível para manter os olhos abertos.

A única coisa que me parou na porta da frente da cabana do capataz foi olhar para trás em direção à casa e ver luz na janela de Noel, observando-a se mover. Eu não pude deixar de pensar que ela poderia ser a mulher perfeita. Na noite passada, considerei a ideia até a exaustão total.

O aperto no estômago ao lado dela, com ela me provocando, fazendo café da manhã, totalmente tranquila, faz-me pensar se eu poderia estar certo.

— Você está deixando aquela queimar. — Ela aponta com o garfo e eu pulo, pegando uma espátula e virando as tortas rápido antes que todas queimem.

— Obrigado.

Sawyer e Leon entram na cozinha acabando com nossas brincadeiras. Eles começam a pegar os pratos e eu olho pela janela para ver um caminhão cheio de homens entrando no estacionamento. Alguns adolescentes começaram a chegar, estacionando suas caminhonetes atrás do galpão.

— É hora de trabalhar. — A voz de Sawyer é toda profissional, e sei que ele não me deixa ficar por perto para ajudar com a louça.

Não parece importar, pois todo o lugar muda para o modo de trabalho. Sawyer pega um time de homens, Digger pega outro e eu um terceiro. Estamos nos campos ajudando na colheita de frutas ou no cais ajudando a carregar as caixas nas traseiras dos reboques.

Colocamos os caixotes pesados, um a um, na carroceria dos caminhões que os levarão ao centro de distribuição. Estou sem camisa, mas ao contrário de ontem, não me sinto como um morto-vivo.

Quando bate oito horas, Sawyer encerra o dia para as equipes. Noel ainda está com os adolescentes nos classificadores, terminando o que acabamos de colher. Eu a estive observando o dia todo, incapaz de manter meus olhos longe de seu corpo macio, sua bunda linda enquanto ela se inclina, levanta caixas e carrega cestas de frutas danificadas.

Suas bochechas estão rosadas e os fios de cabelo caindo de seu alto rabo de cavalo grudam em seu pescoço. Isso me dá uma ideia.

Tomando um copo de água gelada, ando atrás dela, contornando-a, e mais rápido do que ela pode se mover, eu largo um grande pedaço de gelo nas costas de sua camisa.

— Taron!— ela grita mais alto do que a maquinaria pesada e a pobre Betsy deixa cair um pêssago.

Eu saio correndo, mas ela está bem atrás de mim, pegando um copo de água gelada. Akela começa a latir e a nos perseguir, e não paramos até que descemos a colina, respirando com dificuldade e rindo. Ela joga a água em mim, mas eu nem me importo, afinal, está muito quente. A cadela fica parada, atenta, esperando ansiosamente pelo que diabos estamos prestes a fazer a seguir.

— O que vocês fazem para se refrescar por aqui?

— Bem... — Seus olhos descem pelo meu peito nu de uma forma que aumenta a temperatura em mais trinta graus, então ela volta a olhar para o galpão. — Eles já estão terminando. Vamos.

Eu a sigo ao redor do galpão até onde um veículo de três rodas está estacionado, observando, enquanto ela joga uma perna nua

sobre o assento, e dá partida no motor. Ele ressoa e ela me dá um sorriso.

— Você vem?

Suponho que vou.

Eu subo atrás dela, apoiando meus pés nas cavilhas e segurando sua cintura enquanto ela voa pelas colinas o mais rápido que essa coisa pode ir. Akela nos acompanha durante todo o caminho, latindo animadamente.

O peso corporal de Noel em comparação com o meu não é suficiente para me manter neste assento, e a cada solavanco, sinto que posso voar da parte de trás.

Ainda assim, seu cabelo chicoteia ao nosso redor, e ela está chamando sua cadela. Ela se levanta do banco a cada salto, e faço o meu melhor para manter meus pensamentos focados em roupas íntimas de velhinha, políticos carrancudos – todos os temas broxantes que posso imaginar.

Finalmente, chegamos. Minhas mãos deslizam de sua cintura até seus quadris, e ela rapidamente dá um passo para o lado. Akela está esperando.

— Divertido, hein?— Seus olhos brilham e seu rabo de cavalo é selvagem.

— Estou surpreso que você não me deixou na estrada pelo caminho — provoco-a.

— Onde estamos?

— Vamos!

Ela sai correndo por uma pequena subida, Akela está do lado dela, e eu pulo do veículo de três rodas para segui-las. Quando chego ao topo da pequena colina, estamos olhando para baixo, para uma lagoa sombreada por pinheiros altos. Em uma extremidade está um redemoinho de pequenas correntes, e mais abaixo de nós, mais fundo, nas sombras escuras, vejo outro redemoinho.

— O que é isso?

— É o reservatório de Bates. — Eu vejo quando ela tira as botas, meu estômago aperta e minhas entranhas zumbem. — Podemos estar a um milhão de graus, mas aqui, a água sempre parece gelo.

Ela corre até a sombra das árvores e mergulha os pés na parte rasa, deixando escapar um grito.

— Congelado!

— Quão profundo é? — Eu sigo seu exemplo, tirando minhas botas e sorrindo como um idiota olhando para ela.

— Cerca de um metro e meio, eu acho.

Ela ainda está dançando na beirada com o cachorro, mal molhando os pés, quando, sem pensar, corro até onde ela está e a coloco sobre o ombro.

— Taron! — ela grita com toda a força de seus pulmões. — Não se atreva!

— Hora da vingança!

— Nããão! — Ela bate nas minhas costas enquanto eu entro na água, Akela vem conosco latindo, e *puta merda!* É como gelo.

Eu não deixo que isso me impeça. Eu continuo até o meio da coxa, quando a faço girar.

— Não se atreva! — Seus olhos lançam adagas, mas ela não consegue segurar meus braços.

Eu a jogo para frente como se fosse um saco de batatas caindo na água. Um grito curto quebra o silêncio antes que ela caia na superfície, mergulhando completamente.

Ela se levanta tão rápido, ofegando e gritando.

— Você está tentando me causar um ataque cardíaco?

— Agora estamos quites. — Virando as costas, saio da água gelada para onde o sol bate com força total.

Na verdade, é muito bom ficar de pé no calor escaldante depois daquele banho de gelo. Meus membros estão enfraquecidos por causa da corrida, do riso e da adrenalina, mas no momento em que a vejo caminhando em minha direção, a água escorrendo pelo seu belo corpo, o cabelo grudado em suas bochechas e pescoço, começo a sentir um tipo diferente de adrenalina.

A regata bege que ela está vestindo é transparente, e posso ver seu sutiã de renda fino por baixo e os círculos escuros de suas aréolas coroadas por seus mamilos endurecidos.

O calor sobe abaixo da minha cintura e tenho que me virar na direção dos pinheiros enquanto empurro a ereção repentina em minhas calças.

— Ah, o quê? Agora você vai agir como se nada tivesse acontecido? — A voz de Noel é louca, mas divertida.

Ela corre atrás de mim e envolve seus braços com força ao redor dos meus, encharcando minhas costas com seu corpo frio e úmido.

— Como se sente, Sr. Costela machucada? Hã? Como está? — Sua voz é adoravelmente provocante, como se ela fosse lutar comigo ou algo assim.

Eu meio que não aguento mais. Virando-me, eu a levanto pela cintura, colocando seu rosto diretamente no nível do meu. Ela engasga quando nossos olhos se encontram. Suas mãos estão em meus ombros, e todo o calor reprimido, a química implicante, seus mamilos duros pressionando contra o meu peito, tudo gira em uma fusão de luxúria e necessidade.

— Eu quero beijar você. — Minha voz falha. Eu mal a reconheço.

Ela acena com a cabeça e eu me estico quando ela me encontra no meio do caminho. Nossos lábios roçam e são como duas rochas colidindo. Faíscas giram entre nós enquanto eu empurro sua boca aberta contra a minha.

Eu a coloco de pé para que eu possa segurar seu rosto em minhas mãos, e nossas línguas deslizam e se enroscam juntas. Ela tem gosto de água fria e doce, e ela sente-se mergulhando do topo de um penhasco em um oceano sem fundo.

Seu pequeno corpo se encaixa perfeitamente em meus braços, e eu a puxo para mais perto de mim, envolvendo-os em torno dela. Ela exala um barulho alto, e meus lábios se movem para o topo de sua bochecha, para sua têmpora, para sua testa. Eu não quero parar de beijá-la, abraçá-la. Nunca me senti assim – desesperado, faminto e tão satisfeito.

Ela desliza as mãos até o meu pescoço e deixa a testa cair no meu peito nu. Eu abaixo meu nariz até o topo de sua cabeça e respiro.

— Taron. — Sua voz suave soa tão confusa quanto eu.

Como isso está acontecendo conosco? Isso já aconteceu com alguém antes? É possível? Parece tão claro.

Sua cabeça levanta, e seus olhos castanhos dourados são calorosos.

— O que você está fazendo?

A pergunta me faz sorrir.

— Algo que eu queria fazer há dois dias.

Ela pisca enquanto suas bochechas ficam vermelhas.

— Eu me perguntei por que não fiz isso quando você me segurou na cozinha. — Seu nariz enruga e ela aperta os olhos para mim.

— Não é isso que as mulheres fazem quando são salvas por belos príncipes?

— Eu não sou um príncipe.

— Mas você é bonito. — Uma provocação está em seus olhos.

Deslizando meu polegar ao longo de sua bochecha, inclino-me para beijar seus lábios mais uma vez.

— Se você precisar ser salva, eu quero salvar você.

De alguma forma, tenho certeza de que Noel LaGrange pode cuidar de si mesma, não importa o que aconteça. Mesmo assim, às vezes todo mundo escorrega do balcão da cozinha.

— E eu vou te salvar de volta.

Eu a puxo para o meu peito, querendo beijá-la novamente.

— É um acordo.



Capítulo 6

Noel

Os lábios carnudos de Taron cobrem os meus e minhas entranhas ficam derretidas e escorregadias. Ele tem gosto de suor salgado e água doce, e é semelhante a uma parede de granito. Sua pele quente está sob minhas mãos, e eu quero me envolver em torno dele, sentir cada sulco e linha de músculo. Eu quero traçar minha língua sobre sua clavícula e beliscar seu ombro largo.

O dia todo hoje eu roubei olhares dele trabalhando com os outros homens. Ele pisou em torno do galpão com aquelas botas e seus jeans desbotados abraçando sua bunda como um desafio, fazendo-me suspirar e me mexer na cadeira.

Ocasionalmente, seus olhos verde-azulados pegavam os meus por baixo da aba de seu boné e era como roçar em um fio elétrico. Eu desviava o olhar para não corar, mas podia sentir a eletricidade fervendo em minha pele.

Digger também entrava e saía do galpão, seus olhos em mim como uma espécie de abutre. Cada vez que o via, ficava imediatamente entretida em trabalhar com Betsy, Leon, Brenda ou um dos outros adolescentes. Quando Taron tirou a camisa no calor do meio-dia, tenho certeza de que todas as mulheres no galpão reservaram um momento para apreciar a bela criação de Deus.

A carranca enorme de Digger quase me fez bufar. *Ciúmes?*

Tive que lutar contra um impulso, observando os músculos dos braços de Taron flexionarem e incharem, as linhas de suor traçando seu pescoço toda vez que ele levantava uma caixa de pêssegos. Músculos ondulavam em seus lados e pelas costas, e eu me perguntei como era possível ser tão atraente.

Agora eu o estou abraçando e tudo está quente, incluindo minha calcinha.

Nosso olhar se encontra e se enreda. Seus olhos parecem mais escuros, e ele desliza uma grande mão sobre minha bochecha, empurrando uma mecha de cabelo molhado atrás da minha orelha. Acho que ele vai dizer algo, querer algo, e sei que direi sim. Estou lidando com um jogo perigoso.

Limpando minha garganta, eu me forço a sair de seus braços.

— Devíamos voltar. Eu meio que abandonei os adolescentes. Sawyer provavelmente está se perguntando onde estamos...

Ele sorri como se entendesse o que estou pensando, e borboletas inundam meu estômago. Não tenho certeza se meu irmão mais velho gostaria que eu beijasse seu novo melhor amigo — ou tivesse todos os pensamentos proibidos para menores que estou tendo.

— Desta vez, eu dirijo. — Ele pega minha mão, puxando-me para perto de seu lado enquanto caminhamos.

É tão possessivo e inesperado que me esqueço de me importar com o que Sawyer pode pensar. Eu só quero ficar aqui com ele. Calço minhas botas e subo na parte de trás do veículo de três rodas.

Meus braços envolvem sua cintura e eu descanso minha bochecha contra sua pele quente, fechando meus olhos e imaginando este homem lindo como meu namorado... ou algo assim.

Akela está no paraíso dos cachorros, latindo e correndo todo o caminho conosco. Ela provavelmente pensa que perdemos a cabeça ao entrar naquele lago gelado... ou pode pensar que perdemos a cabeça por não termos ficado lá. Afinal, a raça dela é de clima frio.

Taron para rapidamente atrás da pequena casa, e nós saltamos, contornando-a e indo até o galpão de pêssegos onde

apenas algumas pessoas ainda circulam.

— Onde você esteve? — A voz de Sawyer é afiada, e eu olho para minhas roupas encharcadas, percebendo que minha camiseta ficou transparente.

Meu rosto arde, quente como um foguete. Agarrando o tecido com as duas mãos, puxo-o para longe do meu corpo, dirigindo-me para perto dele, Taron bem atrás de mim.

— Estava muito quente e Taron me perguntou se havia um lugar para me refrescar. Eu pensei que poderíamos ir até Bates...

— Você deveria supervisionar os adolescentes, não fugir com Taron.

— Foi minha culpa — Taron começa, mas eu o interrompo.

— Você disse que havíamos terminado. Estávamos fora do horário...

— Noel. — Os olhos castanhos do meu irmão brilham.

Eu nem sei por que estou discutindo com ele. Esta não é minha primeira colheita.

— Desculpe. Vou verificar as crianças e dizer-lhes a que horas devem voltar amanhã.

— Eu já fiz isso. Entre e faça algo para comermos. Mindy está esperando por você.

Eu dou uma última olhada para onde Taron está puxando sua camiseta sobre a cabeça. Ele flagra e me dá uma piscadela rápida, o que envia um sorriso que divide minhas bochechas.

Eu viro minha cabeça para longe para que meu irmão não nos veja flertando e corro para a casa. No meio da porta, Mindy vem até mim.

— O que é AQUILO? — Sua voz está muito alta, e ela fica parada na janela olhando para Taron do lado de fora. — Puta merda! Há algum irmão Hemsworth perdido que eu não conheça?

De pé ao lado dela, eu observo enquanto ele caminha em direção ao galpão com Sawyer. Seu cabelo úmido está bagunçado ao redor do rosto, e penso em como o músculo em seu queixo quadrado se move quando ele está pensando. Eu tremo ao me lembrar do beijo dele...

— Acho que não. — Indo para a geladeira, pego o que deixei separado para o jantar.

Esta manhã, eu coloquei quatro contrafilés em um saco plástico Ziploc do tamanho de um galão, com molho inglês e alho para marinar o dia todo. Pego o saco com a carne, e tiro a frigideira de ferro fundido de baixo do armário, colocando-a no fogão.

— Eu vi você andando atrás dele no veículo de três rodas agora há pouco. — Os olhos verdes de Mindy brilham ainda mais com o bronzeado profundo em sua pele morena, e eu sei que ela sabe.

— Estava muito quente hoje. Acabei levando-o para conhecer o reservatório de Bates.

— Entendo... É por isso que suas roupas estão úmidas?

— Mais ou menos. Como vão as coisas na clínica de repouso?
— Pego um monte de aspargos e os lavo rápido, mudando de assunto.

Não tenho ideia do que está acontecendo entre Taron e eu, então não saberia como explicar isso para minha melhor amiga.

Mindy empurra uma mecha de cabelo castanho encaracolado atrás da orelha e caminha até onde estou cortando rapidamente as pontas duras dos caules. Ela realmente está ótima.

— Sua tia está indo bem, apesar de tudo.

Eu paro no meio do corte, meus olhos voando para os dela e o medo escorrendo em meu peito.

—Apesar de tudo, o quê? Aconteceu alguma coisa? Eu estava planejando ir vê-la...

— Ela está bem!— Mindy põe a mão no meu braço. — Está bem... eu só quis dizer que, você sabe... ela vive em seu próprio mundo.

— Oh. — Eu me viro e pego um pequeno pacote de cogumelos, limpando-os ligeiramente com uma toalha de papel úmida antes de cortá-los. — Estou feliz que você esteja lá com ela.

Eu conheço Mindy toda a minha vida. A família dela e a minha sempre foram próximas e a sua mãe foi uma das pessoas a dar um passo à frente e certificar-se de que conseguiríamos passar o pior inverno de nossas vidas – junto com a irmã mais velha do meu pai, Doris, que agora está cuidando da clínica Pine Hills, onde Mindy trabalha como assistente administrativa.

— Não que ela saiba disso. — Mindy desliza as pontas das hastes dos aspargos na palma da mão e as joga no lixo. —Você já recebeu sua lista de aulas para o outono?

— Ainda não. Você já?— Retiro rapidamente os bifes um a um, salpicando uma leve camada de sal e pimenta antes de colocá-los na frigideira quente.

Depois de uma selagem rápida dos dois lados, retiro e coloco os aspargos e os cogumelos na frigideira, salteando rapidamente. Assim que estiverem prontos, coloco tudo de volta na panela e levo ao forno pré-aquecido.

— Garota, eu juro, você precisa participar de um daqueles programas de TV. Você deve ser a cozinheira mais rápida que conheço.

Eu aceno para ela enquanto pego uma embalagem de papel com pães franceses da geladeira. Eles têm três pequenos cortes nas pontas, e eu coloco um quarto de pacotinho de manteiga em cada um antes de levá-los ao forno também.

— Isso ajuda Sawyer e Leon a terem clareza sobre o que gostam e o que não gostam.

Suas sobrancelhas sobem.

— Você não perde em nada para a Rachel Ray.

O rico aroma de bife assando enche o ar, e eu ligo a ventilação.

— Eles estarão aqui em breve. Você conseguiu seu horário?

— Não. Bea Johnson disse que ela e Mavis pegaram os delas hoje. Eu só queria ter certeza de que não fiz algo errado.

— Bem, se você fez, eu também!

Começaremos na pequena faculdade da cidade neste outono, junto com vários de nossos amigos, e estou pensando que será uma boa distração com Sawyer longe e Leon na escola... e meu cérebro ainda está tentando descobrir o que fazer com o assunto chamado Taron.

A porta dos fundos se abre e três homens avançam como uma manada de búfalos. A cozinha de repente está lotada com os três pegando os pratos e perguntando o que há para o jantar.

Mindy acena do fundo da sala.

— Estou saindo. Espero a história completa sobre isso mais tarde.

— Ela aponta para a cabeça de Taron atrás de suas costas, e eu estreito meus olhos.

Se ela me causar problemas com Sawyer... mas meu irmão está mais focado no bife do que no que minha melhor amiga está fazendo. Taron está bem atrás dele, e acho que os homens esquecem o romance quando estão com fome.

Depois do jantar, Taron recruta Leon para ajudá-lo a limpar a cozinha enquanto eu "relaxo". Sawyer age como se fosse uma ideia inovadora, e eu balanço minha cabeça internamente. Eu sei que ele se sente mal. Leon não tem memórias claras de nossos pais. Eu também me sinto mal por isso, mas não tanto por ter deixado meu irmão mais novo crescer e ser um pirralho mimado.

Com um suspiro, vou para o chuveiro. Estamos todos exaustos depois deste dia, e nas próximas duas semanas não será diferente. Ainda assim, tenho trabalho a fazer antes de dormir.

Algumas horas depois, estou sentada no chão do meu quarto assistindo a um vídeo do YouTube sobre como fazer uma loção corporal de pêssego quando uma batida suave na janela quase me faz perder o controle.

A cabeça de Akela se levanta, mas suas orelhas amolecem rápido.

Taron está do lado de fora da minha janela, sorrindo com seu jeito de menino travesso, e minhas entranhas se apertam. Levantando a mão, espero para ver se alguém está vindo antes de lentamente levantar o vidro.

— O que você está fazendo? — eu pergunto, recuando enquanto ele se senta na soleira da janela e gira seus pés para dentro da casa.

Mudei meu quarto de baixo para a suíte master no ano passado — principalmente para que pudesse ter meu próprio banheiro e um pouco de privacidade dos meninos, mas também para o cabo da Internet. Sawyer se recusa a configurar o wireless porque ele "não quer que fiquemos em nossos telefones o tempo todo", mas tenho uma surpresa para ele assim que for embora.

— Eu queria ver você de novo. — Taron me pega pela cintura, puxando-me entre suas pernas. — Você sumiu depois do jantar.

— Eu estava me preparando para dormir. — Eu coloco minhas mãos em seus ombros e da maneira como ele está me segurando, estou ciente de que estou vestindo apenas uma camiseta fina e um short. — Não acredito que você pediu para Leon ajudar com a louça.

— Não foi tão difícil. Acho que ele realmente quer ajudar mais.

— Acho que ele gosta de você, o que significa muito. — Traçando meus dedos ao longo das pontas de seu cabelo, penso em quem mais gosta dele...

—Você está me mimando.

— Eu quero mimá-la.

Eu estudo seus olhos verde-azulados analisando os meus. Ele é tão bonito que dói.

— Bem, não estou acostumada com isso. — É uma provocação leve, mas secretamente quero chorar pensando que ele irá embora em breve. Parece tão injusto.

Meu laptop ainda está tocando na cama e ele levanta o queixo.

— Como você está conseguindo uma conexão tão boa?

Eu saio de suas mãos e me aproximo para apertar o botão de pausa. Então eu levanto a corda que corre para fora da parede.

— Cabo.

— Ahh. — Ele concorda. — O que é isso que você está assistindo?

— Como fazer uma loção corporal de pêssego. — Li o título com orgulho.

— Para sua loja?

— Sim, dê uma olhada. — Eu vou ao banheiro e pego dois pequenos potes da minha penteadeira. Quando eu volto para o quarto, ele ainda está sentado na borda, sorrindo para mim.

— Eu fiz este esfoliante de açúcar. Abrindo o frasco, eu o estendo para ele.

— Cheire. — Ele o pega enquanto eu atarraxo a tampa do menor e deslizo meu dedo pelo seu rosto.

— Você fez isso?

— Sim. — Estendendo a mão, eu deslizo meu dedo em seus lábios carnudos, pensando em como eles ficaram bons ligados aos meus.

Seus olhos se estreitam e ele se afasta.

— Você acabou de colocar maquiagem em mim?

— É uma máscara hidratante para os lábios. Como está se sentindo?

— Humm... — Ele pressiona os lábios.

— Molhado.

— Grosso! — Dou um empurrão em seu braço.

Ele ri, puxando-me para ele novamente.

— Eu nunca vi seu cabelo solto. É bonito.

Sentindo-me constrangida, coloco-o atrás do ombro.

— Eu deveria cortar, mas não consigo encontrar um estilo que eu goste.

— Não faça isso. — Sua testa franze.

— Eu gosto do seu cabelo comprido.

Outro puxão suave e estou mais perto dele, nossos rostos separados novamente. O calor entre nós brilha no ar. Meus olhos vão do queixo aos lábios... aos olhos, que são famintos e tentadores.

— Posso te beijar de novo? — ele fala, e o calor inunda minha parte inferior do corpo.

Fechando meus olhos, eu levanto meu queixo e o beijo primeiro, levemente, com cuidado. Ele assume o controle de uma vez, separando meus lábios e deslizando sua língua ao longo da minha.

Eu nunca soube que um beijo poderia ser assim, como se eu estivesse pegando fogo de dentro para fora, como se eu quisesse arrancar minhas roupas e as dele e fazer todo tipo de coisas sujas com ele.

Já beijei caras antes, é claro. Eu até saí com alguns mais de uma vez – Digger Hayes foi um deles, um erro total.

Eu simplesmente nunca fui tocada ou beijada dessa maneira. Beijar Taron me faz compreender o significado de algumas músicas, livros e filmes. Agora eu sei porque algumas pessoas perdem a cabeça e cometem loucuras por outras.

Seus lábios macios estão na minha bochecha e seu hálito quente está no meu cabelo.

— Você cheira bem.

— Você tem gosto de pêssgo. — Eu toco meus lábios com minha língua.

Ele pressiona o seu algumas vezes.

— Eu gosto disso. Você vai ter que fazer um pouco para mim.

Afastando-me, vou para o meu laptop.

— Sawyer acha que uma loja é perda de tempo. Ele diz que temos o suficiente para fazer por aqui sem ter um monte de turistas bisbilhotando tudo.

Taron se senta ao meu lado no chão, então nossas pernas estão se tocando.

— O que você acha?

— Acho que é uma mina de ouro em potencial. Todo mundo quer produtos orgânicos, os visitantes querem souvenirs... Acho que eles vão pagar muito caro por isso.

Com alguns cliques, mostro a ele a pesquisa que fiz sobre cosméticos e produtos totalmente naturais e o crescimento do mercado.

Ele estuda tudo com um interesse que faz com que eu me apaixone um pouco mais por ele.

— É isso que você quer fazer?

— Dolly Parton diz que você nunca fará muita coisa a menos que seja corajosa o suficiente para tentar... — Eu me sinto constrangida ao citar meu ícone. — De qualquer forma... eu gosto de um desafio.

— Eu aposto que você gosta. — Ele sorri para mim com algo parecido com orgulho em seus olhos, e sinto-me animada e otimista por ele acreditar em mim.

— Foi por isso que você se juntou ao exército? Pelo desafio?

— Eu não sei. — Ele desliza uma mecha de cabelo da minha bochecha. — Eu não tinha mais nada em mente. Todos os meus amigos estavam se alistando. Achei melhor ficar de olho neles.

— Quem são seus amigos? Além de Sawyer, devo dizer? — Quero saber tudo sobre ele, como ele pôde entrar na minha vida tão rapidamente e parecer tão perfeito, tão insubstituível.

— Patton, Martin... Nós o chamamos de Marley.

Meu nariz enruga.

— Por quê?

— Ele ama Bob Marley e eu acho... — Taron pisca, parecendo envergonhado.

— Ele fuma muita maconha.

Uma risada borbulha em meu peito que está encostado ao dele. Ou talvez seja apenas o fato dele estar aqui, sentado no meu quarto, falando assim comigo.

— Eu também amo Bob Marley.

Ele pega meu computador e digita algo rapidamente. Alguns cliques e a música “Is This Love” começa a tocar. Rapidamente, ele está de pé, puxando-me com ele. Estou envolta em seus braços e balançamos ao ritmo da música reggae.

É como se a letra estivesse revelando meus pensamentos. *É amor que estou sentindo?* A mão de Taron desliza ao longo da bainha da minha camisa, encontrando a pele da parte inferior das minhas costas. Quando ele me toca, meus olhos se fecham. Eu me derreto nas palavras. *Eu quero saber agora...*

Erguendo meu queixo, procuro sua boca e ele me beija novamente. Nossos lábios se selam, e suas palmas achatam contra minhas costas, segurando-me com força contra seu corpo rígido. Eu sinto a rigidez abaixo de sua cintura e minha cabeça fica leve.

Minhas mãos sobem para suas bochechas e eu arrasto minhas unhas pelos lados de sua barba. Ele solta um gemido baixo. Um leve sussurro sobe na minha garganta em resposta.

Estamos nos movendo mais rápido. Estou fora de mim. Suas mãos estão sob minha bunda e eu envolvo minhas pernas em volta de sua cintura. Meus mamilos endurecem contra seu peito. Quero tirar minha camisa e sentir sua pele contra a minha. Eu o quero dentro de mim.

Minha cabeça é uma névoa de desejo, necessidade e instintos primários quando uma batida forte na minha porta me faz gritar.

— Noel! — A voz de Sawyer soa alta lá fora. — Está tarde. Abaixei a música.

Meus pés tocam o chão e arrasto Taron até a janela pelo pulso. Nunca precisei que meu irmão me dissesse para ir para a cama, mas acho que foi bom ele ter feito esta noite.

— É melhor você ir. Amanhã sairá cedo e será tão difícil como hoje.

Estamos parados na janela, e Taron desliza o polegar ao longo da linha do meu queixo. Nós dois estamos respirando rápido e eu estou tremendo – só que não é de medo.

— OK. — Ele sorri como se soubesse algo que eu não sei. Inclinando-se, ele me beija mais uma vez, puxando meus lábios com os dele, antes de passar pela janela aberta e pular no chão.

Eu o vejo correr pelo gramado, desejando poder chamá-lo de volta.

Ele faz uma pausa e olha por cima do ombro mais uma vez, acenando para mim. Eu aceno de volta antes de descansar a bochecha na minha mão, sentindo o brilho irradiando pela minha pele.



Capítulo 7

Taron

Deitado em minha cama, ainda posso senti-la em meus braços, persiste em mim o cheiro de seu cabelo, e o toque de seus lábios macios contra os meus. *Noel LaGrange*... não sei o nome do meio dela. Deve ser algo lindo como ela.

Algo como o cabelo castanho longo e sedoso e os olhos castanho-dourados. Sua pele é tão macia sob meu toque, seus mamilos duros contra meu peito.

Eu penso em outras garotas com quem estive. Algumas eram interessantes, outras engraçadas, algumas espertas... Nenhuma delas era como ela.

Ela olha para mim tal qual sentisse o mesmo que eu... como se tivéssemos encontrado algo especial e eu fosse a melhor coisa que ela já tivesse visto. Como se o mundo houvesse mudado e tudo se encontrasse diferente.

Eu quero que seus sonhos sejam meus sonhos. Eu quero segurá-la em meus braços a noite toda. Eu quero explorá-la, prová-la, estar dentro dela. Eu a quero em cima de mim, embaixo de mim...

Eu me pergunto como ela vai reagir, quando eu a fizer gozar. Eu imagino meus lábios contra seu ombro, meu rosto em seu cabelo macio, inalando o cheiro de pêssego e coco em sua pele...

Eu a encontrei.

Ela está comigo, entrando no meu quarto no ar suave da noite. Eu cubro seus seios pequenos com minhas mãos, puxando um mamilo em minha boca. Com meu joelho, eu deslizo em suas coxas separadas, e enquanto mergulho profundamente no paraíso, ela solta um gemido, suave e baixo.

Nossos corpos se movem juntos em uma onda rítmica, eu empurro fundo e ela se levanta para me encontrar. Nós nos movemos mais rápido, agarrando e puxando, esforçando-nos para colocarmos nossas bocas nos ombros, clavículas, pescoços...

Estou tão perto, quero senti-la chegar...

Mais um impulso...

O zumbido desagradável do alarme do meu telefone destrói meu sonho.

A luz do sol entra pela janela, e eu só hesito por um momento antes de sair da cama, derrubando minha ereção matinal e cambaleando para o banheiro. Eu puxo meu jeans sobre meus quadris e coloco uma camiseta, rapidamente escovo os dentes e calço minhas botas antes de sair pela porta de casa.

Akela me encontra, e eu dou uma esfregada em sua cabeça, correndo com ela pelo resto do caminho até a porta dos fundos, onde Noel já está trabalhando na cozinha. Hesitando no último degrau, eu a observo se movendo para fazer o café da manhã para nós. Ela está usando uma regata roxa escura desta vez, e seu cabelo está empilhado no topo de sua cabeça novamente. Não consigo pensar em uma maneira melhor de começar o dia...

Nossos olhos se encontram, e eu estou na porta, pronto para puxá-la para um beijo quando Leon e Sawyer invadem o cômodo, interrompendo o momento. Só podemos tocar as mãos, roubar olhares de desejo quando eles estão de costas.

A equipe de Jay chega antes de terminarmos, e enquanto eu quero ficar para trás e ajudá-la com a louça, Sawyer nos empurra para fora da porta antes que eu possa começar, estou no campo com os homens antes que ela saia de casa.

O resto do dia é igual ao anterior – caramba, a semana inteira é igual, exceto que o sol está mais agressivo. Estamos exaustos no meio da tarde, mas à noite, atravesso o quintal até a janela do quarto dela. Ela me mostra no que está trabalhando e eu a seguro

em meus braços. Akela está deitada no chão nos observando alegremente, enquanto Noel mistura os ingredientes crus – coisas que eu nunca ouvi falar, manteiga de karité e jojoba – e me faz escolher meus aromas favoritos.

Ela me deixa beijá-la, abraçá-la, mas sempre me manda pela janela antes que possamos fazer mais.

À noite sonho com ela. Enterro meu rosto em seus cabelos, inalando seu perfume suave, até que acordo de manhã quente e incomodado e coloco minhas roupas para chegar à cozinha antes dos irmãos, Akela correndo e pulando ao meu lado o tempo todo. Mesmo que os caras me cansem, eu consigo estar perto dela, tocá-la, antes de começarmos outro dia longo e quente.

— Tem que haver um lugar para nadar por aqui que não seja frio como o traseiro do diabo. — Estou sentado à mesa na sexta-feira à tarde, Noel está de pé entre os meus joelhos, olhando para mim.

Hoje ela está com um vestido florido fino que termina na parte superior das coxas. Seu cabelo longo e escuro está preso em um rabo-de-cavalo, e eu corro meu dedo ao longo da alça fina que passa por cima de seu ombro, pegando as pontas de seu cabelo em meus dedos.

Leon liderou a equipe do colégio hoje, e eu mal a vi enquanto ela corria ao redor, juntando as cestas de pêssegos descartados e levando-as para casa.

Sua cabeça se inclina para o lado.

— Minha tia costumava pescar no lago Hayes.

— Hayes... como na família de Digger? — Eu não gosto desse cara.

Ele sempre age educada e respeitosamente com Sawyer, mas eu o pego observando Noel enquanto ela trabalha. Desejo está em todo o seu rosto, e eu quero dar um soco nas bolas dele. Leon também não gosta dele. Inferno, até Akela mostra os dentes sempre que ele está por perto.

— Acho que ninguém mais pesca lá... — Noel parece alheia.

— Está exposto ao sol.

— Alguém se importará se nadarmos nele?

Uma luz travessa atinge seus olhos.

— Só há uma maneira de descobrir.

— Te encontro na caminhonete.

Um velho Chevy vermelho está estacionado atrás do galpão para qualquer pessoa usar. Nós o pegamos, e Noel vai para o centro do banco ao meu lado. Sua cabeça está no meu ombro e minha mão está entre seus joelhos enquanto dirigimos pelas estradas secundárias que conectam as propriedades.

Akela corre conosco todo o caminho, saltando nas margaridas amarelas que crescem em aglomerados ao lado da estrada. Deixamos a caminhonete no centro do campo, ajudo Noel a descer e, em seguida, tiro minha camisa.

Corremos até o cais que se estende até o centro do lago, Akela bem atrás de nós. Nossos pés fazem barulho nas pranchas de madeira enquanto corremos, e nossas mãos estão entrelaçadas enquanto damos um salto voador na água marrom e plácida.

É tão quente quanto um banho sob o sol escaldante. Um grande cano sobe do centro, espalhando água no ar como um gêiser, mantendo-a oxigenada, e eu estendo a mão, puxando Noel para mim, nossa pele deslizando junta, escorregadia como uma barra de sabão.

Ela se sente tão bem em meus braços. Eu reivindico sua boca, afastando seus lábios e encontrando sua língua. Ela derrete como sorvete de pêssego e eu a beijo mais profundamente antes de mover meus lábios em sua orelha. Seus mamilos estão tensos contra meu peito, e eu sei que ela sente minha dureza em seu estômago. Tenho certeza de que já sentiu isso antes.

Quando encontro seus olhos, olho profundamente neles.

— Em que você está pensando?

Ela pisca e hesita.

—Eu nunca perguntei se você deixou namorada ou qualquer coisa em casa.

Isso me faz sorrir.

— Não faz muito sentido ter uma namorada quando estou prestes a ir embora. — Seu rosto cai, e eu gostaria de poder voltar atrás nas palavras.

— Só quero dizer... Não, não deixei. Não seria justo pedir a alguém para esperar por mim.

Ela traça um dedo ao longo da linha do meu queixo, sem encontrar meus olhos.

— E se alguém quisesse esperar por você?

Meu coração se agita. Eu não sei se ela está se referindo a ela, como se fosse esperar por mim. Não sei se devo desejar que ela o faça.

— Ninguém quis isso ainda.

Os momentos passam. Ela não diz nada, então eu a pressiono um pouco.

— E você? Não está namorando um desses garotos do interior?

Um pequeno encolher de ombros.

— Digger é o mais persistente.

— Aquele cara. — Minha voz sai mais irritada do que pretendo.

Seus olhos encontram os meus brilhantes.

— O que há de errado com Digger?

— Ele é o pior de todos.

— Ele não é tão ruim.

— Ele é muito ruim.— Inclinando-me para frente, eu pego seu olhar.

— Você não namoraria aquele cara, não é?

Seus lábios se torcem e ela me dá um sorriso tímido.

— Eu meio que já namorei.

Eu afrouxo meu aperto e ela avança, apertando-me em volta dos ombros.

— Foi há muito tempo! Um verão após a colheita... Acho que o sol derreteu minhas células cerebrais.

Ela ri e eu a puxo com mais força para mim.

— Vocês sempre trabalham tão duro no verão?

— Só desde que perdemos o papai. Até então, sempre contratávamos ajudantes.

— Vocês não tinham tios ou qualquer outra pessoa para assumir por ele, comandar as coisas?

— Minha mãe era filha única. — Ela apoia os cotovelos em meus ombros. — A família dela praticamente a deserdou quando ela se casou com meu pai. Meu avô agiu como se não existíssemos durante a maior parte da minha vida.

A raiva aperta minha garganta. *Como alguém poderia não querer conhecer essa linda garota?*

— Eles que perderam.

Ela acena com a cabeça distraidamente.

— Minha avó morreu há anos, e ele ficou sozinho depois disso. Tudo porque minha mãe não se casou com um médico ou advogado...

— Seu pai era dono desse pomar enorme! O que há de errado nisso?

— Ele nem sempre foi o dono. Sua família era meeira. Meu pai era um garoto pobre do lado errado da cidade. Seu pai morreu de ataque cardíaco aos cinquenta e cinco anos.

— Merda. — Eu a puxo para outro abraço.

Ela consegue sorrir.

— Mas olhe o que ele fez. Casou-se com a mulher dos seus sonhos, construiu este enorme pomar, conseguiu tudo o que queria...

A voz dela some e não continuamos com essa conversa. Não quero pensar sobre como ele tinha tanta coisa, e, no final das contas, perdeu tudo.

Eu quero pensar no aqui, agora.

Eu quero pensar em tê-la comigo, na vida e no amor.

— Conte-me sobre o festival do pêssigo que está chegando.

Ela pisca para mim, seu sorriso voltando.

— É uma espécie de encontro anual da cidade. Fazemos isso todos os anos no final da colheita.

— Você está dizendo que vou conhecer toda a cidade?

Ela ri.

— Não sei se toda a cidade vai estar lá, mas muita gente vai. Eles têm concursos de comedores de tortas, feiras de automóveis, desfiles e artesanato. Sra. Jenny Ray, mãe da Mindy, vai colocar alguns dos meus produtos de beleza em sua mesa para eu vender.

— Ei! Isso é importante.

— Por que você acha que tenho trabalhado tanto todas as noites?

— Inferno, eu não sei. — Eu estava muito focado nela para me perguntar o que ela estava fazendo ou por quê. — Pensei que você

fizesse isso todas as noites.

— Não. — Ela balança a cabeça, rindo.

— Bem, estarei lá com meu dinheiro nas mãos.

— Você não precisa de produtos de beleza. — Seus braços estão em volta do meu pescoço novamente, e ela beija meu nariz. — Você é bonito o suficiente sem eles.

— Eu tenho que conseguir mais dessa coisa labial.

— O que há de errado com seus lábios? — Ela desliza os olhos sobre a minha boca, e é um convite e tanto para mim.

Eu a puxo, separando seus lábios, mordiscando e beijando-os, amando o aumento do calor entre nós enquanto nossos peitos se movem juntos, apenas separados por um algodão fino. Sua saia flutua ao nosso redor, e eu coloco minhas mãos em suas coxas, deslizando-as mais para cima, querendo explorar seus lugares secretos.

Ela inala bruscamente quando encontro a linha de sua calcinha, tremendo em meus braços e eu a beijo mais profundamente agora, movendo minha língua para a dela enquanto deslizo meu dedo para frente e para trás em seu clitóris.

— Taron... — Suas coxas apertam minha mão.

Estou duro como uma rocha e desesperado para estar dentro dela... Ainda assim.

— Está bem. — Minha respiração está quente em seu ouvido e começo a tirar minha mão.

— Não... — É um apelo suave, e eu sorrio, encontrando seus olhos. Nossos olhares se encontram, e suas bochechas ficam vermelhas.

Eu nos coloco de volta ao posto do cais, preparando-a enquanto movo minha mão novamente para sua boceta quente, massageando e dedilhando o doce calor entre suas pernas. Seus olhos se apertam com força e ela segura meus ombros com mais força. Eu continuo observando enquanto sua respiração fica mais rápida, mais superficial.

— Bem aí... bem aí... — É um silvo suave e seus quadris balançam.

Ela monta em minha mão, mordendo o lábio e contraindo sua pélvis. Circulo mais rápido e ela segura meu braço, focada no que

estou fazendo com ela. Eu me inclino para beijar sua orelha, tocando-a levemente com minha língua, e ela explode com um gemido alto.

— Aí, sim! — ela está gritando, empurrando, fodendo minha mão como uma deusa, e a cada estocada, ela geme e estremece.

— Taron...— Ela exala bruscamente.

— Isso é tão bom...

Meu braço está em volta dos ombros dela, e eu a embalo contra meu peito.

— Eu quero fazer você se sentir bem.

Ela me segura um pouco mais, cavalgando. Então ela se estica e beija o lado do meu queixo, mordendo-o levemente. É muito gostosa. Minha mão está fora de sua calcinha e em sua linda bunda redonda, segurando-a para mim. Eu quero que ela sinta meu pau. Eu quero afundar nela agora.

Ela me abraça com mais força.

— Eu nunca fiz isso antes com um cara.

Não tenho certeza se entendi o que ela quis dizer. Mesmo assim, não quero interromper esse momento. Ela está aqui, assim como em meus sonhos. Ela está em meus braços e seu cabelo está contra minha bochecha.

Beijando o lado de seu rosto, eu sussurro em seu ouvido.

— Eu amo te segurar assim.

Seu corpo se move e ela se afasta ligeiramente.

— Eu preciso te contar uma coisa...

Eu sorrio, empurrando uma mecha de seu cabelo úmido atrás da orelha.

— Isso parece sério.

— Só para você não achar que eu sei como... quero dizer, não temos muito tempo, então estou tentando...

— Ei. — Eu coloquei meus dedos sobre seus lábios suavemente.

— Você não precisa se sentir pressionada por causa do tempo. Eu não quero isso.

— Mas eu, sim. — Seus olhos estão arregalados, suplicantes.

— Eu quero isso. Eu só preciso que você me mostre como... eu não tenho certeza exatamente do que fazer.

Minha testa franze.

— O que você quer dizer?

— Ah, isso é tão constrangedor... Não me faça dizer isso.

— Dizer o quê?— Estou com muito tesão e ela ainda consegue me fazer rir.

Seu queixo cai e ela diz isso rápido.

— Eu... eu sou virgem.



Capítulo 8

Noel

Tudo fica quieto como se eu tivesse gritado um palavrão na igreja.

Nem Akela faz qualquer barulho – não que ela costume fazer. O único som é a agitação constante do gerador no meio da lagoa, e sinto os olhos de Taron em mim, mesmo que eu não levante os meus para encontrá-los.

Minhas bochechas estão quentes e quero morrer de vergonha. Naturalmente, presumi que ele queria fazer sexo comigo. É possível que eu esteja errada?

Estivemos nos beijando muito gostoso e profundo todas as noites desta semana antes de eu mandá-lo embora pela janela, o que, a propósito, tira a força de Hércules. Ele acabou de me fazer gozar bem aqui no meio do lago – e, oh, Deus, ele nunca me havia feito gozar antes.

Eu tremo. Posso ser virgem, mas meu corpo está pronto.

— Diga algo. — Minha voz está calma e embaraçada.

Ele apenas balança a cabeça.

— OK.

— É só isso? — Meus olhos piscam para os dele.

— Você tem apenas dezoito anos, Noel. Você mora nesta pequena cidade. Eu ficaria surpreso se você não fosse virgem.

Afastando-se, ele pega minha mão e me guia para as águas rasas, em seguida, leva-me para a caminhonete. Meu estômago

afunda até meus pés.

— Isso significa que você não me quer?

— Não. — Sua voz é baixa e tensa, e é um arrepio no meu estômago.

Ainda assim, estou confusa.

— Aonde estamos indo?

— Precisamos voltar. — Ele ainda segura minha mão quente e forte na sua, e quando paramos na caminhonete, ele olha para o meu vestido molhado.

— Acho que você não tem uma toalha e nem nada parecido.

— Pode ter uma no porta-luvas. — Eu espero, observando-o procurar ao redor e depois voltar de mãos vazias.

— Aqui. — Ele coloca sua camiseta pela minha cabeça, cobrindo meu vestido transparente.

Seu jeans está encharcado, mas ele me ajuda na caminhonete e corre para o outro lado. Nós dirigimos retornando de onde viemos — eu sentada no meio com minha cabeça em seu ombro. Ele olhando para frente, sua mão entre meus joelhos.

Como eu gostaria que sua mão se movesse mais alto, me acariciasse e me fizesse gozar como ele fez alguns minutos atrás. Em vez disso, como eu temia, minha confissão jogou água fria em tudo. Suponho que ele não me toque novamente no resto da semana...

Então ele irá embora.

Voltamos para a casa e ele me leva até a porta dos fundos.

— Vejo você daqui a pouco. — Com isso, ele beija minha bochecha antes de correr até a cabana onde está hospedado.

Eu misturo os ingredientes que preparei para o jantar, milho cozido na espiga, lavo e asso frango e tomates frescos. Os homens devoram, enquanto eu os observo sem muita fome. Como de costume, Taron me expulsa enquanto ele e Leon lavam a louça. Ele é amigável e me dá sorrisos doces, mas parece ter se retraído completamente.

Meu peito está agitado e, por mais que odeie admitir, choro no chuveiro. Eu odeio parecer um bebê. Estou muito velha para chorar por um rapaz, mas ainda dói.

Deitada na minha cama, não estou com vontade de trabalhar no meu estoque de cosméticos esta noite. Já tenho quase minha cota completa para a mãe de Mindy, de qualquer maneira.

Pegando meu telefone, mando uma mensagem para minha amiga.

Você está por aí?

Olhando para a frente, espero que ela responda. Eu *preciso* que ela responda.

Alguns segundos se passam, então vejo os pontos cinza quicando.

E aí?

Nada. Deu tudo errado. Eu acho um cara perfeito, e ele é muito legal para perfurar minha virgindade.

Mais pontos cinza enquanto espero.

EU SABIA!!!

— Caramba, Min!— Eu cruzo meus braços, olhando para o telefone por um segundo, então chega uma nova mensagem. Sem gritos dessa vez. Ainda bem.

Então o Sr. Hemsworth se recusou a te dar o presente? (emoji de risada)

Não, imagina. É o Digger. Quem mais seria? (emoji de mordança)

Ela responde com uma série de emojis – o de mordança, o de vômito de cara verde, aquele com X no lugar dos olhos.

Eu balanço minha cabeça e respondo de volta.

O que eu faço? Eu disse a ele a verdade e ele se fechou.

QUE BOM. Porque você não está pronta. Por acaso está tomando pílula?

Mastigando meu lábio, eu penso sobre isso... Eu realmente não havia considerado o controle de natalidade. Trata de usar o cérebro, Noel. Onde eu poderia conseguir? Todos na cidade vão falar se eu for ao Dr. Fieldstone...

Minha amiga não perde o ritmo.

Vou levá-la para a clínica em Shreveport amanhã. Te encontro às oito.

Estou começando a responder quando uma batida na janela me faz jogar o telefone na cama. Akela nem mesmo recua. Meus olhos voam para o vidro e Taron está lá fora, sorrindo como sempre.

Eu vou até ele e abro.

— Ei.

Tudo parece mais silencioso esta noite.

— Ei... — Ele balança as pernas para dentro da sala e me puxa entre elas como sempre. — Você não está fazendo loções ou protetores labiais?

Minhas mãos estão em seus ombros e eu estudo minhas unhas.

— Não estou com vontade.

Ele não diz nada, e eu olho para o rosto dele. Ele está desviando o olhar e parece estar lutando com alguma coisa.

Minha tristeza se transforma em raiva. Ele esperava que eu fosse desistir facilmente antes de ele partir para a América do Sul? Ele está agora tentando descobrir como me decepcionar? Eu não deixo que ninguém me faça sentir inferior. Nunca. Dolly Parton diz que uma mulher forte parece um desafio aos olhos.

— É melhor você voltar para a cabana agora. A manhã chega cedo. — Mentalmente, eu levanto minha calcinha desconfortável e me preparo para empurrá-lo pela janela, para fora do meu coração, quando ele agarra meus braços.

— Estive pensando a noite toda sobre o que você disse. — Seus olhos verde-azulados são tão sérios que quase me sinto envergonhada por ter pensamentos ruins sobre ele. — Eu não posso fazer isso com você e ir embora, Noel. É o mesmo que pedir para você esperar por mim. Não é justo...

— Você não me pediu para esperar por você. — Minha voz está baixa, e nossos olhares se misturam em um redemoinho de saudade e tristeza, com a realidade nos atingindo no rosto.

— Isso não significa que eu não queira. — Sua voz fica mais baixa. Suas mãos agarram as minhas, e eu abaixo meus olhos para elas – dedos longos, unhas bem aparadas. Ele é lindo, de cima a baixo.

Erguendo meu queixo, minha voz é atrevida, desafiadora.

— O que quer que aconteça entre nós é tanto uma decisão minha quanto sua.

— Sim, mas tenho mais experiência com isso do que você.

— Você dormiu com muitas mulheres?

— Não — ele responde rápido. — Quando acontece, é importante. Especialmente na primeira vez.

— Bem, obrigada por ser tão atencioso. — Eu começo a me afastar. A última coisa que preciso é de outro sabe-tudo me dizendo como me sinto.

— Pare. — Taron me puxa com firmeza contra seu peito. — Fique brava comigo, se quiser, mas estou dizendo a verdade. Eu não quero te machucar.

Eu vejo a tristeza em seus olhos, e isso quebra algo em mim. Eu entendo profundamente que ele não está me rejeitando. Depois de tudo que compartilhamos, não sei como pude acreditar que ele estaria.

Estendendo a mão, enrosco meus dedos em seu cabelo, olhando profundamente em seus olhos verde-azulados.

— Eu esperei tanto tempo para você aparecer. Você não vai me machucar.

Mãos fortes seguram meu rosto e ele puxa minha boca de encontro a dele. Nossos lábios se abrem e nossas línguas se entrelaçam. Lágrimas aquecem meus olhos fechados, mas não vou permitir que escapem. Não vou lhe dar nenhum motivo para pensar que não sou forte o suficiente para isso, mesmo que a ideia de dizer adeus deixe minhas entranhas em pedaços.

Ele se afasta, olhando no fundo dos meus olhos.

— Vejo você amanhã.

Com isso, ele está fora da janela, voltando para o quintal. Enquanto o vejo ir, não consigo deixar de pensar: *Sim, você vai. Você me verá todos os dias enquanto estiver aqui.*

As equipes não vêm nos finais de semana, mas isso não significa que o trabalho pare. Corro antes que alguém se levante e preparo uma fornada de panquecas. Cortei pêssegos frescos e os coloquei na geladeira colando um bilhete no micro-ondas dizendo que voltarei depois do almoço.

Sawyer vai ficar reclamando, mas esse compromisso é muito importante para escapar. Eu nunca visitei um posto de controle de natalidade. Todo mundo por aqui pensa que eles não são tão bons, mas eu sei que muitas esposas de trabalhadores os procuram para obter métodos contraceptivos gratuitos. Uma hora depois, estou voltando para casa com Mindy e um pacote plástico redondo de pílulas na minha bolsa.

Paramos em uma casa silenciosa e Mindy me deixa em frente à porta dos fundos.

— Não parece que eles estão em casa.

— Provavelmente estão pegando mais caixas. — Está tudo bem. Não preciso de um monte de perguntas sobre onde estive. — Vejo você amanhã. Diga à sua mãe que terei tudo pronto para ela na quarta-feira.

— Ela está muito animada para ver como sua linha vende.

— Eu também. — Dou um abraço nela e subo correndo os degraus de trás, indo direto para o meu quarto e escondendo os comprimidos na minha mesa de cabeceira.

De lá, vou para a cozinha, trazendo cestas de pêssegos amassados e colocando-as ao lado da pia. Passo o dia todo cozinhando-os para fazer conservas e geleia ou cortando-os e jogando sacos no congelador para fazer sorvete.

O festival começa na quarta-feira à noite, e vou levar a semana inteira para fazer o suficiente para vender na mesa da Srta. Jenny. É minha última chance de provar a Sawyer que uma loja é uma boa ideia antes dele ir embora, e espero ganhar uma fortuna.

Naquela noite, depois de fritar carne e preparar salada de pêssego, Taron recruta meu irmão para ajudar na limpeza e aparece

como sempre na minha janela, afetuoso como de costume e pronto para dizer boa noite antes que as coisas esquentem demais entre nós.

Isso é o pior.

Na manhã seguinte, obedientemente tomo meu comprimido antes de ir para a igreja. Eu nem estou discutindo isso com Jesus. Ele colocou este homem lindo em minha vida, e eu não vou perder a oportunidade.

Outra noite de beijos castos e a partida antecipada de Taron do meu quarto me deixou quase pronta para escalar as paredes. Eu não estou preocupada, no entanto. Tenho um plano e, na manhã seguinte, levanto-me e tomo meu comprimido.

Leon assume a supervisão da equipe da escola enquanto eu me preparo para o festival. À tarde, quando os homens estão cansados, levo para o galpão um balde de metal prateado com sorvete de pêssego.

Digger está parado atrás, olhando para um livro de contabilidade com Jay, e Taron está sentado na mesa me olhando como se quisesse me comer de sobremesa. Estou convencida de que essa distância entre nós o está matando tanto quanto a mim. Em breve...

Eu ando até ele, confiante depois de tudo o que dissemos e fizemos.

— Veja o que você acha.

Estendendo a colher, observo enquanto ele desliza o pedaço de sorvete de pêssego entre os lábios carnudos.

Eles se enrolam em um sorriso que se estende até seus lindos olhos.

— Delicioso. Você mergulhou o dedo mínimo nele?

Isso me faz rir e ele me pega pela cintura. Pela primeira vez em dias, sinto-me leve.

—Taron, coloque-me no chão!

Digger nos observa com uma carranca.

— O que é isso, Noel? Sorvete de pêssego?

— Sim. — Dou uma cutucada em Taron com meu quadril e caminho até onde Digger está parado.

Ele pega a colher, mergulhando-a no balde que estou carregando.

— Não é ruim. Você usou a receita antiga da sua mãe. — A maneira como ele diz isso, usando aquele tom sabe-tudo, faz minha pele arrepiar.

Eu olho por cima do ombro, e Taron está carrancudo também.

— Como você pode se lembrar disso? Éramos apenas crianças quando mamãe faleceu.

— Eu me lembro de quando você era a Princesa Pêssego. — Digger me dá um tapinha no nariz. — Lembro-me de quando te levei ao seu primeiro Baile do Festival do Pêssego.

— Você entendeu errado. Eu nunca fui a princesa. Foi a única vez que decepcionei minha mãe... que eu saiba.

— Você nunca decepcionou sua mãe. — Ele dá um pequeno beliscão na minha bochecha, o que me irrita mais. Eu vejo um flash de luz nos olhos de Taron, e sei que isso o enfurece.

— É bom estar com pessoas que conhecem sua história e compartilham seus valores.

Eu não gosto de sua implicação. Eu não gosto de suas ideias sobre meu lugar na sociedade.

— Só porque alguém é da sua cidade, não significa que essa pessoa compartilhe dos seus valores.

— Absurdo. Além de seus irmãos, ninguém conhece sua história melhor do que eu, Noel.

— Eu duvido. — Será que ele fica em casa à noite estudando meu passado?

— Você é adoravelmente teimosa. Vá comigo ao baile do pêssego novamente este ano. Será como nos velhos tempos.

Fui pega de surpresa por seu convite, mas isso não significa que não esteja preparada.

— Eu não vou ao baile. Temos muito a fazer com a saída de Sawyer e a necessidade de preparar tudo.

— Absurdo. Você tem que ir ao baile. É tradição. Você é coproprietária de um dos maiores pomares de pêssegos da cidade.

— Se é uma tradição, é uma que eu não conheço.

— Eu te disse. — Ele segura meu braço.

— É hora de restabelecer o lugar da sua família na sociedade. Esta é uma das formas de fazê-lo, indo ao baile e demonstrando interesse.

Avançando para trás, eu puxo meu braço do dele.

—Todo mundo nos conhece. Agradeço seu convite, mas não estou com humor para um baile este ano.

Taron se levanta e Digger me solta.

Digger cruza os braços sobre o peito, esticando aquele blazer de seda. Quem usa blazer de linho para uma colheita de pêssego?

—Vou falar com Sawyer sobre isso.

Seu tom pressupõe que meu irmão mais velho me diz o que devo fazer, mas, em vez de deixá-lo me irritar, giro os calcanhares em direção à casa. Não vou ficar perdendo tempo com Digger Hayes.

— Meu sorvete está derretendo. — Desço os degraus e corro morro acima em direção à casa.

Nunca estive mais irritada na minha vida. Digger Hayes acha que vai me dizer o que fazer? Ele não perde por esperar.

Estou na porta quando percebo que uma figura alta está bem atrás de mim. A grande mão de Taron cobre a minha, e me viro ao entrar na cozinha.

—Você me assustou.

— Desculpe. Achei melhor segui-la antes de fazer algo que me arrependeria.

— Arrependeria?— Pego um recipiente próprio para freezer e coloco o resto do sorvete nele.

— Algo que Sawyer não iria gostar que eu fizesse, foi o que eu quis dizer. — Ele pega a parte de trás do meu rabo de cavalo, girando-o em sua mão. — Você realmente namorou aquele cara?

— As pessoas achavam que combinávamos. — Empurrando o sorvete no freezer, ainda estou chateada com as implicações das palavras de Digger.

— Você não ganhou o concurso de Princesa Pêssego?— Eu olho para cima e Taron está sorrindo para mim. Derrete um pouco a raiva que estou sentindo.

— Nunca gostei de concursos. Mamãe ganhou todos em que ela pensou em entrar, mas simplesmente não era minha praia.

Ele se inclina contra o bar com uma risada.

—Não admira que você seja tão bonita.

Seu elogio é como eletricidade formigando em minhas veias, e eu admiro como o sol colocou reflexos dourados em seu cabelo escuro. Sua pele é bronzeada e, se possível, ele está ainda mais bonito. Chegou a hora e estou mais do que pronta.

— É melhor eu começar o jantar. — Ficando na ponta dos pés, beijo seus lábios macios.

Meu interior está zumbindo só de pensar na sobremesa especial que planejei. Não vai demorar muito agora...



Capítulo 9

Taron

Eu não sei como ela faz isso. Para o jantar de domingo, Noel nos serviu peito refogado com cobertura de pêsego e uísque. Hoje à noite, ela nos forneceu costeletas de porco com pêsegos grelhados, e quando paro em seu quarto antes de dizer boa noite, ela tinha voltado a misturar seus produtos de beleza orgânicos caseiros.

Ela é inacreditável, e termina tudo rapidamente.

— Cozinhar é apenas prática. Eu tenho preparado essas mesmas refeições algumas vezes por mês desde que me lembro.

Já passa das dez e estamos na cozinha sussurrando. Fico atrás dela observando enquanto ela derrama cera de vela em potes pequenos e etiquetados.

— Você deveria anotá-las e vender um livro de receitas junto com todas essas outras coisas. — Beijo o lado de sua mandíbula e ela solta um pequeno ruído que chega diretamente ao meu pau.

— Você vai me fazer derramar cera em todos os lugares.

— Estou distraindo você?

— Você sabe que está.— Ela levanta a panela e vira o rosto para me beijar suavemente nos lábios.

Eu juro, deixá-la sozinha em seu quarto nas últimas noites foi a coisa mais difícil que já tive que fazer. Foram necessários muitos banhos frios e muita masturbação para aliviar a pressão.

— Então, eu estava pensando sobre o que você disse a Digger no galpão, sobre não querer ir ao baile porque Sawyer vai partir e por tudo o que está acontecendo

Os seus lábios apertam, mas ela não responde. Os seus olhos estão concentrados em encher os pequenos frascos.

—Você disse isso para dar um fora nele, ou estava falando sério?

Ela termina de derramar última dose, e em seguida, seus olhos castanhos encontram os meus.

— Por que está me perguntando isso?

Limpando a garganta, olho para os meus sapatos, lembrando-me de todos os motivos pelos quais tenho feito o meu melhor para manter distância. Em alguns dias eu terei partido... É justo continuar perseguindo-a?

— Eu estava me perguntando como você se sente depois de todas as coisas que ele lhe falou.

— Ele sabe muito sobre o negócio. Acho que foi por isso que meu irmão o contratou. Era a isso que você se referia?

— Você está interessada nele?

— Eu nunca estive.— Ela carrega o suprimento de velas para um grande balde na pia e coloca cuidadosamente cada item dentro.

— Ainda assim... ele não é um cara feio. Eu acho que se eu estivesse livre...

— Você não está livre — eu estalo.

Foda-se o bom senso. Ouvi-la dizer essas palavras desperta algo dentro de mim.

Algo primitivo.

— Eu não estou?— A curiosidade está em seus olhos agora, e tenho certeza de que é um pouco travessa.

— Por quê?

— Você vai ao festival comigo, e àquele baile. Se quiser ir.

— Costumo ir ao festival com o Leon. É o aniversário dele.

— Vou falar com ele sobre isso amanhã. Ele pode ir conosco, se quiser.

— OK.— Sua voz é suave e com um toque brincalhão.

Ainda estou irritado e com raiva, mas não sei por que. Nós já resolvemos essa questão. Ela vai comigo ao festival e não com

aquele idiota do Hayes.

Estendendo a mão, eu a pego pela cintura e a puxo para mim com força. Seu corpo está flexível sob meu controle. Ela levanta o queixo e enfia os dedos no meu cabelo quando encontro sua boca, abrindo-a e sentindo o gosto doce de hortelã em sua língua. O desejo está em seu beijo, e isso me deixa ainda mais frustrado.

Afastando-me com um rosnado, viro-me para a porta dos fundos.

— É melhor eu ir.— Esta noite, não sei por que, sinto que não irei sair tão facilmente se não fizer isso agora.

— Durma bem— ela diz atrás de mim, uma cadência em seu tom.

A maneira como ela se encontra esta noite, brincalhona e provocadora, deixou-me tenso, e embora tenhamos trabalhado mais hoje do que em qualquer dia da semana passada, não tenho certeza se vou adormecer.

A frustração percorre meus membros enquanto eu me deito na cama de costas, olhando para o teto na escuridão. Estou com a janela aberta, mas o fogo está nas minhas veias, no meu sangue. É como uma força me guiando.

Olhando para o relógio, vejo que é quase meia-noite. Eu preciso dormir.

Pressionando meu braço dobrado sobre os olhos, tento pensar em coisas calmantes... o cabelo sedoso de Noel, seu sorriso gentil, a maneira como ela se concentra quando está lendo uma receita de loção de pêssego ou sorvete de pêssego ou... pêssegos.

Sua bunda redonda e macia flutua em minha mente, e meu pau endurece... Suave como um pêssego. Um pêssego que quero provar, lambe, chupar, comer... Quero que ela grite meu nome como fez naquele lago.

Os pequenos cabelos arrepiam na minha pele quando percebo que não estou sozinho.

Soltando meu braço na cama, eu olho para a escuridão. A porta está aberta e, à luz da lua, vejo uma coisa que pode me dar alívio.

— Noel?— Sento-me, deixando o lençol cair até minha cintura, onde estou ostentando uma ereção.

— O que você está fazendo aqui?

Ela não fala. Fecha o espaço entre nós, estendendo a mão para empurrar o manto que está vestindo dos ombros. Minha testa desaba e deixo escapar um gemido baixo. Ela está parada à minha frente completamente nua, e a luz do poste de telefone no jardim lança um brilho suave em suas curvas.

— Estou pronta agora.

— Feche a porta.

Todos os meus pensamentos sobre esperar, minha preocupação em deixá-la desaparecerem com o rosto de Noel montada em meu colo, segurando minhas bochechas em suas mãos, dizendo o quanto me quer.

— Beije-me, Taron.— Sua voz é áspera, exigente, e minhas mãos agarram sua bunda macia com a qual eu sonhei todas as noites.

Estou duro como uma rocha enquanto ela arrasta as unhas pela minha barba, e nossos lábios se unem.

Ela puxa meus lábios com os dela. Ela morde e exala um ronronar suave.

— Você não quer isso?

Seus lábios se movem para minha bochecha até minha sobrancelha antes que ela se afaste para encontrar meus olhos. Seus lindos olhos castanhos... inebriantes.

— Eu não quero te machucar.— É um sussurro tenso, o último de minha resistência.

— Então não me machuque.

Ela se move no meu colo e o luar brilha em sua pele. Eu puxo o lençol e a pego pela cintura, virando-a para que fique embaixo de mim. Ela exala algo entre uma risada e um suspiro e eu cubro sua boca novamente com a minha.

Nossos beijos são famintos, exigentes – alimentados por cada toque negado, cada provocação desperdiçada, cada vez que chegamos tão perto apenas para nos separarmos.

Minha boca se move de seus lábios para o queixo, para o pescoço, até a curva suave de seu seio. Subindo nos meus calcanhares, eu olho para seus seios pequenos subindo e descendo rapidamente. Seu corpo lindo está espalhado diante de mim na

cama como uma terra desconhecida que eu quero reivindicar. Seu cabelo ondula ao redor de seus ombros em ondas escuras e sedosas. Minha boca enche de água. Meu pau dói. Eu nunca vou esquecer esta noite.

— Você é tão bonita.— Minha voz é silenciosa e admirada.

Seu joelho se dobra e ela esfrega as coxas.

— Faça alguma coisa.— Seu sussurro está misturado com risos nervosos.

Isso me faz sorrir.

Inclinando-me, eu toco meus lábios em sua barriga lisa, e seus dedos se enfiam no meu cabelo. Eu sigo uma linha para seu quadril, passando meus dentes sobre a pele macia lá. Sou recompensado com um gemido.

Ela é virgem. Eu nunca estive com uma, mas tenho pensado nisso desde que ela me contou. Eu não quero machucá-la. Eu quero que seja o mais prazeroso possível para ela.

Meus lábios se movem para baixo, para o topo de seu osso púbico, e ela treme.

—Você vai... Ahh...

Sua pergunta desaparece quando eu a cubro com minha boca, varrendo minha língua dentro para provar sua inocência. Ela é doce, delicada, como água do oceano e almíscar suave. Estou faminto, traçando minha língua em torno de seu clitóris, puxando e chupando o pequeno botão escondido lá.

— Oh, Deus... oh, é tão... Oh...— Ela estremece, torcendo e puxando os lençóis.

Erguendo meu queixo, eu olho para cima, vejo suas costas arqueadas e sua pele corada. Sua mão vai para o meu rosto e estou de volta nela, faminto por seu orgasmo. Eu a quero encharcada de desejo quando eu a tomar pela primeira vez.

Outra passagem da minha língua, e eu deslizo meu dedo dentro para testá-la. Ela resiste e choringa, e está tão molhada. Eu deslizo outro dedo dentro dela...

— Taron... Oh, meu Deus.— Seus joelhos sobem, e eu sinto os pequenos estremecimentos ondulando em suas pernas.

Eu me inclino para beijá-la novamente, mais profundamente, lambendo-a mais uma vez, repetidamente, e na passagem final, ela

despedaça. Seu corpo se levanta e suas pernas se apertam. Ela geme meu nome, contorcendo-se nos lençóis enquanto eu pego um preservativo e rapidamente o enrolo.

Ajoelhando-me acima dela, eu afasto suas coxas.

—Abra para mim, querida.

Ela tenta fazer o que eu digo, mas percebo que não entende exatamente como funciona...

—Você confia em mim?— É uma pergunta gentil e amorosa.

Olhos redondos estão nos meus e ela concorda. Seu pescoço macio está em meus lábios e eu o beijo, puxando a pele entre meus dentes suavemente, fazendo-a estremecer. Eu seguro suas coxas, separando-as mais e alinhando meu pau com seu núcleo gotejante.

—Agarre-se em mim.— Meus lábios roçam seu ouvido e minha voz falha.

Suas mãos agarram meus ombros e eu empurro completamente, por todo o caminho dentro dela, então eu me seguro. Porra, ela é tão apertada.

—Ahh...—ela grita, e eu espero, sentindo seu corpo se mover ligeiramente, morrendo por dentro enquanto eu seguro meu instinto de possuí-la.

Ela é tão gostosa.

Faz tanto tempo.

Estou impressionado com a intensidade dos meus sentimentos por ela.

Por trás de toda a névoa, meu cérebro consegue formar uma frase coerente.

—Você está bem?— É um sussurro tenso em seu ouvido.

Suas mãos se movem para o topo dos meus ombros e ela balança a cabeça.

—Sim... sim, é tão... grande.

Meus quadris se movem, lentamente no início. O primeiro impulso a faz gritar, um gemido trêmulo, e eu fico parado novamente, lutando contra cada desejo natural em meu corpo.

—Ainda está bem?— Erguendo minha cabeça, vejo que seus olhos estão fechados.

Ela concorda.

—Estou bem... é bom. Continue.— Seus olhos castanhos-dourados se abrem, e eles estão pesados com luxúria, com desejo.

— Tem certeza?— Eu me inclino para beijar aqueles lábios em forma de botão de rosa, seu lábio inferior maior do que o superior.

— Tenho certeza. Eu quero isso... eu quero você.

É tudo que preciso ouvir. Meus braços vão ao redor dela, puxando-a para mim enquanto meus quadris balançam mais forte, empurrando para dentro e para fora, saciando meu desejo por ela.

Meus olhos se fecham, mas sinto quando ela se junta a mim. Eu sinto seus quadris começando a se mover, balançando no tempo, levando-me, encontrando minhas estocadas com as dela.

Liberando-a do meu abraço, levanto-me para beijá-la, para reivindicar sua boca e acariciar sua língua com a minha.

Ela agarra minhas bochechas, beijando-me de volta com igual fervor, e eu estou perdido no meu orgasmo. Empurrando de novo e de novo, sou impulsionado por como ela está se sentindo bem, tão apertada, tão molhada. Minha bunda apertada, o prazer serpenteia pelas minhas coxas. Todos os centros onde nossos corpos estão unidos. O suor escorre pela minha bochecha e gozo com um gemido alto, forte e longo.

Segurando bem dentro dela, eu gemo novamente e meu pau pulsa, enquanto eu encho a camisinha. Eu a seguro como minha âncora neste mundo. Minha mente está em branco, e tudo que sei é que eu e ela compartilhamos essa experiência. Foi incrível.

Gradualmente, o mundo começa a voltar ao foco. Estou respirando com dificuldade e pisco meus olhos abertos para vê-la sorrindo para mim. Ela se levanta para beijar meu pescoço e eu seguro sua nuca, segurando-a contra mim. Eu envolvo meu outro braço em torno de seu corpo, achatando seus seios macios contra meu peito.

Eu entendo o conceito de dois se tornando um neste momento. Eu sinto que ela se tornou parte de mim. Eu fui o seu primeiro, e ela foi minha primeira virgem. Eu me sinto protetor com ela, como se ela pertencesse a mim agora, por mais fodido que isso possa parecer.

Algo dentro de mim clica, e eu nunca vou deixar nada de ruim acontecer com ela. Eu não quero deixá-la ir.

Ela começa a se mexer e eu afrouxo meu aperto.

—É melhor eu me limpar. Eu posso sangrar em seus lençóis.

Eu quero dizer que não me importo. Então eu percebo que esses lençóis realmente pertencem a ela – assim como a cama.

— Desculpe.— Eu a ajudo a ir ao banheiro. — Posso pegar alguma coisa para você?

— Certifique-se de que a cama não esteja arruinada. Eu nem pensei em pegar uma toalha.

Ela corre para o banheiro e eu verifico os lençóis – todos limpos. A frustração e a raiva em meu peito se transformaram em contentamento e calma.

— Saia aqui para que eu possa abraçar você e cobri-la de carinho.

A porta se abre e ela está segurando uma toalha, sorrindo para mim.

— Você está tirando sarro de mim?

Apoiando meu braço no batente da porta acima de sua cabeça, eu me inclino para um beijo, puxando seus lábios com os meus.

— Nunca. Eu quero te abraçar... e talvez fazer de novo.

—Ah...— Ela sorri, esticando-se para me beijar novamente.

— Entendi suas intenções. Mas você vai ter que segurar essa vontade. Temos que dormir esta noite.

Ela se dirige para a porta, mas a agarro pela cintura.

— Espere.

Um grande sorriso está em seus lábios quando ela se vira para me encontrar. Ele se transforma em calor, e ela coloca a palma da mão na minha bochecha.

— O que é?

— Quero que você fiquecomigo. Vou colocar o alarme para mais cedo. Eu quero te abraçar esta noite.

Piscando várias vezes, ela balança a cabeça, seguindo-me até a cama novamente. Eu rastejo primeiro, deito-me de costas, e ela sobe, descansando sua bochecha no meu peito. Enfio meus dedos em seus longos cabelos, deslizando meu polegar ao longo de seu ombro macio. É assim que o paraíso deve ser.

Paraíso é encontrar aquilo com que você não pode viver sem e ser capaz de manter.

O inferno é saber que você terá que deixar isso para trás.



Capítulo 10

Noel

Taron está esperando na cozinha enquanto termino de me maquiar. Eu escolhi para usar no festival um vestido de verão com ilhós cor de pêssago e uma cintura império que termina no meio da coxa. Este vestido não permite sutiã, então optei por não usar calcinha também. Fico excitada toda vez que minhas coxas se juntam. Mal posso esperar que ele descubra...

Leon nos informou que iria levar Betsy ao festival, por isso, não precisa de nossa companhia. Ele não tem ideia de que ele seria o verdadeiro acompanhante indo comigo e Taron.

Já ouvi aquela velha expressão sobre tirar a tampa da jarra... ou talvez seja tirar o gênio da garrafa? De qualquer maneira, isso se aplica cem vezes mais a fazer sexo com Taron.

Passamos a semana inteira mal conseguindo manter as mãos longe um do outro. Só fizemos uma vez na segunda à noite, mas na quarta já tínhamos feito mais um milhão de vezes.

Eu disse a ele que tinha começado a tomar a pílula e ele se livrou dos preservativos, dizendo que todos eles foram testados no início, e ele está limpo, o que significa que estivemos nos esgueirando, fazendo isso em qualquer lugar e em todos os lugares.

Fizemos sexo na cama dele todas as noites, na minha cama duas vezes, no velho Chevy vermelho uma vez, no lago todos os

dias... O momento mais quente foi quando estávamos na cozinha juntos, e eu estava cortando pêssegos para fazer compotas.

Eu segurei uma das frutas rosa-avermelhadas e perguntei a ele o que o lembrava... Sim, eu estava sendo travessa e quando vi o fogo em seus olhos, arrastei-o para a despensa. Ele me girou para ficar de frente para a janela e eu agarrei o parapeito, enquanto ele virava minha saia sobre minha bunda de pêssego.

Senti-lo atrás de mim, trabalhando para abaixar suas calças, deixou-me mais quente do que asfalto em julho, e minha boceta estava tão molhada que, quando ele enfiou em mim, eu estava gozando em seu pau.

Uma das mãos deslizou por baixo do meu vestido, segurando e apertando meu seio, roçando meu mamilo entre os dedos. A outra foi entre minhas pernas, circulando e massageando meu clitóris, transformando meus joelhos em líquido.

Eu coloquei minha cabeça para trás em seu ombro, perdendo-me nas sensações zumbindo desde os arcos dos meus pés até o lugar onde nos encontrávamos.

Ele gemia e empurrava com tanta força que eu ficava na ponta dos pés, às vezes saindo do chão, e o barulho que ele fazia quando gozava vibrava em meus ossos. Ele pulsava profundamente dentro de mim, e seu gozo misturado com minha umidade estava escorregadio na parte de trás das minhas coxas.

De lá, pegamos o veículo de três rodas até o lago para nos limparmos. De mãos dadas na água, ele me disse que não tinha certeza de como será o futuro agora que nos encontramos. Eu não podia contar a ele os sentimentos que rodopiavam em meu peito e em meu coração em relação a ele. Eu ainda estava com medo até de pensar neles.

Ele é meu primeiro amor. Ele é meu primeiro beijo de verdade. Ele é meu primeiro em tudo...

Não sei como vou deixá-lo ir em dois dias. Só sei que terei de fazer isso, e não sei o que vai acontecer depois.

Quando entro na cozinha esta noite, paro para observar sua bela forma, parada na minha frente em jeans escuros e uma camisa polo de mangas curtas.

Ele solta um assobio baixo e eu paro na porta me sentindo constrangida.

— Você é tão bonita. — Sua voz está baixa, e ele caminha lentamente até onde estou.

Meu cabelo está penteado em grandes cachos caindo em cascata pelo meu ombro, e ele se inclina para beijar minha bochecha, respirando fundo no meu cabelo.

— Você cheira bem... é um dos seus?

— É a loção que você me ajudou a misturar, lembra? Você escolheu o cheiro.

É coco leve, pêssego e rosa, e quase cheira a um dia na praia – com pêssegos frescos ao lado.

Ele segura minha bochecha e me beija lentamente, possessivamente. Nossos lábios se contraem, e aquele calor familiar e delicioso acende sob minha pele.

Somos os únicos em casa e quero pegar na mão dele e enfiá-la por baixo da minha saia... Porém, sei que se fizer isso nunca chegaremos ao festival, e tenho que entrar em contato com a mãe de Mindy.

— Você me beija e eu esqueço tudo. — Minha mão está em sua bochecha e quando nossos olhos se encontram, sorrimos.

— Eu sou exatamente o oposto. Começo a ter ideias. — Ele me dá aquela piscadela de menino mau e eu começo a rir.

— Vamos. — Puxando sua mão por baixo do meu braço, eu nos conduzo para fora. — Mal posso esperar para ver se as pessoas comprarão minhas coisas e para mostrar a Sawyer o potencial do meu negócio.

Sua mão está em volta da minha cintura e ele me leva até o velho Chevy vermelho.

—Tenho a intenção de explorar sua loja.

— É mesmo?

— Você entendeu. — O ressoar baixo de sua voz faz coisas malucas com minhas entranhas.

— Vamos cuidar da loja verdadeira, então vou deixá-lo entrar na loja secreta um pouco mais tarde.

— Loja secreta. — Ele sorri e me beija novamente .— Estou intrigado.

Balançando a cabeça, eu subo na caminhonete e corro todo o caminho para ficar bem ao lado dele. Percebo o quão preocupada estou com esta loja quando sua mão repousa entre os meus joelhos e eu nem mesmo me arrepio.

A Bíblia diz que há uma hora e um lugar para tudo, e é hora de ver se terei sucesso neste negócio de produtos orgânicos.

O concurso de comer pêssgo está bem encaminhado quando paramos em frente ao centro cívico da cidade e à prefeitura. Tendas se alinham no perímetro e uma grande cabine de bolo em funil nos saúda na entrada.

Taron paga os dez dólares para nos conceder a entrada, e vamos direto para o estande da Sra. Jenny. A mãe de Mindy é mais baixa do que eu e cerca de dezoito quilos mais pesada. Seu cabelo escuro é cortado rente às orelhas e cai em cachos como salsicha em torno de suas bochechas. Hoje à noite, ela está usando um vestido roxo com pequenas flores por toda parte.

— Estamos quase esgotadas com aquelas velas com aroma de pêssgo. — A voz clara da Sra. Jenny se eleva acima do barulho das pessoas conversando e do som da banda ao vivo tocando música zydeco.

— Esgotadas! — Minha voz fica alta e meu coração pula na minha garganta.

— É apenas a primeira noite! Acho que não tenho o suficiente para passar pelo sábado.

— Aquela loção que você fez também foi um grande sucesso. — Ela me entrega uma sacola de vinil verde contendo cheques e dinheiro. — As pessoas estão dizendo que amam o cheiro.

Olhando para Taron, pressiono meu cotovelo em seu lado.

— Foi a loção que você fez, a que estou usando esta noite.

Mas, em vez de ficar animado por mim, sua testa franze. — Você está vendendo aquela? Esse é apenas para você. É o seu perfume exclusivo.

— Taron! — Minha voz fica mais alta.

— Estou tentando abrir um negócio aqui.

— Sim, mas eu só quero esse cheiro em você.

— Há mais de trezentos milhões de pessoas neste país. Eu não acho que os poucos que comprem minha loção vão passar por você e te fazer sentir o meu cheiro.

— Vou sentir o seu cheiro. — Ele se inclina e dá uma inspiração profunda no meu pescoço, em seguida, uma pequena mordida, e eu solto uma risada. A felicidade borbulha em meu estômago. Nunca me senti tão otimista.

A sobancelha esquerda da Sra. Jenny sobe e ela olha de mim para Taron e de volta para mim.

— Noel Aveline, você não me apresentou ao seu namorado.

— Aveline. — A voz de Taron está baixa no meu ouvido, enviando arrepios pelos meus braços.

— Oh, Sra. Jenny Ray, este é Taron Rhodes. — Eu estendo a mão dele para ela.

— Ele é amigo de Sawyer... dos fuzileiros navais.

— É mesmo? — Ela sorri, acena com a cabeça, e eu me sinto envergonhada de repente, como se ela soubesse o que fizemos na despensa.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Ray. — Taron aperta a mão dela educadamente.

— Você está na Marinha com Sawyer? — Sua voz tem aquele tom agudo como quando ela pegou a filha e eu escapulindo pela janela do quarto de Mindy.

— Sim, senhora.

— Então, você vai embora com ele no final da semana?

— Sim, senhora.

Seus olhos escuros se movem para os meus e eu sinto aquele nó doloroso na minha garganta. Uma voz suave está na minha cabeça, *Não íamos falar sobre isso, lembre-se...* Só que isso foi apenas algo que Taron e eu decidimos não oficialmente entre nós dois.

Como se fosse impedir que isso acontecesse.

— É uma pena que não vamos conhecê-lo melhor.

O calor sobe em meus olhos, mas eu pisco para longe rapidamente. Esta noite é para dar as mãos, estar apaixonada e

comemorar o fato de ter um local para vender meus produtos, não para chorar.

Taron não perde o ritmo.

— Prêmio do Outono? Como esse nome surgiu?

Concentro-me no rótulo branco com um contorno do sol em um pêssago sobre uma árvore. Eu gosto do nome Outono. Mindy me ajudou com o projeto.

— Eu amei. — Ele me dá uma piscadela e se vira para a Sra. Jenny.

— Preciso de alguns daqueles protetores labiais.

A Sra. Jenny pega dois potes minúsculos e os estende.

— Eles estão vendendo como pão quente também. É melhor você ter cuidado, porque eles estão sumindo.

Meus olhos se arregalam.

— As pessoas estão roubando?

— Não no meu turno. Estão sendo vendidos mesmo. — Ela espera quando Taron lhe passa uma nota de vinte, e tento decidir se estou chateada ou lisonjeada. — Apesar de ser mais caro do que as pessoas estão acostumadas a gastar em protetor labial.

— É o preço do mercado. — Estou prestes a me defender quando Taron segura meu braço.

— Vamos ver o concurso de comer tortas, não quero perdê-lo.

— Sua expressão me diz para não discutir.

— Você vai ficar bem, Sra. Jenny? Precisa que eu fique?

Seus olhos deslizam de mim para Taron, e ela se suaviza.

— Não, querida. Vá em frente e aproveite o festival. Avisarei você se precisar de alguma coisa.

Dando a volta na mesa, dou-lhe um abraço apertado.

— Obrigada.

Minha mão está de volta na de Taron enquanto caminhamos pelas fileiras de tendas, passando pela banda zydeco no final tocando "Jolie Blonde". Hesito um momento. É minha música zydeco favorita... Mas Taron me dá um puxão, e continuamos em direção ao pavilhão, onde as mesas de piquenique estão dispostas em fila e um grupo de dez crianças e adultos sentam-se em frente a tortas de pêssago com babadores xadrezes brilhantes nas cores vermelho e branco amarrados no pescoço.

Assistimos à primeira rodada, comigo engasgando e rindo. Então Taron vê o show de carros antigos. Ele me puxa para uma fila de veículos, de batedores antigos a carros de corrida. Ele está especialmente interessado no brilhante Modelo T. O proprietário, um homem de Ferriday, tem o prazer de contar a ele tudo a respeito. Ao vê-los conversando, fico surpresa ao descobrir que meu homem é um estudioso de carros.

Meu homem... as palavras surgiram em minha mente espontaneamente.

Posso chamá-lo assim? Meu coração diz um enfático sim, mas nunca conversamos... Eu sou dele?

Enquanto eles conversam sobre negócios, eu examino o terreno da feira. Bandeiras estão por todo lado em comemoração ao 70º aniversário do festival. Avisto meu irmão parado com os braços cruzados ao lado de outro homem mais velho dentro da tenda do produtor oficial de pêssego. O jeito que ele fala, refletindo, pensativo me faz sentir falta do meu pai.

Papai sempre amou o Festival do Pêssego. Era sua época favorita do ano – e não apenas porque sinalizava o fim de nossos dias de trabalho mais difíceis. Era uma demonstração do que ele havia realizado. Ele deixou de ser ninguém para ser um líder em nossa pequena comunidade.

Uma dor velha e familiar está em meus ossos, e os olhos do meu irmão encontram os meus. Ele sorri e eu faço um pequeno aceno. Taron caminha atrás de mim, colocando a mão na minha cintura, e vejo a mudança na expressão de Sawyer, como se ele estivesse vendo pela primeira vez o que esteve sob seu nariz por duas semanas. Não tenho certeza se devo ficar preocupada ou feliz.

— O que mais você quer fazer? — Eu pisco para longe de tudo o que meu irmão está pensando e sorrio para seu amigo.

— Oh, eu já fiz isso centenas de vezes. O que você gostaria de ver?

Ele estreita os olhos como se estivesse pensando.

— Princesa pêssego. Eu quero ver que tipo de supermodelos eles têm competindo este ano.

— É um concurso para crianças de seis anos.

— Que você não ganhou. Essas crianças têm que usar esteroides em concursos de beleza para derrotarem você.

— Não seja exagerado.

— Ainda quero ver que tipo de sistema manipulado eles executam aqui. Você poderia ganhar um concurso toda molhada em um saco de estopa.

Eu balanço minha cabeça, rindo.

— Eu não queria participar.

— Pare de dar desculpas e mostre o caminho.

Somos interceptados por um vendedor ambulante nos guiando até a roda-gigante – algo que eu prefiro fazer do que revisitar meu fracasso de infância.

Uma olhada no meu rosto e Taron compra dois ingressos para nós irmos até o topo e descermos novamente. Estamos na nossa cabine e eu me aproximo dele, passando seu braço por cima do meu ombro e pensando em todas as coisas boas... minha linha de produtos sendo um sucesso, ter este homem maravilhoso de braços dados comigo... eu ouvi Sawyer dizendo que nós tivemos nossa melhor colheita em anos, graças às mãos extras. Tantas coisas boas. Meu coração está cheio de gratidão.

O vento sopra em rajadas curtas misturadas com o cheiro metálico da chuva quanto mais alto subimos. Uma tempestade está se aproximando e eu penso sobre o que está se formando entre Taron e eu. Nosso amor é selvagem como um tornado, devastador e feroz... mas, ao mesmo tempo, pode ser suave e gentil tal qual uma borboleta, pela maneira como ele está tocando minha bochecha agora.

Meus olhos piscam para ele, que sorri.

— Noel Aveline LaGrange. — Tanto amor está em seus olhos que me tira o fôlego.

— Você é a garota mais bonita que eu já vi

Cílios escuros emolduram seus olhos claros, e eu deslizo meu polegar sobre seu lábio inferior carnudo.

—Você é o menino mais bonito que eu já vi.

Isso lhe rende um sorriso sexy.

— Garotos podem ser bonitos?

— Você pode. — Chegando mais perto, coloquei meu queixo em seu ombro.

— Nunca estive tão feliz em minha vida.

— Também estou muito feliz.

— Seu braço aperta em volta de mim.

— Eu gostaria...

Sua voz some e meu peito dói. Eu sei o que ele deseja. É o que penso em todas as noites em que ele me abraça enquanto dormimos. Eu gostaria que ele não estivesse indo embora. Eu gostaria que pudéssemos estar juntos sempre e que as melhores coisas da minha vida nem sempre tivessem um fim.

Eu gostaria que nosso amor durasse.

Erguendo meu queixo, encontro seu olhar sério. As luzes piscam em seus olhos como um milhão de promessas que ainda temos que fazer.

Ele pega minha bochecha e puxa minha boca para a dele, separando meus lábios e traçando sua língua ao longo da minha. Minhas entranhas pegam fogo, e sinto meu estômago subir enquanto a roda se move, levando-nos de volta ao chão.

Um relâmpago ilumina as nuvens e eu guio seu pulso até meus joelhos, sob minha saia, traçando seus dedos mais alto até o ápice das minhas coxas. Seu olhar escurece quando ele descobre meu segredo, e meu estômago aperta. Eu amo o olhar faminto em seus olhos.

—Venha comigo. — Sua voz é áspera como uma lixa e ele me puxa rapidamente do carro, descendo os degraus e atravessando a curta distância até o centro cívico.

O concurso está nas rodadas finais e a música explode, acompanhada pela voz do Sr. Newman, o MC, anunciando os nomes dos cinco finalistas.

O ruído está em meus ouvidos, e meu foco está em uma coisa enquanto ele me leva rapidamente para uma pequena sala, um escritório vazio com apenas o sinal de saída fornecendo luz verde pálida. Nós giramos para dentro, e ele me apoia contra a porta, caindo de joelhos e levantando minha saia.

Minha mão voa para segurar a parede, e eu não o impediria se pudesse.

Seu nariz cutuca minha boceta nua, e meus joelhos amolecem.

— Taron...— É um sussurro tenso enquanto sua língua quente faz sua primeira passagem sobre meu clitóris escorregadio.

— Oh, Deus... Sim...

Mãos fortes agarram minhas coxas, levantando-me mais alto. Ele se espalha por toda parte, enquanto sua boca vai fundo, cobrindo-me, então deslizando sua língua para cima novamente, focando no meu clitóris.

Sua barba arranha a parte interna das minhas coxas, e meus quadris resistem involuntariamente. Minha cabeça cai para trás contra a porta, e uma explosão de música cobre meus gemidos.

Ele me faz gozar com tanta força que minhas coxas estremecem em seu aperto. Gemidos selvagens ondulam da minha barriga. Um milhão de fogos de artifício disparam em minhas veias para uma variação do tema Miss América, e o que ele está fazendo comigo é melhor do que qualquer coroa de mentira.

Com um beijo final na junção da minha perna, ele se levanta, cobrindo minha boca com a sua e abafando meus gemidos. Minhas mãos lutam com as dele para desabotoar suas calças, para empurrá-las para baixo e libertar seu pau enorme.

Eu sofro por ele.

Minha necessidade por ele está no fundo de meus ossos.

Ele não me faz esperar.

Com um impulso forte, ele está dentro, deixando escapar um gemido baixo. Meu braço está em volta de seus ombros, segurando seu pescoço enquanto ele me empurra mais alto, pressionando mais fundo enquanto estou presa contra a porta, e é tão bom. Eu quero abraçá-lo para sempre, com tanta força, e nunca o deixar ir.

O atrito entre nós me leva para cima e para o alto do penhasco com ele novamente. Nossos corpos se agarram e puxam, gememos em uníssono enquanto sobrevivemos a sensação. É incrível... nosso fôlego difícil, aproximando-nos. Posso sentir seu coração bater no meu peito. A música lá fora morre, e somos apenas nós neste espaço.

Nestes últimos dias, o que está acontecendo entre nós é sobre luxúria, necessidade e obsessão com nossos corpos, mas também

é sobre amor jovem, feroz, um amor tão forte que pode ser capaz de sobreviver...

E ter essa sombra próxima bem ao seu lado. O tempo está se esgotando, como o da Cinderela no baile. A dor de saber que em apenas algumas horas tudo vai mudar, vai voltar a ser como era antes, e não seremos capazes de nos abraçarmos assim por muito, muito tempo.



Capítulo 11

Taron

Estou de pé no fundo da sala vendo o homem coroar como Princesa Pêssego uma menina com cabelos ruivos alaranjados e tenho que confessar...

Ela parece um pêssego.

A criança pula pelo palco em um vestido de babados verde-folha, e a música começa. Todo mundo bate palmas. Depois de todos os dias que passei com ela, voando no triciclo de três rodas, pulando no lago, correndo pelo bosque com Akela, trabalhando silenciosamente nos bastidores da cozinha, na linha de produtos dela, na loja... Percebo que isso é algo que Noel nunca se sentiria feliz por estar fazendo. Não que haja algo de errado com isso.

Não é absolutamente a personalidade dela.

A luz atravessa o corredor escuro e ela sai do banheiro. Seu cabelo está sobre um ombro, e um sorriso curva seus lábios... Ela é tão linda. Ela é a melhor coisa que eu já vi, e a verdade me atinge como um trem de carga.

Estou apaixonado por essa garota.

Ela faz uma pausa para conversar com uma senhora segurando uma criança adormecida. A mulher acena com a cabeça e sorri, e Noel empurra uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha com dedos longos e elegantes.

Ela só dá mais alguns passos em minha direção quando uma senhora mais velha a impede. A mulher lhe mostra um frasco de loção corporal Prêmio do Outono, e posso dizer que, pela maneira animada como ela está falando, é uma crítica satisfatória.

Por mais que eu odeie aquele idiota do Digger, ele está certo. Noel é a realeza neste lugar. A maneira como ela se conduz, a graça que mostra a todos que se aproximam dela. Ela não é apenas bonita, inteligente e sexy, ela é especial.

Estou parado ao lado de uma fila de homens ao longo da parede de trás com os braços cruzados, observando o desfile e o espetáculo em torno dele. Eu reconheço alguns deles daquela primeira reunião no Denny's, vi alguns conversando com Sawyer nos campos e percebi que eles fazem parte da comunidade de produtores.

O que significaria construir uma vida aqui com eles? Fica a quilômetros de Nashville, mas me sinto mais em casa do que qualquer coisa que já experimentei. O calor está ao meu lado, e eu olho para minha garota sorrindo para mim.

— Viu o suficiente? — Ela está feliz e adoro ver o brilho em seus olhos quando ela olha para mim.

— Agora eu entendi. Essa menina realmente se parece com um pêssego.

Seu queixo se levanta e ela balança a cabeça como se eu tivesse decifrado o código.

— No próximo ano você pode ser juiz. — As palavras a pegam despreparada, e uma lasca de dor corta meu peito.

Não quero pensar no próximo ano, onde estarei ou quão longe. Eu coloco meu braço em volta da cintura dela e a viro para a porta.

—Vamos sair daqui.

Eu quero passar a noite segurando esta linda criatura em meus braços.

A massa amarela fica marrom dourada e eu olho por cima do ombro.

— Só mais alguns segundos.

Noel está na minha frente, segurando uma espátula enquanto observa seu primeiro lote de assados fritando na frigideira.

— É como fazer panquecas. — Ela estende a mão e rapidamente vira as quatro, perfeitamente douradas.

Eu beijo o lado do seu pescoço, segurando sua cintura, amando a sensação de suas costas contra o meu peito. O fim de semana já chegou, e Sawyer disse a todos para dormirem — o que naturalmente significa que estamos acordados desde o amanhecer roubando cada momento que podemos encontrar para estarmos juntos.

Ontem à noite, eu a segurei bem perto de mim enquanto ela dormia. Meu rosto estava em seu cabelo, e eu fiz o meu melhor para memorizar seu cheiro, sentir seu corpo contra o meu, fazendo tudo ao meu alcance para gravá-la em minha mente. Não quero esquecer como ela se sente em meus braços.

O Baile do Pêssego é esta noite, e ela disse que iria comigo. Fizemos o nosso possível para permanecermos juntos até o momento, mas não podemos fugir da realidade por mais tempo. É minha última noite na cidade. Amanhã, parto antes do amanhecer, e parece que tenho um peso de chumbo pressionando meu peito.

Meu rosto está em seu ombro, e eu respiro profundamente enquanto ela prepara os pequenos bolos de milho. Então ela se vira em meus braços e coloca as mãos no meu peito.

— Decidi mudar a fragrância daquele que vendo. — Sua cabeça se inclina para o lado e ela sorri para mim. — Eu ainda farei esta, mas será apenas para mim.

Não sei por que isso me deixa tão feliz, mas deixa.

— Você vai me enviar um frasco?

— Eu vou te dar o que eu tenho. Vou colocá-lo na sua mala.

Passando meus dedos pelo lado de seu cabelo, eu me inclino e beijo sua bochecha, assim que a porta se abre e Leon entra na sala. Nós nos separamos, mas tenho certeza de que ele me viu segurando-a, beijando-a.

De qualquer forma, ele não fala nada a respeito.

— Café da manhã pronto? — Ele puxa um prato sem fazer contato visual.

Noel está de volta ao fogão, colocando mais quatro bolos na chapa quente.

— Quase. A menos que você queira ovos.

— Não, isso está bom.

Coloco algumas tiras de bacon para fritar e me aproximo para reiniciar a cafeteira. Meus olhos estão em Noel se movendo naqueles shorts que eu amo. Estou criando uma imagem mental quando Sawyer se junta a nós, rosnando por estarmos fazendo muito barulho na casa e o impedindo de dormir.

Noel corta os últimos pêssegos que estavam na geladeira e tomamos um café da manhã tranquilo. Eu acho que é mais do que simplesmente o fim da colheita e esgotamento. Acho que é porque o fato do que está por vir está se estabelecendo. Estou saindo pela manhã, então, alguns dias depois, Sawyer irá embora. Nenhum de nós voltará por muito tempo.

O café da manhã acabou e todos nós levamos nossos pratos para a pia. Leon imediatamente começa a carregar a máquina de lavar louça, mas Noel o impede, puxando-o para um breve abraço.

— É o seu fim de semana de aniversário. Vá pegar alguns pêssegos para mim e eu farei sorvete. — Ele vai até a porta e, quando nossos olhos se encontram, ela assente.

— Vá com ele.

Um sorriso doce está em seus lábios, e eu saio pela porta, seguindo Leon colina acima. Demoramos mais hoje, vasculhando as árvores quase nuas. Sobram principalmente frutas pouco maduras, mas podemos encontrar algumas novas que amadureceram desde que os colhedores partiram.

Comemoramos o aniversário real de Leon há alguns dias, mas o festival pareceu atrair a atenção de todos. Ele tem estado estranhamente quieto nos últimos dias, e eu me pergunto se é por causa de certa adolescente.

— Então... — Estamos andando lado a lado, passando pelas árvores baixas.

— Você e Betsy?

Ele não responde de imediato. Sua sobrancelha ainda está baixa, e ele procura um galho, encontrando mais dois pêssegos.

Depois de colocá-los no balde que estou segurando, ele vira os olhos castanhos para mim.

— Então, você e Noel? — Seu tom afiado me pega desprevenido.

Não sei como responder-lhe ou por que ele parece tão zangado. Dou alguns passos até outra árvore e procuro nos galhos, voltando de mãos vazias.

Limpando minha garganta, eu olho para ele.

—Algo assim.

Cruzando os braços, ele me encara.

— Quanto tempo?

Esfregando minha mão em meu queixo, eu começo lentamente a subir a colina.

—Quase desde o primeiro dia.— Eu sorrio, lembrando-me dela cair da bancada da cozinha diretamente em meus braços.

Ela foi como um presente do céu.

— Você a ama?

Amor. É uma palavra em que pensei mais de uma vez, mas nunca a disse em voz alta. Aqui, neste bosque perfumado com um jovem que me lembra tanto eu mesmo, decido que é hora de ser honesto.

— Eu amo.

— Você falou para ela?

Meus lábios se pressionam juntos e eu balanço minha cabeça.

— Não.

— Por que não?

— Ah... eu não sei. — Exalando uma respiração profunda, eu nívelo com ele.

— Não é justo dizer a ela que a amo e ir embora. Não é correto pedir a ela para me esperar. Não sei o que pode acontecer nos próximos dezoito meses.

— Você estava muito seguro de si quando chegou aqui.

— Eu estava? — Isso foi quatorze dias atrás... parece uma vida inteira. Eu me sinto uma pessoa completamente diferente do cara que surgiu aqui no meio da noite, recém-saído do básico com Sawyer.

— Você disse que cuidaria do meu irmão. Você disse que não deixaria nada acontecer com ele.

Pensei que ele não estivesse me ouvindo.

Erguendo meu queixo, encontro seus olhos.

— Eu falei sério.

— Você terá que cuidar de si mesmo se planeja cumprir essa promessa.

O lado da minha boca se levanta com um sorriso.

— Acho que sim.

Ele se vira e começa a descer a colina em direção à casa.

— Noel é uma garota séria. Ela tem objetivos e não se apaixona por qualquer pessoa. Na verdade, acho que ela nunca teve um namorado sério.

— OK. — Não vou dizer que lamento ouvir isso.

— Quer você peça a ela ou não, ela vai esperar por você. — Ele se estica e pega o balde de pêssegos. — Eu vou chutar sua bunda se você machucar minha irmã.

A emoção me atinge com força no peito. Retardando meu passo, eu o vejo se afastar de mim, subindo os degraus dos fundos e entrando na casa.

Noel está lá, mas eu não vou até ela. Eu preciso pensar. Preciso decidir meus próximos movimentos e o que vou dizer. De qualquer maneira, tenho que contar a ela a verdade antes de ir.



Capítulo 12

Noel

O Baile do Pêssego parece um grande evento, porém é mais uma recepção com música ao vivo e dança. É o evento final do festival, e os organizadores fazem tudo para ganhar dinheiro com bebidas e aperitivos... Mesmo assim, não é um tipo de evento que exija vestido de noite e smoking.

De qualquer forma, tenho um vestidinho preto novo para usar e espero torná-la uma noite especial... Uma memória que eu espero que nos dure algum tempo.

Taron está na cabana e fiz o meu melhor para me segurar o dia todo. Ontem à noite ele dormiu na minha cama, o que foi uma novidade. Normalmente, eu escorrego para a casa dele no final da noite, em seguida, volto para o meu quarto antes do nascer do sol. É mais seguro assim.

Sawyer percebe que algo está acontecendo entre nós. Ele sabe que escapamos para o lago e o reservatório, fizemos juntos o café todas as manhãs e conversamos à noite. Ele sabe que Taron vai me levar ao baile esta noite, mas não sei o que ele diria se soubesse que estamos dormindo juntos. Não quero brigar com meu irmão antes que ele deixe o país.

Então, tenho sido cuidadosa, reservada, mas não consegui impedir Taron na noite passada. Ele entrou na minha pequena cama e se enrolou em volta de mim como um coala. Esta manhã, ele me

ensinou sua receita de bolo de milho, que ele diz ter tirado do canal Food da TV. Tomamos sorvete e rodamos mais uma vez no triciclo de três rodas até o lago. Agora estou esperando que ele venha até minha casa para “me buscar”.

Leon vai levar Betsy e ele saiu há cerca de trinta minutos. Como parte da associação de produtores, Sawyer saiu depois do almoço para ajudar a preparar, derrubar ou basicamente para marcar presença. Mindy me disse que queria ver meu vestido, que ela me ajudou a escolher no dia em que eu disse a ela que iria com Taron.

— Oh, meu Deus, é lindo!

— Você acha? — Virando-me de um lado para o outro, eu olho para o vestido preto curto apenas mantido por tiras finas cruzando minhas costas.

Eu quero que esta noite seja perfeita. Eu quero que tudo dê certo.

Eu preciso que tudo dê certo. Será uma memória que guardarei por muito tempo...

Meu cabelo escuro está penteado sobre um ombro, e coloquei rímel à prova d'água. Deus, eu não quero chorar, mas temo que chore.

— Agora eu preciso ir. — Minha amiga está em sua cama, de pijama vermelho brilhante, comendo pipoca em uma grande tigela verde.

Seu cabelo escuro e encaracolado está em um coque bem no topo de sua cabeça, e em qualquer outro dia, eu seria acompanhante dela.

— O que você fará esta noite?

— Vou tomar um porre de *Big Little Lies* pela terceira vez.

— É ruim eu achar que Alexander Skarsgård é tão gostoso mesmo assim?

— Alexander Skarsgård é um ator. — Mindy adota um tom clínico.

— Você pode apreciar sua gostosura mesmo quando ele interpreta um personagem horrível.

— Noel? — A voz de Taron na cozinha fez meu estômago pular.

—Tenho que correr!

— Divirta-se esta noite! Quero saber de tudo! — Ela me manda um beijo e eu encerro a ligação.

Dando uma última olhada no espelho, pego minha loção especial e dou uma borrifada rápida em minhas mãos e ombros antes de abrir a porta.

Taron me deixa sem fôlego. Ele está de pé no corredor com suas botas, calça jeans escura e uma camisa de botão azul-marinho com um blazer bege por cima.

— Droga .— Ele exala a palavra em uma respiração quente.

Seus olhos verde-azulados brilham de desejo. Eles viajam como uma carícia do meu cabelo aos meus ombros e pelas minhas pernas.

— Você gostou?— Minha voz é tranquila, baixa, e ele fecha o espaço entre nós, puxando-me para seus braços.

Por um momento, nós nos abraçamos. Meus braços estão em volta de sua cintura e os dele estão em volta dos meus ombros. Estou completamente envolvida em seu rico perfume de sabão limpo e cedro. Nossa respiração sobe e desce junta. *Não me solte...*

Eu penso nas palavras que nunca dissemos, aquelas que nossos corpos disseram tantas vezes – cada vez que nos tocamos, provocamos, nos beijamos ou fizemos amor... As palavras ecoam na minha cabeça e no meu coração dolorido.

As unhas de Akela clicam no piso de madeira enquanto ela trota para dentro da sala e se senta ao nosso lado, esperando, como se soubesse que esta é a nossa última noite também.

Os braços de Taron relaxam e ele limpa a garganta.

— Se vamos mesmo, é melhor sairmos logo.

Seu queixo cai e ele passa a mão na boca. Ele quase parece querer dizer mais. Eu quero dizer mais... Tanta coisa paira no ar entre nós.

— Espere um minuto! — Eu procuro em minha bolsa e retiro meu telefone.

— Meus braços não são longos o suficiente.

Ele pega de mim e o segura. Eu faço o meu melhor para ajudá-lo a nos colocar da cabeça aos pés um ao lado do outro. O ângulo foi errado, mas estamos sorrindo, nossas bochechas estão juntas e todos esses sentimentos brilham em nossos olhos. Ele devolve o

aparelho para mim, e eu tiro mais uma selfie apenas de nossos rostos antes de colocá-lo de volta na minha pequena bolsa.

— Vamos agora? — Enlaçando nossos dedos, Taron me guia pela cozinha e sai pela porta dos fundos para a velha caminhonete Chevy.

Por dentro, eu percorro todo o caminho como sempre, para poder descansar minha cabeça em seu ombro. O cinto abdominal está na minha cintura, e eu seguro sua mão com nossos dedos ainda enfiados.

Nós não falamos. No rádio toca uma velha canção country sobre um homem que amou uma mulher até morrer, e fecho os olhos, imaginando se isso é possível. Se Taron poderia me amar até morrer. Eu sei que vou amá-lo...

Dói muito, mas estou determinada a não desperdiçar esses momentos preciosos antecipando a tristeza do futuro. Ele ainda está aqui comigo. Ainda posso tocá-lo, cheirá-lo. Ele ainda é meu agora. Terei muito tempo para sentir sua falta quando ele se for.

O centro cívico se transforma para a festa. Luzes cintilantes brancas estão enroladas em vasos de árvores que revestem a sala. As mesas estão dispostas na metade do corredor com toalhas brancas e pequenas velas no centro. Uma banda está tocando uma mistura de Country, Rock e Jazz na outra extremidade, e as pessoas estão dançando.

Avisto meu irmão conversando com Dutch Hayes e posso adivinhar o que está acontecendo lá. Sawyer tem se preocupado muito com o que vai acontecer com o pomar enquanto ele estiver fora. Eu gostaria que ele falasse comigo sobre isso. Sou perfeitamente capaz de manter as coisas funcionando, mas ele gosta de seguir os velhos hábitos.

Ele se levanta todas as manhãs ao raiar do dia, entra em sua caminhonete e dirige trinta quilômetros por hora para se reunir com os veteranos no Denny's na cidade e conversar sobre as previsões do almanaque e se os trabalhadores migrantes estarão de volta ou não na próxima primavera.

Alerta de spoiler: eles sempre voltam.

— Quer um pouco de ponche? — Taron está sorrindo para mim, e deixo que minha irritação com meu irmão passe.

— Prefiro uma Coca, se eles tiverem.

Ele levanta minha mão e beija meus dedos antes de me deixar em pé ao lado de uma mesa alta no perímetro da pista de dança.

Eu procuro por alguém que conheço enquanto espero, e vejo Leon abraçado com Betsy na pista de dança. Minha testa franze, e me pergunto se eu deveria ter A Conversa com ele. Eu me questiono se Sawyer já fez isso... Ele anda tão distraído hoje em dia e ainda acha que Leon é uma criança. Tenho certeza de que meu irmão mais novo já sabe como funciona o sexo, mas espero que ele esteja sendo mais esperto do que eu sobre controle de natalidade. *Caramba... O que eu faria sem Mindy?*

A voz suave e indesejada de Digger interrompe meu devaneio.

—Você está tão linda quanto eu imaginei que ficaria.

— Digger. — Eu estendo minha mão, esperando bloquear seu abraço usual e beijo na bochecha.

Eu falhei.

Ele me puxa para um abraço rígido e beija minha bochecha, deixando para trás o cheiro forte de sua colônia de limão.

Olhando além dele, vejo Rachel Bishop com os braços cruzados, de pé em seu lado esquerdo e olhando para mim. Eu realmente quero dizer a ela que ela não tem nada com que se preocupar. *Absolutamente.*

— Oi, Rachel .— Estendo a mão acenando para que ela se aproxime, mas ela se vira para conversar com Andie Stevens na mesa ao lado.

Mal-educada. Mas acho que não a culpo. Só porque eu não consigo me imaginar um dia namorando Digger, não significa que ninguém mais possa. Algumas garotas o acham atraente, e acho que seu pai tem muito dinheiro.

— Você está aqui com Taron.— Não é uma pergunta. O nariz de Digger se curva.

— Pelo menos ele irá embora daqui a vinte e quatro horas.

— Eu sei.

— Você acha que ele é alguma coisa, mas não é. Eu chequei. Taron Rhodes não é nada em Nashville. Sem amigos, sem família. — Ele olha por cima do meu ombro para onde presumo que Taron está pegando uma bebida para mim.

— Não entregue seu coração a um cara assim, Noel. Ele *vai* te decepcionar. Acredite em mim.

Minha voz está calma.

— Eu não poderia estar menos interessada no que você pensa. Ele está prestes a falar mais quando uma mão quente pega meu braço e eu relaxo com o toque familiar.

— Esse cara está incomodando você?

Sua voz é desafiadora, e eu olho para o rosto bonito de Taron.

— Ele fala demais. Eu realmente gostaria de dançar.

— Combinado.— Ele coloca nossas bebidas na mesa e levanta o queixo para Digger.

— E aí, Hayes. Incomodando minha garota de novo?

Isso me faz rir, e deslizo minha mão na dobra de seu braço. A expressão idiota de Digger é o suficiente para mim. Eu coloco meu rosto contra o peito de Taron, e nós balançamos no meio dos casais dançando ao som de uma velha música de Patsy Cline. É sobre ter uma foto de quem você ama... só que ele está com outra garota.

Balançamos várias faixas de um lado para o outro e não consigo resistir.

— Sua garota?

— Sim.— Sua voz abaixa, e o ar ao nosso redor parece mudar.
— É isso mesmo.

Ele se inclina para frente, pressionando seus lábios na minha testa, e eu fecho meus olhos, sentindo todas as emoções vibrando em meu peito. Ele levanta a cabeça e olha para o meu rosto.

— Eu estava conversando com Leon hoje, e ele disse algo. Isso me deixou meio confuso.

Não era o que eu esperava.

— Leon?

Ele exala uma risada com a surpresa em meu tom. A música termina, e ele pega minha mão novamente, entrelaçando meus dedos e me levando em direção à porta.

Lá fora, o ar está quente e úmido e um grupo de fumantes está reunido a alguns metros de distância. Ele muda de direção, levando-nos de volta ao Chevy.

Quando chegamos lá, ele me gira para que minhas costas fiquem contra a porta, seus braços me prendendo.

— Eu não podia dizer isso antes... não achei justo dizer isso e ir embora, sem saber por quanto tempo ficarei fora, o que pode acontecer...

— Pare. — Estendo a mão, colocando meus dedos levemente contra seus lábios, meu polegar tocando sua bochecha.

Ele pega meu pulso, beijando minha mão brevemente.

— É tão lindo aqui, muito mais do que eu esperava.— Exalando, ele olha para baixo.

— Apaixonei-me por este lugar, pelo trabalho, pelos bons momentos, até pelo calor. É uma vida simples, mas rica.

Ouvindo-o, eu não consigo mais me conter. Pisco e uma lágrima cai. Ele a apanha com o polegar.

— Eu me apaixonei por você. Eu te amo, Noel Aveline LaGrange.

Minha garganta dói e estou pronta para dizer as palavras que estiveram queimando em meu peito.

— Eu te amo.

Parece acalmá-lo, como se ele estivesse decidindo tudo naquele momento.

— Tenho que te deixar amanhã, mas vou voltar... por você... se for isso que você quiser.

Eu viro sua mão na minha, levando-a aos lábios desta vez, beijando cada junta.

Promessas. Se for para fazermos promessas, vou começar com aquela que fiz em nossa primeira noite juntos.

— Eu vou esperar por você .— Minha voz é suave, mas determinada como a dele. Eu também decidi.

— Eu esperei por você minha vida toda. Vou esperar por você o tempo que for preciso.

Pegando meu rosto, ele cobre minha boca com a dele. Selamos nossas palavras com um beijo. Nossos lábios se separam e seus braços se movem para me circundar, puxando meu corpo contra o dele. Nosso calor flui junto. Nossos corações batem simultaneamente. Nossas palavras são reais e verdadeiras.

— Você está tão linda... seu cabelo, este vestido. — Ele olha para baixo, nosso amor brilhando em seus lindos olhos.

— Você se importa se encerrarmos a noite?

Sorrindo, eu balanço minha cabeça negativamente.

— Eu só quero estar com você.

Nós nos dirigimos para casa, minha cabeça em seu ombro todo o caminho, ele me leva para a minha cama. Fazemos amor de uma forma diferente das outras vezes. É deliberado e lento, cheio de adoração, enfatizando as palavras que falamos com uma união tão elementar, tão humana.

Ele me abraça a noite toda, e quando eu acordo na manhã seguinte, ele se foi.

A presença de Sawyer me impede de desmoronar nos próximos dias – assim como as mensagens de texto e ligações constantes de Taron. Conectamos o Facetime todas as noites na mesma hora em que costumávamos nos sentar no meu quarto e conversar, o joelho dele contra o meu, vendo-me trabalhar no meu sonho.

Ele parece tão bem, mas eu só desejo tocar seu rosto mais uma vez. Só quero sentir o calor de sua pele. Isso me dá força, mesmo assim, sinto-me tão sozinha sem ele que dói no fundo dos meus ossos.

O dia em que Sawyer vai embora é quase mais do que consigo suportar.

Depois de perder nossos pais, nós três formamos um vínculo tão forte que pensei que nunca nos separaríamos. É claro que nos casaríamos e teríamos nossas famílias, mas sempre acreditei que estaríamos no mesmo lugar, próximos um do outro. Nós nos unimos por meio de um trauma tão intenso, como poderíamos ficar separados?

Ele joga sua mochila na parte de trás de seu Silverado e dá um abraço em Leon. Meu irmão mais novo não quer chorar na nossa frente. Ele quer ser um homem forte. Ele se despede de Sawyer e vai embora, correndo colina acima até o bosque.

Meu irmão entende.

— Eu vou cuidar dele. — Eu pisco para afastar as lágrimas, dando-lhe um sorriso corajoso.

Sawyer parece realmente muito bem saindo para servir e proteger nosso país. Ele é um homem bonito, tem o cabelo escuro de nosso pai, queixo quadrado, constituição forte, e os lábios carnudos e olhos castanhos de nossa mãe.

As garotas da cidade desmaiam por causa dele, mas ele só namorou Tatum Ray, a irmã mais velha de Mindy. Quando ela saiu para seguir seu sonho de se tornar atriz, ele abaixou a cabeça e se concentrou no pomar.

Agora ele está indo embora.

Ele limpa a garganta e olha por cima do ombro em direção aos bosques.

— Eu disse a Dutch que estava deixando o lugar nas suas mãos.

Seu tom é calmo, decidido, mas poderia me derrubar com uma pena.

— Você fez isso? — Meus olhos estão arregalados.

— Eu pedi a ele para cuidar de você como ele fez por mim quando eu assumi, mas é o seu lugar. Você é a chefe enquanto eu estiver fora. — Olhos castanhos encontram os meus e tenho certeza de que ele vê o choque ali. Sua testa franze. — Se não houver problema.

Leva apenas um segundo para eu arrancar meu queixo do chão.

— Sim! Isso é ótimo!

Ele acena com a cabeça daquele jeito silencioso dele.

— Eu observei você neste verão. Você tem o que é preciso para estar no comando. Leon pode ficar com os alunos do ensino médio... Você terá que contratar alguém para trabalhar como capataz, Digger ou outra pessoa.

— Sawyer! — Eu dou um passo à frente, abraçando-o com força, sentindo as lágrimas escorrendo pelo canto dos meus olhos. — Obrigada.

Mãos fortes vão de meus lados até minhas costas, e ele me abraça com firmeza.

— Eu acredito em você, irmã. Deixe-me orgulhoso.

Meu nariz está quente e me manter firme requer toda força de vontade que possuo.

— Eu vou. Eu prometo. — Limpo meu rosto com a mão.

— Volte em segurança para nós, ok?

Seus lábios se curvam em um sorriso e ele faz um breve aceno de cabeça antes de subir em sua caminhonete e partir.



Capítulo 13

*Noel
Setembro*

— Então, devo formar uma Sociedade de Responsabilidade Limitada o mais rápido possível? — Estou deitada no chão do meu quarto, apoiada nos cotovelos sobre um livro de contabilidade, e Mindy está ao meu lado comendo pipoca.

— Por que isso é tão difícil para você? — Ela mastiga ruidosamente.

— Acho que você tem um bloqueio mental.

Antes de Sawyer ir embora, fiz com que ele concordasse que minha ideia para uma loja tinha valor, principalmente porque tudo se esgotou no festival, e eu ganhei quase quatro mil dólares – o suficiente para cobrir metade das mensalidades do meu primeiro semestre.

Lancei oficialmente o Prêmio de Outono como loja online e já recebi uma enxurrada de pedidos. As velas e o protetor labial esgotaram-se nas primeiras vinte e quatro horas, e só me restaram alguns frascos de loção e esfoliante de açúcar – sem falar na fragrância de caramelo derretido.

Foi bom por duas coisas, na realidade. Eu não conseguia levantar da cama depois que Sawyer partiu. Comecei a dormir na cabana do capataz, enrolada nos lençóis de Taron e chorando até

dormir... Akela ficava aos meus pés com a cabeça nas patas como se soubesse que eu estava de luto.

Leon finalmente me convenceu – principalmente porque ele ficou sem comida e disse que morreria de fome se eu não saísse da cama e comesse a cuidar de nós.

Lentamente, eu voltei. Tirei os lençóis da cama na cabana e os lavei... exceto a fronha, que ainda mantenho debaixo do travesseiro todas as noites. Meu cronograma de aulas chegou pelo correio e liguei para Mindy, que veio imediatamente para comparar e reorganizar.

Em seguida, ela me ajudou a colocar a loja online em funcionamento.

Agora ela está tirando A em todas as nossas aulas, enquanto eu estou estudando pra caramba e ainda me sinto perdida.

— Acho que pensei que seria mais fácil.

Minha melhor amiga suspira alto, empurrando o cabelo para trás dos ombros.

— Com uma Microempresa, você é a responsável por tudo, mas a Responsabilidade Limitada a protege de ser processada se alguém for prejudicado por seu negócio.

— Processada. — A palavra faz o sangue escorrer do meu rosto.

— Tipo, se eu deixar alguém doente?

— Ou se alguém alegar que você o deixou doente. Vadias são loucas! — Ela inclina a cabeça, sentando-se ereta em seu pijama de seda e uma camiseta da marinha. — Sua loja é uma ótima ideia. Seus cosméticos são um sucesso. Quanto maior ficar, mais vulnerável você se tornará. Como o pomar é formado? Tenho certeza de que é uma Sociedade de Responsabilidade Limitada.

— Inferno, eu não sei! — Eu caio de costas, jogando minhas mãos para cima. Estou com uma camisa de botão de flanela rosa e legging, e me sinto muito ignorante.

— Sawyer nunca me falou nada sobre essas coisas. Ele apenas deixou Johnny cuidar de tudo.

— Bem, Johnny pode continuar cuidando disso, mas você tem que passar na matéria de contabilidade.

— Novamente: por que eu ia querer ser uma graduada em Administração?

— Porque você é uma mulher inteligente e independente e está administrando um negócio agora.

O aplicativo Facetime no meu laptop começa a tocar e todo o meu corpo se anima.

—Taron!

Minha melhor amiga nivela seus olhos verdes em mim.

— Nós temos que estudar.

— Tanto faz. — Eu pulo e me olho rapidamente no espelho, passando os dedos pelo meu cabelo.

Ela se levanta, dando um suspiro exagerado e batendo em seu telefone enquanto sai do quarto.

— De qualquer maneira, sei que você vai stalkear o carinha novo. — Satisfeita com minha aparência, aperto o botão verde do meu computador.

— Isso se chama seguir em frente com a minha vida — ela grita de volta.

— Seguir em frente? — O olhar magnético de Taron me atinge e meu estômago aperta. *Nunca...*

— Mindy está sondando um aluno novo da nossa turma de finanças. Ele é de Dallas. — Sua testa franze e eu balanço minha cabeça. — Não se preocupe, ele não é meu tipo.

— Qual é o seu tipo?— Sua voz cai para sexy e meu interior chia.

— Hmm...— Eu sorrio, inclinando minha cabeça em minha mão, desejando poder aconchegar meu nariz em seu pescoço. — Alto... cabelo escuro, olhos magnéticos...— Eu corro meus olhos pela tela como se realmente tivesse que pensar sobre isso.

— Brincalhão, mas forte... Me segura se eu cair...

— Boa sorte em encontrar esse cara. — Isso me faz rir, e Akela trota no quarto. — Ei, Akela! Aí está a minha garota.

Suas orelhas se inclinam para trás e ela se senta, fazendo um ruído suave quase como um gemido, como se ainda estivesse confusa porque ele está naquele pequeno retângulo e não aqui conosco. Eu acaricio sua cabeça antes de voltar para a tela.

— Você apareceu cedo esta noite! Interrompeu minha sessão de tortura contábil.

— Desculpe. Terminamos mais cedo e estava com saudades de você. Veja isso.

— Ele segura o telefone e vejo uma vasta copa de árvores verdes e montanhas.

— Não é o máximo?

Os rapazes foram desviados para o México a fim de ajudar na manutenção da paz ao longo da fronteira. Taron diz que é muito chato, principalmente andar por aí e ficar visível. Eu me preocupo que alguém possa tentar atirar neles. A situação é tão tensa – pelo menos assim parece de onde estou sentada.

— Eles vivem dizendo que iremos para Caracas em breve, mas parece que podemos ficar presos aqui por um tempo. — Enquanto ele fala, entra em um prédio bege.

— Estou presa na contabilidade. Mindy é muito boa em me explicar tudo, mas existem tantas leis tributárias!

Ele vai para um pequeno quarto e deita-se na cama, colocando o braço atrás da cabeça. Seu bíceps flexiona e eu quero colocar minha cabeça em seu peito.

— Seu irmão não tem um contador?

— Sim, mas para me tornar uma especialista em negócios, aparentemente preciso saber de todas essas coisas também.

— Como vai o seu negócio?

— Bem! Estou ficando sem produtos, no entanto. Não tenho ideia de como as pessoas estão descobrindo sobre mim. Não tive tempo de fazer muito marketing.

— Você mesma disse, as pessoas procuram produtos limpos e orgânicos. — Ele levanta o pequeno frasco redondo de máscara hidratante para os lábios. — Estou quase ficando sem isso.

— Vou fazer um pequeno pacote de tratamentos para você.

Eu imediatamente começo uma lista mental de todas as coisas que vou adicionar. Impressões das fotos que tiramos antes do baile de pêssego – as duas emolduram a minha cômoda. Um livrinho de trocadilhos de pêssego que encontrei em uma loja de presentes. Uma bola de tênis com uma linha...

— Falei com Sawyer ontem à noite.

— Sua voz está baixa e ele imediatamente tem minha atenção.

— E, então?

Ele muda de posição, sentando-se.

— Tínhamos vigília noturna e estávamos praticamente tentando não adormecer... Ele me perguntou se nosso relacionamento era sério.

— O que você disse? — Não sei por que meu peito está apertado.

— O que você acha que eu disse? — Os lindos olhos de Taron se enrugam com seu sorriso.

— Eu disse sim.

— Como ele reagiu?

— Do jeito dele. Ele acenou com a cabeça e não disse muito. Acho que ele está de acordo, mas eu temo pela minha segurança.

Ele está brincando, mas eu estou mordendo meu lábio inferior.

— Eu me questiono por que será que ele não me perguntou?

— Provavelmente porque Leon já ameaçou chutar minha bunda.

Meu queixo cai com isso.

— Leon? Ele... fez o quê?

— Eu disse que ele se preocupava com você.

Isso me faz sentar de novo. Eu olho para o lado, pensando em meus dois irmãos e como eles são inesperados. Leon anda por aí reclamando sobre como ele vive morrendo de fome e é uma peste, mas não parou de me ajudar com a limpeza após as refeições. Ele realmente começou a contribuir ainda mais desde que os rapazes foram embora, realizando tarefas e mantendo o controle de sua agenda melhor.

Sawyer deixou todo o pomar em minhas mãos, e agora isso.

— Não diga nada a ele. Isso foi entre nós.

— Eu não vou.

Vozes altas preenchem o fundo, e Taron olha por cima do ombro.

— Os rapazes estão vindo. Acho que está tarde demais para você me mostrar seus seios.

— Taron! — Minha voz fica alta, mas um formigamento está entre minhas coxas.

—Tenho certeza de que Sawyer não gostaria disso.

— Ele não precisa saber tudo o que fazemos.

— E Mindy está aqui.

Seus lábios carnudos pressionam em uma linha.

— Parece um não.

— Eu sinto sua falta.

— Eu também sinto sua falta, princesa.

— Eu nunca fui uma princesa.

— Eu também não sou um príncipe.

Inclinando-me para frente, beijo o ar na frente da câmera.

— Você continua lindo.

Dizemos boa noite e saímos, e eu me sento por meio segundo antes de pular e correr para o banheiro. De costas para a porta, desabotoo minha camisa e tiro uma foto rápida dos meus seios nus e mando uma mensagem para ele.

Meu estômago está apertado e eu sinto que estou sendo insanamente ruim. Recebo uma resposta de texto imediata.

Linda. Exatamente o que eu precisava.

Eu digito uma resposta rápida.

Eles sentem falta de seus beijos.

Agora você está apenas sendo cruel.

— Onde diabos você estava?— A voz de Mindy do lado de fora da porta me faz pular.

— Você está aí chorando?

— Não...— Termino com um emoji de coração e um beijo.

Ele responde com uma beringela, e eu rio, mandando-lhe um pêssego, ao qual ele responde:

É isso.

Eu te amo.

Te amo de volta.

Eu rapidamente apago a selfie da nossa mensagem de texto e desligo meu telefone. Eu preciso voltar ao trabalho, mas tenho uma

ideia para trazê-lo um pouco mais perto.



Capítulo 14

Taron
Dezembro

Uma caminhonete Chevy vermelha do tamanho de uma caixa de fósforos está na caixa que recebi este mês, junto com uma foto de Akela olhando para um bolo de milho queimado. Outra foto de Noel segurando as laterais do cabelo sobre um livro de contabilidade me faz rir, e um recorte de jornal daquela garotinha ruiva segurando uma vela da Prêmio de outono.

Uma carta manuscrita de duas páginas explica tudo, como Noel não tem sido capaz de fazer um bolo de milho decente desde que eu saí, o que não acredito. Como estão as provas finais de contabilidade esta semana e como o jornal local fez uma reportagem sobre sua linha de produtos – endossada pela nova Princesa Pêssego.

A Chevy vermelha não precisa de explicação...

Eu traço meu dedo ao longo dos redemoinhos de sua caligrafia, pensando em como isso parece valioso para mim agora. Mandamos mensagens de texto um para o outro todos os dias, durante o dia todo, e nos conectamos no Facetime todas as noites. Ainda assim, isso é especial. Coisas que ela esquece de me dizer ou guarda para essas cartas mensais. Segurando-a contra o nariz, eu inalo longamente seu perfume característico, e meu desejo por ela é profundo.

— Papai quer saber quanto tempo mais ficaremos no México.
— Patton Fletcher está em seu beliche em frente ao meu zombando de sua carta mais recente.

— Ele não está impressionado com a falta de perigo em nossa missão, acha que deveríamos perguntar se vamos partir mais cedo, já que estamos claramente sendo usados para o serviço da Guarda Nacional.

— Ele quer explodir as suas bolas.

— Talvez... mas não inteiramente.

— Ele está preocupado que a comunidade empresarial de Nashville não encontre um imóvel decente sem você.

O pai de Patton é dono da Fletcher Properties e, durante anos, afirma que vai se aposentar e dar a empresa à sua filha. Eu vou acreditar quando eu vir. George S. Fletcher, Sr., é a Rainha da Inglaterra quando se trata de sua empresa incipiente que se tornou uma corporação multimilionária. Vão ter que arrancar as rédeas de suas mãos frias e mortas.

— Ele ainda não entende por que estamos aqui. — Balançando as pernas para fora do beliche, Patton vai até a mesa e liga seu laptop.

— Ele acha que eu me alistei para concorrer ao Senado.

Minha sobrancelha se curva. Eu nunca havia pensado nisso.

— Foi por isso?

Olhos negros golpearam os meus.

— Não tenho interesse em política... exceto em como isso afeta meus negócios. — Ele muda o foco do laser para a tela do computador.

— Viemos aqui para fazer a diferença.

Suas palavras se tornaram uma espécie de mantra entre nós. Lembro-me de nós sentados depois de um dia jogando basquete. Patton sempre quis fazer mais. Víamos práticas militares e ele sempre estava interessado. Conforme o mundo se tornava mais caótico, mais obcecado com as aparências e posses, ele falava sobre como os militares o mantinham simples, fundamentado – servir e proteger.

Foi inesperado vindo dele, o garoto que cresceu com a colher de prata na boca, mas concordei. Minha vida familiar não me deu

muito do que me orgulhar, e eu não tinha muitas perspectivas. Trabalho duro e disciplina não me assustavam, e a ideia de nós três fazendo isso parecia um bom plano. De qualquer forma, passamos a maior parte do nosso tempo juntos. Então conhecemos Sawyer.

Então eu conheci Noel.

Ela é tão bonita. Ela tem sonhos e muito pela frente. Eu quero fazer a diferença também. Claro, nunca poderei ser um príncipe, mas poderei ser um herói. Eu treinei para isso. Se eu pudesse fazer algo, voltar com uma medalha, um distintivo de honra, ninguém poderia dizer que não pertencemos um ao outro. Eu quero dar isso a ela. Eu quero merecê-la...

E eu realmente quero estar com ela no seu aniversário.

Noites falando com ela só pela tela do computador ou vendo seu belo corpo através do meu telefone estão me cansando. Ela vai fazer dezenove anos em poucos dias, e eu daria tudo para estar lá com ela.

— Gostaria de ter alguns dias de licença.

Patton me olha como se eu tivesse perdido o controle. Estou frustrado por ainda estarmos na fronteira. Vamos para onde nos mandam, mas essa missão parece mais motivada politicamente do que estrategicamente. Principalmente porque não estamos vendo muita ação.

— O que diabos você está interessado em fazer? Visitar sua mãe? Jerome?

Ele sabe que depois que minha mãe voltou para as montanhas, eu praticamente perdi o contato com ela. Meu tio é alguém que nunca pretendo visitar.

— Estou apenas me sentindo preso. Agitado. — A implantação, em minha mente, seria mais ativa e mais distante – Afeganistão ou Venezuela, como nos disseram, não aqui mesmo, nos limites de nosso próprio país.

— Você sabe o que seria ótimo agora? — Marley entra, caindo no pé do meu beliche. — Comestíveis.

Puxando minha perna para cima, dou um empurrão nele.

— Eu disse para você não gastar sua licença festejando. Agora você está em abstinência.

— Maconha não vicia.

— Talvez não, mas imagino que você se acostume a ficar chapado o tempo todo.

— Nem sempre.

— Você é um fuzileiro naval. — Patton olha para nosso amigo.
— Você não acorda para ficar chapado.

— Fuzileiros navais fumam. Eles bebem. A maconha é legal agora.

— Tenho uma ideia melhor. — Patton se inclina para trás, esfregando os dedos na boca.

— Algo para depois disso. Algo que usará todas as nossas habilidades.

— Vamos.— Marley se senta.

— Qualquer coisa é melhor do que ficar olhando para a selva dia e noite.

— Fletcher Internacional.

Marley geme e Sawyer entra na sala.

— O que eu perdi?

— Patton ainda acredita que seu pai vai se aposentar e dar-lhe o negócio.

— Ele vai, e quando o fizer, estarei tornando todos nós podres de ricos.

Marley pega uma bola de golfe da mesa de Patton e a joga no ar.

— Achei que viéssemos aqui para fugir de tudo isso.

— Viemos aqui para servir e proteger— concorda Patton.

— E quando sairmos, eu terei tudo sob controle.

— Estou seguro .— A voz de Sawyer está baixa.

— Sim, Sawyer tem cem acres em casa.— Marley me dá um empurrão de volta.

— Você esteve lá.

— Sawyer se alistou para dar um tempo. — Estou brincando, mas ele olha para mim. Eu disse a ele que estava falando sério sobre sua irmã, e estava mesmo.

— Isso ainda está muito longe. — Marley me joga a bola de golfe.

—Eu não vim aqui para ficar sentado sonhando. Vou encontrar algo para fazer.



Capítulo 15

Noel
Abril

Dolly Parton diz que quando você estiver se sentindo para baixo, coloque seus saltos altos favoritos e fique um pouco mais alta. Passei nove meses me levantando todas as manhãs e calçando um par de saltos diferente.

Eu me movimenteiei cozinhando, limpando, garantindo que Leon tivesse o que precisava e chegasse à escola na hora certa. Mindy me acompanhou, convidou-me para eventos da faculdade, mas era difícil me interessar por atividades extracurriculares.

Os alunos estavam muito entusiasmados com os jogos de futebol, o retorno para casa e derrotar nossos grandes rivais, mas eu não conseguia reunir energia para me importar. Consegui tirar quase todos os As nas minhas aulas de Administração, com meu único B em contabilidade.

Meu aniversário foi um dia inteiro de conexão pelo Facetime com Taron. Ele me enviou um pacote de aniversário, que abrimos juntos – uma grande caixa de chocolate maia, um anel de prata de lei e pedra turquesa que ele disse ser de Taxco, um coração degradê de vidro soprado e uma pequena caveira de madeira decorada com flores e desenhos brilhantes para o dia dos Mortos. Eu estava agarrada com cada um deles e delirava sobre como seus

presentes eram bonitos e atenciosos. Prometi que nunca tiraria o anel do meu dedo.

Sawyer me ligou, uma das duas vezes que conversamos desde que ele saiu. Como sempre, ele foi direto, direto ao ponto. *Como está o pomar, como está Leon, como você está...* Minha resposta foi boa para todos. Ele disse que era muito tranquilo onde eles estavam, e que ele e Taron estavam cuidando um do outro. Ele não disse nada sobre a conversa deles sobre mim.

Eu gostaria de poder dar um abraço nele. Depois de dezenove anos, eu aprendi que apesar de meu irmão mais velho não falar muito, seus sentimentos são profundos. Às vezes, sua única maneira de se expressar era por meio de um abraço, um tapinha nas costas ou um sorriso. Sinto falta dele mais do que pensei que sentiria.

O presente de Leon para mim foi um cartão: *"Tire o dia de folga"*... o que significa que ele cozinhou e limpou tudo no meu dia especial. Ele fez nosso café da manhã – ou o McDonald's fez. Ele se limpou e disse que voltaria com o jantar, depois de sair para passar o dia com Betsy. A mãe de Betsy enviou o jantar.

Eu realmente não me importei.

À tarde, dirigi até a casa de saúde de Pine Hills e deixei uma cesta de muffins de pêssego, calda de chocolate e itens excedentes da minha loja online. Tia Doris faleceu há algumas semanas e, embora tenha sido triste, fiquei feliz por ela estar em paz. Era difícil vê-la se afastar cada vez mais de nós em sua mente.

Mindy não estava lá quando cheguei, mas me sentei e conversei com a Srta. Jessica Priddy, a velha solteirona que morava na casa ao lado da nossa. Ela não tem demência, mas diz que sua saúde é muito ruim para viver sozinha. É pequena, parecida com um pássaro, e usa o cabelo em um coque na nuca. Ela geralmente usa brilho labial e um avental chique sobre as roupas, e eu me pergunto como seria ter apenas amigos para cuidarem de você.

Depois de um jantar solitário em frente ao fogo, terminei o dia na minha cama, conversando com Taron até nós adormecermos. Na manhã seguinte, acordei com uma tela escura e lençóis frios, e fiquei debaixo dos cobertores com lágrimas nos olhos até bem depois do meio-dia.

Meses se passaram e começou a parecer que o peso nunca iria embora, mas como sempre, o tempo acabou por ser o curador.

As flores de pessegueiro abriram suas pétalas ao longo dos galhos das árvores por todas as colinas onduladas de nosso pomar, e uma luz pareceu aparecer no final do meu longo túnel.

Esta manhã, não estou usando salto.

Estou com minhas botas e um suéter no topo da colina, observando enquanto o sol toca as flores rosas com uma luz dourada.

— É bom ver que você não está chorando mais. — A voz de Leon aparece ao meu lado, e coloco um braço em volta de seus ombros.

— Eu não estou chorando. — Eu expiro lentamente. — É hora de trabalhar. O que é preciso fazer aqui?

Ele encolhe os ombros fora do meu abraço, dando um passo para quebrar um pequeno galho saindo do tronco de uma árvore.

— Sawyer cuidou da poda em julho, então devemos ficar bem. Talvez ir para a cidade e ver o que os veteranos estão dizendo sobre a geada?

— Sim. — Eu aceno, o conhecimento vazando em minha memória.

— Geada tardia é ruim.

Temos moinhos de vento especiais em todo o pomar para puxar o ar quente do solo e proteger a safra jovem.

— Vou dirigir até a cidade e ver o que eles estão dizendo.

— Boa sorte. — Leon ri, balançando a cabeça.

— Eu tenho que ir para a escola.

— Você precisa de alguma coisa?

— Não, eu tenho tudo sob controle.

Segurando um galho magro, tomo uma decisão. Esta é minha terra e não vou decepcionar meus irmãos.

Estou no Denny's ao lado da parada do caminhão menos de uma hora, mas está deserto, exceto por alguns viajantes cansados. Olhando para o meu telefone, eu só tenho vinte minutos antes de atravessar a rodovia para a aula.

— Bom dia, docinho. Café? — Flo caminha até onde estou ao lado de uma cabine coberta de vinil.

— Eu estava apenas procurando o Sr. Hayes e o resto dos homens.

Ela me dá uma risada curta.

—Você tem que chegar aqui mais cedo para ver esses caras.

Merda. Mordendo meu lábio, eu aceno e corro para a porta.

— Obrigada, Flo.

Minha melhor amiga tem um lápis enfiado no coque em sua cabeça, e estamos sussurrando na aula de administração.

— Geada?

— Sim, o que você ouviu sobre uma geada tardia este ano? — Estou pensando na minha falta de habilidades de gestão na primeira metade do ano e me sentindo culpada.

Mindy olha para mim como se tivesse acabado de brotar uma cabeça adicional em mim.

— Você está falando sério?

— Estou tentando fazer um trabalho melhor de controlar as coisas enquanto Sawyer está fora.

Nosso professor nos dá a tarefa de casa, nos dispensa e nossas vozes ficam mais altas por causa do barulho dos alunos que estão indo embora.

— Estou feliz. — Ela se levanta e nós fazemos nosso caminho até o final da fileira, onde vejo Deacon esperando na porta.

É difícil não o notar, alto, com cabelo castanho escuro e olhos taciturnos. Como de costume, ele está vestido com jeans e um blazer. Não acho que queira exalar riqueza. Eu acho que é apenas seu estado normal.

— Eu pensei que ele tinha voltado para Dallas?

— Ele voltou. — Ela olha e dá-lhe um pequeno aceno. —Ele se irritou de novo com a família, então voltou.

— Então você está namorando agora? — Eu olho para ela. Ela nunca oficializou nada entre eles.

— Eu não sei. — Ela dá um pouco de ombros. —Não tenho certeza se ele é o meu tipo.

Balançando a cabeça, eu dou-lhe um aperto.

— Ele é do tipo de alguém.

— Você irá visitar a Senhorita Jessica hoje?

— Logo após as aulas.

— Vejo você lá, então.

— Oh, eu amo o cheiro deste creme de pé. — Jessica se senta em um sofá de vinil no salão de recreação, esfregando minha loção em seus pés.

— Eu não posso acreditar que isso não tenha vendido. — Ela coloca uma meia fofa e se inclina para trás estudando a garrafa.

Ela se tornou uma das minhas melhores clientes, e eu trago os favoritos dela da minha linha descontinuada junto com coisas novas que estou testando. Claro, eu nunca a faço pagar por nada.

— Talvez eu não tenha acertado o nome. — Eu chego à bolsa pequena que trago hoje. — Eu não achava que esse esfoliante de açúcar ia se sair bem, mas eu o chamei de Paixão de Pêssego, e ele voa das prateleiras.

— Acho que é difícil ser apaixonado por pés.

— Eu acho que ter ‘pé’ no nome é um problema.

Ela pega o frasco cor de caramelo de mim e abre, cheirando-o.

— Estou feliz que você me trouxe mais deste. Funciona muito bem nos meus cotovelos.

Eu tiro outro pote pequeno.

— Isso é um creme para os olhos que eu estou testando. Veja o que você acha.

— Oh, eu amo creme para os olhos. — Ela pega o frasco minúsculo e desatarraxa a tampa, aplicando um borrifo enquanto nos sentamos lado a lado.

— É bom... Eu gostaria de saber como usar essa Internet para que eu pudesse dizer a todos como seus produtos são ótimos.

Eu rio, e ela estende a mão para segurar a minha.

—Você parece feliz hoje. É por causa de Taron?

— Eu não sei. — Minha testa franze enquanto penso no que mudou em mim.

— Acho que talvez seja a primavera.

Sua mão manchada da idade bruscamente dá tapinhas na minha, e ela acena.

— Quando meu irmão Bill estava no serviço, os primeiros meses eram sempre os mais difíceis. Nós só tínhamos cartas

naqueles dias, e parecia que uma pequena eternidade passou entre cada uma.

— Eu não posso imaginar. — Taron e eu não usamos mais o Facetime todos os dias, mas nossos textos são bem ininterruptos.

— Talvez as flores de pêssigo tenham feito isso. Eu as vi aparecendo nas árvores, e decidi que era hora de voltar à ativa.

Ela acena.

— Sua distração é o seu negócio?

— E cuidar do pomar. Focar nas minhas aulas. — Penso em todas as encomendas que vêm todos os dias para os meus produtos.

— Mas principalmente o meu negócio. Eu tenho que ficar em cima dele se eu quiser continuar lucrando, o que é a única coisa que pareceu interessar Sawyer.

—Você vai. — Ela sorri, dando um aperto na minha mão.

— Quando seu irmão e Taron voltarem, você terá sua loja.

Ela faz parecer que eles foram embora por alguns dias. *Que sonho.*

— Talvez. Sawyer não me deixe construir nada no pomar. Ele não quer turistas no caminho. Eu tenho que mostrar a ele que eles são clientes valiosos.

A testa dela se enrugou como se ela estivesse pensando nisso, e eu guardo os itens que fiz para ela na bolsa de novo. Meus movimentos chamam a sua atenção.

— Quanto eu te devo por isso?

— Oh. — eu sorrio e exalo uma risada.

— Não se preocupe com isso.

— Eu me preocupo com isso, Noel Aveline. — Sua voz áspera fica alta. — Você nunca vai expandir seus negócios doando coisas, e eu sempre pago minhas contas.

— É o seguinte. — Eu acaricio sua mão.

— Vou pedir a Mindy para deduzir de sua conta. — *Sua conta imaginária.*

A velha acena com a cabeça.

— OK. Peça para Mindy fazer isso.

— Eu vou cuidar disso agora. Então, tenho que voltar para fazer o jantar para Leon.

— Você estará de volta na próxima semana?
— Se não antes.— Eu dou um abraço nela. — Mande recado por Mindy se precisar de alguma coisa.

Naquela noite, deitada em minha cama, penso em nossa conversa enquanto escrevo uma mensagem para Taron.

Senhorita Jessica perguntou por você hoje.

Eu lhe apresentei Taron usando meu aplicativo Facetime um tempo atrás, e você poderia pensar que eu lhe tinha mostrado o pouso na lua. Pontos cinzentos saltam quando ele responde.

Diga a ela que quando você estiver cansada de mim, vou começar a namorar com ela.

Sua provocação me faz sorrir.

Eu nunca vou enjoar de você.

É difícil até mesmo imaginar tal coisa em nossa situação atual.

***Ela disse que quando Sawyer voltar, poderei abrir minha loja.
Você não tem que esperar por isso, não é?***

Mastigando meu lábio, eu estudo meu telefone. Não quero incomodá-lo com seus planos, mas não pensei que poderíamos nos separar dessa forma por anos e anos. Posso dizer adeus a ele indefinidamente? A alternativa torna mais fácil dizer sim, mas muito difícil de imaginar. É possível se acostumar com essa vida?

Eu preciso de ajuda com um pomar, uma loja e uma escola.

Observo os pontos cinza enquanto ele digita uma resposta.

Você está insatisfeita por estar online?

—Taron...—suspiro seu nome em voz alta. Tocando no ícone da câmera, espero enquanto toca. Eu preciso vê-lo para isso.

Um momento depois, seu rosto lindo aparece e eu quero chorar.

— Ei, princesa. Você está bem?

Meus olhos examinam seus arredores.

— Você está sozinho?

— No banheiro. Achei que precisávamos de privacidade. Seus olhos se enrugam com um sorriso.

Não liguei para saber o motivo pelo qual ele está pensando nisso, e agora que vejo seu rosto, estou tendo dúvidas sobre o meu. Talvez devêssemos esperar para discutirmos o futuro. Estou agindo como se ele tivesse me pedido em casamento ou algo assim, o que ele não pediu.

— Eu precisava ouvir sua voz.

— Ele se inclina para o lado e seu rosto fica um pouco mais perto. — Não está ficando mais fácil.

Sinto uma ardência em meus olhos.

— Não.

O sorriso desaparece de suas bochechas e sua expressão fica séria.

— Você está com dúvidas?

— Não!— Akela pula na cama com o aumento repentino da minha voz. Eu coloco minha mão em sua cabeça e ela lambe meu nariz.

— Ainda estou esperando. Eu só pensei... estava me perguntando... quantas vezes você faria isso.

Ele exala uma risada.

— Patton já está fazendo planos para quando sairmos.

Não tenho certeza do que isso significa, mas sei que Patton mora em Nashville.

— Você está tendo dúvidas? — Meu peito está tão apertado que mal consigo respirar.

— Não. — O calor em sua voz coloca mais lágrimas em meus olhos.

— Ainda estou feliz por ter me alistado, mas talvez eu tivesse feito uma escolha diferente se tivesse te conhecido primeiro.

— Você não teria me conhecido se não tivesse se alistado.

Sua cabeça se inclina de um lado para o outro.

— Beco sem saída. — Piscando para baixo, eu rapidamente limpo a lágrima da minha bochecha. Eu não quero chorar toda vez que conversamos.

— Estamos quase lá, princesa. Você pode ficar comigo um pouco mais?

— Sim. — Minha voz racha em um sussurro, mas eu falo sério com todo meu coração.

— Eu te amo, Noel.

Assentindo, eu fecho meus olhos.

— Eu te amo.

Digger me encontra na porta do Denny's quando eu saio da caminhonete na manhã seguinte.

— Noel? O que você está fazendo aqui?

Ainda está escuro lá fora, e estou usando jeans desbotados e uma camiseta cinza de mangas compridas com um boné de beisebol azul puxado sobre a minha cabeça. Minhas botas e um casaco de celeiro completam o visual.

— É hora de eu aparecer nessas reuniões.

— Mas é muito cedo.

Minha testa franze, enquanto eu o estudo.

— Você está aqui.

— Sim, mas você não precisa estar. Você deveria descansar sua beleza.

— Já descansei o suficiente. —Antigamente, Digger não me incomodava tanto. Agora, cada palavra que sai de sua boca me deixa irritada.

— Sawyer vai se ausentar por um tempo, se ele não se alistar novamente.

— Ele não vai fazer isso. — Digger ri como se eu fosse uma criança.

— Ele disse ao meu pai que estaria de volta quando você terminasse a faculdade.

Mais uma vez, quero rosnar para meu irmão mais velho. *Por que ele não me disse isso?*

— De qualquer forma, o lugar não funcionará sozinho por quatro anos.

Alcançando a porta, estou pronta para empurrar Digger e entrar no restaurante. Ele me para, colocando o braço em volta dos meus ombros.

— Você precisa contratar um capataz e deixá-lo cuidar de tudo. Estou bem aqui, pronto para fazer isso por você.

— Você não é meu capataz. — Eu me desvencilho de seu aperto.

— Sawyer me deixou no comando. Eu vou decidir o que é melhor para a minha terra.

Ele exala um barulho divertido e eu continuo até onde Ed Daniels está ao lado de uma mesa onde alguns caras mais velhos estão sentados, compartilhando café. Quando subo, todos param de falar e olham para mim.

— Noel? — O Sr. Daniels se endireita, ajustando seu boné.

— Como você está nesta manhã?

— Bem, obrigada. — Minha voz soa muito baixa, muito inexperiente para mim.

— Eu queria que você me dissesse se vai haver uma geada tardia.

O homem ri.

— Eu seria um homem rico se pudesse prever uma geada tardia.

Digger se junta a nós.

— Noel quer tomar um café esta manhã.

A maneira como ele diz isso me faz pensar se ele já disse a esses homens que é meu capataz.

— Sawyer me deixou no comando. Achei que era melhor saber o que está por vir.

— Achei que você estivesse fazendo produtos de beleza. — O sorriso de Ed não alcança seus olhos, e eu me pergunto se ele concorda com meu irmão sobre trazer turistas para as fazendas.

— Eu abri meu próprio negócio, se é isso que você quer dizer.

Jeff Priddy dispara.

— Está certo. Minha tia Jessica ligou ontem à noite. Disse que quer dar a Noel o velho galpão de alimentos para transformá-lo em uma loja.

— Ela disse? — Uma mistura de surpresa e confiança enche meu peito com esta notícia.

— Provavelmente está cheio de ratos, mas ela disse que você pode ficar com ele, se quiser.

— Eu quero. Obrigada. — Por mais nojenta que seja a perspectiva de ratos, eu tenho um cachorro e o antigo galpão de alimentos fica a apenas 400 metros do pomar. Eu estarei fazendo uma embalagem de cuidado especial extra para minha cliente número um esta noite.

— Quanto à geada, é melhor assistir ao noticiário... e ao céu. — Ele continua, e me pergunto se ele está do meu lado, afinal.

—A umidade mantém a chance de formação de geada baixa, então mais chuva significa menos geada. O céu limpo é um sinal de alerta.

— Obrigada novamente. — Eu aceno, e quando Flo aparece, eu levanto um dedo.

Ela me traz uma xícara de café fraco e eu me sento em uma das mesas em frente à cabine onde os homens estão sentados. Eu ouço enquanto eles discutem as últimas notícias. Nunca me importei com política ou com o que acontecia na fronteira antes, e faço o meu melhor para absorver tudo o que dizem.

Sawyer disse que o pai de Digger cuidaria de mim, mas não quero que Digger fique muito perto de meus negócios. Enquanto eles continuam, penso no que a Srta. Jessica fez, dando-me seu antigo galpão. Eu me pergunto quanto trabalho será necessário para transformá-lo em uma loja real. Vou ter que esperar até o verão para trabalhar nisso, até depois da colheita, mas pelo menos posso dar uma olhada.

Os homens começam a se separar, e eu caminho até Jeff, na esperança de entender o que precisa ser feito para transferir a propriedade. Posso ter que segurá-la por alguns meses, mas não quero perdê-la. Uma coisa que sei com certeza é que você nunca sabe o que pode acontecer.

Eu ainda estou segurando essas palavras em minha mente quando todo o meu mundo se inclina.



Capítulo 16

Taron
Julho

— **D**roga, você está incrível. — Estou deitado na minha cama olhando para Noel vestindo nada além de uma faixa de concurso de beleza.

Seus seios pequenos pendem em porções deliciosas, mamilos rosados duros e apontando para cima com uma faixa branca espessa drapejada no centro.

— Você foi a primeira pessoa em quem pensei quando a vi na loja de festas.

— Eu queria estar aí. — Ela desliza as palmas das mãos pela caixa torácica, segurando os seios.

— Eu quero ver você se tocando.

Ela me dá uma piscadela travessa.

— É parte do meu plano maligno fazer você implorar por autorização.

— Na verdade, — eu me sento para frente, ajustando a ereção em minhas calças.

— Foi por isso que liguei. Eles estão finalmente nos mudando para Caracas, e temos a opção de pegar uma licença curta.

O telefone cai e, por um minuto, a tela fica louca, dando-me vistas de seu quarto antes de voltar para ela novamente. Ela puxou a fina camisa branca sobre seu belo corpo.

— Você está voltando para casa? — Seus lindos olhos âmbar estão lacrimejantes e uma dor atinge minha garganta.

— Estou voltando para você.

— Taron... — Ela pisca para baixo, e duas gotas de cristal atingem seu rosto.

Eu quero mais do que qualquer coisa pegá-la em meus braços e segurá-la com força.

— Eu vou te amar tanto, nós nunca vamos sair do quarto.

— Sawyer vem com você?

— Sim, todos nós temos quatro dias.

— Só isso?

— Ei. — Eu forço um sorriso.

— Vamos nos concentrar na parte boa.

Seus cabelos escuros balançam, ondas longas saltando sobre seus ombros.

— Eu sinto muito. Eu só... sinto muito a sua falta.

— Não diga que você sente muito. Eu também sinto sua falta.

— Minha voz está quente. Meus braços anseiam por ela. — Eu tenho muito para te contar. Tantas coisas que quero dizer.

— Mal posso esperar para ouvir todas elas. — Seus olhos parecem cansados e eu quero deslizar meus polegares sob eles, secar suas lágrimas.

— Você fez muita coisa durante a colheita.

— Nós fizemos. — Um grande sorriso toma conta de seu rosto.

— Eu estava com tanto medo de que não pudéssemos fazer isso sem Sawyer. Acabei contratando Digger para ser nosso capataz. — Seu lindo nariz enruga.

— Mas Leon e eu juramos que será a última vez. No próximo ano, somos só eu e ele... e talvez uma outra pessoa, mas não mais Digger.

Isso me faz rir.

— Tão ruim assim?

— Ele é tão irritante. Você nem pode imaginar.

— Eu posso imaginar. Mas espere...

— Sua testa franze.

— Como eu perdi meu show sexy?

— Oh. — Seu queixo cai e ela olha para mim através dos cílios pesados. Meu pau imediatamente ganha vida com a visão dela. — Você estava falando sobre a princesa Pêssego adulta.

Ela traça um dedo na frente de sua camisa, deslizando os lados e deixando seus lindos seios aparecerem.

— Merda, sim...— Minha voz está áspera, faminta, e passamos os próximos minutos em uma ligação Facetime tão suja que fico coberto de suor e com os joelhos fracos quando acaba.

— Nunca mais vou usar essa meia.

Noel está deitada de costas, seu cabelo escuro colando em seu corpo nu e suado.

— Você me faz gozar tão forte.

— Eu nem toquei em você. Espere até eu estar aí.

Ela se vira para me encarar, seus lindos seios pendurados na cama.

— Quanto tempo até você chegar aqui?

— Se tudo der certo, devemos poder sair no fim de semana. Claro, os dias de viagem contam contra nossa licença, então terei apenas alguns dias.

— Ficarei muito feliz em ver você. — Sua voz é suave, sonolenta.

— Eu amo você, Princesa. Descanse um pouco.

— Eu te amo.

Nós desligamos e eu destranco a porta antes de cambaleiar para o chuveiro. Alguns minutos depois, estou deitado na minha cama, percorrendo a galeria de fotos nuas de Noel no meu telefone. Ela está tão bem. Mal posso esperar para ter minha boca por todo o seu corpo e meu pau bem dentro dela.

A porta se abre e eu rapidamente desligo meu telefone.

— Taron! — Os olhos de Patton estão arregalados, sua expressão em pânico.

— Você viu Marley esta noite?

Minha testa franze e eu me sento.

— Não... ele saiu para abastecer depois do almoço e...

— Ele não voltou. Connor diz que estava em um posto de combustível, que foi atacado à mil e seiscentos km. É possível que ele tenha sido feito refém.

— Que porra é essa? — Estou de pé, puxando uma grossa suéter marrom sobre minha camiseta branca.

— Por que eles o levariam como refém?

— Armas, dinheiro, ambos. — A voz de Patton é feroz e sei que ele está preocupado. Estamos do lado de fora, seguindo pelo corredor em direção à estação de comunicações.

Sequestrar um fuzileiro naval é uma merda muito séria.

— Como está sendo conceituado?

— Não sei ainda. — Ele me leva a uma grande tenda onde Sawyer já está conversando com o major.

Ele se afasta, vindo até nós. — O telefone dele foi recuperado em uma vala no meio do caminho para Victoria. Eles estão esperando o contato.

— Então, estão esperando algum tipo de resgate? — Eu esfrego minha nuca pensando no que isso poderia significar.

— Se eles fossem matá-lo, teriam encontrado seu corpo na vala. Eles acham que são alguns bandidos locais.

Patton nos deixa e vai para o nosso comandante de campo. Eu vejo como eles falam em tons animados. Ele está pedindo que recebamos a missão de resgate e recuperação. Puxando a parte de trás do meu cabelo, odeio pensar nisso, mas as palavras vêm espontaneamente – *eu estava prestes a ir para casa*.

Eu quero bater em alguém. Quero rugir e jogar coisas, virar mesas e quebrar alguma coisa. Mais do que tudo, quero encontrar esses bandidos e dar uma surra neles. Deslizando minhas mãos sobre o rosto, tento ficar calmo, mas só consigo pensar em Noel.



Capítulo 17

Noel
Agosto

Um ano.

Por um ano, consegui falar com ele sempre que queria. Eu podia ver seu rosto, ouvir sua voz. Agora tudo está completamente escuro.

Minhas entranhas tremem e, em vez de chorar, tudo que faço é tremer.

Marley foi sequestrado. Isso é tudo que eu sei.

Taron me ligou e sua voz estava tensa. Ele me contou o que sabiam e como isso mudou sua expectativa de sair de férias.

Ter sido iludida com a promessa de vê-lo, tocá-lo, abraçá-lo, mesmo que por um dia, e essa esperança ter sido levada embora era como sentir meus ossos sendo esmagados.

Ele me disse que Patton insistiu que eles fossem designados para a missão de resgate, que ninguém seria mais dedicado ao resgate de Marley do que eles. Eu disse a ele que o amo. Ele me disse que não tinha certeza de quando poderia entrar em contato comigo novamente.

Terminamos aquela ligação e o relógio começou.

Duas semanas se passam em silêncio até que meu irmão o quebra.

Recebi a ligação de um número com código especial. É tudo ultrassecreto e de alta segurança. Meus olhos se inundam de lágrimas no momento em que vejo seu rosto, coberto por uma barba desalinhada. Ele fala, e sua voz é um bálsamo para minhas entranhas trêmulas.

— Eles me deixaram ligar para você, já que sou considerado o chefe da casa. — A voz de Sawyer é apologética, como se ele soubesse que eu quero ouvir a voz de outra pessoa, mas me dá um tempo.

— Estou tão feliz que você tenha ligado. — Eu não posso evitar o medo em meu tom.

— Não tenho muito a dizer, a não ser que estamos bem.

— É o bastante. — Minha garganta dói e as lágrimas borram meus olhos.

— Graças a Deus, você está bem.

— Taron também está bem, mas Marley está... — Ele vira o rosto para o lado, e posso dizer pela flexão em sua mandíbula que a situação é bem ruim.

— Estamos indo fundo para trazê-lo de volta. Posso não ser capaz de contatá-la por um tempo.

— Por favor, se cuide. — O desespero está na minha voz.

— Cuide de... todos vocês.

— Eu vou — ele concorda.

— Você e Leon estão bem? Você precisa de alguma coisa?

Nós precisamos de você.

— Estamos bem. Não se preocupe conosco. Nada muda por aqui. Você sabe disso.

— Eu te amo, irmã. — Seus olhos castanhos encontram os meus e meu coração bate mais rápido. A ansiedade torce meu peito.

— Eu te amo, Sawyer. — Eu não quero desligar. — Por favor, ligue logo... ou qualquer coisa, envie-me uma carta... E, por favor, apenas... Diga a Taron...

— Eu direi a ele.

A linha fica em silêncio e eu coloco meu rosto em minhas mãos.

É a última coisa que ouço por mais um mês. Leon começa seu último ano do ensino médio. As aulas começam na faculdade, e faço

o meu melhor para aparecer mentalmente e fisicamente. Senhorita Jessica me conforta com histórias de quando seu irmão estava no Vietnã. Histórias do tipo "a hora mais negra é sempre antes do amanhecer". Eu a amo muito, por isso não quero dizer a ela que essas histórias não ajudam em nada.

Eu deveria começar a limpar seu antigo galpão de alimentos. Devo apresentar mais produtos à minha linha. Eu deveria falar com Digger sobre mandar podar os pessegueiros... Tantas coisas que eu deveria fazer. Tudo o que faço é esperar.

O sol nasce todas as manhãs, quebrando dourado sobre as fileiras de árvores de folhas verdes. O sol se põe todas as noites, lançando longas sombras sem respostas ou alívio.

Vou à igreja sempre que as portas estão abertas. Vou para a cama e oro a Deus, por favor, que não tire outra pessoa que amo de mim. Minhas orações são sempre as mesmas. *Por favor, Deus. Por favor, que eu já tenha perdido o suficiente.*

Cada dia é uma longa fila que leva ao seguinte, até a manhã chegar.

Estou parada na colina, olhando para o horizonte. Meus olhos seguem a estreita estrada de terra que passa pela velha casa na colina, e exatamente onde o azul se encontra com o bege, vejo uma tênue nuvem de poeira subindo.

Meu coração salta para a garganta e estou descendo a colina correndo. Leon está no quintal e me chama, mas eu não paro. Não sinto o chão sob meus pés. Eu não noto a paisagem quando passo. É tudo um túnel de borrão centrado no Chevy Silverado que se aproxima a uma velocidade de trinta quilômetros por hora.

Lágrimas cobrem minhas bochechas, e vejo o veículo parar. A porta se abre e uma figura escura sai. Seu cabelo está bagunçado, longo e uma barba cobre suas bochechas. Eu não paro de correr até que estejamos nos braços um do outro, abraçando-nos forte e longamente.

— Sawyer... — Eu só consigo dizer o nome dele. — Você está vivo.

Sua grande mão agarra minha nuca e ouço seu coração batendo.

— Estou em casa. Estou em casa para sempre.



Capítulo 18

Taron

O suor cobre meu corpo. Estamos em um lugar tão quente, mais quente do que os dias de verão no galpão de pêssago.

Um galpão. Eu estou no dossel da escuridão. Folhas escorregadias nos cercam e a cabana de blocos de concreto se esconde nas bananeiras e vinhas. É meu trabalho vigiar a porta. Meu rifle está na minha mão, e Patton bem na minha frente no mato. Sawyer está cobrindo a parte de trás da casa, e eu estou percorrendo os olhos pelo espaço, abaixando-me sob as janelas pretas vazias sem vidro.

Os sinais de celular, as imagens de satélite, os endereços IP, tudo nos trouxe a este lugar. Semanas de vídeos de tortura, assistindo Marley sendo espancado, amarrado a uma cadeira... Estamos aqui para libertá-lo.

Meu coração bate em meus ouvidos. Qualquer pessoa pode estar do outro lado dessa porta e é meu trabalho abri-la. Estendendo a mão, vejo Noel em minha mente uma última vez.

Bato com força na madeira e recuo, permitindo que os blocos de cimento protejam meu corpo.

Silêncio.

O barulho das cigarras aumenta à nossa volta. Ouço o grito de um pássaro em algum lugar ao longe. Eu espero, olhando

profundamente na floresta até encontrar um par de olhos negros. Patton me protege como sempre.

Ele dá o sinal e eu recuo, levantando minha perna e chutando a porta antes de cair de joelhos, minha arma pronta.

Novamente, o silêncio é a única saudação.

Então eu o vejo.

Meu estômago afunda. Nosso amigo, um cara que conheço desde que me lembro, com quem cresci compartilhando meus sonhos e medos quando ninguém mais se importava, está amarrado a uma cadeira com cordas cortando sua pele.

Jogando o rifle nas minhas costas, eu salto para frente, sacando minha faca e o liberando. Eu arranco a bolsa pesada de sua cabeça assim que Sawyer entra no pequeno espaço.

— Nós o pegamos. — Seu sotaque familiar soa nos receptores em cada um de nossos ouvidos.

Patton se junta a nós e pega Marley quando seus joelhos batem no chão.

— Nós pegamos você. Você está seguro agora.

O sangue escorre de sua boca e ele está desacordado. Foi espancado até ficar inconsciente e oro para que consigamos ajudá-lo a tempo de evitar danos duradouros. Estou levantando-o, pronto para puxá-lo por cima do ombro quando o ar muda.

Uma mulher grita por cima do meu ombro esquerdo. Seus olhos são verdes brilhantes como os de um gato, seu cabelo escuro se espalhando ao seu redor enquanto ela corre em nossa direção, com o facão erguido.

— Jesus! — Eu não tenho tempo para pensar. Alcançando meu tornozelo esquerdo, tiro a pistola escondida em minha bota e atiro.

Ela cai com um baque surdo, um jato de sangue jorrando atrás dela, a grande faca ainda segura em sua mão. Ela é magra e jovem, lábios carnudos e cabelos longos e ondulados, olhos verdes olhando vagos para o teto.

Eu a matei.

— Deus, não... — Minha respiração congela no meu peito. *O que eu fiz?*

Eu não consigo parar de olhar para o seu corpo sem vida.

— VAMOS! — A ordem de Patton me tira do meu choque.

Jogando o braço de Marley sobre meu ombro, ajudo Sawyer a levá-lo para fora da cabana, mas meu peito está apertado. Meu coração bate muito forte e acho que vou vomitar.

Eu matei aquela garota.

Dois passos para fora e eu caio com força.

— Porra! — Eu grito quando o golpe de uma faca me atinge bem na parte inferior das costas.

Meus olhos se fecham e não consigo respirar enquanto sinto uma umidade quente cobrindo minha pele. Eu estou sangrando. Patton está na minha frente, e ouço Sawyer gritar para ele parar. Foi um detonador que ele perdeu de alguma forma no meio do caminho.

Encontrei-o e caí com Marley em cima de mim no tronco quebrado de uma árvore. Sawyer joga Marley nas costas. Patton me puxa por cima do ombro e corremos colina abaixo. Missão cumprida.

Estou sangrando por todo meu corpo e do meu amigo. Chegamos aos caminhões quando a escuridão se instala. A dor nas costas é tão intensa que perco a consciência. Eu ouço Patton me dizendo para ficar com ele, mas eu não estou com ele. Estou de volta naquela cabana olhando para o cadáver dela.



Capítulo 19

Noel

E*u não me importo se você está ferido. Eu apenas quero ver você.*
É o mesmo texto que envio todos os dias desde que meu irmão voltou.

Mesmo assim, nenhuma resposta.

Meu irmão voltou e, depois de nos abraçarmos por vários minutos, durante os quais nós três desabamos e choramos, ele foi para seu quarto e ficou lá por vários dias.

Todos eles receberam medalhas e foram mandados para casa e, embora meu irmão não tenha nenhum ferimento visível, ele não me contou o que aconteceu em sua missão de resgate. Ele me entregou uma carta de Taron e não disse mais nada sobre isso, o que eu esperava de Sawyer.

Não consigo mais te ver...

Tudo mudou...

Não posso mais pedir para você esperar...

Não te mereço...

Você não me merece? Estas são palavras que não posso aceitar.

Taron deve saber que não vou aceitá-las.

Se ele quiser terminar comigo, ele pode fazer isso na minha cara. Mais uma semana se passa, e a raiva em meu peito efetivamente queima a dor que sinto.

Sawyer se junta a nós para o almoço, e eu tenho uma mala feita.

— Estou indo para Nashville.

Sua testa escura se franze e seus olhos me bloqueiam.

— Por quê?

— Para ver Taron.

— Ele não vai voltar, Noel. — A voz do meu irmão é baixa, definitiva, e meu coração se parte em dois.

Eu quero gritar. Eu quero jogar coisas.

Minha mão treme tanto que não consigo beber meu café. Eu coloco a xícara na mesa com um estrondo.

— Então ele pode dizer na minha cara.

— Não é desse jeito. — Os olhos de Sawyer mudam. Eles se tornam suplicantes, segurando os meus como se ele me implorasse para entender. — Ele não é o mesmo. Ele mudou. Todos nós mudamos.

Sua voz falha na última parte, mas não vou negar.

— Se ele estiver ferido, vou ajudá-lo a se recuperar.

— Você não entende...

— Você não entende! — De pé, levo meus pratos para a pia. *Fizemos promessas.* Eu fiz promessas... — Eu conheço Taron melhor do que ninguém. Talvez até ele mesmo.

Eu não estou tentando machucar você. — Suas palavras foram as mesmas que Taron me disse há muito tempo, um pouco antes de eu dar tudo a ele.

— Isso é algo que você não pode consertar, mana.

— Talvez não, mas ele me pertence. Eu vou buscá-lo.

Está escuro quando chego ao endereço que Sawyer me enviou. Passei as três horas de voo torcendo as mãos, perguntando-me se meu irmão iria me dar o que eu pedi a ele.

Ele disse que eu deveria esperar, mas é a última coisa que pretendo fazer. Estou chateada com ele por deixar Taron me excluir. Ele deveria estar do meu lado, o irmão mais velho, protetor. Em vez disso, ele não me disse nada além de me dar a carta de Taron.

Estou furiosa com os dois por agirem como se eu não fosse forte o suficiente para lidar com o que quer que possa acontecer. Como se eu não tivesse sacrificado esses últimos quase dois anos.

Agora, de pé no saguão do apartamento em um prédio alto, espero as portas prateadas se abrirem. Meu irmão disse que Taron mora com Marley. Patton conseguiu que eles arrandassem empregos na imobiliária comercial de seu pai e os instalou em uma cobertura.

Nada disso faz sentido. Taron disse que cresceu sem nada, o único filho de uma mãe solteira que voltou para as montanhas quando ele estava no colégio, mas aqui está ele vivendo como um rei. Pelo menos, é assim que parece do lado de fora.

A porta do elevador se abre para um saguão bege com detalhes em marrom-escuro e mogno. Eu atravesso o pequeno hall e espero, tentando acalmar minha respiração antes de bater.

Minha mão treme quando eu a levanto, mas meus olhos se fixam no anel-turquesa em meu dedo.

Eu prometi.

Apertando meus olhos fechados, bato forte e firme.

Sem resposta.

Minha respiração está tão alta no pequeno espaço. Eu *inspiro* tremendo, *expiro*, em seguida, faço novamente – desta vez com meus olhos abertos. Bato mais forte, mais tempo, então espero.

Até meu batimento cardíaco dói. Eu não via Taron pessoalmente há muito tempo. Meu irmão disse que ele está ferido; e me mandou uma carta dizendo para eu não ir. Eu sou tão impulsiva.

Um fio de medo, frio como gelo se filtra em meu peito. E se eu encontrar algo que não quero ver? E se seu rosto estiver mutilado ou ele estiver em uma cadeira de rodas? E se o cérebro dele estiver danificado? E se ele tiver perdido um membro?

Na verdade, nunca considere a possibilidade. Presumi que ele estaria como meu irmão – fisicamente inteiro, sofrendo internamente.

Esses pensamentos bombardeiam minha mente, mas uma garantia calma enche meu peito. Não importa, podemos enfrentar qualquer um desses desafios juntos.

Eu amo este homem.

— Quem é? — Sua voz é severa através da porta.

— Taron? — O minha é clara, abafando o medo.

Está quieto do outro lado.

Meus olhos vão para o olho mágico no meio da porta, e minha respiração para. *Ele está olhando para mim agora? Ele vai abrir a porta?*

Os segundos passam nas batidas do coração... *um... dois... três...*

A ansiedade aumenta, apertando meu peito até que ouço a maçaneta girar. A porta se abre silenciosamente e meus olhos se enchem de lágrimas quando vejo seu lindo rosto, seus olhos hipnóticos.

— Taron. — Correndo para frente, estou em seus braços.

Seu cheiro me cerca, e tudo vem à tona. Todas as noites que passamos ouvindo as vozes um do outro, vivendo apenas para ver e ouvir um ao outro como oxigênio. Todas as vezes que fiquei deitada na cama, memorizando seu rosto pela tela piscando. Todas as provocações e flertes, todos os desejos e promessas.

— Você está aqui. — Sua voz vibra meu âmago.

Seus braços fortes estão em volta de mim e minha cabeça está protegida contra seu peito. Eu ouço seu coração bater, sua respiração girar para dentro e para fora.

— Você é real. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto.

Eu o abraço com todas as minhas forças, desejando poder sangrar minha alma na dele, dar-lhe tudo o que ele precisa, curar o que o está machucado, o que o está fazendo dizer palavras que ele não quer dizer.

Ele dá um passo para trás, guiando-me para seu apartamento e fechando a porta, girando a fechadura. Seus olhos estão tão cansados. Pequenas linhas marcam os cantos e sua barba é mais espessa. Ele perdeu peso. Ele ainda é alto, elevando-se sobre mim, mas meu irmão está certo. Ele mudou.

— Noel... — Ele desliza os dedos ao longo da linha do meu cabelo, e mais lágrimas inundam meus olhos.

Seu toque é o mesmo.

Eu seguro suas bochechas, guiando seu rosto para o meu e o beijo. Ele se inclina para mim, pressionando a mão contra a porta atrás de mim. Sua boca se abre, sua língua desliza ao longo da minha, mas seus músculos estão rígidos, como se ele estivesse se segurando, lutando contra algo.

Envolvendo meus braços em volta de seu pescoço, levanto meus lábios em sua orelha.

— Eu esperei tanto tempo para sentir você em meus braços novamente.

Seus ombros caem, sua resistência desmorona e seus braços vão ao redor da minha cintura, puxando-me para ele. Muito tempo se passou. Eu sei que ele sofre por mim tanto quanto eu por ele. Lembro-me da noite em que pensamos que ele voltaria para casa, a torção do meu coração no meu peito ao pensar que poderia vê-lo novamente.

Está tudo aqui agora.

Nós não falamos. Ele me beija de novo, e o calor que sempre compartilhamos ganha vida. Suas mãos descem pelas minhas costas, deslizando sob minha camisa, encontrando minha pele. Um barulho escapa da minha garganta e puxo minha camisa pela cabeça.

A cada beijo, a cada toque, estávamos nos movendo, cambaleando para trás, até agora estarmos em seu quarto. Ele estremece ao tirar a camisa, quase como se estivesse lutando. Eu examino seu corpo em busca de cicatrizes, mas não vejo nenhuma. As linhas de seu torso são mais profundas. Sim, ele perdeu peso, mas ainda está muito machucado.

Meu rosto está no meio de seu peito, e eu me levanto para pressionar minha boca em seu ombro largo, dando um beijo em sua pele quente. O sal está na minha língua e sinto sua palma contra minhas costas, sua outra mão atrapalhando-se com meu sutiã. Alcançando ao redor, eu rapidamente removo e nossos corpos nus pressionam juntos.

— Já sonhei com isso tantas vezes— ele geme.

Sua mão está no meu rosto e sinto sua dureza pressionando contra meu estômago.

— Eu não poderia viver sem você mais um dia.— Minha voz é um suspiro e minhas mãos estão em sua cintura, desafivelando seu cinto tão rápido.

O espaço entre minhas coxas está quente e pulsante. Estou totalmente elétrica, cada toque alimentando minha necessidade mais quente.

— Noel...— ele geme um protesto fraco que eu cubro com minha boca enquanto ele se senta ao lado da cama.

Tirando minhas calças, subo em seu colo em uma posição aberta, sentindo seu pau grosso contra minhas coxas. Estou latejando e com calor. Eu já me toquei tantas vezes, me dei tantos orgasmos de longa distância com seu rosto em uma tela, sua voz no meu laptop.

Seus dedos deslizam levemente sobre a pele da minha bunda, e eu me coloco de joelhos, caindo com firmeza, acomodando-o totalmente dentro de mim.

Seu gemido é puro desejo que enrola meus dedos dos pés. Eu fico de joelhos novamente e caio, sentindo-o profundamente dentro de mim, saboreando os sons de sua fome, suas mãos segurando minha bunda. Ele está me movendo agora, puxando-me para cima e para baixo em seu pau, gemendo enquanto eu o monto, perseguindo o orgasmo que sobe em meu estômago. Com cada barulho que ele faz, meu corpo arde mais quente.

Nossos peitos deslizam juntos, suor e calor e centenas de noites de necessidade. Meus seios saltam e ele pega um, guiando-o para sua boca e beijando meu mamilo duro.

Minha cabeça cai para trás e eu gemo alto.

—Taron... sim...— Meus quadris balançam para frente quando meu orgasmo quebra, trovejando por dentro.

Eu estremeço e me levanto, envolvendo meus braços em volta dele, beijando seu pescoço até a bochecha e seu cabelo. Ele continua me balançando um pouco mais, puxando-me para mais perto, enterrando-se ao máximo enquanto me segura, gemendo e pulsando, enchendo-me profundamente.

Estamos ofegantes, envoltos nos braços um do outro, escorregadios de suor e cintilantes de êxtase. Escalando mais na cama, ele me segura contra ele, enrolando-me em seus braços enquanto deslizamos entre os lençóis.

Percebo que a cama dele estava desarrumada.

— Eu acordei você? —Minha voz está baixa, porém mais alta do que a dele.

Ele solta um suspiro curto e balança a cabeça.

— Eu não estava dormindo.

Nossos corpos estão nivelados, meus seios achatados contra seu peito duro, e respiramos juntos. Eu deslizo meus dedos ao longo de seu couro cabeludo e ele faz o mesmo, olhando para mim com admiração. Tenho certeza de que meus olhos estão cheios da mesma emoção.

— O que você está fazendo aqui? — Sua voz é terna, perguntando com sinceridade.

— Você achou que eu não viria?

Eu disse para você não vir. — Seus olhos brilham, e a visão de suas lágrimas aperta meu peito.

— Minha bela princesa. Você é tão boa.

— Meu lindo príncipe. — Eu sorrio, mas seus olhos vacilam.

Muito longe de um príncipe. — Seu queixo cai quando ele levanta minha mão, beijando o anel em meu dedo.

— Seu anel.

— Encaixou perfeitamente. Eu nunca o tiro.

Um sorriso triste surge em seus lábios, e ele me beija novamente ao longo do queixo, até minha orelha. O desejo zumba na minha pele. Eu poderia fazer amor com ele a noite toda e ainda assim não ficar satisfeita, mas esse peso paira no ar ao nosso redor.

— Você está bem? — Minha palma está plana contra sua bochecha.

— Agora, eu estou.

Não é o suficiente, mas eu envolvo meus braços em torno dele, puxando-o contra mim. Quero sentir o peso de seu corpo me pressionando para baixo. É tão bom. Suas mãos grandes deslizam ao longo dos meus lados, e não demora muito para que ele deslize para dentro de mim novamente. Nossas bocas se unem e nos balançamos juntos, lentamente no início, antes de ganhar velocidade.

Ele se eleva sobre mim, empurrando mais rápido. Uma gota de suor escorre por sua testa e minhas mãos deslizam por seus braços fortes. Meus dedos seguem as linhas de seus músculos e levanto meus quadris para encontrá-lo, cavalgando o orgasmo, sentindo-o na ponta dos pés quando ele goza com um grito alto. Estocadas fortes, estocadas profundas.

Nossa respiração está pesada quando iniciamos mais uma vez. Tenho certeza de que estamos apenas começando esse nosso reencontro. Ele me vira, braços fortes em volta da minha cintura, e eu sorrio enquanto minhas costas pressionam contra seu peito. Estou embalada por uma falsa sensação de segurança em seus braços enquanto caio no sono.

Não faço ideia de que não vai durar.

Eu acordo antes do amanhecer sozinha. No começo, estou desorientada, depois lembro que estou no quarto de Taron. Saindo da cama, vou até a pequena mala de mão que trouxe comigo. Eu a empurrei para dentro da porta, e está onde a deixei. Agora estou procurando roupas para cobrir meu corpo nu.

Envolvendo-me em sua camisa, eu inalo profundamente seu cheiro, limpo e masculino. Eu cambaleio para a sala de estar, esperando encontrá-lo na cozinha.

Está vazia.

— Taron? — Minha voz ecoa no espaço vazio.

Sem resposta. Nada. Ele simplesmente se foi. Pego meu telefone e envio uma mensagem rapidamente.

Pizza à meia-noite?

Nenhum ponto cinza, nenhuma chamada perdida, nenhuma mensagem. Sento-me por um longo tempo, olhando pelas portas de vidro da varanda com vista para o horizonte de Nashville. A interestadual envolve os prédios altos, e carros como vaga-lumes passam por eles.

Meus olhos ficam pesados quando o horizonte começa a ficar pálido e eu cochilo.

Ainda estou sozinha quando abro os olhos novamente e pego meu telefone, discando o número de Taron. Cai no correio de voz e deixo uma mensagem. Estou preocupada e ansiosa, e *onde diabos ele está?*

Outra hora se passa. Eu ando pelo apartamento dele, olhando nas gavetas, procurando por alguma pista. Encontro um isqueiro e papéis enrolados. Estou preocupada, mas lembro o que ele disse

sobre Marley e maconha. Isso teria mudado depois das forças armadas? Eu não sei. Encontro um cartão de visita da Fletcher Properties. Ele poderia ter ido trabalhar?

Eu não sei o que ele faz no mercado imobiliário, mas talvez ele tenha um horário a cumprir? Ele estava dormindo quando cheguei... Talvez ele tivesse planejado trabalhar a noite toda?

Meus dedos pairam sobre o teclado do meu telefone, prontos para discar quando ouço um barulho na porta. Com uma inspiração profunda, me viro e o vejo entrando no apartamento. Ele ainda está usando as roupas da noite anterior – jeans desbotados e uma camiseta de mangas compridas. Não é exatamente um traje de trabalho... Embora eu imagine que ele poderia ser o único no escritório.

Ele se endireita quando me vê e pigarreja, entrando na área da cozinha.

— Ei.

Ei...— Eu o observo, perguntando-me se ele está me evitando.

— Eu tentei ligar.

— Oh, sim? — Ele levanta o telefone e suas sobrancelhas se erguem.

Você está bem? — Fechando o espaço entre nós, pego seu braço.

— O que está acontecendo? Onde você foi?

— Não é da sua conta.

— Eu acho que é. — Minha voz está mais aguda do que pretendo. Estou lutando com medo residual combinado com frustração misturada com essa dor no meu peito.

Ele está agitado, repentinamente frustrado e afasta a mão.

— Eu não pedi para você vir aqui, Noel. Na verdade, eu pedi exatamente o oposto.

Estou chocada com suas palavras. Elas parecem uma facada no peito depois da noite passada. Ou acho que depois das poucas horas que passamos juntos ontem à noite. Agora que penso nisso, depois que adormeci, não sei o que ele fez.

— Eu estava preocupada com você. Sawyer disse que você estava ferido. Algo está claramente errado.

Eu estava ferido. — Seus olhos brilham e eu percebo que nunca o vi com raiva. É assustador.

—Estou sempre com dor agora. Você sabe como é isso? Cada movimento irradiando agonia pelo seu corpo?

Sua voz é uma faca e meus olhos ardem. Eu pisco rapidamente.

— Não... eu não sei. O que eu posso fazer? Deixe-me ajudá-lo.

— Você não pode me ajudar. Ninguém pode. — Sua mandíbula aperta e eu vejo um brilho de suor em seu lábio. — Você precisa voltar para casa.

Outro lampejo de angústia se espalha pelo meu peito. Estou com dificuldade para respirar.

—Você poderia pelo menos me dizer o que aconteceu? A última vez que conversamos, você estava indo resgatar Marley, então...

— Então tudo mudou. — Ele se inclina para frente e agarra a mesa. O sangue desaparece de suas bochechas e posso ver que ele está sofrendo.

— Taron...

Respirando fundo, ele sai do quarto, entrando no banheiro e fechando a porta. Eu espero, ouvindo enquanto ele abre o armário de remédios. Ouço o barulho de pílulas tremendo em um frasco, água correndo e depois silêncio. Minhas entranhas estão tão apertadas. Meus olhos estão úmidos. Meu coração está partido.

Depois de vários minutos, a porta se abre e ele está mais calmo. Seus músculos parecem relaxados. Ele parece mais como na noite passada, apenas com uma sombra escura o seguindo.

— Não podemos ficar juntos, Noel. Eu não sou o mesmo homem que era antes. Esta é a minha vida agora.

O quê? — Minha voz fica mais alta.

— Qual é a sua vida agora? Conte-me!

Dor... — Ele rosna, movendo-se lentamente pela sala até o sofá e se abaixando com cuidado.

— Dor. E drogas.

Olhos azul-esverdeados piscam para os meus, como se ele estivesse me desafiando a julgá-lo.

Eu caio de joelhos a seus pés, segurando-o, implorando.

—Taron, deixe-me tentar...

Não! —ele grita, interrompendo-me. Seus olhos se fecham e o músculo em sua mandíbula flexiona enquanto ele inala lentamente, expira e olha diretamente nos meus olhos, mandíbula cerrada.

— Eu quero que você vá para casa, Noel. Eu quero que você saia.

Minhas entranhas desmoronam.

— Eu não posso fazer isso...— Minha voz falha nas minhas lágrimas, mas ele agarra meus braços com força, puxando-me para cima.

— Sim. Você. Pode.

Você está me machucando. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto, e vejo a seus olhos racharem.

— Por que você está fazendo isso?

Quando eu estiver de volta, espero que você tenha ido embora. Ele me solta com um pequeno empurrão. Sua sobrancelha baixa, e ele se vira, indo para a porta.

— Encontre alguém que mereça você. Não sou eu.

— Sim, é você...

NÃO. — Ele está na minha cara, seu hálito quente em meus olhos fechados.

Eu não quero você aqui. — Cada palavra é um açoite no meu coração já sangrando.

— Acabou, Noel. Vá. Para. Casa.

Sentada perto da janela do avião, olho para as nuvens cinzentas que obscurecem o horizonte. Minha pequena bagagem de mão está em cima e, por fora, pareço como qualquer outra viajante. Mas no meu coração, um tornado atingiu o chão e está girando e destruindo tudo. Com a velocidade do som, sua voz vai mais fundo, arrancando árvores do chão, enredando seus dedos em volta da minha alma e puxando pelas raízes...

Meu irmão passa o braço em volta de mim e me leva do aeroporto para casa. Minha visão está turva pela tempestade que assola meu peito. Não vai parar até que tudo seja destruído.

A casa está às escuras. Meu irmão fala, mas não consigo ouvir as palavras. Vou para o meu quarto e fecho a porta.



Abalo Sísmico

Noel

Sento-me na cadeira de frente para minha janela. Akela põe a cabeça no meu colo, mas não levanto a mão. O tornado já passou, agora tudo está silencioso.

Sem sobreviventes.

Então ela cai no chão aos meus pés, esperando como uma esfinge, os olhos fixos na janela por onde ele sempre entrava, protegendo-me como se soubesse que não estou aqui.

Dentro do meu peito, o caminho da destruição tem quilômetros de largura, todo estilhaçado, escrito por sua mão, com suas palavras. Não consigo sentir meu coração bater. Só sinto pontadas afiadas de destroços quebrados. Uma terra devastada onde meus sonhos uma vez cresceram verdes e prósperos.

Vazia.

Arrasada e dilacerada.

O sol ainda nasce, brilhando através de minhas janelas como se eu não existisse, como se o mundo tivesse esquecido o que floresceu aqui. Eu sou deixada para desaparecer como uma casa coberta de vinhas e sombras, lá fora existem coisas melhores para pensar, coisas mais felizes para ver.

Aqui dentro está o silêncio.

Meu irmão vem até mim. Seu rosto está preocupado enquanto ele se senta ao meu lado e segura minha mão. Ele sabe que eu não

sou a mesma. Ele sabe que meu coração está destruído?

Acho que ele parou de bater.

Acho que foi devastado.

Almas, ossos...

— Você tem que se levantar, Noel. Você deve continuar. — A voz de Sawyer está baixa, tensa.

Eu? Por quê?

Mais tempo passa, não sei quanto. Perco a conta das vezes em que o sol aparece na minha janela, o sol indiferente. O dia odioso. A noite fria.

Minha melhor amiga vem. Ela fala comigo, me ajuda no banho e espera enquanto eu movo minhas mãos e braços, lavando a sujeira invisível.

Ela escova meu cabelo e fala comigo sobre a faculdade e as férias, sobre sair, jogos de futebol e a senhora idosa que eu costumava visitar.

Eu envelheci. Por fora eu pareço a mesma, mas por dentro estou velha e seca. Madeira cinzenta, quebradiça ao toque e coberta de teias de aranha.

Akela fica aos meus pés olhando pela janela. Esperando.

Leon me traz comida. Ele fala comigo sobre o tempo, dizendo que quando não estiver tão frio, ele vai me levar para fora. O ar quente e o sol vão ajudar para que eu me sinta melhor. Ele está com medo.

Você precisa se levantar agora. — Leon está na minha frente, sentindo raiva de uma maneira que eu nunca vi.

— Essa não é você.

Não?

Meu pai viveu para amar. Eu vivi por esse amor.

Esperei que chegasse e, quando aconteceu, dei tudo de mim.

Agora acabou.

Leon sai com raiva.

Meus olhos vão para a janela e a dor agarra a lacuna no meu peito. Essa concha vazia ainda tem a capacidade de sentir.

Ficando de pé, vou até o vidro e o abro. Akela segue ao meu lado enquanto eu passo pela abertura como um portal para o passado.

Caminhando descalça pela varanda, desço para o quintal e saio para a colina com as árvores se estendendo para o céu. Palmas abertas, dedos agarrados.

O doce aroma se foi e o ar está frio e seco.

Eu fico olhando para a casa do meu pai. O que resta quando você perde algo tão precioso? Algo insubstituível?

Uma brisa tranquila passa pelas árvores, deslizando meu cabelo dos ombros. Akela se senta aos meus pés e espera. Eu esforço meus olhos para encontrar a resposta, para ver a curva na estrada à frente.

Tudo o que vejo é preto.

— Papai? — Eu olho para a escuridão.

Eu quero ir com ele. Eu quero me livrar dessa dor que está transformando meus ossos em pó. Ninguém me avisou que a dor poderia ser tão profunda. Ninguém me disse para não me entregar totalmente.

Caminhando para mais distante entre as árvores, o frio se instala contra minha pele. Eu encontro a maior para me sentar, minhas costas contra a madeira, e deixo que me puxe para mais perto.

A presença do meu pai está comigo aqui, e eu fecho meus olhos. Sua tristeza combina com a minha. Ele entende minha perda. Eu quero pegar sua mão e ir com ele para um lugar de paz. Eu quero ser libertada desta miséria.

— Noel? — O rosto do meu irmão está abatido, em pânico.

Ele me levanta do chão como uma boneca perdida na floresta. Meus pés descalços balançam sobre seus braços, saltando a cada passo. Ele vai rapidamente para o meu quarto e me acomoda na cama, empurrando os cobertores ao redor do meu corpo.

Ele liga para alguém e espero que minha amiga venha. Em vez disso, é a Sra. Jenny.

Sua cabeça escura está sobre a minha, seus olhos escuros severos. Ela me leva para o banheiro e me põe no chuveiro, e enquanto eu me arrasto, ela vasculha os armários.

— Há quanto tempo?

Estou confusa enquanto ela segura uma caixa de absorventes internos. *Como eu deveria saber?* O tempo passou? Ela sai e eu

volto para a minha cadeira, minha cadela fica de pé olhando.

Mais tempo passa... eu acho.

Eu estava com meu papai. Ele ia me dizer algo. O que seria?

Sra. Jenny está de volta. Rostos preocupados. Ela pega meu braço e me leva para o banheiro, virando-me e segurando um bastão de plástico no meu rosto.

— Faça xixi aqui.

Eu faço o que ela diz, mesmo que não faça sentido. Ela não sabe? Tudo dentro de mim morreu. Ele arrancou tudo pela raiz e colocou sal na terra. Nada vai crescer aqui.

De volta ao meu quarto, estou olhando para meu pai na minha frente. Ele entende.

Ele me dá permissão...

Noel Aveline? — Sra. Jenny está de volta ao meu lado, sua voz forte e autoritária.

— Você vai ser mãe. Você tem que parar com isso. Você está me escutando?

Minha testa franze e eu pisco uma, duas vezes. Eu viro minha cabeça lentamente para olhar para ela, e algo cutuca meu peito vazio.

— Levante-se e fique de pé. Sua vida tem um propósito maior agora.

Uma mãe?

A imagem do meu pai desaparece. Devagar, lentamente, ele mergulha no silêncio e o cheiro da minha mãe está aqui.

Na mais suave das asas, como uma borboleta, o amor desce, como um suspiro do céu.

Onde o tornado devastou, deixando morte e destruição, onde os corpos jaziam espalhados pelo chão, onde nada havia sido deixado de pé, agora a menor vibração de vida empurra o solo.

As nuvens de tempestade começam a se dissipar e pisco em meio à névoa. Uma minúscula pomba carregando paz se instala em minha alma revirada e, pela primeira vez, em muito tempo, entro na luz. A manhã começa.

Pisco várias vezes e encontro os olhos preocupados da Sra. Jenny.

Ela espera e eu olho em volta.

— Que dia é hoje?



Dias Atuais



Capítulo 20

Taron

— Você tem certeza de que era heroína? — A mulher está sentada à minha frente em seu pequeno escritório, cabelos grisalhos como teias de aranha amarrados acima de seu cabelo castanho-escuro.

Está quieta enquanto espera pela minha resposta, o único som é uma fonte gotejante atrás de sua mesa. Eu venho aqui há muito tempo — Desde que aceitei o meu problema, eu morreria se não mudasse meu comportamento.

Desde que decidi que não queria morrer.

— Eu sei que era.

— E você não teve vontade de aceitar? — Ela se mexe na cadeira, alisando a mão na frente do blazer.

Minha mandíbula apertada e a vergonha dá um nó na minha garganta.

— Eu considere isso. Por um minuto inteiro, permiti-me lembrar como era não sentir, me desconectar completamente da dor.

— E? — Os olhos escuros da Dra. Charlotte Curtis se concentram em mim por cima dos pesados óculos de leitura marrons. Seu olhar fulminante, desafiando-me a mentir para ela.

Eu atravessei a porta. — Eu me mexo na cadeira, permitindo cautelosamente um momento de orgulho.

—Ver meu amigo naquele estado, saber que é o fim, o resultado final... Acho que me ajudou. Ou pelo menos me deu opções.

— Não subestime essa conquista. — Seu tom é clínico, mas sabendo o quão mesquinha ela é com elogios, eu faço mentalmente uma volta da vitória. —Você chegou longe, Taron, sabe como é difícil largar o vício em opiáceos?

— Não estou planejando relaxar ainda. — A vergonha de quão longe eu havia afundado seis anos atrás nunca sai da minha mente.

Se eu alguma vez tentar me libertar, só preciso me lembrar do rosto de Noel. Suas lágrimas, sua expressão despedaçada. As coisas que eu disse, a maneira como gritei com ela, machucaram-na... Mais uma vez, eu me mexi na cadeira, tentando escapar do que nunca poderei perdoar.

— A acupuntura está ajudando com suas costas? — A Dra. Curtis lê na tela do computador, sem sorrir.

— Eu acho que está.

Seus olhos piscam para os meus.

— Eu não quero você se automedicando com álcool. Mais de seis doses por semana é uma bebida pesada. Dê um tempo ao seu fígado.

Meus lábios se apertam e eu aceno.

— Estou pensando em sair da cidade.

É mesmo? — Ela se inclina para trás em sua cadeira, juntando os dedos na frente dos lábios.

— Algum motivo em particular?

Noel...

— Faz algum tempo que não estou feliz aqui. Eu ganhei mais dinheiro do que jamais poderia gastar em uma vida. Patton não precisa mais de mim.

Apesar do que ele pensa... Por que ele acha que precisa de mim, eu jamais vou saber. Devo-lhe mais do que jamais poderei pagar. Ele é um escravo de seu sentimento de culpa pelo que aconteceu conosco, mas é injustificado.

— Estou preocupada que você ainda não esteja saindo com ninguém. Você é um homem bonito.

— Dra. Curtis, você está flertando comigo? — Eu sorrio para ela e ela balança a cabeça.

— Não faça charme, Taron Rhodes. Eu estou muito velha. — Ela balança de volta.

— Amor, companheirismo, essas coisas são partes importantes da experiência humana. Eles são importantes para a sua recuperação contínua.

Inspirando lentamente, eu me levanto, caminhando até sua janela que dá para as montanhas esfumaçadas. Elas se erguem, azul nebuloso à distância.

— Há muito tempo, passei um verão em uma fazenda. Desculpe, um pomar. — Lembro-me de uma jovem, Noel, me corrigindo, tão atrevida e doce. — Foi a época mais feliz da minha vida.

Ela está quieta, e quando eu olho para trás, me dá um sorriso.

— Qual é o nome dela?

Balançando a cabeça, eu estudo as linhas no tapete.

— Foi há muito tempo. Tenho certeza de que ela está casada e tem filhos...

Sawyer e eu trocamos e-mails ocasionalmente. Conversamos sobre nossas vidas e eu propositalmente não pergunto sobre ela. Não quero saber se ela seguiu minhas ordens, e nem quero saber se outro homem a está amando.

— Eu sou um bastardo egoísta, eu sei.

— Eu acho que uma mudança de cenário faria bem a você. Estou confortável em liberar você. Você tem meu número se precisar conversar.

— Obrigado, doutora. Por tudo.

Ela se levanta e eu pego sua mão estendida, apertando-a. Eu sinto que estou me formando novamente, como se eu devesse receber um certificado ou algo que eu possa colocar em um quadro.

Atravessamos lentamente seu escritório imaculado até a porta.

— Não falamos sobre o sonho. Ainda acontece?

Meus ombros ficam tensos. A palavra ‘pesadelo’ seria mais adequada. Uma garota mexicana morta no chão de uma cabana, olhos verdes olhando fixamente para o nada, minha bala em seu peito.

Nenhuma quantidade de drogas poderia matar essa dor. É um pecado pelo qual nunca encontrarei absolvição.

— Às vezes... Ocasionalmente.

Seus olhos severos vão de precisos a gentis – algo que você não vê frequentemente em Charlotte Curtis.

— O perdão é um presente que você dá a si mesmo, Taron.

— Eu sei. — Tenho certeza de que já disse essas palavras a Patton antes. Eu deveria tatuá-las no meu peito.

Do jeito que está, a única tatuagem que tenho foi no meio de uma crise, uma semana em que tudo que eu podia fazer era me deitar de costas na minha cama e sentir dor por Noel. O nome dela está gravado acima do meu coração, onde ela sempre estará.

Quebrei meu coração com a mesma certeza que fiz com o dela.

Você pode achar este livro útil. — Ela vai até a mesa, rabiscando rapidamente em um tablet e rasgando a folha de cima. Quando ela o entrega para mim, pressiona-o na minha palma.

— Não foi sua culpa, Taron. Coisas terríveis acontecem no cumprimento do dever.

Eu lhe dou um sorriso tenso.

— Certo.

Ninguém que diga essas palavras jamais viveu isso. Tenho certeza de que terei a memória daquela garota comigo para o resto da minha vida.

Enquanto isso, estou dirigindo de volta para o escritório. Patton não vai gostar do que tenho a dizer, mas fiz tudo o que podia para ajudar a formar a Fletcher International. Nós a elevamos a um nível alto. É uma empresa multibilionária. Ele cumpriu sua promessa e nos tornou podres de ricos. Agora quero ver se há algo mais para mim além de ganhar dinheiro.

Devo dizer que estou surpreso em ouvir você. — A voz de Sawyer é inconfundível. Ele soa feliz.

— Está tudo bem em Nashville?

— Nós atingimos algumas águas turbulentas, mas acho que vamos sair dessa.

Certo. — Seu tom baixa.

— Patton me contou. Lamento saber disso.

— Ele vai ficar bem.

— E você?

Um nó se forma na minha garganta. A vergonha, minha companheira constante, volta a dar as caras.

— Eu estou bem. Estou limpo há alguns anos.

— Fico feliz em ouvir isso. — Sua voz está grave, mas não foi por isso que liguei.

— Contratamos algumas pessoas novas aqui. Estou pensando em tirar uma folga da Fletcher International.

— Pelo que ouvi, você tem dinheiro para fazer isso.

— Sim. — Eu consigo rir. — Tentamos colocar você no andar térreo. Lembra?

— Essa vida não é para mim.

Meu estômago está apertado. Eu não sei por que isso parece tão difícil de dizer.

— Na verdade, foi por isso que liguei... Eu também não acho que seja vida para mim. Não mais.

— Eu estava me perguntando quando você ligaria para me dizer isso. Acho que você teve seus motivos para esperar.

Não tenho certeza do que ele quis dizer.

— Sim, bem, estive pensando sobre aquele verão em Harristown ...—*Estive pensando em Noel.* — Foi...— *O melhor verão da minha vida?*

— Quente... extenuante. — Ele está me importunando e eu rio.

— Não foi de todo ruim.

—Tenho muito trabalho pela frente no próximo ano. É hora de girar as árvores.

As boas-vindas em seu tom aumentam minha confiança.

— O que isso significa?

— Significa que preciso de ajuda. Os pessegueiros produzem no máximo durante vinte anos, se você tiver sorte. Estamos no décimo quinto ano deles. Eu tenho que começar a plantar novos e eliminar os antigos. É um trabalho duro.

Não tenho medo de trabalhar duro. — Meu estômago está apertado por antecipação.

— O chalé do capataz ainda está vazio?

Ele ri.

— Eu o terei pronto para você.

— Dê-me alguns dias para me organizar aqui e irei.

Quero perguntar sobre ela, mas não pergunto. Eu digo adeus e nos desconectamos. Ver Noel novamente é como imaginar um sonho. Tento pensar no que vou dizer... Meu coração bate mais rápido. Como ela está agora? Quero partir hoje, mas preciso falar com Patton.

Eu rapidamente lhe envio um e-mail marcando um horário para o encontro, então vou para a minha cobertura para começar a fazer as malas.



Capítulo 21

Noel
Sete anos.

Já se passaram sete anos desde que a Srta. Jessica me deu este antigo galpão e estou finalmente abrindo a porta da frente.

Fiquei grávida, larguei a Faculdade de Administração por um ano para ter um filho, retornei, me formei e fiz meu mestrado.

Agora finalmente terei uma loja física.

Assim que eliminar os ratos.

Akela está bem ao meu lado, ouvidos atentos. Seus ombros eriçam como se ela sentisse as hordas de roedores abundantes à espreita logo além da porta frágil...

Eu cerro os dentes, semicerrando os olhos e ergo a vassoura mais alto. Meu coração troveja no meu peito, e é agora ou nunca. Colocando minha bota bem no centro da porta, dou um forte empurrão enquanto grito.

— Fora, ratos!

Como se isso fizesse diferença.

Eu salto para trás, e a porta mal se move um centímetro.

Tudo está quieto.

Meus ombros caem com a minha expiração, mas eu convoco minha coragem mais uma vez.

— OK, menina. Desta vez, vamos entrar.

Akela dança de um lado para o outro e eu afago sua cabeça. Dou um passo à frente, pronta para chutar, e ela retoma a posição de ataque.

Bota contra a madeira, eu empurro com mais força, gritando mais uma vez:

— Por favor, Jesus! Vão embora, ratos!

A porta se abre, quicando na parede... e eu salto para trás.

Novamente, nada acontece.

O interior está em silêncio.

Darcy Hayes disse que não importa o quão talentosa você seja. Ela disse que os juízes só se importam com seu vestido, seu cabelo... e como você sorri. E como você anda.

— Um metro e meio de cabelos dourados felizes trotam atrás de mim, nem mesmo parando para respirar.

— Tara Dove. — Minha voz está calmamente alerta. — Eu disse para você ficar em casa.

— Tenho que vender patrocínio, mamãe! Darcy Hayes disse que seu tio Digger já comprou três anúncios de página inteira para ela!

Dou um passo à frente com cuidado, direcionando minha lanterna gigante ao longo do piso de madeira do antigo galpão. Eles estão cobertos por uma camada de poeira tão espessa que parecem cinza em vez de marrom.

— Digger Hayes sempre foi um exibido. — Eu ando até uma grande caixa de papelão no meio da sala.

A vizinha da minha filha fica chorosa.

— Ela vai ganhar com esse tipo de vantagem, e ela nem consegue cantar *You Are My Sunshine!*

Dove. — Eu paro para encará-la.

— Esse concurso é daqui a um ano. Você tem muito tempo para vender essas mer... coisas.

Ela pisca para mim com olhos verde-azulados que nunca vão parar de se parecer com os de seu pai, e seus lábios em botão de rosa são carnudos.

— Darcy disse que você odeia a Princesa Pêssego porque você não ganhou.

De todas as...— Balançando a cabeça, dou uma cutucada na caixa com a bota.

— Não gosto de concursos porque são apenas um monte de opiniões. Eles não são a realidade.

Ou, no caso da Princesa Pêssego, a conta bancária de uma pessoa.

Dou um empurrãozinho na caixa pesada, esperando para ver o que acontece a seguir. Até agora, parece que as histórias de ratos neste galpão foram muito exageradas.

Por que você está aqui, mamãe? — Dove caminha até uma mesa velha que está encostada contra a parede.

—Tio Sawyer disse que limparia o galpão para você.

Tateando as paredes, meus dedos pousam em um interruptor de luz. Eu viro para cima e para baixo, mas nada acontece.

—Tio Sawyer já tem trabalho o suficiente com o plantio de todos aqueles pessegueiros. Eu sou perfeitamente capaz de... Ahh!

Um pequeno rato branco corre pelo chão, e eu grito, pulando na mesa. Akela corre atrás dele, derrapando até parar na fenda do chão e dançando ao redor dela.

— Um rato, mamãe! Um rato! — Dove grita alto o suficiente para quebrar o vidro, eu pulo e a coloco no meu quadril, pegando a lanterna novamente e me dirigindo para a porta.

— Era a Angelina Ballerina!

— Acho que vamos deixar Sawyer vir preparar algumas armadilhas esta noite.

Minha filha se contorce em meus braços, olhando para trás com olhos redondos.

—Se o tio Sawyer pegar o rato, posso cuidar dele no meu quarto?

— Os ratos não devem viver em casas.

— Esse sim.

Deslizando-a pelo meu quadril, seguro sua mão enquanto subimos a colina para a casa da fazenda. Akela corre ao nosso lado. Damos apenas alguns passos antes de Dove começar a pular.

Eu olho para seus cachos loiros brilhantes saltando e sorrio.

— O que você já está pensando sobre o concurso?

— Eles distribuíram formulários de patrocínio nas aulas hoje. A Sra. Jenny disse que todos nós precisamos participar. É tradição.

— Não tenho certeza sobre isso. — Erguendo-a sob os braços, ajudo-a a subir os degraus de trás da cozinha, um por um.

— Ela disse que minha avó venceu todos os concursos de que ela se lembra. Isso é verdade?

— É verdade.

— Eu pareço com ela?

Eu não esperava essa pergunta.

— Um pouco.

—U-huuu! — Ela bombeia seu pequeno punho sobre a cabeça enquanto sai correndo pela porta. Um rápido desvio e ela corre direto para o meu irmão parado no bar.

— Leon está em casa!

Ela joga os braços em volta das pernas dele, e ele a coloca em seu quadril.

— Ei, cérebro de pássaro. Quanto são três vezes três?

Eu não sou um cérebro de pássaro! — ela chora.

—Nove!

— Quanto são quatro vezes cinco?

— Vinte!

— Quanto são seis vezes... Seus olhos deslizam de um lado para o outro, e os dela se arregalam.

— Sete?

Dove fecha os olhos e grita:

— Quarenta e dois!

Sim. —Ele ri.

— Quem disse que as meninas não sabem matemática?

— Ninguém! — Dove segura seu pescoço enquanto ele dá um salto. Dou-lhe um beijo rápido na bochecha. Leon a deixa muito hiperativa.

— Ei, esquisito. Como foi o seu dia?

— Bem. Quando sai o jantar? Estou faminto.

— Você está sempre morrendo de fome. — Indo para a geladeira, tiro um saco plástico com três bifés marinados dentro. — Vou lhe receitar um tratamento contra vermes.

— Tio Leon tem vermes? — Dove torce o nariz para ele, que a coloca no chão.

— Eu vou colocá-los em você.

— Ai, credo! —ela grita e corre para a sala. Cortei cenouras e aipo, aspargos, batatas vermelhas e coloco na frigideira de ferro fundido em cima do fogão. É a mesma velha receita que venho fazendo há anos, mas tento variar um pouco.

— Onde está Sawyer?

— Ele está falando com Deacon sobre a compra de árvores e essas merdas.

— Leon! —eu assobio, mas a música de uma harpa e flautas tocando o tema Angelina Ballerina está alta na sala de estar.

— Ela não está nos ouvindo.

— Ainda assim, meça suas palavras .— Dou uma beliscada nele e volto ao fogão, levando tudo para o forno.

Deacon Dring tornou-se nosso consultor financeiro desde que voltou de Dallas. Mindy é a única que conhece toda a história do homem bonito que sempre volta à nossa cidade. Só sei que ele dá bons conselhos financeiros. Ele me guiou algumas vezes no meu próprio negócio.

— Eu preciso que ele coloque algumas armadilhas no galpão de ração.

— Você finalmente voltou ao seu sonho? — Seus olhos castanhos se suavizam e, por mais que eu tente manter a imagem de Leon criança na minha cabeça, sei que agora ele é um homem de vinte e dois anos.

— Eu nunca desisti dele. Eu só tive que colocar uma vírgula. Cuidar de assuntos mais importantes antes que eu pudesse voltar a ele.

— Uma vírgula. — Ele acena com a cabeça, uma sugestão de sorriso em sua voz.

— Uma bela vírgula.

Nós olhamos no catálogo as variedades de pessegueiros e quanto tempo leva para serem despachados, sejam de raiz nua ou em estopa.

— Podemos plantar a qualquer momento, mas acho que ele quer preparar o solo por enquanto e esperar primeiro de abril.

Estou prestes a mencionar a loja quando meu irmão mais velho entra pela porta.

— Está vindo um cheiro bom daqui.

— Oh! — Volto para o fogão, tirando a frigideira de carne, batatas e legumes do forno.

— O jantar está pronto quando você estiver.

Sentamo-nos para comer e Dove divide seu bife comigo.

— Mamãe viu um rato no velho galpão e gritou bem alto. Akela tentou comê-lo!

Sawyer sorri calorosamente para ela, em seguida, olha para mim.

— Vou preparar algumas armadilhas antes de ir para a cama esta noite.

Quero dizer que ele não precisa... mas decido deixá-lo dessa vez.

Depois de comermos, Dove ajuda Leon a limpar os pratos e a carregar a máquina de lavar louça. Sawyer sai para a varanda e eu o sigo, olhando para as colinas de pessegueiros, as terras de nossa família.

Eu sei que este trabalho está pesando em sua mente. Vai exigir um grande investimento inicial, e estabelecer uma nova safra de árvores tem seu próprio conjunto de riscos e problemas. Sem mencionar a necessidade de mãos adicionais.

— Deacon encontrou um salário de tempo integral em nossos livros?

Ele olha para mim e coloca um braço forte em volta dos meus ombros.

— É interessante como as coisas acontecem, com o tempo e tudo mais. Às vezes parece providência.

Isso me surpreende. Meu irmão nunca foi particularmente espiritual.

— O que você quer dizer?

— Encontrei alguém que trabalhará por hospedagem e alimentação.

Meu queixo cai.

— Quem?

A porta de tela se abre e meu pequeno redemoinho corre para a varanda.

— Mamãe! Eu escovei meus dentes, é hora de dormir!

Ela agarra a mão do meu irmão e dá um puxão. Ele a levanta facilmente, e ela o abraça pelo pescoço.

— Boa noite, tio Sawyer.

— Boa noite, menina. — A grande mão de Sawyer alisa suas pequenas costas e o calor enche meu peito. Seus olhos encontram os meus.

— Podemos conversar sobre isso amanhã. Durma um pouco.

Dando um passo à frente, beijo sua bochecha desalinhada e pego minha garota de seus braços. Ela desce e me leva para dentro de casa, onde nos enrolamos como sempre com um livro da Angelina Ballerina e sua rata de pelúcia, Alice.

Dove se aconchega mais nos cobertores ao meu lado, e eu descanso minha cabeça em meu braço, traçando meu dedo ao longo de um cacho dourado. Como sempre, estou impressionada com ela. Ela mudou tanto minha vida... Ela salvou minha vida.

Quando meu coração se partiu, ela veio e me trouxe paz. Ela acalmou a tempestade e trouxe de volta a luz do sol.

Foi como se toda a felicidade e o amor que encontramos naquele verão estivessem encerrados em seu corpinho. Mesmo com aqueles olhos azuis-esverdeados que às vezes torcem a dor no meu peito, ela me traz muita alegria.

Meus olhos se fecham e os sons de sua respiração nos levam a dormir.



Capítulo 22

Taron

O escritório de Patton foi minha última parada antes de ter saído da cidade esta tarde.

Ele se senta atrás de sua enorme mesa Armani de mogno com sua sobancelha escura baixa, olhos escuros nivelados, ficando mais irritado com cada palavra minha. Na verdade, já vi homens mais velhos do que eu suarem sob o olhar intimidador de Patton Fletcher.

Eu não estou suando.

Eu lhe dou as boas notícias primeiro.

— O contrato de Dubai veio da noite para o dia. Sandra está digitalizando os documentos assinados no sistema.

Nossa gerente de escritório, Sandra, já sabe o que está por vir. Ela previu um terremoto, mas Patton e eu nos conhecemos há tempo demais para isso.

— Por que sinto que há mais vindo? — Ele se inclina para trás, cruzando um tornozelo sobre o joelho.

Porque você é bom no que faz. — Eu me mexo na cadeira de couro, tentando manter o clima leve.

— É meu último dia, Patton. Conversei com Sawyer e estou me demitindo da...

Ele está de pé.

— Você não vai a lugar nenhum. Eu não aceito sua renúncia.

De pé, eu expiro lentamente.

— Está feito, Patton. Eu não posso mais fazer isso. Não fisicamente, não mentalmente...

— É sobre suas costas? Vamos providenciar a melhor fisioterapia, uma mesa permanente, o que você precisar. Cobre da empresa.

Não é sobre isso.— Indo para a janela, pego uma foto emoldurada de nós quatro no México. Parecemos tão jovens.

—Você não precisa de mim, irmão. E eu tenho que ver se há alguma chance...

— Isso é sobre Noel?

Eu olho por cima do ombro e não preciso dizer que sim. Coloco a foto para baixo novamente, estendo minha mão para apertar a sua.

— Sinto muito, Patton.

Vários segundos se passam. Seu jogo de carranca é sólido, mas acho que ele vê algo em meus olhos – a verdade. Eu já me demiti.

Com uma expiração profunda, ele a contragosto aperta minha mão, e eu sei que ele vai ficar bem. Raquel é muito afiada e se preocupa muito mais com esse trabalho do que eu.

Antes de sair, considero trocar meu Tahoe por uma picape, mas não quero perder mais tempo. Estou há quatro horas na estrada, em algum lugar entre Memphis e Little Rock quando meu telefone toca no carro.

Remington Key aparece no painel e toco no botão de resposta no volante.

—Remi, o que houve?

— O que foi isso que ouvi sobre você deixar Fletcher? — A voz amigável de nosso jovem parceiro de investimento enche a cabine.

Remi e eu ficamos amigos depois que ele e seu parceiro Stephen Hastings investiram o capital inicial para tornar a empresa de Patton global. Ele é um cara da Marinha, e nos demos bem. Somos ambos muito mais descontraídos do que nossos sócios parceiros de negócios.

— Estou indo para o sul. Vou ver se há mais vida além da rotina.

— E me deixando sozinho com Stephen e Patton. Eles podem se matar. Ou entrar em combustão espontânea.

Eu rio com o pensamento.

—Aposto que eles darão um jeito, e você vai gostar de Raquel. Ela vai manter Patton alerta.

— Já a conheci. Já gosto dela. Agora me diga o que está por trás dessa deserção?

Ele me pegou no ponto. Eu só pensei sobre isso em minha cabeça, e dizer em voz alta me deixa constrangido.

Eu tenho muitas memórias ruins em Nashville. — Meus olhos viajam ao longo da estrada à frente e minha mente se enche de imagens de braços suaves, cabelos sedosos, beijos no travesseiro, todas as coisas que tive naquele verão.

— Espero que ainda haja algo melhor para mim.

É uma chance remota, mas estou me agarrando a ela.

— Na fazenda?

— É um pomar, mas sim.

Ele fica quieto. Ainda assim, Remi é tranquilo.

— Não posso dizer que te culpo. É lindo lá.

— Eu não sabia que você conhecia o lugar.

— Patton me mostrou algumas propriedades de investimento no Lago D'Arbonne. Enquanto estávamos lá, paramos para ver seu amigo da Marinha.

— Sawyer. Ele é um bom homem.

— Ele é, e sua sobrinha é espetacular. Eu estava com saudades das minhas meninas, mas ela me mantinha ocupado.

— Sobrinha?— Meu estômago aperta.

— Eu não a conheço...

— A filhinha de sua irmã Noel. Ela deve ter seis anos agora...

Meu peito está pegando fogo e noto que acelerei para noventa. De repente, eu percebo que nem estou ouvindo meu amigo enquanto minha mente percorre todas as possibilidades. Digger? O pensamento dá vontade de parar e vomitar. Ou arrancar os olhos de alguém.

Eu sintonizo e percebo que Remi está desligando...

— Te desejo o melhor, meu amigo.

— Obrigado, cara. Entrarei em contato.

Nós desligamos e meus punhos apertam o volante. As quatro horas restantes de viagem são como me mover através de melaço. É como se eu tivesse passado por um buraco de minhoca de merda e o tempo desacelerou para um rastreamento. Estou atormentado pelas imagens de Digger com os braços em volta da minha garota. Se ela estiver casada com ele... Se eles tiveram um filho...

Já passa da meia-noite quando eu finalmente viro para a longa estrada de terra que percorre toda a extensão do pomar de cem acres até a casa. Meu SUV não faz barulho quando paro atrás da cabana do capataz.

A porta está destrancada e, como prometido, Sawyer deixou o lugar pronto para mim. Ao entrar, o cheiro de livros velhos e loção de pêssago reacende as memórias. A cadeira está em frente à pequena televisão de tela plana... É a mesma coisa.

A luz no poste do quintal brilha através da janela na cama de casal, e ainda posso ver Noel lá, linda como o pôr do sol, seu cabelo escuro caindo longo e sedoso sobre seus seios pequenos. Seus olhos castanhos me procurando inebriados de amor... Dor torce em meu peito.

Virando, faço uma pausa antes de fechar a porta e olhar para a casa. A janela do quarto dela está escura, e eu percebo que ela provavelmente não mora mais aqui. Eu realmente acreditei que nada mudaria em quase sete anos? O que diabos há de errado comigo?

Fechando a porta, vou para a cama e me sento.

— Que diabos estou fazendo aqui?

Tirando minhas botas e minhas roupas, rastejo entre os cobertores e caio em um sono agitado.

Meus olhos se abrem com o sol entrando pela janela, e o delicioso aroma do café da manhã está no ar. O que quer que tenha mudado, ainda cheira como naquele verão...

Sentado na cama, minhas costas doem, e posso dizer que dirigi oito horas ontem. Eu me pergunto se estou à altura do trabalho que prometi fazer para Sawyer. Movendo-me ao redor da pequena cabana, visto meu jeans e uma camiseta de mangas compridas, calço minhas botas. Meu cabelo está mais comprido agora, e eu uso

meus dedos para jogá-lo para trás, colocando um boné na minha cabeça.

Em Nashville, voltar parecia um sonho. Na verdade, agora parece uma completa tolice. Achei que ela ainda estaria esperando? Depois do que eu fiz?

Uma rajada de ar frio me atinge do lado de fora.

— Merda. — Eu recuo e pego minha jaqueta jeans.

Quando finalmente chego à porta dos fundos, ouço suas vozes. Eu paro, olhando para dentro antes de abri-la. Noel é a primeira coisa que meus olhos captam...

Ela está com calça de moletom cor de vinho desbotada que caem em sua cintura fina e ela ainda é linda pra caralho. Mais uma vez, ela está esticando a mão muito acima da cabeça para pegar um prato, e a camiseta branca de mangas compridas que ela está vestindo sobe, dando-me um vislumbre de sua barriga. Minha respiração para com a visão de sua pele morena. Lembro-me de colocar minha boca ali. Lembro-me do dia em que ela caiu em meus braços como um anjo vindo do céu.

Leon para atrás dela e pega a tigela e o prato.

— Obrigada.— Ela se vira para o fogão, seu cabelo em um rabo de cavalo alto com as pontas roçando seus ombros.

Uma vozinha, eu acho, da sobrinha de Sawyer quebra a cena.

— Eu quero patinar no gelo. Tio Leon, você vai me levar para patinar no gelo?

A voz de Leon está mais profunda do que eu me lembrava.

— Eu me pergunto se aquele velho lago na propriedade Hayes algum dia congela?

— Sim, se ficar frio o suficiente. — Sawyer está na mesa olhando para seu telefone.

— O reservatório sim, mas a corrente é mais forte no inverno.

— Estou surpreso que não esteja congelado o ano todo. Minhas bolas ficaram parecendo cascas de nozes de tão duras a última vez que entrei lá.

— Eu quero nozes! Pecã, por favor! — A menina levanta a mão e eu rio.

— São nozes diferentes, querida .— Noel bate na nuca de Leon e ele se abaixa.

— Ai! Tire as mãos de mim, mulher!

— Vou verificar se eles estão planejando fazer uma pista de patinação no gelo no coliseu em Shreveport. — A voz de Noel está um pouco mais baixa, ainda com aquela leve aspereza que a torna tão sexy.

A memória daquele lago congelado e do dia em que a joguei vagueia em minha mente, e meu estômago aperta. Meu coração bate no meu peito enquanto alcanço a porta. Esta foi a melhor ou a pior decisão que já tomei.

— Taron? — Sawyer me vê primeiro. — Quando você chegou?

Ele se levanta da cadeira e circula a mesa para me cumprimentar.

— Tarde. Depois da meia-noite. Obrigado por ter o lugar pronto...

Um estampido *forte* me interrompe.

— Oh, merda... — Noel se agacha ao lado do bar limpando ovos quebrados por todo o chão. A caixa de papelão está em cima deles.

— Mamãe! Você deixou cair todos os ovos e disse um palavrão... — A menina se levanta em sua cadeira, colocando a cabeça na altura do meu peito.

— Dove, fique aí. — Noel não me encara, mas a menina sim.

— Oi! — Ela sorri para mim.

Eu me viro para ela e minha garganta dá um nó.

Todo o ar parece ter sido sugado para fora da sala quando eu olho para ela me encarando com olhos redondos, azuis-esverdeados impossíveis de não reconhecer. Eles são franjados por cílios grossos, e seu cabelo é loiro-dourado... assim como o de minha mãe.

Estendendo a mão, eu seguro a parede, tentando parar o ataque de emoção. Essa garotinha... as palavras de Remi estão na minha cabeça... *Ela deve ter seis anos agora.*

Seis anos...

Meus olhos voltaram para Noel, e ela está de pé, a caixa bagunçada em suas mãos, seus olhos âmbar arregalados.

— Ela é... — Minha voz falha na frase.

Seus lábios carnudos se abrem como se ela fosse falar. Em vez disso, seu queixo se inclina ligeiramente em um aceno de cabeça.

Eu recuo, pegando a maçaneta da porta e descendo os degraus. Eu preciso recuperar o fôlego. Eu preciso processar isso.

Imagens da noite em que ela veio para mim, todos aqueles anos atrás, batem na frente do meu cérebro. Eu estava tão quebrado, tão fodido e chapado o tempo todo. Oxicodona era a única coisa que mantinha a dor ininterrupta sob controle, a única coisa que afogava as memórias de uma garota morta...

Eu estava viciado como o inferno. Eu escrevi para Noel uma carta provavelmente incoerente dizendo a ela que tudo estava acabado entre nós. Eu não conseguia suportar a ideia de ela me ver daquele jeito, me amando quando eu estava tão longe do que eu queria ser para ela.

Ainda assim, ela apareceu na minha porta. Eu deveria saber que ela iria.

Um beijo e todos os meses de saudade dela, precisando dela, sonhando com ela voltaram correndo. Eu não pude me conter. A dor foi consumida pelo desejo. Fizemos amor... Uma vez? Duas vezes? Seu corpo era tão lindo. Foi a luz mais breve brilhando em toda aquela escuridão.

Parando em uma árvore, estendo a mão para segurar o tronco enquanto as ondas de emoção me socam no estômago. *Uma filha?*

Tento imaginar Noel tão jovem, tão linda carregando meu bebê. Tento imaginar como deve ter sido para ela estar sozinha... Tento imaginar um mundo onde tudo não desabou...

A voz de Leon corta minha desordem.

— Eu devo a você um chute na bunda.

Erguendo o queixo, vejo que o garoto de quem tanto gostava se tornou um homem. Um homem com raiva queimando os olhos para mim por baixo de uma sobrancelha abaixada.

— Leon...— Minha voz está áspera.

— Eu disse a você que se machucasse minha irmã, eu chutaria sua bunda e você a machucou. Forte.

Eu estremeço com suas palavras, odiando a verdade delas.

— Eu não vou lutar com você, Leon.

— Eu sei que você tem movimentos especializados de fuzileiros navais ou algo assim, mas eu me garanto.

Sim, mas o que ele quer não está acontecendo.

— Eu sinto muito por ter te decepcionado. Eu daria tudo para voltar e mudar o passado.

— Eu nunca vi minha irmã assim. Eu não achei que ela fosse sair dessa... até Dove chegar. — *A garotinha... Minha filha.* — Eu não vou deixar você machucá-la novamente.

— Eu não vou machucá-la novamente. — Minha voz é segura e meus olhos encontram os dele.

— Você está certo. Você não vai.

Ombros largos esticam o moletom que ele está vestindo, e embora não seja tão alto quanto eu, ele está claramente em boa forma. Ele avança, batendo no meu lado com o ombro, os braços em volta da minha cintura. Eu mal tenho tempo para me preparar para o golpe, e um grunhido sai dos meus pulmões quando o recebo.

A dor explode do meu antigo ferimento, quase me cegando.

— Leon...—eu grito, fazendo o meu melhor para segurá-lo.

— Pare!— A voz de Sawyer está alta ao meu lado.

— Leon, saia de cima dele!

Ele agarra seu irmão pelos braços, puxando-o para longe de mim.

— Me solta, Sawyer. Vou limpar o chão com sua bunda arrependida.

Eu disse pare! — Sawyer se vira, empurrando Leon na direção oposta à minha.

— Volte para a casa e se refresque.

Todos nós estamos respirando com dificuldade, e Leon grita com seu irmão.

— Você vai deixá-lo voltar aqui depois do que fez?

Estou segurando minhas costelas, encostando minhas costas na árvore, tentando respirar em meio à dor.

—Você não conhece a história toda, Leon.— Sawyer está entre nós, bloqueando minha visão.

— Eu sei o suficiente. Eu sei o que ele fez com Noel.

— Há mais do que isso. Muito mais. Coisas que espero que você nunca tenha que entender... ou experimentar. — A voz de Sawyer é grave, mas Leon faz um barulho de nojo antes de se virar e descer a colina.

Soltando meu rosto, esfrego minha testa com os dedos.

— Ele tem razão. Eu não deveria ter voltado aqui.

— Eu vou falar com ele. — Sawyer se aproxima e pega meu braço.

— Você está bem?

— Eu vou ficar.

— Você estava certo em vir aqui. Você precisa conhecer sua filha. Ela precisa conhecer seu pai.

— Você não quer chutar minha bunda também? — Estou apenas brincando.

A fúria saindo de Leon era poderosa, confirmando meus piores medos. Tudo que me lembro daquela noite passada com Noel é verdade. Eu estava tão fodido. Eu a machuquei muito.

Os demônios contra os quais lutamos eram fortes. Quase muito fortes. — Nossos olhos se encontram, e ele aperta meu ombro.

— Mas você foi mais forte do que eles. Você os venceu e está aqui.

— Perdi o que era mais importante.

— Talvez não.

Começamos lentamente a descer a colina em direção à casa, a dor nas minhas costas começando a diminuir, mas estou mancando um pouco.

— Eu daria qualquer coisa para você estar certo.

Ele faz uma pausa, olhando para a estrada à frente.

— Todo mundo merece uma segunda chance.

Dove ainda está na cozinha quando volto para casa. Ela está de pé em uma cadeira, inclinada sobre a mesa, colorindo um desenho e com um rato marrom de pelúcia em um vestido verde ao seu lado. Por um minuto eu a observo tão focada em sua pintura.

Sua testa está franzida e seu nariz se inclina para cima. Eu não consigo superar seu cabelo loiro. Ela é perfeita.

Eu me aproximo e o chão range. Ela se senta na cadeira e me estuda.

— Mamãe disse que se você vir alguém que precisa de um sorriso, você deve dar um dos seus. — Ela sorri para mim, e uma

pequena covinha aparece logo abaixo de sua boca, assim como a de sua mãe.

E tão rápido, ela rouba meu coração.

— Eu preciso de um sorriso?

Você precisa. — Ela ainda está sorrindo, seus dentes de menina à mostra.

— Qual o seu nome?

— Taron.

— É como o meu nome. — Ela se levanta na cadeira e começa a colorir novamente.

— Você gosta de colorir?

Com certeza. — Sento-me ao lado dela, pego o giz de cera azul e começo com o casaco de um rato de óculos.

— Qual o seu nome?

— Tara Dove Noel LaGrange — ela diz isso como se estivesse lendo um roteiro, acenando com o queixo para todas as palavras.

— É um nome bonito. Eu gosto de Tara.

— É para o meu pai. Mamãe disse que ele é um príncipe bonito. Ela disse que é por isso que tenho olhos azuis, enquanto os dela são castanhos.

Um flash de emoção aperta meu peito.

— Onde está sua mãe agora?

Lá embaixo em sua nova loja. — O nariz da menina enruga.

— Não é realmente nova. É muito antiga, mas mamãe diz que vai ser a melhor coisa que eu já vi quando ela estiver pronta. Eu disse a ela que já vi muita coisa.

— Você já viu? — Quero rir. Eu quero puxá-la para mim e abraçá-la. Eu quero que Noel esteja aqui para que eu possa segurar as duas em meus braços. É um sonho que não mereço ter, mas anseio por isso em meus ossos.

— Você é um príncipe?

— Não. Eu nunca fui um príncipe. — *Apesar do que sua mãe costumava dizer.*

— Mal posso esperar para conhecer meu papai.

Um lampejo de emoção aperta meu estômago, e não tenho certeza do que fazer a respeito dessa parte. Como podemos contar a verdade a essa linda garotinha?

Eu a vejo preencher um tutu rosa na página.

— E se sua mãe estivesse apenas fingindo e seu pai não fosse um príncipe?

— Oh, ele é.— Suas sobrancelhas sobem e sua expressão é segura.

Coloco o giz de cera azul na mesa e pego um marrom, começando no tronco de uma árvore.

— E se ele for apenas um homem normal, como seu tio Sawyer?

Ela para de colorir e pressiona sua boquinha bonita em um beicinho, pensando.

— Ele é um herói? Mamãe disse que o tio Sawyer é um herói.

Meu sonho de ganhar o amor de Noel, de ser bom o suficiente para merecê-la, permeia minha mente, apertando minha garganta.

— Ele queria ser um herói... mas coisas ruins aconteceram. Ele esteve em um lugar muito escuro.

— Como o Príncipe Phillip?

— Eu não o conheço.

Seus olhos ficam sérios.

— Ele estava preso em uma masmorra escura, mas Merryweather, a fada, o ajudou a escapar. Então ele teve que cortar grandes arbustos espinhosos e lutar contra um dragão antes que pudesse chegar à Bela Adormecida e salvá-la do feitiço maligno.

— Isso é muito sombrio. — Eu considero os aspectos metafóricos de sua história e imagino que posso trabalhar com isso.
— Ele teve que fazer algo assim... mas ainda não é um príncipe.

Sua cabeça se inclina para o lado.

— Ele é um homem bom?

Eu solto o giz de cera e dou tapinhas em suas costas enquanto fico de pé. Eu quero explicar tudo para ela. Eu quero dizer a ela que, embora tenhamos acabado de nos conhecer, eu cortaria arbustos espinhosos e lutaria contra um dragão por ela. Quero dizer a ela que sou o pai dela e a amo.

— Ele agora é um homem melhor.

Ela acena com a cabeça, voltando para sua foto.

— Eu acho que está tudo bem.



Capítulo 23

Noel

Deveria haver uma sirene de tornado antes que Taron Rhodes pudesse aparecer em minha cozinha dessa forma.

Qualquer tipo de alerta teria sido bom.

Em vez disso, ele entrou direto pela porta como uma versão sexy do Fantasma do Natal Passado e parou meu coração de novo.

E quebrou todos os ovos.

Meu rosto ficou quente e frio e, por um momento, pensei que poderia seguir os ovos até o chão. Eu não desmaiei. De alguma forma, permaneci de pé.

Então ele deu uma olhada em nossa filha... Não há necessidade de um teste de paternidade para saber de quem Dove é filha. Ela parece com o papai desde o dia em que nasceu.

Quando ele olhou para mim novamente, a pergunta em seus olhos não era realmente uma pergunta. Eu silenciosamente respondi, e sua expressão... Pelo menos dois de nós tivemos o fôlego arrancado esta manhã.

Ele cambaleou para fora da porta com meu irmão mais novo logo atrás dele. Leon disparou como se fugisse de uma casa em chamas, mas Sawyer hesitou, observando-os pela janela.

— Você sabia que ele estava vindo? — Minhas mãos tremiam, mas mantive minha voz firme.

— Quem é ele? — Dove me estudou, mas consegui sorrir.

— Ele é... um velho amigo do tio Sawyer.—*Como eu poderia contar a ela sobre seu pai assim?*

Ela ficou temporariamente satisfeita e voltou a colorir Angelina Ballerina.

Voltei para o meu irmão.

— Você não achou que isso era algo que deveria ter me contado?

— Ele chegou mais cedo do que eu esperava.— Sawyer se levantou e foi até a porta.

— É melhor eu ver como eles estão.

Coloquei um biscoito em um prato e mingau em uma tigela para Dove.

—Aqui, querida. Coma seu café da manhã agora. Vou trabalhar na minha loja.

— Você não vai tomar café da manhã? — Sua testa está franzida.

— Comerei em alguns minutos. Você fica em casa.

Pegando alguns itens de comida da geladeira, eu saí, precisando fugir para decidir o que fazer sobre isso.

Mais de uma hora depois, limpei o chão, as paredes, a manta sobre a pequena lareira... Teias de aranha estão por toda parte, e é quase simbólico.

Eu varro, varro e varro. Minhas entranhas estão tremendo e frágeis. Achei que tivesse superado isso, mas as lágrimas escorrem pelo meu rosto, cobrindo-o com água salgada. Eu uso a manga da minha camisa para enxugá-las. Como resultado, provavelmente estou com sujeira em todo o rosto.

Akela está comigo, sentada na porta e observando cada movimento meu.

Eu meio que esperava que ela corresse atrás dele. Ela sempre amou Taron, mas não, meu cachorro fiel continua ao meu lado, montando guarda como sempre.

Ele simplesmente apareceu sem uma palavra ou um aviso. — Minha voz treme enquanto eu falo. Eu não sei se é pelo quão vigorosamente estou limpando ou pelo quão forte estou tremendo por dentro... ou ambos.

— O que você acha que ele quer?

A cabeça de Akela se inclina para o lado e me pergunto o que ela diria.

Minha vassoura atinge algo alto e metálico. Outro rato morto em uma armadilha.

Eu olho para a carcaça marrom e mole.

— Eu conheço o sentimento, amigo.

Usando a vassoura, eu o empurro pela porta dos fundos para a pequena pilha na grama. Akela observa, sem se aproximar da vala comum dos ratos. Eu deveria comprar um gato.

Com um arrepio, volto para dentro, onde um balde de sabão de madeira e um esfregão, esponjas, lixadeiras e joelheiras estão esperando por mim. Pretendo passar o dia todo esfregando este lugar de cima a baixo.

Estou pisando nas minhas joelheiras quando o som oco das botas no piso de madeira chama minha atenção. Sawyer entra na sala, suas sobranceiras franzidas.

— Que diabos, Noel?

Seu tom me surpreende. Eu me endireito, colocando minhas mãos em meus quadris.

— Que diabos, você.

— Achei que ele sabia sobre Dove.

Meus ombros caem.

— Você está brincando comigo agora? É com isso que você está preocupado?

— Você disse que contou a ele.

— Eu disse que *ia* contar a ele.

— Então o que aconteceu?

Eu exalo um suspiro frustrado.

— Vida? Você age como se eu tivesse ficado sentada intencionalmente para não contar a ele. Tive que abandonar a faculdade por causa dele... Aí veio Dove, e tive que largar a faculdade para poder cuidar dela, e em meio a isso minha loja estourou. Precisei acompanhar todos os pedidos... Inferno, ainda é um desafio às vezes...

Ele balança a cabeça escura.

—Se fosse eu...

— Se fosse *eu*, eu teria dito à minha irmã que o pai de sua filha estava prestes a aparecer!

— Eu ia te contar ontem à noite. Eu te disse, ele chegou cedo. De qualquer forma, pensei que você estava em contato com ele.

Não falo com ele desde...— Balançando a cabeça, luto contra a névoa que enche meus olhos novamente.

— Ele me expulsou, Sawyer. Ele me disse para sair e nunca mais voltar. Suas palavras exatas foram ‘Encontre outra pessoa’.

— Ele estava confuso. Você, entre todas as pessoas, deveria ter percebido isso.

— Não.— Não vou deixar que ele mexa comigo assim. — Eu fui até ele. Eu teria feito qualquer coisa para ajudá-lo. Eu implorei... e ele me expulsou... Não me expulsou, ele gritou na minha cara para eu sair.

A mandíbula do meu irmão aperta. Eu vejo o músculo se mover para frente e para trás... então, com a mesma rapidez, seus ombros caem. Seus olhos encontram os meus, e ele fecha o espaço entre nós, puxando-me para um abraço apertado. Demoro meio segundo para relaxar e envolver meus braços em volta de sua cintura, abraçando-o de volta.

— Sinto muito, mana. — A rachadura em sua voz aperta meu peito.

— Eu sei o que você passou. E também sei o que ele passou... o que todos nós passamos. Você precisa se unir e lidar com seu passado. Por Dove.

Nós nos abraçamos por mais alguns segundos antes de nos separarmos. Ele limpa a garganta e eu esfrego minha manga em meus olhos úmidos novamente.

Este homem nunca saiu do meu lado enquanto eu sofria, então ele se aproximou para ajudar-me a criar minha filha. Ele nunca me decepcionou.

— Então, sobre aqueles ratos...— Eu aponto para a porta dos fundos.

— Onde eles estão?

É tarde quando eu finalmente decido encerrar o dia.

Eu só fiz uma pausa para comer a comida que peguei no meu caminho para fora da porta e mandei uma mensagem para os caras

– ***o almoço é por conta de vocês.***

Dove subiu a colina algumas vezes com Akela para me ver de joelhos esfregando “como a Cinderela com as bolhas cantantes” – palavras dela.

Ela fingiu varrer enquanto realmente dançava com a vassoura ao som de sua versão do tema de abertura de *Angelina Ballerina* e, quando se cansou, Akela desceu correndo a ladeira até a casa.

Sawyer tinha se livrado das carcaças de roedores antes que minha princesinha tivesse a chance de vê-los. Então, quando finalmente ficou muito escuro para ver, arrastei meu corpo exausto por 400 metros de volta para casa, cansada de um dia inteiro de limpeza.

Um dia inteiro evitando o elefante gigante no pomar.

O galpão realmente parece muito bom desde que removi décadas de sujeira. Os pisos são de pinho amarelo bonito com linhas escuras personalizadas neles. As paredes precisam de uma camada de tinta e aquela caixa enorme precisa ser classificada. Parecem ser na maior parte cartas antigas e coisas de família, e preciso levar isso à Srta. Jessica.

Dove está na minha cama com Alice, a ratinha aninhada ao seu lado, quando eu saio do chuveiro. Meu cabelo está úmido e enrolado em uma toalha, e estou de moletom e uma camisa grande que cai de um ombro.

Indo para onde ela dorme, eu traço meu dedo ao longo de sua mãozinha enrolada em um punho solto em sua bochecha. A acusação de Sawyer esta manhã pesa em meu peito. *Por que eu simplesmente não contei a ele? Como posso contar a ela agora?*

Um dia inteiro de limpeza e evasão não clarearam minha cabeça. Ainda não tenho ideia do que fazer sobre isso, o homem ou o presente perfeito que recebemos.

De uma coisa eu sei com certeza: *não* vou me apaixonar por Taron Rhodes novamente.

Não vou deixar que ele me destrua como quase fez...

Estou esfregando a toalha no comprimento do meu cabelo quando uma batida na janela me faz pular. Akela levanta a cabeça de suas patas, onde está deitada aos pés de Dove, e quando o vê

do lado de fora do vidro, suas orelhas se inclinam para trás e ela parece sorrir.

Meu coração bobo tenta bater mais rápido – o mesmo que ele arrancou do meu peito.

Pare de ser um sádico, coração. Ele te matou uma vez, lembra?

Eu enterrei esses sentimentos e pavimentei uma estrada em cima deles, mas claramente eles tinham raízes de árvores, tão profundas que nunca conseguiria chegar ao último. Seus olhos verde-azulados seguram os meus através do vidro e tudo dentro de mim esquenta. Velhos sentimentos rompem minhas defesas como pequenas árvores crescendo no concreto.

Eu vou lentamente para onde ele espera, levantando o copo para que ele possa balançar as pernas para dentro da sala. Quase espero que ele me pegue pela cintura e me puxe para ele, cubra minha boca com a dele e me beije até perder os sentidos.

— Ei. — Sua voz é baixa, quente e sexy. Seu cabelo está mais comprido e uma mecha caiu sobre um olho, desafiando-me a enfiar meus dedos nele... Cruzando os braços sobre o peito, sinto-me muito exposta apenas em meu moletom, recém-saída do banho, com meu cabelo molhado.

— Desculpe incomodá-la. Achei que precisávamos conversar.

OK. — Eu sou cautelosa, cuidadosa. Ele ainda pode ter o poder de me abalar, mas parei de ser impulsiva há muito tempo.

— Sobre o que você quer falar?

— Está mesmo perguntando isso? — Seu sorriso sexy ilumina seus olhos hipnóticos e meu estômago aperta. Seus olhos nunca mudam, mesmo que ele mude.

Quando fui para Nashville, ele estava magro, fraco e ferido. Ele estava assombrado e a escuridão pairava ao seu redor como uma nuvem.

Não mais.

Agora ele é o que era de novo – ou mais. Seus antebraços estão alinhados e os ombros esticam a camisa. Tenho certeza de que por baixo das roupas ele é o mesmo fisicamente, e posso dizer que por dentro ele está mais confiante, mais relaxado, mais seguro do que nunca.

— Ouvi dizer que você ganhou muito dinheiro em Nashville. —
Ser rico é a diferença?

Ele olha para baixo, quase como se estivesse envergonhado.

— Patton teve essa ideia para a empresa de seu pai. Ele queria torná-lo o Air BnB de imóveis comerciais. Foi realmente muito brilhante.

— Acho que foi por isso que nunca mais ouvi falar de você? —
Sim, é um corte. Saltou direto da minha boca.

Ele coça o lado da barba com o polegar e lança aqueles olhos para mim por baixo da testa. Eu me pergunto se ele sabe o quão gostoso ele é – especialmente quando olha para mim desse jeito.

— Eu não era seguro para você.

Meus olhos se estreitam. O que isso significa?

Ele se levanta, dando um passo para dentro do meu quarto, e com um metro e oitenta, musculoso e saudável, ele preenche completamente meu espaço.

— Nós temos uma filha.

Essa velha energia magnética entre nós está em seus olhos quando ele olha para mim, e eu sinto isso em meu núcleo, em meus mamilos endurecidos. Mesmo que eu tente lutar, meu corpo se lembra de tudo.

Sua voz é terna quando ele se aproxima para assistir Dove dormindo na minha cama.

— Ela é tão bonita.

— Ela se parece com o pai.

Ele estremece, então corta os olhos para mim.

— Por que você não me contou?

Meu coração bate mais rápido, e faço o meu melhor para lutar contra minhas lágrimas, para reunir a força que ele sempre teve com tanta facilidade.

— Não estamos fazendo isso agora.

— Eu tinha o direito de saber.

E eu ia te contar...— Minhas mãos tremem, e todas as emoções que eu lutei há tanto tempo estão bem na superfície, como se nunca tivessem partido.

— Comecei uma carta cem vezes diferentes... Acho que não sabia o que dizer depois do que aconteceu. — *Depois que você*

gritou na minha cara e me colocou para fora.

— Você poderia ter me ligado.

— Não. — É uma exclamação mal controlada.

— Não depois da maneira como você me deixou.

Indo ao meu armário, subo até onde está uma caixa bem no fundo... Uma caixa cheia com uma carta me desejando feliz aniversário, uma máscara de madeira do Día de los Muertos, uma fronha com a qual eu dormia todas as noites e uma caixa com o anel turquesa que prometi que nunca tiraria.

Movendo essas lembranças de lado, pego as folhas de papel amassadas.

Eu nem mesmo leio.

Não preciso.

Saindo do armário, volto para onde ele está e empurro as folhas de papel contra seu peito.

— Aqui.

As lágrimas ameaçam, mas não vou chorar na frente dele.

— Eu não estava tentando escondê-la de você. Eu realmente não sabia o que dizer. Não queria que você pensasse que estava tentando prendê-lo com um bebê.

Suas mãos grandes se fecham sobre as minhas, tirando de mim as folhas de papel soltas.

Isso não foi o que eu quis dizer. — Sua voz está baixa.

— Eu nunca pensaria isso.

— Como pode saber?

— Meu pai nunca esteve por perto quando eu era criança... Não tenho certeza se ele sabia que eu existia. Eu nunca quis ser aquele cara.

Dor como cacos de vidro cortam minhas entranhas. Eu levanto meus olhos lacrimejantes para ele e digo a verdade.

—Você me machucou, Taron. Você me magoou mais do que eu jamais fui em toda minha vida... Você me fez parar de acreditar no amor. Você quase me fez parar de acreditar em qualquer coisa. — Uma inspiração vacilante me ajuda a terminar.

— Então ela nasceu. Ela me trouxe de volta... Ela me deu esperança. Ela me deu paz. Foi por isso que a chamei de Dove.

— Noel, eu...

— Mamãe? — A voz sonolenta de nossa filha nos faz dar um passo para trás.

Ela enfia o queixo pequeno e aperta o punho, deslizando ao redor da cama onde eu deveria estar deitada ao seu lado.

— Mamãe? O que está acontecendo?

Taron me olha como se não tivesse certeza do que fazer.

— Apenas vá — eu digo antes de subir na cama e deslizar para baixo ao lado dela.

Eu a puxo para mais perto do meu peito enquanto o ouço silenciosamente deslizando pela minha janela. Abaixando meu queixo, beijo o topo de sua cabeça, enrolando meu corpo em torno do dela e deixando as lágrimas rolarem silenciosamente pelo meu rosto.

Digo a mim mesma que não vou fazer isso de novo. Eu me lembro do quão longe eu cheguei...

Eu não preciso dele para ser feliz. Eu não pertenço mais a ele.

É preciso mais esforço desta vez, mas eu acalmo minha respiração. Eu coloco meu coração de lado mais uma vez, de volta na caixa onde ele pertence e adormeço.



Capítulo 24

Taron

Sentado no chão, minhas costas contra a cama de casal, li e reli as palavras que ela escreveu, apagou, reescreveu, riscou...

Nunca enviadas.

Cada palavra gira uma faca de dor mais profunda em meu estômago.

~~Caro Taron,~~

~~Ainda te amo...~~

~~Caro Taron,~~

~~Existe um limite de tempo para o perdão? Se houver, ainda não o alcancei...~~

~~Caro Taron,~~

~~Eu deveria ter te dito isso há muito tempo...~~

Quando ela as escreveu? Por que nunca as enviou? Esfregando minha testa com os dedos, me pergunto se ela ainda pode sentir algum desses sentimentos...

Como ela poderia depois do que eu fiz?

Meus olhos se fecham com força. Lembrar-me de mim mesmo naquela época é como derramar ácido em uma ferida aberta. Eu fiquei tão fodido por tanto tempo. Às vezes, eu não tinha certeza se

viveria para ver outro dia. Às vezes, eu não tinha certeza se merecia.

Eu com certeza não merecia Noel Aveline LaGrange.

Um e-mail de Sawyer realmente me deu o empurrão que eu precisava para arrastar minha bunda e conseguir ajuda. Ele provavelmente nem se lembra disso. Olhando para trás, foi uma daquelas mensagens aleatórias que enviávamos ocasionalmente, apenas informando um ao outro que ainda estávamos vivos, ainda resistindo.

Outra colheita terminou e estou cansado, mas feliz. É um trabalho árduo e, no passado, antes de tudo, eu considerava algo assim como garantido.

Agora percebo que outro dia é o melhor que temos, outra chance de tentar novamente...

Ele incluiu uma foto das colinas cobertas por árvores com o sol se pondo, e eu percebi que ele as viu. Naquela manhã, nós dirigimos juntos, eu me perguntei se ele já tinha sequer olhado para a beleza ao seu redor. Talvez ele ainda não tivesse, mas faz isso agora.

Eu soube, então, que este era o único lugar onde encontraria o que precisava. Decidi que se pudesse me limpar, voltaria aqui. Se eu pudesse ficar limpo por tempo suficiente para saber que não a machucaria novamente, tentaria mais uma vez fazer por merecê-la.

Rastreá-la na Internet tornou-se uma obsessão. Seus produtos esgotaram em seu site, e eu esperava que ela anunciasse um reabastecimento, imaginando-a trabalhando, se estava em seu quarto ou na cozinha.

Fechando meus olhos à noite, eu via Akela ao pé da cama, e Noel sentada no chão em frente ao laptop assistindo um vídeo de instruções ou fazendo anotações. Algumas noites, se eu tivesse sorte, eu a sentiria em meus braços.

Foi a batalha mais difícil que já enfrentei. Fisicamente, pensei que estava morrendo. Mentalmente, não acreditava que teria sucesso.

Agora, olhando para sua caligrafia ondulante nessas folhas de papel, me pergunto se elas teriam feito a diferença. Eu me pergunto

se saber que ela ainda me amava, que poderia me perdoar, teria tornado tudo mais difícil ou mais fácil.

Eu me pergunto o que eu teria feito se soubesse sobre Dove...

Deitado de costas na cama, sei que não posso reescrever o passado. Só posso começar onde estou e tentar tornar o futuro melhor.

Eu estou aqui agora. Estou neste lugar e tenho que tentar.

Antes mesmo que o alarme soe, estou fora da cama, vestindo minha calça jeans, colocando meus pés em minhas botas e deslizando a camisa pela cabeça. Eu escovo meus dentes rapidamente. Não está tão fresco esta manhã, mas o Dia de Ação de Graças está chegando, depois o Natal... o aniversário de Noel.

Akela me cumprimenta no meio do caminho para a casa, levantando as patas dianteiras e dando um pulo feliz. Eu dou uma esfregada rápida em sua cabeça antes de parar nos degraus de trás.

Assistir Noel pela porta antes mesmo que ela saiba que estou aqui sempre foi minha parte favorita da manhã. Ela está com um moletom cinza e uma camiseta de mangas compridas, e seu lindo cabelo escuro cai em ondas nas costas.

Nossa pequenininha está sentada no balcão ao lado dela.

— Por que você não gosta de concursos, mamãe? — Dove franze a testa, parecendo muito focada em mexer o que quer que esteja na tigela que ela segura.

— Não é que eu não goste deles. Eu só acho que eles são bobos. — Meus olhos são atraídos para a bunda fofa de Noel enquanto ela se inclina para a frente na geladeira, parada com uma caixa de ovos frescos na mão. Espero até que ela os abaixe desta vez, sentindo uma sugestão de um sorriso quando me lembro do que aconteceu da última vez que ela me viu.

— É como colar uma fita azul em um daqueles porcos na feira estadual.

— Ela termina, quebrando os ovos um após o outro em uma tigela.

— Eu não sou uma porca. — O nariz de Dove torce.

— Não, você não é. — Sua mãe bate naquele nariz.

— Você é minha pombinha. Agora me dê essa massa. Você já mexeu o suficiente.

Ela se mexe no balcão, virando as costas para mim.

— Mas eu quero ser a princesa Pêssego.

Parece seguro, então abro a porta.

— Bom dia, senhoras.

Os olhos de Noel voam para os meus, e ela pisca para longe rapidamente, virando-se para o fogão.

— Bom dia.

— Precisa de alguma ajuda? — Minha voz está baixa e entoa lentamente, como se estivesse me aproximando de um animal ferido.

— Taron! — Dove se vira para me encarar, e vejo uma pequena carranca nos lábios de Noel. Eu disse à menina para me chamar de Taron... Eu não sabia mais o que fazer. — Mamãe diz que concursos são como colocar fitas em porcos, mas eu quero ser a Princesa Pêssego. O que você acha?

Ela pisca aqueles olhos brilhantes para mim com expectativa, e eu estou perplexo.

— Ah... bem. Você é muito bonita. — Isso a faz sorrir.

— O que você fará pelo talento?

— Acho que eles têm a categoria talento. Todos os concursos não têm talentos?

— Dançar como a Angelina Ballerina.— Ela balança sua cabecinha para mim como se soltasse um ‘Dã’.— Você assiste *Angelina Ballerina*?

— Eu não posso dizer que assisto...

— Vamos. — Ela pega o camundongo de pelúcia marrom deitado na barra ao lado dela e corre para os meus braços. Sentada no meu quadril, ela aponta para a sala de estar.

—Podemos assistir aquele com o Sr. Operatski enquanto mamãe nos prepara o café da manhã.

Eu a seguro. Eu realmente gosto de tê-la tão confortável em meus braços, mas me pergunto como eu me meti nessa coisa de concurso.

Noel me salva.

— Dove, Taron precisa ajudar com os bolos. Você pode assistir Angelina enquanto conversamos.

Seus pequenos ombros caem, mas ela se contorce para fora dos meus braços.

— OK. — Ela bufa, saltitando pela porta e para a sala.

Eu ouço o som de harpas e flautas, e observo por um segundo enquanto ela balança os braços de um lado para o outro e gira, chutando a perna para trás.

— Angelina Ballerina? — Eu vou até onde Noel está colocando a massa na frigideira quente.

É um desenho animado. Uma rata dançante. — Ela me passa a tigela e dá um passo para trás, colocando a mão no quadril.

— Ela chama você de Taron?

— Eu não sabia o que dizer a ela. Sr. parece errado, e eu pensei que provavelmente fosse muito cedo para ela me chamar de...

— É muito cedo. — A voz de Noel é curta, mas ela parece mais protetora do que irritada.

Observo a massa fritando na frigideira enquanto penso no que quero dizer. Eu penso sobre a noite passada e como ficar ao lado dela agora, fazendo o café da manhã como costumávamos, provoca um desejo tão profundo, contra o qual eu tenho que lutar, puxando-o contra o meu peito.

Eu quero minha família.

— Eu acompanhei você na internet enquanto estava em Nashville. — Eu lhe dou um sorriso. — Seu negócio realmente decolou.

— Então você é um stalker? — Olhos âmbar cravam em mim, e eu dou de ombros, virando os quatro bolos rapidamente.

— Você já me perseguiu?

— Não — ela responde rápido, depois acrescenta baixinho.

— Eu não ousei.

Outra fatia de dor. Eu dou mais um tempo aos quatro bolos antes de colocá-los em um prato. Colocando a tigela de lado, eu a encaro de frente.

— Eu não quero machucar você, Noel.

— Você já disse isso antes.

— Eu também não quero brigar com você. Não foi por isso que voltei.

Ela despeja a mistura de ovos mexidos na frigideira grande e, quando começa a borbulhar, ela olha para mim.

— Por que você voltou?

Por você...

Somos interrompidos por Sawyer e Leon entrando na sala.

— Cheira bem aqui. — Sawyer estende a mão para apertar a minha antes de ir para a mesa.

Leon nem olha para mim. Ele pega cinco pratos e vai até a mesa, colocando um em cada assento.

Ambos estão usando blazers e calças cáqui.

— Qual é a ocasião? — Eu vou até onde Sawyer está servindo café de uma jarra.

— Igreja. — Noel passa por mim, colocando a tigela de ovos e o prato de bolinhos na mesa.

— Dove, venha tomar o café da manhã.

Igreja? Lendo meu rosto, Sawyer responde minha pergunta silenciosa.

— Temos estado mais regulares desde que Dove nasceu.

— Dove, café da manhã.— Noel abre uma gaveta e tira garfos e facas, em seguida, olha para mim.

— Você não precisa ir.

— Não, eu quero ir, eu só...— Eu olho para o jeans e a camiseta Henley de mangas compridas que estou vestindo. — Preciso trocar de roupa.

Seja a fonte e não o ralo, está na placa em frente ao pequeno prédio de tijolos. Não tenho ideia do que isso significa, mas acho que vou descobrir.

Por dentro, estou surpreso de ver tantos rostos que reconheço. Noel leva Dove para outra parte do prédio onde ela diz que vai para a escola dominical. Sawyer se aproxima para falar com um homem que tenho certeza de que é Ed Daniels, e Leon nos deixa para sentar-se com uma garota bonita que eu não conheço. Eu me pergunto o que aconteceu com Betsy.

— Meu Deus, é Taron? — Uma voz trêmula chama minha atenção, e eu olho para baixo para ver uma mulher velha como um pássaro, com cabelos finos e grisalhos presos em um coque na nuca.

Ela está bem vestida com um avental que tem pequenas flores por toda parte. Já faz muito, muito tempo, mas eu a reconheço imediatamente.

— Senhorita Jessica? — Pegando sua mão estendida, eu cuidadosamente abraço seu corpo frágil, e ela ri.

— Você tem uma boa memória.

Lembro-me de tudo sobre aqueles dias, até mesmo seu rosto sorridente aparecendo no meu telefone durante uma de minhas muitas ligações.

— Eu não conseguiria te esquecer.

— Ainda tão charmoso como sempre. — Ela dá um tapinha na minha mão, e eu noto uma mulher com um crachá parada ao lado, observando-a.

— Há quanto tempo você está de volta?

— Cheguei aqui na sexta à noite.

— Acho que você conheceu sua filha?

— Sim, senhora.

— Ela é uma beleza. E doce como sua mãe. — Ela desliza a mão na dobra do meu braço e me ajuda a acompanhá-la pelo corredor do meio até uma fileira onde ela para.

— Quanto tempo você planeja ficar?

Olhando Noel voltando para o pequeno santuário, baixo minha voz.

— Esperançosamente, muito tempo.

Isso ilumina seus olhos cinzentos.

— Estou tão feliz. Isto é uma coisa boa.

Ela se abaixa lentamente no banco, e eu olho para cima para ver um par de olhos escuros me cortando. Mindy está sentada no banco ao lado da mãe e, pela expressão no rosto da mulher, a Sra. Jenny não acha que eu estar aqui seja uma coisa boa.

Acordes soam do órgão na frente da sala, e eu rapidamente me junto a Sawyer e Noel em um banco do outro lado do corredor. Sawyer está no final com Noel entre nós dois. Um homem magro de

óculos está de pé no púlpito na frente da sala e estende as mãos para nos dar as boas-vindas.

Em seguida, o organista é acompanhado por um piano tocando “*A Mighty Fortress is our God*”, e seguro o cancionário marrom para Noel e eu. Ela parece surpresa por eu conhecer a melodia, mas cresci em Nashville, não no Nepal.

Mais alguns hinos e paramos para apertar as mãos. Mindy aparece ao lado de Noel, sorrindo para mim. Seus olhos verdes estão arregalados e ela amarrou o cabelo castanho crespo e encaracolado em um rabo de cavalo.

— Taron Rhodes? Que surpresa! — Seus olhos vão para os de sua amiga.

— Quando isto aconteceu?

— Ontem. — Noel a abraça e não consigo entender o que ela diz no ouvido de Mindy.

Mindy se inclina para trás, olhando diretamente nos olhos dela.

— Seria melhor.

Sua mãe está atrás dela, dando um abraço em Sawyer e depois se virando para Noel.

— Você está se sentindo bem, querida?

— Estou bem. — A voz de Noel está nervosa e a mulher me encara.

— Então você está de volta. — Não é uma pergunta e ela não está sorrindo.

— Sim, senhora. — Estendo a mão para apertar a dela. Ela não aperta a minha, então eu a abaixo, limpando-a em minha calça jeans escura.

— Espero que não seja um problema.

— Eu também.

O pastor assume seu lugar no altar e todos nós tomamos nossos assentos. Ele começa a falar sobre como podemos ser fontes, revigorantes, doadores de vida, em vez de drenarmos a felicidade dos outros ao nosso redor.

Eu olho ao redor da sala enquanto ele continua falando, lembrando-me do que Noel me disse sobre as pessoas daqui se unindo para cuidar deles depois que seus pais morreram. Os olhos

severos da Sra. Jenny encontram os meus, e acho que mereço sua desaprovação. Penso que para ela sou um grande dreno.

Não mais.

O pastor diz para inclinarmos a cabeça e, quando me viro, vejo uma carranca que não esperava. Digger Hayes está olhando para mim da frente da sala.

Desgraçado.

O amém final é dito e o órgão irrompe na igreja. Noel está ao meu lado, e Sawyer diz que vai pegar Dove. Eu toco seu braço levemente, mas ela o move para fora do meu alcance.

— Você ainda não me disse por que voltou. — Mesmo com raiva de mim, ela ainda é tão bonita.

Ela está vestindo um suéter laranja queimado que faz seus olhos brilharem e calças pretas que abraçam suas curvas até as botas pretas em seus pés.

Seu cabelo escuro cai sobre um ombro em ondas suaves até o peito. Lembro-me dela em seu quarto na noite passada, apenas com aquela camiseta fina e moletom, o cabelo úmido do banho. Ela ainda está tão linda... e tão defensiva.

Ela é uma mulher agora, a mãe da minha filha. Eu quero que ela seja a mãe de todos os meus filhos. Voltei porque minha vida nunca será completa sem ela, mas é muito cedo para dizer tudo isso. Eu tenho que reconquistá-la primeiro.

Em vez disso, estendo a mão, acompanhando-a até o fundo da sala.

— Talvez devêssemos ir devagar.

— Você pode fazer como quiser. Eu não vou a lugar nenhum com você.

Paramos para que Noel abraçasse a Srta. Jessica na porta dos fundos. Ela me diz para ir visitá-la, e eu a abraço novamente antes que a enfermeira a leve para uma van que a está esperando.

Seguro a porta para que Noel saia do santuário.

— Podemos tentar ser amigos? Por consideração a Dove?

Nossa filha vem saltitando. Sawyer segura uma das mãos dela e na outra um punhado de papéis.

— Eu faria qualquer coisa por ela. — A voz de Noel está baixa.

Não é exatamente o que eu tinha em mente, mas posso trabalhar com isso.

—Taron Rhodes. Não esperava ver você aqui novamente.

— A voz de Digger faz minha pele arrepiar e paramos, virando-nos para encará-lo.

Uma garotinha com cabelo castanho-claro em cachos de salsicha perfeitamente formados está ao seu lado. Não deixo de perceber a carranca que ela faz para minha filha, e acho que a família Hayes deve ter muitos ovos podres.

— Eu não voltei para ver você. — Minha voz está nivelada. Estamos na igreja, então não pretendo me aborrecer com ele.

— Se a história for nosso guia, você partirá assim que conseguir o que deseja.

Dove desliza sua pequena mão na minha e meu queixo aperta.

— Saí para servir ao meu país como você bem sabe.

— Tio Digger doou dois mil dólares para construir um espaço Pérola do Sul no centro cívico.

— A voz da menina é tão sarcástica quanto a de seu tio.

Dove inala um pequeno suspiro e seus olhos piscam para os meus. Sou pego de surpresa quando ela se volta para mim e uma onda de proteção inunda meu peito.

— Esta é sua sobrinha, Hayes? — Eu aceno para a menina que está vestindo um casaco com estampa de leopardo combinando com um chapéu de malha, com botas e leggings pretas.

— Ela é.— Ele sorri com orgulho para a menina, que atualmente está sorrindo para minha filha.

Tenho um desejo sádico de puxar seu chapéu para baixo sobre o rosto.

Noel fala, sua voz irritada.

— Momento incomum para uma doação desse tamanho, Digger.

— Darcy, o que eu falei sobre discutir negócios da família em público?

Ela olha para ele, com um remorso falso em seus olhos.

— Sinto muito, tio Digger. — Em seguida, ela estende a língua para a minha filha... *Mas que pequena...*

—Bom dia, irmãos, irmãs. — O pastor se aproxima, me impedindo de agarrar Digger pelo colarinho.

— Vejo que temos um visitante hoje. Eu sou o pastor Sinclair.

Pastor, este é Taron Rhodes. — A voz de Noel está suave, mas não estou pronto para deixar isso passar.

— Taron estava no serviço com meu irmão.

— Bem, obrigado pelo seu serviço. — O homem mais velho aperta minha mão e eu interrompo minha guerra com Digger. — É bem-vindo à Primeira Metodista. Espero vê-lo novamente.

— Obrigado, senhor. Eu voltarei.

— Ele vai ficar na casa de campo! —Dove pula ao meu lado sorrindo e segurando minha mão. — Ele está ajudando o tio Sawyer com as novas árvores.

É mesmo? — O homem se abaixa para sorrir para minha filha, segurando sua Bíblia ao lado do corpo.

— É um grande trabalho. Eu estarei orando para que Deus proteja e dê a você um bom tempo.

Noel sorri, colocando a mão no ombro de Dove.

— Obrigada, pastor. Acho que todos devemos almoçar agora.

— Sermão muito interessante, pastor. — O tom de Digger é altivo.

— Eu nunca tinha ouvido essa expressão antes, mas fiquei edificado com sua elaboração sobre o assunto.

Ah, parceiro.

— Agradeço por isso...

Eles continuam conversando, mas Noel pega a mão de Dove, guiando-nos para longe rapidamente. Uma vez que estamos no antigo Silverado de Sawyer, que ela está dirigindo agora, ela solta um barulho exasperado.

— Nada muda por aqui.

Dove olha para nós com olhos preocupados.

— Darcy com certeza vai ganhar a Princesa Pêssego agora.

Os lábios de Noel se contraem e ela balança a cabeça.

— Não é assim que funciona, querida... Pelo menos, não é assim que deve funcionar.

Uma nota de preocupação está em sua voz, e eu decido enfrentar Digger de frente com esse absurdo de espetáculo. Ele não

é o único com recursos financeiros.



Capítulo 25

Noel

Dove está apaixonada por Taron e, para seu crédito, ele está gastando tempo para conhecê-la. Todas as manhãs, ele se levanta conosco no café da manhã, conversando com ela e deixando-a ajudá-lo a fazer bolos.

Ela se senta no quadril dele observando enquanto ele coloca a massa na panela, e eles esperam, tendo pequenas conversas sobre suas comidas favoritas, sua amiga Boo, Angelina Bailarina e, claro, a Princesa Pêssego.

— Esse está pronto. — A cabeça dela está em seu ombro, e ela aponta para um bolo no canto direito.

— Esse também está pronto.

Ele os vira, equilibrando-a em seu braço.

— Bom olho.

Seus músculos flexionam, ele beija a cabeça dela, e eu mal consigo conter um desmaio...

À noite, ela se aninha com ele no sofá enquanto Taron lê qualquer livro de Angelina Bailarina que ela escolheu. Eu espio por uma fresta na porta para assistir, bufando enquanto ele faz as diferentes vozes.

Ele é tão grande e ela tão pequena, mas eles se parecem muito. Estou surpresa que minha garotinha brilhante não tenha

descoberto ainda.

— Você pode ser o Sr. Operatski. — Dove aponta para uma desenho no livro.

Taron faz uma careta.

— Eu não gosto dele. Ele é um grande resmungão o tempo todo.

Seus pequenos lábios se pressionam e ela pensa.

— Sr. Mouseling?

— Ele é o pai da Angelina?

Ela acena com a cabeça, e a maneira como ele olha para ela, a ternura em sua voz, derrete meu coração.

— OK.

— Ele dirige o *Mouseland Gazette*, mas também constrói coisas, como o Teatro Real para Angelina brincar.

Ele pode estar indo devagar, mas meu coração está fora das corridas. É como um cachorrinho na coleira, esforçando-se e pulando em busca do que deseja.

O que não é bom para isso.

A coisa que quase me matou.

Durante os dias ele trabalha com meu irmão, preparando a terra para o plantio, indo à cidade e se reunindo com os produtores, empilhando as novas árvores à medida que chegam, com as raízes embrulhadas em sacos de estopa.

Às vezes, no meu caminho para preparar minha loja, diminuo o ritmo para vê-lo trabalhar, para deixar meus olhos percorrerem seu corpo forte, observando a flexão de seus músculos, o aprofundamento das linhas em seus braços e a atração do tecido sobre os ombros.

Claro, ele me quebra, e seu sorriso é tão poderoso como sempre, ainda mais agora que seu cabelo cai sobre os olhos. Ele o empurra de volta com sua grande mão, e minhas memórias dessas mãos no meu corpo inundam minha mente.

Piscando para longe, eu me concentro na loja e no meu futuro – limpando, organizando, fazendo os produtos que preciso para vender.

O tempo passa.

O Dia de Ação de Graças é em alguns dias, e estou sentada à mesa verificando a papelada que Deacon preparou para registrar o antigo galpão da Srta. Jessica como um local de negócios quando ele entra apressado pela porta com Dove conversando ao lado dele, contando sobre seu dia na escola.

Ela pula para a mesa onde estou sentada e sobe em uma cadeira.

— Eu disse à Sra. Moody que estamos fazendo presentes para as amigas da Srta. Jessica em Pine Hills. Ela disse que estamos prestando serviço comunitário.

Eu junto os papéis e coloco-os em uma pasta antes de tirá-los do caminho dela.

— Por que você estava falando com ela sobre isso?

Os olhos de Dove estão arregalados e ela inclina a cabeça para o lado.

— Darcy disse que ela e o Sr. Digger eram voluntários no banco de alimentos da cidade no Dia de Ação de Graças.

A rivalidade entre minha filha e a sobrinha de Digger me frustra. Darcy Hayes é uma pirralha, e eu quero que Dove seja melhor do que isso. Ao mesmo tempo, não vou permitir que ela tenha uma vantagem sobre a minha filha.

—Eu tenho uma ideia.— Deslizando meu trabalho, pego um rolo de jornal.

— Vamos fazer um kit de amostra para a Sra. Moody para mostrar a ela o que estamos dando a eles.

— Podemos dar a ela o protetor labial favorito da Srta. Jessica!

— A voz da minha filha fica alta de empolgação.

Taron para atrás dela.

— É o mesmo protetor labial que você fez para mim?

— É.— Voltando-me rapidamente para a despensa, luto contra a memória daquela primeira noite... quando eu corri meu dedo em seus lábios carnudos e ele me beijou.

Inferno, toda vez que estou nesta despensa, luto com a memória dele nas minhas costas fazendo coisas muito sujas. Um barulho na porta faz com que os pelos da minha pele se arrepiem.

— Posso ajudar em alguma coisa? — Sua voz está baixa e me pergunto se ele se lembra do que aconteceu nesta despensa tão

bem quanto eu.

Estendendo a mão, pego a manteiga de karité, o óleo de amêndoa doce e o coco cru da prateleira, tentando sair desse pequeno espaço e de suas grandes memórias. Estou me movendo muito rápido e, quando me viro, bato direto em seu peito duro.

Mãos grandes pegam meus braços.

— Calma.

Erguendo meu queixo, encontro seus olhos, quentes e escuros.

— Sinto muito... obrigada. — Seus lábios estão tão próximos que sua respiração é um sussurro na minha bochecha. O espaço entre minhas coxas aquece, mas sou mais forte do que isso. — Você pode me largar agora.

Ele não me larga imediatamente. Ele me segura por mais um minuto, e seus olhos se movem dos meus para os meus lábios. Meu coração bate com tanta força que chega a doer.

— Eu fiquei sem aquele protetor labial há muito tempo. Você faria um pouco para mim? — Seus olhos piscam para os meus novamente, e eu não consigo me mover.

Sou uma cordeirinha, caindo em seu feitiço e morrendo de vontade de ser beijada por ele, ansiando por sentir seus lábios nos meus, no meu corpo, ásperos, famintos... e sabendo que se eu deixasse acontecer, eu não seria capaz de parar. Estou pronta para isso? Eu confio nele para não me machucar? Meu coração diz sim, sim! Mas minha mente se lembra...

— Certo .— A palavra escapa em um suspiro fraco.

Seu aperto em meus braços pressiona e relaxa, e tomo fôlego para perceber que posso recuar, afastar-me do fogo que uma vez me queimou além do reconhecimento.

Virando nos calcanhares, corro para a mesa, onde Dove colocou o avental rosa especial que comprei para ela.

Ela franze a testa para mim.

— Mamãe, por que seu rosto está todo vermelho?

Jesus, crianças.

— Está? Acho que me levantei rápido demais. Aqui... Espalhe o jornal.

As botas de Taron batem no chão atrás de mim, e eu coloco tudo no balcão, correndo para a despensa novamente para pegar os

ingredientes e fazer a loção. Eu me movo mais rápido desta vez. Eu não posso ficar sozinha aqui com ele novamente.

Quando eu volto para a mesa, eles espalharam o jornal, e ela dá um salto, pegando o avental de churrasco de Sawyer da porta.

— Você deve usar isso.— Ele o pega deslizando sobre sua cabeça.

— Se você derramar um pouco desse óleo em suas roupas, ele não vai sair.

Apertando meus lábios, eu sorrio para sua vizinha autoritária. Ela soa exatamente como eu.

Taron sorri, e o amor em seus olhos por ela destrói quase completamente as barreiras que construí em torno do meu coração.

— Você é muito boa nisso.— Ele se senta em uma cadeira em frente à Dove, que está ao meu lado.

— Eu faço isso desde os cinco anos.— Ela acena para ele, como se não tivesse apenas seis anos e meio.

Passamos as próximas horas medindo loções e aromas, colocando bálsamos em potes de vidro e colando etiquetas nas laterais. Quando temos o suficiente, eu dou um tapinha nas costas da minha filha.

— Vamos colocá-los em sacolas de presente mais tarde. É hora de você dormir um pouco.

Ela se vira e me abraça, em seguida, estende os braços para Taron. Ele desliza o avental pela cabeça, em seguida, a pega e a carrega para o meu quarto, onde ela vai tomar banho antes de lerem sua história noturna.

Estou quase terminando a limpeza quando ele retorna.

— Ela pode se parecer comigo, mas age como a mãe.

— Espero que seja um elogio.— Eu levanto uma sobrancelha para ele, e ele me dá aquele sorriso de derreter calcinha.

— É um elogio.— A ondulação em sua voz é demais.

— Eu também estou muito cansada esta noite. Estou indo para a cama agora também. Obrigada por ajudar. — Eu tenho que sair daqui antes que eu faça algo tolo como beijá-lo.

— Obrigado por isso.— Ele levanta o pequeno pote de protetor labial.

Eu dou um pequeno aceno.

— É o seu pagamento por ajudar.

— Eu estava pensando...— Ele faz uma pausa, deslizando a mão no bolso da frente da calça jeans.

— Talvez seja hora de dizer a ela a verdade?

Meu estômago se contrai e não sei por que a ideia de contar a Dove que Taron é seu pai me deixa nervosa.

— OK.

Ele exala uma risada.

— Estou feliz por não ser o único que se sente um pouco apavorado com a perspectiva.

— Não! — Balançando a cabeça, tento fingir confiança.

— Ela ficará emocionada em saber que você é o pai dela.

— Eu já sou o Sr. Mouseling, eu acho.

Dando um passo à frente, coloco minha mão em seu peito e olho em seus lindos olhos.

— Você é tão bom com ela. Ela sabe que você a ama. Ela ama você. Vai ficar tudo bem.

— Acho que a verdadeira questão é quando?

Mastigando meu lábio, eu olho para o relógio.

— Não há tempo como o presente.

Ele estende a mão e eu vou na frente, passando pela cozinha até a sala de estar e voltando para o meu quarto. A luz do banheiro ainda está acesa, mas silenciosa.

— Dove? — Eu espio no banheiro, mas ela não está na banheira. A água corre, mas eu não a vejo.

— Onde ela está?

Virando-me, começo a ficar nervosa, quando levanto os olhos e vejo uma cabecinha dourada no meu travesseiro. Taron acende a lâmpada ao lado da minha cama e ri. Dove está dormindo profundamente com Alice agarrada ao seu lado.

Ele aperta o pezinho dela suavemente.

— Fazer cosméticos é um trabalho árduo.

— Você deveria saber.

— Eu sei. Eu me sentei nesta sala muitas noites vendo você fazer isso.

Estamos parados na minha porta de frente um para o outro. A luz da minha lâmpada de cabeceira é amarela fraca. A casa está

silenciosa. Sawyer vai para a cama cedo, e Leon ainda não voltou para casa. Somos apenas nós dois, presos neste momento com nossa filha dormindo a alguns metros de distância.

— Você fez um trabalho muito bom com ela. Ela é tão doce, engraçada... e muito inteligente.

— Leon é parcialmente responsável por isso. Ele está testando o quanto ela pode aprender desde que começou a falar.

Sua expressão muda e ele olha para a janela.

— Ele é um bom garoto.

Eu alcanço e deslizo minha mão na dele.

— Todos nós já passamos por muita coisa

Fechando seus dedos nos meus, ele olha nos meus olhos.

— Eu gostaria de poder mudar o que aconteceu... Eu só quero coisas boas para você.

Meu peito aperta e procuro seu olhar.

— Eu acredito em você.

Erguendo minha mão, ele pressiona seus lábios nas costas dos meus dedos. Meus olhos estão fixos no lugar onde nos tocamos, e tantas emoções afluem à superfície... a autopreservação é uma delas.

— É melhor dormirmos um pouco. Tenho que levar esses kits para Pine Hills amanhã, e Dove tem sua festa de Ação de Graças na escola.

Ele acena com a cabeça, um toque de tristeza em seus olhos.

— Boa noite, Noel.

A senhorita Jessica está usando um avental coberto de perus quando chego à casa de repouso. A felicidade pura ilumina seus olhos quando ela tira cada produto de sua sacola de presente.

Oh, este é meu creme de olhos favorito.— Ela o vira na mão, examinando o rótulo. Eu a ajudo a remover a tampa e ela cheira.

— Eu amo esse cheiro.

Ela passa pelo creme para os pés exclusivo que faço apenas para ela e para mim agora, uma vela de canela-pêssego, um protetor labial e minha loção corporal com perfume de assinatura, que, de novo, eu só faço para nós.

— Dove está tão triste por não poder estar aqui para ajudar a distribuir os presentes, mas ela é uma peregrina na peça da escola.

— Tenho certeza de que ela será incrível.

Na verdade, ela acabou de descer do barco em Plymouth Rock. Acho que ela carrega uma Bíblia e um talo de milho.

—Senhorita Jessica ri e eu envolvo meus braços em volta de seus ombros magros. —Estou muito grata por ter conhecido você naquele Natal.

Eu sou grata por você e Dove. Vocês me mantêm jovem.

Ela está tão feliz. É difícil acreditar que ela tem oitenta e seis anos agora.

— E como vão as coisas com Taron? Eu te digo, ele é um jovem muito bonito. Cada vez que o vejo na igreja, tenho que me abanar.

Meus lábios se contraem. Quero evitar esse assunto, mas ela lê na minha cara.

— Parece que ele está se esforçando muito.

Ele está. — Eu aceno, segurando sua mão sardenta.

—Estou com tanto medo. Ele foi meu primeiro amor. Eu o amei sem cautela, sem cuidado... e ele quase me matou.

Seu rosto fica sério e ela pisca para nossas mãos entrelaçadas.

— Eu sei, querida. Eu lembro.

— Eu sei que devemos perdoar as pessoas... Mas como posso esquecer isso?

Ela apenas acena com a cabeça.

— Só o tempo pode responder a essa pergunta. Eu sei que você vai fazer o que é certo. Você sempre faz.

A gratidão me oprime e, novamente, eu a abraço mais forte. Por um momento, sentamo-nos em um abraço silencioso.

— A loja é tão fofa. Pinte as paredes de um tom de pêssego claro com detalhes verdes. Os pisos são de um pinho tão bonito, e estou instalando prateleiras e gabinetes ...

— Oh, gostaria de poder ver.— A voz dela tem tanto desejo, eu sei que podemos fazer isso.

— Vou falar com Mindy sobre como levar você até lá. Se você pode ir à igreja, não vejo por que não pode vir para ver seu antigo investimento.

Minha agenda está aberta.— Ela está brincando, mas me faz lembrar.

— Encontrei uma caixa de papéis velhos, cartas e coisas assim. Eu preciso trazer para você olhar.

Ela apenas balança a cabeça.

— Eu não guardei nada de valor naquele velho galpão. Tenho certeza de que são apenas recibos antigos e livros de contabilidade.

Ainda assim... provavelmente irei examiná-los de qualquer maneira para estar segura. — Eu dou um último abraço nela.

— Estou indo para a universidade, mas avisarei você. Talvez Taron possa nos ajudar.

Estou prestes a sair quando ela aperta minha mão com mais força.

— Lembre-se de que são as noites mais escuras que produzem as estrelas mais brilhantes. Se ele está mostrando suas verdadeiras cores, acredite nele.

— Mas como posso saber quais são as verdadeiras?

— Você saberá.



Capítulo 26

Taron

Tenho certeza de que todos os pais se sentem assim, mas ver minha filha pousar em Plymouth Rock com o resto dos peregrinos da primeira série me deixa orgulhoso de ser americano.

Um garotinho apresenta suas falas sobre estabelecer um novo país onde todos os homens possam ser livres, mas todo o meu foco está na pequena peregrina loira atrás segurando uma Bíblia e uma palha de milho.

Eles cantam "*This Land is Your Land*" e, quando tudo acaba, toda a sala explode em vivas. Eu assobio alto e Noel puxa meu braço.

— O quê? Eu olho para ela, e ela apenas balança sua linda cabeça.

A Sra. Moody vai até o microfone enquanto as crianças saem do palco.

— Obrigada, pais, por terem vindo. As crianças estão indo para suas salas de aula para prepararem nossa refeição de Ação de Graças para todos vocês.

Começamos a nos mover em direção às portas, mas ela não terminou.

— Antes de vocês se dispersarem, gostaria de agradecer especialmente ao Sr. Taron Rhodes, pai de Dove, por sua generosa contribuição para a campanha de melhoria do pátio recreativo. Sua

doação de dez mil dólares não apenas excede nossa meta de arrecadação de fundos, mas nos permitirá garantir o que há de mais moderno em segurança e até mesmo incluir as melhorias para necessidades especiais em nossa lista de desejos. O Sr. Rhodes é realmente um elemento valioso para a Harristown Elementary, e somos muito gratos por sua generosidade.

A sala fica em silêncio por uma fração de segundo e depois explode em aplausos. Os pais vão até onde estou para apertarem minha mão e dizer obrigado.

Noel dá um passo para trás, mas suas sobrancelhas sobem e seus lábios se abrem.

— O que você fez?

Aproximando-me dela, coloquei meu braço em volta de seus ombros.

— Conversei com o diretor na semana passada. Patton me enviou um e-mail com nossos números de final de ano. Quero que Dove tenha um pátio recreativo seguro.

Estamos nos movendo em direção à porta quando vejo os olhos estreitos de Digger. Ele se vira rapidamente e desaparece na multidão que se dirige para as salas de aula, e contendo uma grande risada. *Pega essa, Hayes.*

Noel não perde o ritmo.

— A segurança de Dove é sua principal preocupação?

— Sempre. — A satisfação aperta meu peito, e coloco minha mão em sua cintura, inclinando-me mais perto de sua orelha.

— E a sobrinha de Digger pode enfiar isso em seu chapéu de malha.

— Taron. Ela tem apenas seis anos.

Nossos olhos se encontram e seus lábios se comprimem, lutando contra uma risada. Não funciona. Trocamos um *toca-aqui* antes de seguirmos para a sala de aula para o Jantar de Ação de Graças elementar.

Mindy nos encontra na porta da sala de aula.

— Isso é um grande presente, queridinho. — Um brilho está em seus olhos e ela empurra uma mecha de cabelo castanho

encaracolado atrás da orelha. — Eu não sabia que você se importava tanto com equipamentos de pátios recreativos.

— Crianças brincam descuidadas. É bom que elas estejam seguras.

Bem, eu acho isso ótimo. Feliz Natal para todos nós. — Ela me cutuca com o cotovelo.

— E se isso a ajudar a ganhar a Princesa Pêssego, você tem o meu voto.

— Eu não sei o que você quer dizer... Como é?

Ela sorri e estreita os olhos verdes antes de ir ajudar a sobrinha que está sentada ao lado de Dove. Noel se agacha ao lado de nossa filha, e Boo está brincando com sua banana, um chapéu de peregrino e olhos arregalados, fazendo-a falar. É tudo animado e hilário, mas Dove está silenciosa.

Seu cotovelo está apoiado na mesa, e ela cutuca seu arroz com peru com um palito de pretzel.

Minha satisfação se transforma em preocupação, mas Noel não parece notar. Ela conversa com Mindy, enquanto eu fico com o resto dos pais, observando do perímetro.

Digger está atrás da cadeira de sua sobrinha sem sorrir, e até mesmo Darcy está sacudindo seus cubos de queijo em seu prato com a unha e estudando minha filha do outro lado da mesa.

Quando as crianças terminam de comer, elas vão para fora e correm um pouco no antigo parquinho. Noel ajuda as mães a limparem e embalam as sobras, e ela dá a Sra. Moody um pequeno presente.

Em pé perto da cerca, estou observando Dove sentar-se no topo de uma área de escalada em forma de cúpula quando Digger se aproxima de mim.

— Boa jogada, Rhodes. Eu acho que você pensa que me pegou.

— Eu não sei do que você está falando. Tive um bom ano e quero que as crianças estejam bem.

— Todos nós queremos. — Ele sorri sem sinceridade.

— Você tentará comprar Noel enquanto compra o resto da cidade?

A raiva aperta meu peito e dou um passo mais perto.

— Ainda está atrás da minha garota, Hayes? Quando você vai colocar na sua cabeça que ela é minha?

— Não vejo um anel e claramente você pode comprar um. Talvez Noel finalmente tenha recobrado o juízo e viu você o que você é. O dinheiro não vai mudar isso.

— Você deveria saber melhor do que ninguém.

— Eu conheço algumas pessoas melhor do que ninguém.

Meu punho aperta, mas a voz de Noel corta a tensão.

— Está tudo bem aqui?

Sua mão macia cobre meu punho e eu olho para ela. O suéter vermelho que ela está vestindo faz seu rosto brilhar e seus lábios estão manchados com um lindo batom vermelho. Ela é linda pra caralho, e aquele idiota do Digger tem razão no que disse.

Tenho trabalhado muito para provar a ela que mudei, mas nenhuma quantia de dinheiro pode compensar a dor que lhe causei. Ela terá que decidir se algum dia vai me perdoar e, até agora, isso não aconteceu.

— Apenas conversando. Feliz Dia de Ação de Graças, Noel.

Seus olhos deslizam entre ele e eu, mas ela aceita o comentário de Digger.

— Feliz Dia de Ação de Graças para você.

— Pronto para voltar? — Ela olha para mim, e eu não sei se é o que Digger disse ou meu pensamento positivo, mas algo parece diferente.

Noel se inclina no bar, lendo um livro grosso, as mãos em torno de uma caneca de café quando eu entro novamente na cozinha.

— Ela parece bem para você?

Seus olhos piscam pelo que vejo ser um livro de receitas.

— Por quê?

— Ela está sempre falando sobre alguma coisa. Eu nunca a vi tão quieta antes.

— Ela está com febre? — Noel abaixa sua caneca e se dirige para a porta.

Estou bem atrás dela me sentindo tolo. Por que não pensei nisso?

Noel vai direto para a cabeceira dela e coloca a mão na testa da nossa filha, movendo-a para baixo em seu pescoço. Então ela se inclina e coloca os lábios em sua cabeça. Dove exala um suspiro e rola, ainda dormindo.

—Ela está bem para mim. Provavelmente apenas exausta de tanta emoção. —Estamos de volta ao corredor e Noel puxa a porta quase fechada.

— Você foi realmente ótimo hoje. Aquele presente foi... — Ela balança a cabeça.

— Inesperado.

Caminhamos lentamente pelo curto corredor, em seguida, descemos as escadas com ela liderando o caminho. Penso nela e em Dove e sinto um orgulho caloroso em meu peito. Foda-se, Digger. Essas meninas são minhas. Eu só tenho que mostrar a elas que estarei aqui por um longo tempo.

— Parecia um bom lugar para começar. Eu posso fazer mais...

No final da escada, ela para e sorri para mim. Dou o último passo, o que me coloca bem na frente dela. Sua linda cabeça está na altura do meu peito e quero puxá-la para perto. Quero enterrar meu rosto em seus cabelos e beijar seu pescoço. Ela ainda usa a loção perfumada que fizemos juntos.

— Como o quê? — Sua voz é suave, seus olhos fixos nos meus.

É o mais próximo de um convite que recebi desde que voltei, e me aproximo. Ela não se afasta.

— Eu gostaria de te beijar.

Olhos âmbar piscam para minha boca e sua língua desliza para tocar seu lábio inferior. O calor sobe abaixo do meu cinto e eu deslizo minhas mãos por seus braços, pronto para puxá-la para mim. Minha garganta está apertada e eu rapidamente percebo que Dove está dormindo, a casa está vazia.

Ainda posso sentir o calor de sua boca. Eu quero prová-la em todos os lugares. Ela exala um ruído suave, um silencioso sim, e uma batida forte na porta a faz pular.

Nós nos afastamos completamente quando a porta da cozinha se abre.

— Noel? Você está por aí?

— Deacon. — Ela balança a cabeça.

— Pedi a ele que viesse e olhasse os livros para mim.

Ela corre para a cozinha e eu caio para frente, encostando minha testa na parede e deslizando minha mão sobre a protuberância na frente do meu jeans. *Tão perto...*

Noel passa a tarde discutindo finanças com Deacon, e estou impressionado com os números que os ouço falarem. Eu percebo que Noel não precisa ficar nesta casa com seus irmãos. Ela está aqui porque quer, porque eles são uma família.

Minha garota é uma mulher de negócios incrivelmente bem-sucedida e isso me deixa orgulhoso. Ela não precisa de mim para salvá-la ou a Dove, e isso me faz querer ganhar ainda mais o seu beijo.

Lembro-me do que Leon disse há muito tempo sobre ela ser séria. Ele ainda não me perdoou. Sawyer conversou com ele, mas o máximo que consigo é uma saudação passageira. Ele ainda me observa como um falcão ou me ignora completamente – como durante todo o jantar.

Minha pequena ratinha permanece extraordinariamente quieta durante a refeição. Sua mãe diz que ela não está doente, mas na hora de ler a história, estou pronto para descobrir o que está acontecendo.

Ela se senta ao meu lado no sofá, em vez de subir no meu colo como de costume, e eu seguro o livro um segundo antes de me virar para encará-la.

— Está tudo bem?

Seus olhos azuis estão em suas mãos e ela concorda.

Não sou psicólogo infantil e só conheço Dove há algumas semanas. Ainda assim, tenho certeza de que é um não disfarçado de sim.

— Achei que você foi realmente ótima em sua peça hoje. Eu não sabia que os peregrinos cantavam tão bem.

Um leve sorriso curva seus lábios, mas desaparece muito rápido. Hesito um momento, mas abro o livro na primeira página, onde o Sr. Mouseling está trabalhando em uma história para o *Mouseland Gazette*. Começo a ler quando Dove me interrompe.

— Angelina se parece com o Sr. Mouseling. Exceto pelos óculos. — Ela coloca o dedo mínimo em seu rosto, e minha garganta aperta.

— É verdade. Eles são parecidos, exceto que Angelina é uma menina.

Seus olhos redondos encontram os meus.

— Srta. Moody chamou você de meu pai, mas mamãe disse que você é amigo da marinha do tio Sawyer.

Fechando o livro, eu me movo na minha cadeira, fazendo o meu melhor para engolir o caroço na minha garganta.

— É verdade.

Ela pisca algumas vezes como se esperasse que eu dissesse mais. Só que não tenho certeza do que dizer. Quero chamar a mãe dela para ajudar, mas não quero perder sua confiança.

— Tio Sawyer sempre esteve aqui.

Ela não diz isso, mas eu sinto sua pergunta. *Onde eu estava?*

Eu empurro meu cabelo para trás e me inclino para frente, chegando mais perto do nível dela.

— Lembra daquela vez em que estávamos falando sobre príncipes?

— Príncipe Phillip?— Sua testa franze e ela olha para mim.

— Você estava preso em uma masmorra?

Deslizando minha mão sobre a boca, penso na coisa certa a dizer.

— Não exatamente... Eu fiquei muito doente por muito tempo. Eu me machuquei quando estava com seu tio Sawyer e não cuidei de mim mesmo.

— É por isso que você manca às vezes?

Minhas sobancelhas sobem.

— Sim. Eu não sabia que você tinha percebido isso.

Ela acena com a cabeça, seus olhos redondos solenes.

— Quando você vai embora de novo?

— Quem disse que eu vou embora?

— Tio Leon perguntou ao tio Sawyer. Ele queria saber o que aconteceu quando você saiu de novo.

Dor aperta o meu peito, e eu percebo que ela esteve pensando sobre isso o dia todo. Sentando-me, inspiro profundamente.

— Tudo bem se eu te abraçar?

Os cantos de sua boca viram para baixo, mas ela assente. Eu a pego e a abraço no meu peito. Seu rostinho pressiona meu pescoço e sinto sua respiração soluçar. Algo dentro de mim se quebra e meus olhos esquentam.

—mEu não sabia que você estava aqui quando vim ajudar seu tio Sawyer.— Limpando minha garganta, eu passo minha mão para cima e para baixo em suas costas.

— Agora que te conheci, eu realmente gostaria de ficar com você.

Ela coloca a mão no meu ombro e se recosta. Quando nossos olhos se encontram, os dela estão cheios de lágrimas.

— Você vai ficar na casa de campo?

— Eu vou por agora. Se estiver tudo bem.

Seus lábios pressionam juntos e ela balança a cabeça rapidamente.

— E podemos fazer bolos e você pode ler histórias para eu dormir?

— Contanto que você queira.

— Eu acho que tudo bem.— Ela olha para mim, e os cantos de seus lábios lentamente começam a subir.

Eu não resisto em perguntar.

— Você não se importa que eu não seja um príncipe?

Ela inclina a cabeça para o lado e pensa sobre isso, e eu quase sinto muito por ter perguntado.

— Você disse que era um herói?

Um leve estremecimento e confesso a verdade.

— Eu queria ser um herói.

Acomodando-se ao meu lado, ela pega o livro e o abre novamente.

— Você tem tempo.

— Eu tenho tempo. — Dou um cutucão nas costelas e ela dá uma risada.

O som de sua gargalhada foi a melhor coisa que ouvi o dia todo. Ela salta ao redor e joga os braços em volta do meu pescoço, seu rostinho na minha orelha.

— Eu te amo, papai.

É o sussurro mais doce, e meu coração derrete completamente em sua mão.



Capítulo 27

Noel

A mesa de Ação de Graças da Sra. Jenny é uma visão gloriosa. Um enorme peru está no centro rodeado por tigelas de purê de batata, recheio, molho, mirtilos frescos, batata-doce, caçarola de feijão verde, copos de vinho tinto...

E um prato com um pilar impresso em lata de molho de mirtilo.

— Tão nojento— murmuro baixinho.

— Não me odeie! —Mindy chora.

—Eu tenho que ter meu Spray do oceano ou não é Dia de Ação de Graças.

Eu balanço minha cabeça e olho para minha família. A Sra. Jenny está em uma extremidade e Sawyer na outra. O pai de Mindy faleceu anos atrás, então meu irmão mais velho ocupou seu lugar na cabeceira da mesa.

À direita de Sawyer está Leon e ao lado de Leon está Deacon com Mindy ao lado dele. Taron está em frente a Mindy e Dove se senta entre nós, terminando comigo ao lado de Sawyer.

Todos nós nos damos as mãos e Sawyer fez uma breve oração, então a mesa irrompe com o barulho alegre de todos passando pratos e garfos batendo na porcelana. A Sra. Jenny pré-cortou o peru na cozinha antes de trazê-lo para fora, e este ano ela pula a recontagem de como pediu a Sawyer naquele primeiro ano para cortá-lo.

Ela provavelmente não quer envergonhá-lo na frente de seu amigo da Marinha. Ela apareceu algumas vezes enquanto Taron dava banho em Dove com afeto. Vê-lo com a filha é o suficiente para envolver qualquer um.

Ela está grudada nele como cola desde a grande revelação da Sra. Moody, e ela parece encontrar qualquer chance de gritar por ele a plenos pulmões.

— Papai! Tem nozes misturadas nesses pequenos repolhos!

— São couves de Bruxelas. — A voz de Taron é baixa e muito calma.

— Quer experimentar uma?

Seu nariz enruga.

Nã-ão! — Então ela aponta novamente.

— Tem marshmallows em cima da batata-doce. Eu não gosto de batata-doce. Você gosta, papai?

Taron sorri, não afetado por ela chamá-lo de *papai* pela milionésima vez esta manhã. Se a ligação deles não fosse tão adorável, eu a faria parar. Ela é uma total miniatura dele, e ele claramente a adora.

Quando nossas barrigas doem de comer toda a comida, Mindy e eu nos jogamos no sofá da sala de estar, copos de vinho tinto nas mãos, enquanto os caras acampam em frente à televisão para assistir ao futebol da SEC. Todos, exceto Taron, que está muito ocupado sendo *papai*.

— Esses meninos estão correndo com seus carrinhos pela calçada. Podemos ir ver, papai? — Dove agarra sua mão grande e o arrasta até a porta.

Mindy me olha com os olhos arregalados do outro lado do sofá e eu caio para o lado, minha cabeça em seu colo.

— Pare! Não me faça rir. Eu posso vomitar.

— Não vomite em mim, comilona. — Minha melhor amiga empurra meu ombro.

— O tempero da sua mãe é muito delicioso. Tenho que ter certeza de que nada é desperdiçado. — Estou segurando meu estômago enquanto ela passa os dedos pelo meu cabelo.

— Então, como você está com todo esse *papai*? — O jeito que ela fala me faz rir um pouco mais.

— É como se ela estivesse esperando para chamá-lo assim desde o dia em que se conheceram. — Levantando-me, eu olho para eles, e ela está apoiada em seu quadril, apontando para onde quer que ele a leve a seguir.

Vê-la tão feliz me enche de uma alegria que nunca conheci. É como se um caleidoscópio de borboletas estivesse em meu estômago, e cada vez que ela chama por ele e ele a pega, a abraça e a adora, elas giram dentro de mim.

— Ela sempre amou Sawyer e Leon, mas este é o próximo nível.

Mindy olha para eles pela janela.

— Eu realmente não posso culpá-la. Eu queria um escravo quente como o inferno à minha disposição também. Mas e você? Como está se sentindo?

Puxando meus pés debaixo de mim, eu solto um suspiro.

— Ele está se esforçando tanto. Ele parece tão sincero...

— Mas?

— Eu não sei.— Eu rio suavemente.

Estou feliz que ele esteja aqui para ela. Estou feliz que a ame tanto... — Uma velha dor aperta meu peito.

— Ele me machucou muito, Min.

— Eu sei. Eu lembro.

— Ao mesmo tempo, ele estava lutando com algumas merdas da vida dele.

— Vocês já conversaram sobre isso?

— Na verdade, não. Estivemos realmente focados nela e em deixá-lo conhecê-la, para que não fosse um choque quando ela descobrisse.

— Aquela garota não está chocada.— Suas sobrancelhas estão levantadas e ela aponta para a janela.

— Ela está no céu.

Deacon sai pela porta onde Taron está com Dove, e é a minha vez de dar um empurrão no braço dela.

— E que tipo de feitiço você lançou sobre o Deacon Dring para fazê-lo voltar para mais? Bem quando eu acho que ele se foi, aqui está ele de novo. Não que eu esteja reclamando. Ele é o melhor consultor financeiro que conheço.

— Ele é o único consultor financeiro que você conhece. — Ela tenta fingir, mas eu não vou deixar.

— Desabafe. Achei que vocês dois tivessem se separado.

— Eu não sei o que você quer dizer. Nós nunca realmente namoramos. — Ela balança a cabeça e vira as costas para a janela onde nosso ex-colega de classe alto e bonito está conversando com Taron.

— Você é tão cheia de desculpas.

— Eu não sou! Nós só ficamos algumas vezes. Deacon não está aqui por mim, não importa o que você pense. Ele está procurando alguma história da família ou algo assim.

— Mas que diabos? — Agora estou intrigada.

— Ele foi criado por sua tia-avó. Ela é uma daquelas velhas esposas selvagens de Dallas que tem mais dinheiro do que Deus. Ela o está pressionando para se estabelecer e se casar. Ela quer que ele tenha filhos ou ela o excluirá de seu testamento.

— Você tem que estar brincando comigo. — Eu pulo de joelhos. — Isso é loucura! Por que você nunca me disse isso? É como uma história da Disney. Ele está procurando uma princesa para se casar?

De jeito nenhum! — Sua testa franze.

— E não fale para ninguém nada disso!

— Para quem eu iria contar?

— De qualquer forma, ele está procurando algum parente de Harristown ou algo para fazê-la desistir dele. Eu não sei. Eu meio que parei de ouvir pela metade.

— Você parou de ouvir ou começou a beijar?

Seus lábios se curvam em um sorriso e nós duas começamos a rir.

— Não sou de beijar e contar.

— Parece que você é a única com a magia enrolando-o ao longo de todos esses anos.

— Eu não o estou enrolando. Ele simplesmente está na cidade, e nós nos damos bem...

Sua voz falha e eu mordo meu lábio inferior.

— É hora de você encontrar alguém para você, sabe.

Ela balança sua linda cabeça.

— Estou tentando. É apenas...

— Eu sei. — Os primeiros amores podem ser difíceis de esquecer.

Ficamos sentadas por alguns minutos em silêncio, observando os homens conversarem. A cabeça de Dove está no ombro de seu pai, e seus dedinhos sobem e descem, dando tapinhas nas costas dele.

Ele nem parece notar, e minhas entranhas aquecem. O gelo derrete e a névoa enche meus olhos. Eles são tão perfeitos...

O telefone de Mindy vibra e ela olha para baixo.

— Tamara disse que eles acabaram de voltar de seus sogros. Ela diz que Boo está chorando para Dove passar a noite aqui hoje. Tudo bem?

— Claro... Se ela conseguir separá-la do pai.

— Essa é realmente uma questão. Eu vou informá-la a respeito.

A ideia de fazer biscoitos e de assistir *Natal em Mouseland* consegue tirar minha filha dos braços de seu pai. Leon sai para curtir com amigos, e Sawyer tem sua própria caminhonete, deixando Taron e eu sozinhos pela primeira vez desde aquela tarde depois da festa de Ação de Graças da escola.

— Sente que está faltando um membro? — Eu não posso deixar de provocar enquanto nos conduzo ao longo da estrada escura até a casa.

— Sim. — Ele exala uma risada, mexendo-se na cadeira. Eu me pergunto se suas costas estão doendo. Ele nunca reclama disso.

— No dia em que ela descobriu, eu não tinha certeza de como ela iria reagir. Eu estava nervoso.

— Lamento não estar lá com você. Eu não tinha ideia de que ela tinha ouvido Charlene fazer aquele comunicado.

— Nenhuma boa ação, certo? — Ele olha para mim na escuridão, e a luz em seus olhos aquece meu corpo inteiro. Eles se alargam e ele segura o painel.

— Merda! Cuidado!

Pisando no freio, viro o volante com força para a direita, evitando por pouco uma corça que atravessa a estrada. Viro o volante para a esquerda novamente para evitar capotar, e a

caminhonete balança antes de derrapar e se endireitar com um solavanco.

— Puta merda— eu suspiro, segurando a caminhonete reta com as mãos trêmulas. Todo o meu interior está abalado.

— Aquilo foi um veado fodão se esquivando de você —Taron brinca.

A adrenalina sobe em minhas veias, fazendo-me rir. Nós dois o fazemos, e ele estende a mão para apertar meu ombro enquanto chegamos na estrada do pomar. Um pouco depois, estaciono a caminhonete no caminho entre a casa e a cabana.

Ele salta para fora, dando a volta para me ajudar a sair da cabine.

— Você está bem? — Ele está na minha frente, com as mãos na minha cintura, procurando meu rosto.

Seu cheiro limpo e masculino está ao meu redor, e eu quero me aconchegar mais perto no ar frio da noite. Eu quero que ele me abrace. Quero enfiar meus dedos em seus cabelos e beijá-lo como costumava fazer.

— Estou bem agora. — Minha voz está baixa.

— Temos que deixar aqueles caras do Velozes e Furiosos saberem que estão perdendo um piloto acrobático.

— Eu não sei nada sobre isso.

Ficamos mais um momento, suas mãos ainda em mim, as minhas em seus antebraços. Minha respiração é superficial e olhar em seus olhos envia energia serpenteando pelo meu estômago. Essa velha atração entre nós está mais forte do que nunca, alimentada por nosso passado, por nosso presente e pela garotinha que nos une.

— Deacon parece um cara legal. — Suas mãos escorregam de mim e ele dá um passo para trás.

Estou confusa e frustrada com esta mudança inesperada.

— Você acha?

— Ele foi uma espécie de empata foda outro dia, mas eu ouvi vocês dois conversando. Você tem sido muito bem-sucedida. Estou orgulhoso de você. — Ele desliza a mão na lateral do cabelo, puxando-o para trás e olhando para mim. — Você não precisa de

mim, mas eu quero fazer parte da vida de Dove. Eu quero cuidar dela... e de você.

Sua voz suaviza na última parte, e se ele ainda não tinha a vantagem familiar, com essas palavras, ele reivindica a posse do meu coração.

Há muito tempo, você me segurou quando eu caí. — Minha voz é um grande contraste com a dele.

— Você disse que me salvaria se eu precisasse ser salva.

— Você disse que me salvaria de volta.

Chegando mais perto, coloquei minhas mãos em seus braços.

— Eu não fui capaz de te salvar antes...

— Eu realmente não deixei você fazer isso. — O arrependimento preenche seu tom.

Eu já ouvi isso tantas vezes. Eu sei disso muito bem. Dolly diria que *as tempestades fazem as árvores criarem raízes mais profundas...*

— Talvez possamos tentar de novo? — Nossos olhos se encontram, e as palavras mal saem da minha boca quando seus braços circundam minha cintura, puxando-me com firmeza contra seu corpo.

Ele está se movendo rápido, como se estivesse esperando, cobrindo minha boca com a dele, separando meus lábios. Eu persigo para acompanhá-lo, e um gemido suave escapa da minha garganta. Seu beijo é ansioso, faminto, varrendo sua língua dentro da minha. Eu agarro seus ombros, e seu cheiro me intoxica. A firmeza de seu corpo contra o meu é uma droga.

Minhas mãos estão em suas bochechas desalinhadas, movendo-se mais alto, enroscando em seu cabelo macio. Seus lábios puxam os meus, beliscando e puxando. Ele me levanta do chão e minhas pernas imediatamente circundam sua cintura.

As botas se arrastam na varanda de madeira da cabana e ele se atrapalha para abrir a porta. Seus lábios se separam dos meus e eu gemo, inclinando-me para frente, beijando seu pescoço, mais alto em sua orelha. Eu sinto sua ereção entre minhas pernas, e meu núcleo dói para ele me preencher.

Colocando-me de pé, ele me segura na frente dele. Estamos respirando rápido.

— É isso que você quer?

Assentindo, eu levanto o rosto e fecho meus olhos para outro beijo, mas ele pega meu queixo.

— Noel, eu quero fazer amor com você. Eu quero ficar com você a noite toda...

— Eu gostaria que você parasse de falar sobre isso, então.

Ele sorri e estamos de volta. Bocas seladas juntas, desesperadas, famintas. Ele enrola meus dedos do pé.

Estamos na casa de campo e ele me dá uma ordem.

— Deite-se na cama.

Eu nem hesito.



Capítulo 28

Taron

Noel está espalhada diante de mim, suas costas arqueadas e seus mamilos tensos apontando para o teto. A luz da lua atravessa a janela aberta, cobrindo seu corpo nu com uma luz prateada. Ela é uma deusa, e eu tenho minha boca toda sobre ela, beijando-a, provando-a, bebendo os sons de seus gemidos.

Suas pernas tremem quando ela goza, minha língua circulando seu clitóris até que ela agarra meu cabelo, puxando e implorando para que eu esteja dentro dela.

Eu rapidamente coloco meu jeans para baixo, virando-a de bruços e pegando-a pelos quadris. Ela fica de quatro e me olha por cima do ombro, seus olhos âmbar ardentes de desejo e seu cabelo escuro ondulado sobre os ombros.

Meu pau é uma barra de ferro. Sua bunda é um coração virado para mim, e eu deslizo meu pau para cima e para baixo em sua umidade antes de preencher profundamente sua boceta deliciosa. Ela cai sobre os cotovelos e solta um gemido alto, e eu tenho que segurar um momento enquanto a sensação de estar completamente dentro dela apaga minha mente.

Meus quadris se movem, empurrando para dentro e para fora, perseguindo o orgasmo que está apenas ao meu alcance. Ela gozou forte apenas alguns momentos antes, e eu a sinto apertando-se em torno de mim. É tão bom que gemo baixo e alto quando sinto a

tensão aumentando em meu pau, pressionando minha bunda e me centrando no lugar onde estamos conectados.

Alcançando ao redor, eu círculo meus dedos sobre seu clitóris, e ela quebra em outra cascata de orgasmo, apertando e gemendo. É o empurrão final que preciso para voar sobre a borda, pulsando e preenchendo-a, estendendo a mão para me apoiar na parede à nossa frente, empurrando-a mais para a cama enquanto a seguro profundamente, cavalgando as ondas finais do orgasmo, a alma profunda de satisfação que nunca pensei que teria com ela novamente.

Estamos respirando com dificuldade e eu nos movo, virando-a e puxando-a para mim. Está frio, e rapidamente puxo os cobertores para trás, deslizando entre os fios macios com ela ao meu lado.

Noel Aveline está em meus braços. Seu corpo está nivelado contra o meu, do peito ao estômago, das coxas aos dedos dos pés. Suas mãos seguram minhas omoplatas e sua bochecha está dobrada contra meu coração. Meu coração que só bate por ela, com o nome dela marcado acima. Nossa respiração fica mais lenta e eu aliso minha mão ao longo de seu cabelo. Eu pressiono meus lábios em sua têmpora.

— Como você está se sentindo? — Minha voz está áspera, rouca pelas emoções que surgem em meu peito.

— Bem. — Eu sinto suas bochechas subirem com seu sorriso, e eu amo muito essa mulher. — O que é isso? — Ela levanta o rosto, seus olhos na minha tatuagem.

— Algo que lhe pertence.

Seu queixo abaixa, e ela pressiona sua testa contra minha pele. Eu deslizo minha mão por seu cabelo macio. Ela não fala, mas está tudo bem. Eu sei que demos um grande passo.

Eu mereço isso? Uma pontada de escuridão se esconde no canto da minha mente. Essa velha ansiedade tenta levantar sua cabeça, mas não vou deixá-la entrar esta noite.

Colocando minha mão em sua bochecha, levanto sua boca para a minha novamente. Seus beijos são como um gole de água no deserto, profundos e satisfatórios. Com meu joelho, eu separo suas coxas, movendo-me acima dela e afundando em seu núcleo.

Seus gemidos são a melodia com a qual sonhei tantas noites quando estava sozinho, no abismo do inferno, acreditando que se pudesse sobreviver mais uma noite, poderia voltar para ela novamente. Seus dedos se enfiam no meu cabelo e nós lentamente balançamos juntos, o fogo nos moldando em um só.

Quando ela goza, eu levanto minha cabeça e olho profundamente em seus olhos. Eles brilham quando eu a solto, enchendo-a e beijando suas lágrimas. Suas mãos se movem para o meu pescoço, aproximando-nos, e pressiono meus lábios em seu ombro, silenciosamente prometendo nunca a deixar chorar sozinha.

Nunca mais.

Eu a seguro, ouvindo enquanto sua respiração fica mais lenta, enquanto ela dorme em meus braços.

Esta noite tenho meu único sonho em mente: Noel e eu... e a linda garotinha que criamos compartilhando uma vida juntos, construindo uma família.

Na manhã seguinte, acordo para encontrar lençóis frios ao meu lado. *Não é legal.*

Eu coloco meu jeans, puxo-o sobre meus quadris rapidamente seguido por minhas botas e uma camiseta Henley verde-escura. Escovo os dentes, boné na cabeça, e atravesso o pátio com Akela pulando ao meu lado. Eu juro que ela está sorrindo.

Eu paro na porta dos fundos, o amor se expandindo em meu peito enquanto observo minha garota se movendo pela cozinha, seu cabelo preso em um coque bagunçado na cabeça.

— Alguém ainda está com fome depois do jantar que tivemos ontem? — Eu fecho o espaço entre nós, puxando-a firmemente contra meu peito.

— Leon está sempre com fome. — Ela sorri para mim e eu a beijo levemente.

Então eu penso melhor e dou-lhe outro beijo, mais longo, separando seus lábios, enrolando nossas línguas juntas. Ela tem gosto de sol e suco de laranja fresco, e quando eu me afasto, a luz em seus olhos me enche de muita gratidão.

— Deixe-me ir agora. Eu tenho que fazer o café da manhã. — Ela sorri, e aquela pequena covinha aparece abaixo de sua boca.

Eu dou um passo para trás, admirando sua bunda quando ela se vira para procurar algo na geladeira.

—Talvez você devesse pegar algo na despensa.

Ela se endireita rapidamente, o rosa ruborizando suas bochechas.

—Taron! Shh! — Ela olha por cima do ombro.

— Sawyer está bem na sala de estar.

Por mais que eu saiba que ela adora estar aqui, estou começando a ver algumas desvantagens em morar com seus irmãos.

— Quando meu bebê chega em casa?

— Você não está gostando da sua folga? — Noel arqueia uma sobrancelha para mim por cima do ombro enquanto quebra os ovos na tigela.

— Não. — Eu exalo uma risada.

— Eu sinto falta dela.

Eu me acostumei com sua doce vozinha me chamando a cada dois segundos, com segurá-la no meu quadril e ouvir seus pensamentos sobre tudo. Ela é uma tagarela e eu adoro isso.

— Peça e você receberá. — Noel sorri para mim e ouço comoção na outra sala.

Sawyer nos cumprimenta entrando pela porta, e duas garotinhas correm para a cozinha, ambas usando tutus com brilhos em rosa e roxo, e começam a dançar.

— Papai! Olha o que a Sra. Tamara deu para nós! — Ela gira, pulando e chutando a perna atrás dela.

Sua amiga Beverly “Boo”, uma garotinha com cabelo escuro cortado em cachos nas orelhas, faz o mesmo. A irmã de Mindy entra, carregando uma pequena sacola e colocando-a no balcão.

— Elas ficaram acordadas até depois da meia-noite assistindo a filmes. Eu não conseguia fazê-las dormir. — Ela se aproxima e Noel beija sua bochecha.

— Não se preocupe com isso. Elas têm até segunda-feira para descansarem.

— Eles falaram sem parar sobre patinação no gelo. Bill disse que verificará se o coliseu está fazendo alguma coisa. Eu aviso

você.

Tamara encurrala Beverly e as meninas se abraçam e se despedem antes de saírem pela porta dos fundos. Dove pula e levanta os braços para mim. Eu a coloco em meu quadril para que ela possa acenar para sua melhor amiga até que elas estejam fora de vista. Então sai de meus braços e segue dançando até a sala de estar para assistir seu programa favorito.

Noel está de costas para mim. Biscoitos quentes estão em um prato, e ela rapidamente corta pequenos pedaços de manteiga e os coloca em cada um. Eu envolvo minhas mãos em sua cintura e me inclino para beijar sua nuca, logo abaixo da orelha, inalando o cheiro dela, coco, pêssegos, um toque de rosa... Estou me sentindo feliz, como se finalmente estivesse em casa, cercado por meu povo.

Eu deslizo minha mão para frente para segurar seu seio, e ela inala profundamente.

—Taron.

Ela deixa cair a faca no balcão, girando em meus braços.

Olhando para baixo, eu sorrio, deslizando meu polegar ao longo de seu queixo.

—Desculpe.

— Você não está arrependido .— Seus lábios se apertam em um sorriso e ela pisca. Nossos olhos se encontram, e é elétrico.

—Você está certa. Eu não estou. Eu gostaria de levar você para aquela despensa e... — Eu quero deslizar minha mão por sua calça, mas ela desliza seus dedos em volta dos meus pulsos.

— Acho que precisamos desacelerar um pouco.

Eu não ligo para isso.

— Algum motivo em particular?

Ela encolhe os ombros, pegando a faca novamente.

— Não quero que Dove pense que estamos juntos até... termos certeza.

— Tenho certeza. — Meu estômago está apertado, mas suavizo minha voz.

— Você não tem?

Ela pisca rapidamente, colocando o último pedaço de manteiga no último biscoito.

— Não... acho que só quero ter certeza absoluta.

A faca está no balcão e eu a impeço de pegá-la. Segurando seu queixo, eu levanto seu rosto para que nosso olhar se encontre.

—Eu entendo isso, e mereço.— Os olhos âmbar piscam para longe, fixando-se no meu peito, bem sobre o meu coração, onde o nome dela está escrito.

— Eu vou provar meu valor para você, Noel. Eu não vou te decepcionar de novo.

Um sussurro baixo.

— Estou tentando.

Erguendo sua mão, beijo sua palma. Nossos olhos se encontram, e espero que ela possa ver a profundidade do meu compromisso. Espero que ela possa sentir meu coração.

— Eu vou esperar por você.

É uma coisa difícil de fazer. É doloroso estar tão perto, tê-la segurado em meus braços a noite toda e ainda tê-la levantado, mas a culpa é minha. Ela precisa de tempo.

Tempo... Não vou mentir e dizer que gosto disso, mas ela é importante para mim. Dove é importante para mim. É por elas que estou aqui e estou preparado para conquistá-la de volta.

Depois do café, quero trabalhar. Eu quero ficar sozinho e trabalhar meus músculos. Eu quero suar.

Sawyer diz que precisamos ter certeza de que as raízes das novas árvores estão bem cobertas. A temperatura está caindo, uma frente fria está se movendo e as previsões apontam para gelo, possivelmente neve.

Dove adormece no sofá em frente à televisão e eu saio para começar. Acabei de verificar a tela da primeira fileira de árvores quando noto Leon parado com as mãos nos bolsos, olhando para a doca de carregamento de concreto.

— Ei. — Eu vou para onde ele está esperando.

— Ei. — Ele olha para mim. Sua raiva esfriou, e eu estava esperando para ter essa conversa.

— Já faz um tempo que estou muito chateado com você

— Eu sei

— Sawyer disse que você estava ferido, mas eu não entendo que tipo de ferimento faz você esquecer suas promessas.

Minha garganta dá um nó, e é como se ele tivesse me batido na lateral novamente. Sinto como se estivesse de volta à estaca zero, tentando sair do buraco em que caí.

— Comecei a tomar analgésicos...— A vergonha fica quente em meu peito. Eu odeio essa fraqueza. Odeio admitir o quão longe eu caí. Ainda assim, eu sei que cada vez que tento correr, a negação só leva à escuridão.

— A força desse vício é algo que nunca esquecerei.

Ele me estuda, a testa franzida. Leon é inteligente – posso vê-lo pensando nisso.

— Então, você superou isso agora?

— Eu nunca vou superar isso... mas eu aprendi a lutar contra isso. Eu aprendi quando me afastar. Quando buscar ajuda. — Eu olho para as minhas botas gastas.

Ficamos quietos por um momento. Um pássaro gorjeia no canto superior do galpão, e gostaria que Akela colocasse a cabeça sob a minha mão.

Erguendo meus olhos, encontro os dele.

— Me desculpe por ter te decepcionado, Leon.

Ele se endireita e sua mandíbula flexiona. Então ele concorda.

— Você é muito bom para a Dove. Ela te ama muito.

— Eu a amo. Ela é algo por quem quero lutar... e Noel. — Eu quero dizer essas palavras com todo o meu coração. — Você é um tio ótimo. Eu agradeço por você cuidar dela quando eu não podia.

Ele muda de um pé para o outro, e eu olho para cima para ver que sua expressão se acalmou.

— Ela é minha família.

Meus lábios se apertam e eu aceno. *Claro*. Se eu aprendi alguma coisa sobre Sawyer, Noel e Leon, é que a família vem em primeiro lugar.

Depois do que eles superaram, eu entendo.

— Uma vez eu pensei que você poderia ser minha família. — Ele levanta um olho para mim.

— Gostaria disso. Mais do que tudo, é por isso que estou aqui agora.

— Sawyer disse que às vezes boas pessoas são atingidas com força. Temos que perdoá-las porque nunca sabemos quando poderá

ser a nossa vez de precisarmos de perdão.

Engolindo o nó na minha garganta, eu assinto.

— Seu irmão é um cara inteligente.

— Ele geralmente está certo sobre as pessoas.

Olhando para cima, vejo Leon estendendo a mão para mim.

Dou um passo à frente e pego, apertando sua mão e colocando a minha outra em cima.

Um sorriso surge em seus lábios e ele dá um passo à frente para um breve abraço.

— Nós temos você.



Capítulo 29

Noel

Dizer a Taron que preciso de espaço é a coisa mais difícil que já fiz. Estar em seus braços era como voltar para casa. Ele pode ter arrancado meu coração pela raiz sete anos atrás, mas também plantou a semente do perdão quando me deu Dove.

Voltar à vida, amá-la, viver algo tão incrível... Foi um longo caminho para consertar o dano causado há tanto tempo.

Ainda assim, é como se meu cérebro jogasse uma corda em volta do meu peito e puxasse com força. Posso sentir as restrições em minhas costelas. Ele tem meu nome tatuado em sua pele. Lágrimas enchem meus olhos e meu coração quer voar... Mas minha mente diz: *não tão rápido*.

Parada na porta, eu o observo com Dove na sala de estar. Ela está mascando chiclete, o que é novidade, e fazendo com que ele a ajude a aprender a dança de abertura de *Angelina Ballerina*.

— É o meu talento para a Princesa Pêssego — ela explica como se já devêssemos ter descoberto essa parte.

— Estenda o braço, papai.

Taron está apoiado em um joelho e ela pula, mudando os pés por baixo dela como um rato de desenho animado. Tenho certeza de que esse movimento é chamado de *changement* e é bem básico. Ainda assim, Taron é seu maior fã.

— Isso está bom. Você já dançou?

— Não. — Ela balança a cabeça e faz um *sissonne*, que é basicamente o mesmo movimento, indo para o lado.

O único ano de balé que fiz no colégio me deu muita informação.

— O que está acontecendo aqui? — Leon entra na sala e se joga no sofá.

— Cara. Ela está fazendo balé agora?

Sento-me no braço da cadeira ao lado dele, observando seu progresso.

— Taron está substituindo Freddie — provoco, fazendo referência ao parceiro de dança de Angelina nos livros.

— Levante-me, papai. — Ela coloca as mãos em sua pequena cintura, e quando ele a levanta, ela aponta uma perna para fora.

Grande jeté!

É tão fofo, eu bato palmas e rio.

— Isso é bom!

Taron a vira no ar, apoia-a em seu ombro, e os dois estendem o braço. Até Leon aplaude suas travessuras idiotas, e eu me pergunto o que há de errado com meu cérebro teimoso. Este grande e forte homem alfa, permitindo que sua filha o envolva em seu dedo como ele está fazendo, deveria ser o suficiente para curar qualquer ferida.

Ele a coloca no chão, e ela caminha até o pequeno lixo no canto e cospe seu chiclete nele.

— Meu Deus, Dove— eu repreendo. — Da cobertura ao banheiro externo! Use um guardanapo na próxima vez. Você parece um caminhoneiro.

— Eu sou o tio Leon. — Ela coloca as mãos nos quadris e volta para onde Taron está sentado no sofá.

Nós dois olhamos para meu irmão mais novo, que está fazendo uma careta para minha filha.

— O que isso significa?

— Eu não sei do que ela está falando.

Você está mascando tabaco de novo? — Aproximando-me, bato em seu braço.

— Você quer que todos os seus dentes caiam?

— Mulher! — ele late. — Pare de me insultar!

Eu rosno um pouco.

— Hábito nojento.

Mesmo assim, estou feliz. Estamos chegando tão perto. Tenho certeza de que é apenas uma questão de tempo antes de ser capaz de entregar tudo a Taron, sem incertezas ou medo.

Dove está enroscada e adormecida na minha cama, e estou guardando as roupas no armário quando uma batida na janela me faz pular. Eu olho ao redor da porta para ver Taron fumegando fora do vidro.

Akela nem levanta mais a cabeça. Atravessando a sala, eu deslizo e ele se senta, balançando as pernas para dentro e me puxando entre elas.

— Está frio aqui. — Fecho a janela atrás dele, verificando por cima do ombro para ter certeza de que Dove ainda está roncando baixinho com Alice agarrada ao seu lado.

Eu me rendo ao seu beijo. Ele cobre minha boca com a dele, separando meus lábios e encontrando minha língua, deixando-me quente e escorregadia.

Meu coração bate tão forte que dói no peito. Estar em sua cama, fazer amor com ele foi a satisfação de uma necessidade de um ano, e eu quero que ele me segure novamente, virando-me, empurrando para dentro e reivindicando o que é dele.

Levantando meu queixo mal posso recuperar o fôlego enquanto suas mãos vão por baixo da minha camisa, levemente em meus seios.

— Taron ...— Eu coloco minha testa na dele, arrastando minhas unhas por sua barba.

— O que você está fazendo aqui?

— Saudades de você .— Ele baixa sua cabeça, e sua barba arranha minha pele enquanto sua boca se fecha sobre um mamilo endurecido.

— Oh...— eu suspiro quando ele dá uma chupada firme, e meus joelhos estão líquidos. Eu devolvo com um gemido, e ele se endireita, pegando minhas bochechas.

— Eu quero você na minha cama. Agora.

A eletricidade está em minhas veias e quero dizer que sim.

— É arriscado... Se ela acordar e eu não estiver aqui, ela virá procurar.

Seus olhos vão para o nosso bebê, e a luta é real.

— Essa garotinha. — Ele suspira, e suas mãos se movem nas minhas costas, palmas quentes me pressionando contra seu peito.

Eu sinto seu coração batendo através de sua camisa, e eu não quero deixá-lo ir. Eu considero colocá-lo na minha cama, mas não acho que somos fortes o suficiente para isso.

— Pegue um casaco e venha comigo. — Ele sai pela janela novamente e eu pego meu casaco grosso e fofo, envolvendo-o sobre minha camiseta fina e moletom.

— Está congelando aqui.— Eu puxo minhas meias de lã e me aninho mais perto dele no balanço da varanda.

— Aqui.

Abro meu casaco e monto seu colo enquanto ele desliza seus braços em volta de mim e nós balançamos. Por um tempo, ficamos quietos, deixando nossos corpos aquecerem um ao outro.

Quando ele fala, seu tom muda. É calmo, solene.

— A cada segundo da missão de resgatar Marley, pensei em você. Eu me preocupei e sonhei com você. Foi o maior tempo que ficamos sem nos falarmos desde que nos conhecemos.

Meu coração bate mais rápido com suas palavras, mas eu fico imóvel. Precisamos ter essa conversa.

— Sawyer pôde ligar para você porque o consideravam o chefe da sua família... e era possível que pudéssemos ter morrido na missão.

Eu levanto meu queixo, colocando meus olhos úmidos em seu ombro. Lembro-me daqueles dias de forma tão clara quanto água.

Ele continua, sua voz neutra, seus músculos tensos.

Nós finalmente o encontramos. Ele estava no meio da selva, em uma velha cabana abandonada... Fui o primeiro a passar pela porta. — Uma pausa. Uma respiração. Eu o sinto engolir a espessura em sua garganta.

— Ele estava muito confuso. Não verifiquei o interior como deveria. Eu não procurei por mais ninguém. Fui direto para ele e comecei a cortar as cordas. Ele estava sangrando e quase inconsciente. Fiquei tão aliviado por tê-lo encontrado, mas também

estava pensando em você, finalmente seria capaz de voltar para você.

Virando meu rosto, pressiono meus lábios em sua pele.

— Eu não a vi no canto. Eu não a vi até que fosse tarde demais, e ela estava balançando um facão em nossas cabeças. Eu fiz a única coisa que sabia fazer. Peguei minha arma e atirei...

Minha garganta fica apertada e eu me sento, procurando seus olhos. Eles estão abatidos, não encontram os meus. Colocando minha palma em sua bochecha, não tenho certeza se entendi.

— O quê...?

— Eu a matei. Ela era apenas uma criança, provavelmente uma vítima de sequestro. Eu não sei. Tivemos que deixá-la para trás... nunca vou saber.

Meu coração dói com a dor em sua voz.

— Foi isso...

— Eu caí na saída e me machuquei. Lesões nas costas são praticamente uma licença médica automática. Eles me deram um coração púrpuro e me mandaram para casa. Mas eu sabia o que tinha feito. Eu nunca poderia... Eu nunca vou esquecer dela deitada sozinha naquela cabana na selva.

— Oh, Taron. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto e eu envolvo meus braços em volta de seus ombros, abraçando-o com todo o meu coração, desejando poder tirar essa dor.

Ficamos em silêncio por um momento, balançando lentamente no balanço, compartilhando essa memória terrível. Minhas mãos deslizam para cima e para baixo em seus ombros largos e eu acalmo minhas lágrimas. Sentando-me, eu seco meus olhos, colocando minhas mãos em seu pescoço. Ele foi forte o suficiente para me dizer isso. Eu sou forte o suficiente para ouvir isso.

— Lamento muito que tenha acontecido com você.

Seus lindos olhos encontram os meus, e eles são como o mar, verde-azulado e brilhante.

— Você pode me perdoar?

— Claro! — Eu me inclino beijando seus lábios e pressionando minha bochecha na dele.

— Não foi sua culpa.

Sua testa franze e ele balança a cabeça como se não pudesse aceitar o que estou dizendo.

— Nossa filha quer que eu seja um herói. Não sei como dizer a ela que isso é algo que eu nunca serei.

Minhas entranhas tremem e não posso deixá-lo acreditar nisso. Não sei como fazê-lo me ouvir e posso ver que esse fardo é tão pesado que quase o tirou de mim completamente.

— Nossa filha vai te amar, não importa o que aconteça. Porque você a ama incondicionalmente.

Ele exala um suspiro pesado.

— Eu nunca serei um herói.

— Nunca é um tempo muito longo.



Capítulo 30

Taron

— Você tem que ir ao baile. É para arrecadar dinheiro para a biblioteca paroquial! —Mindy se inclina sobre o balcão, mas Noel está balançando a cabeça e mexendo em uma panela de bombons.

— Os pedidos de Natal estão disparados. Tenho que terminar de fazer compras e todo mundo está vindo aqui para jantar. Não tenho tempo para encontrar um vestido, arrumar meu cabelo...

Dou uma cutucada em minha filha de dentro da sala e ela entra em ação.

— Mamãe, olhe para mim! Olhe para mim!

Dove entra na cozinha naquele tutu rosa e roxo, só que agora ela está usando uma bandana com orelhas de rato brancas e carregando uma vara com uma fita presa na ponta. Ela segue os passos que temos aprendido, pausando e retrocedendo a abertura de seu programa favorito, e eu sei que ela é minha, mas é realmente adorável.

— Eu a nomearia Princesa Pêssego hoje.

— Ó meu Deus! —Noel coloca a mão em seu peito e se ajoelha brevemente.

— É Angelina Ballerina!

Dove continua pulando de um lado para o outro, batendo os calcanhares no ar e girando a varinha com a fita sobre a cabeça, e eu rio, batendo palmas ao entrar no cômodo. Ela corre para mim e

eu faço o levantamento, segurando-a enquanto ela estende os braços e as pernas brevemente antes de sentar-se no meu quadril.

— Isso é suficiente. —Mindy bate palmas, balançando a cabeça e rindo.

— Eu quero que você seja meu pai também.

A voz de Noel está provocativa.

— Você já tem um papai.

— Quem é o papai da Srta. Mindy? —A testa de Dove franze e ela olha com curiosidade para a amiga de sua mãe.

Noel arqueia uma sobrancelha. — Sr. Deacon.

— Você tem que parar com isso. —Mindy empurra o braço da amiga.

Dove franze a testa para mim.

— Ele não é o pai dela!

Eu franzo a testa de volta.

— Isso está ficando estranho.

Noel solta um pequeno grito.

— Caramba! Está na hora... — Ela tira a panela do fogo. — Rápido! Passe-me essa frigideira.

Mindy pega uma grande assadeira de metal e observamos enquanto despeja sobre ela pequenos pedaços da mistura de noz-caramelo e manteiga.

— Eu quase queimei os bombons.

— Bem feito para você. — Mindy se vira para mim.

— Diga que ela tem que ir ao baile.

— O que você acha, querida? — Eu olho para a minha garota vestida com jeans que abraçam sua bunda sexy e um suéter branco grosso. Ela tira a faixa de seu cabelo escuro e o balança por cima do ombro. Isso me faz querer inventar uma desculpa para ficar a sós com ela.

— Tenho que levar isso para Pine Hills. — Noel caminha até onde eu estou, segurando nossa garotinha, que está girando sua varinha de fita.

— Você ainda vai me ajudar a trazer a Srta. Jessica para a loja, certo?

— Estou pronta quando você estiver.

Ela tira Dove dos meus braços.

— Vá se trocar.

Minha filha sai da cozinha de mau humor e eu pego a bochecha de Noel, dando-lhe um beijo rápido.

— Que tal está para os talentos?

Seu nariz enrugando e ela sorri para mim.

— Acho que ela vai ganhar.

Nas últimas duas semanas, desde aquela noite no balanço, ficamos cada vez mais próximos. O que aconteceu no México foi a última coisa que eu guardei, e senti que se eu fosse provar a ela que estou apostando tudo, eu teria que me abrir.

Tudo entre nós mudou depois dessa conversa e, embora ainda não estejamos passando a noite juntos, descobrimos maneiras de contornar os hábitos de sono de nossa filha – a maioria dos quais envolve recados repentinos que ambos precisamos fazer juntos.

Tenho certeza de que Sawyer está sabendo de nós, especialmente porque a maioria dessas tarefas acontece enquanto Dove está na escola.

— Basta pensar...—Mindy ainda está falando sobre a arrecadação de fundos.

— Vestidos de noite, smokings, música chique, dança... *seu aniversário*. Vai ser tão romântico.

— E se eu simplesmente fizer uma grande doação como Taron fez?

As sobrancelhas de Mindy se erguem.

— Você pode fazer isso?

— Talvez não todo ano, mas neste eu posso.

— Não.— Mindy balança a cabeça.

— Mesmo se você for tão rica quanto Beyoncé, eu quero que você venha. Vai ser divertido! Taron, você não pode me ajudar?

Olhos âmbar encontram os meus, e Noel me dá um sorriso que aprendi a amar. É calmo e confiante, como se ela soubesse de algo que está pronta para me dizer.

Eu quero ouvi-la.

— Eu vou conversar com ela.

— Isso é tão legal. — Miss Jessica está no banco da frente do meu Tahoe, e passa a mão ao longo do braço de couro.

—Acho que nunca estive em um veículo tão grande e bonito.

— É apenas uma caminhonete. — Dou um tapinha em sua mão magra.

— Eu me sinto como uma rainha indo ver meu antigo galpão em toda a sua glória.

— Espero que goste— declara Noel do banco de trás. — Espero que as pessoas venham fazer compras quando estiver aberto.

Sua amiga idosa se olha no espelho retrovisor.

— Vai ser um sucesso. Você vai ver!

Dove ignora nossas preocupações.

— Boo disse que o pai dela a levou para patinar no gelo em Monroe na semana passada. Eu quero patinar no gelo, papai!

Eu encontro os olhos dela no espelho.

— Vou perguntar a ele sobre isso, docinho.

— O tio Leon disse que o reservatório estando frio, muito frio, pode se conseguir gelo nele. Aposto que poderia patinar lá. — Ela olha pela janela para o sol poente, e faço uma nota mental para levar aquela garota a um rink de patinação no gelo.

Ela está pedindo por isso há semanas.

—Esse reservatório sempre foi tão frio quanto Valley Forge.— Miss Jessica ri.

—Não é muito longe do galpão de alimentos, ou melhor, sua nova loja... Íamos lá depois de trabalhar o dia todo sob o sol quente. Sempre foi um desafio ver quem se arriscaria a entrar nessas águas.

— Seu pai me jogou lá no nosso primeiro encontro. — Noel pisca para mim no espelho.

— Papai! — Dove chora.

— Sua mãe me empurrou de um trailer. Quase quebrou todas as minhas costelas.

— Eu não !— A voz de Noel fica alta e eu rio.

Miss Jessica ri mais, e estamos parando na frente da casinha mais fofa.

— Meu Deus! — Ela junta as mãos na frente da boca.

— É isso? Que mudança. Está incrível.

Eu estacionei a caminhonete e Noel saltou rapidamente, abrindo a porta do passageiro. Eu corro para ajudá-la a colocar a senhora de pé. Ela é leve como um graveto e sua excitação é contagiante.

— Taron pintou o exterior. — Noel pega a mão dela e, enquanto estou na frente dela, a Srta. Jessica me dá um abraço firme.

Eu me inclino para abraçá-la de volta, grato por esta doce pessoa idosa. Ela sempre me tratou com carinho e aceitação, mesmo depois que voltei.

— Um homem tão bom— diz ela, dando um tapinha na minha bochecha.

— Ele é. — Noel afirma enfaticamente, e meu peito aperta.

— Papai! Me pega! — Dove está fora de sua cadeira elevatória no meio dos assentos.

Eu a alcanço e ajudo-a a descer, e ela sai correndo para a loja com Akela pulando bem ao lado dela.

— Aquela menina tem mais energia do que um coelho! —Miss Jessica ri, e Noel segura sua mão, caminhando lentamente sobre o terreno irregular até a calçada que acrescentamos.

Dove passa pela porta, deixando-a aberta. Estamos logo atrás, e quando a Srta. Jessica vê o interior, ela engasga.

As paredes estão pintadas de ouro pêssego, e os pisos lixados e encerados para que o pinho amarelo quente seja macio e convidativo. As mãos de Noel estão cruzadas na frente de seus lábios, e ela observa sua amiga inspecionar o lugar. Tenho certeza de que ela está prendendo a respiração, querendo que ela se orgulhe disso. Eu coloquei meus braços em volta dos seus ombros. Estou orgulhoso.

Com o pôr do sol entrando pelas novas janelas, o lugar parece absolutamente dourado.

Tenho que chamar um eletricista aqui para que possamos conseguir um pouco de luz e aquecimento. — Noel estende as mãos dela.

—De outra forma...

—Eu amo isso.— Os olhos da senhorita Jessica estão marejados.

— É verdadeiramente Prêmio de Outono.

— Tio Leon está em casa! —Dove pula na ponta dos pés na frente da janela ao som de um caminhão passando.

Leon buzina um pouco e nós acenamos. Dove sai correndo porta afora com Akela logo atrás dela.

— Está começando a nevar!

Noel grita atrás dela.

— Vá direto para a casa. Está ficando escuro.

Eu vejo sua cabeça dourada pulando colina abaixo, e um lampejo de hesitação se move em meu peito.

— Pense que ela fica bem sozinha...

Mas Noel está distraída mostrando à amiga as caixas de vidro e as prateleiras embutidas. Eu recuo enquanto elas discutem onde colocar tudo. Grandes torrões de neve caem do céu, e eu sei que não vai durar. Está frio, mas não temos neve real neste extremo sul.

O sol já se foi quando terminamos de deixar a Srta. Jéssica em Pine Hills e a acomodamos.

— Precisamos de outro lote de bombons, Noel! — A enfermeira nos cumprimenta na porta, pegando a mão da Srta. Jessica.

—Já?

— Eles acabaram em cinco minutos.

O queixo da Srta. Jessica cai.

— Eu nem ganhei um!

Noel dá um abraço nela, falando baixinho em seu ouvido.

— Vou trazer um lote especial só para você na próxima semana.

Isso a satisfaz, e estamos a caminho de casa quando Noel se estica e pega minha mão.

— Este foi um bom dia.

Minha mão se fecha sobre a dela, e eu quero dizer-lhe o que está em meu coração. Eu quero fazer dela e de Dove minha família de uma vez por todas. Eu decido que esta noite, depois que todos estiverem na cama, eu vou para a janela dela...

Ela salta da cabine quando chegamos em casa e sobe correndo os degraus dos fundos.

— Tenho certeza de que Leon vai se preocupar com o jantar.

Abrindo a porta, ela chama.

— Dove, Leon, estamos de volta.

Estou no meio da porta quando ouço o pânico atingir Noel.

— O que você quer dizer com ela não está aqui?

— Eu pensei que ela estava com vocês...— Leon está de pé, Sawyer bem ao lado dele.

Nossos olhos se encontram e o gelo dispara em minhas veias.

— O que está acontecendo?

— Dove não voltou para casa. — A voz de Noel sobe uma oitava. Ela gira nos calcanhares e sai correndo pela porta dos fundos, gritando:

— Dove! Dove !— Ela grita seu nome de novo, mais alto, e estou bem atrás dela. Todos nós estamos.

Dove! A voz profunda de Sawyer se projeta através da colina. Ele pega o braço de Noel.

— Há quanto tempo você a viu? Onde ela estava?

O rugido está em meus ouvidos. Ainda posso ver sua cabecinha loira saltando para longe de mim descendo a colina, Akela bem atrás dela.

— Cerca de uma hora? Talvez menos? — A adrenalina sobe em minhas veias.

— Foi logo depois que Leon passou por nós. Ela queria voltar aqui para vê-lo.

Leon sai correndo colina acima em direção à loja.

— Vou verificar a estrada.

— Neve...— Noel treme e as lágrimas caem em seu rosto. — Ela disse que estava nevando.

— Pense! — Sawyer nos dá ordens. — Para onde ela poderia ter ido?

Pegamos casacos e lanternas. O ar está gelado, com pedaços de neve ainda caindo no chão.

— Está tão frio. Oh, Deus, está tão frio.

— A voz de Noel treme.

Estou internamente em pânico, mas tentando manter o foco.

— Akela está com ela.

Noel sai correndo na direção de seu irmão, e estou bem atrás dela, lanternas brilhando ao longo da estrada.

Meu estômago paralisa. Um milhão de imagens horríveis se aglomeram em minha mente, mas eu as empurro todas para fora.

Se ela caiu, nós a encontraremos. Se ela se distraiu e quis construir um boneco de neve, nós a encontraremos. Se ela decidiu vagar pela floresta...

Por que ela faria isso?

Encontramos Leon correndo de volta em nossa direção.

— Eu não vi nenhum sinal dela.

—Ai, Jesus! — Noel desmaia, mas eu a pego.

— Você não acha que alguém...

— Não. — Sawyer a interrompe bruscamente.

— Teríamos visto alguém ou vestígios.

— Ela não fica vagando sozinha! —A voz de Noel se transforma em um grito. Seu corpo inteiro está tremendo.

Ela está chorando, mas não totalmente destruída, e estou tentando forçar meu cérebro a se concentrar.

— Akela está com ela... — A voz de Sawyer está tensa. Ele está pensando, mas posso dizer que ele é como eu – quase no limite.

— Onde ela...

A compreensão atinge nós dois ao mesmo tempo.

— O reservatório!— Ele se vira para seu irmão mais novo.

— Obtenha ajuda.

Leon corre para o galpão de pêssegos, enquanto o resto de nós corre na direção oposta em direção ao pequeno bosque de árvores à distância. A mão de Noel está presa na minha. Seu irmão está à nossa frente, e nossos pés fazem sons úmidos e sibilantes na neve derretida.

— Oh, Deus, por favor...— A voz de Noel é baixa, tensa.

Minhas entranhas estão destruídas de terror. Minha garotinha, meu chute lateral, minha ratinha. Ela tem que estar bem. Eu convoco meu treinamento militar, pensamento estratégico, foco sob pressão conforme nos aproximamos do pequeno corpo de água, uma lagoa de retenção gelada entre dois rios. No verão, é relativamente calmo, mas como o irmão de Noel apontou, a corrente cresce mais rápido no inverno.

O gelo está na boca do meu estômago quanto mais nos aproximamos. Está muito quieto. Deus, não... Acabei de ouvir o

primeiro ganido de um cachorro quando o barulho do veículo de três rodas quebra o silêncio.

Leon corre pela colina, juntando-se a nós rapidamente, e Sawyer ilumina a superfície com sua lanterna. Duas linhas cortando o chão nevado nos mostram onde ela se aventurou. Ele ilumina mais para cima e atinge o reflexo amarelo dos olhos de Akela a trinta metros de distância. Ela está na água, as patas dianteiras arranhando o gelo.

Noel solta um grito.

— Dove!

Leon desliga o motor e ouvimos os gemidos de Akela, o clique de suas garras enquanto ela luta para sair da água corrente.

Sawyer pega Noel pela cintura antes que ela possa atacar o gelo fino. Leon tem uma corda de náilon amarela que está amarrando na gaiola na parte de trás do ATV. Parece que está demorando muito, mas estamos avançando o mais rápido que podemos.

— Foi o melhor que pude encontrar.— Sua voz está áspera, e eu a envolvo várias vezes em meus braços enquanto vou para a água.

Sawyer passa sua irmã para Leon.

— Segure Noel.

— Não! — ela grita, tentando se libertar.

— Vamos. — Deixo Sawyer para trás, andando cuidadosamente o mais longe que posso antes de cair de barriga para evitar quebrar.

Meus olhos piscam rapidamente e meu coração está martelando no meu peito. Eu vejo o cachorro, mas está muito escuro. Não consigo ver se ela está aí...

— Acenda uma luz aqui! — Minha voz está embargada de medo.

Forçando meus olhos, eu olho mais de perto e vejo sua mãozinha segurando o colarinho de Akela. Seu rosto está pressionado na parte de trás do pelo do cachorro, e Akela luta para se segurar na borda do gelo. Suas unhas arranham e sua voz está fraca, falhando.

Boa menina, Akela... Boa menina.— Eu tenho que ficar calmo.

— Dove, você pode me ouvir? Dove!

Sua cabeça não se move e eu me viro, deslizando para trás em direção a eles. Estou quase no limite. Não posso quebrar o gelo ou vamos todos afundar, podemos perder as duas.

A água atinge minhas pernas e corta como uma faca de tão fria. Fiz treinamentos para ficar calmo quando o frio bate, mas a hipotermia é o meu maior medo. Não sei há quanto tempo elas estão aqui. Deslizando para o lado, minha mão faz contato com a pata de Akela.

— Eu entendi você. Eu estou aqui, garota. — Minha voz está controlada pelo pânico, calma no limite. — Estamos quase lá.

— Amarre a corda em volta dela! — Sawyer grita no meio do caminho.

Ele está ficando para trás, sabendo que muito peso pode fazer com que toda a superfície ceda. Não há nenhuma maneira de Leon e Noel conseguirem tirar todos nós daqui. Com a temperatura desta água, congelaríamos até a morte em minutos, o que me apavora agora.

Enquanto estou olhando, vejo sua pequena mão perder o controle sobre o cachorro.

— Dove! — Eu grito mais alto.

— Segure Akela, Dove, papai está chegando!

Eu mergulho em pânico, e é um erro crítico. O gelo se quebra. Minha grande mão se fecha em torno da pequena quando tudo vai, e somos atingidos como um trem de carga com toda a força da água congelada.

A última coisa que ouço é o grito de Noel.



Capítulo 31

Noel

Parece um galho de árvore se partindo em dois ou um tiro à queima-roupa.

Toda a superfície do reservatório se abre e Sawyer atinge seu estômago, ainda segurando a corda. Taron desaparece na escuridão junto com minha filha e minha cadela. Eu caio de joelhos gritando.

O tornado atinge meu peito novamente, espiralando e rasgando meu interior. Está dilacerando meu coração e não tenho tempo para me abrigar.

Leon me solta, correndo para ajudar nosso irmão.

— Você está vendo eles? — Sua voz é mais um grito.

— Eu não sei !— Sawyer se levanta, agarrando a corda novamente.

A cabeça de Akela é a primeira acima da água. Ela rema com o cachorro contra a corrente, mas está perdendo a corrida. Ela é uma cadela de clima frio, mas não sabemos há quanto tempo ela está neste riacho.

A cabeça de Taron surge em seguida, e ele agarra Dove contra seu peito.

— Depressa! — É um barulho alto, como uma tosse ou rosnado. Salpicos atrás dele, e posso ver que ele está chutando as pernas.

Leon corre para o veículo de três rodas e empurra o motor de arranque, depois começa a movê-lo para frente lentamente. A corda fica esticada e Sawyer a coloca debaixo do braço, guiando-a com cuidado, puxando-os para fora.

A parte superior do corpo de Taron sobe mais alto. Eu vejo a corda enrolada várias vezes em seu antebraço, e ele está segurando nossa filha contra o peito, fazendo o possível para mantê-la fora da água.

Estou de joelhos, segurando minhas mãos e orando. Cada músculo do meu corpo está tenso enquanto os vejo lutar contra as correntes geladas.

Buzinas soam atrás de nós e o barulho de uma sirene parece distante. Minha visão está obstruída enquanto minha vida inteira se desenrola diante de mim.

Deus por favor! — Eu oro novamente, minha voz em um grito estridente.

— Ajude-nos!

Tudo acontece em câmera lenta quando. O nó escorrega ou o aperto de Taron escorrega.

— Leon! Pare! — Sawyer grita com meu irmão mais novo quando a corda amarela afrouxa.

A sirene está alta agora, cortando o campo enquanto o Serviço de Emergência corre para o local. Um enxame de trabalhadores me cerca. Um homem grande me agarra, envolvendo um cobertor em volta do meu corpo e me puxando de volta.

— Não! — Tento lutar contra ele, mas meus braços estão presos sob a tela.

Temos que agir rápido! — Uma mulher grita, e eles carregam pranchas amarelas sobre o gelo.

— Quantos são?

— Dois e um cachorro! — Sawyer grita.

Luzes piscam, cegando-me. Eu não consigo ver o que está acontecendo. Sou empurrada para dentro de um carro da polícia e uma mulher coloca uma garrafa térmica de plástico na minha mão.

— Beba isso.

— Deixe-me sair... É minha filha! — Estou desesperada, tentando voltar para eles.

— Eles vão ficar bem. Nós os estamos retirando. Vamos levá-los ao hospital. Por favor, fique calma.

Eu não consigo ver o que está acontecendo. As lágrimas cegam meus olhos e me esforço, tentando ver o que eles estão fazendo em meio a toda a comoção. Tantas pessoas estão aqui... todas estão trabalhando rápido, e ouvi algo que soa como um motor. Homens gritando.

O pânico contrai meus pulmões e quero ajudar. Eu quero saber o que está acontecendo. Eu preciso ver minha filha, Taron.

— Socorro, por favor... — Eu mal pronuncio as palavras quando três portas batem.

A ambulância dispara noite adentro e nós seguimos em uma caravana de luzes.

— Viemos assim que soubemos. — A Sra. Jenny e Mindy correm pelo corredor estreito até onde estou do lado de fora das portas do pronto-socorro com meus irmãos.

— O que está acontecendo? — Minha melhor amiga pega minha mão.

— Não sei ainda.— O braço de Sawyer está em volta de mim, mas não parei de tremer desde que saímos de casa.

— Dove está inconsciente. Eles acham que ela está sofrendo de hipotermia. Taron esteve conosco durante todo o caminho até o último intervalo. Acho que o gelo o atingiu...

— Deus, não. — Sra. Jenny dá um passo à frente, puxando-me para um abraço.

Até agora estive completamente entorpecida, como se tivesse caído nas águas geladas, mas com o colapso do meu pilar de força de longa data, sinto minhas entranhas desabarem. O peso disso é maior do que posso suportar.

— Eu não posso perdê-los. — Minha voz é um sussurro quebrado.

Ela limpa a garganta, segurando meus ombros em linha reta.

— Você não vai. O Senhor disse que não nos daria mais do que podemos suportar.

Meus olhos estão arregalados e secos. Fiquei sem lágrimas, mas isso não significa que não estou morrendo por dentro. A porta

do hospital se abre e um jovem de uniforme azul sai a passos largos.

— LaGrange?

— Somos nós. — Sawyer avança rapidamente.

— Qual de vocês é a mãe?

Todos colocam as mãos em mim e eu me aproximo.

— Sou eu.

Ele olha para nós cinco amontoados em um grupo – Sawyer, Leon, Sra. Jenny, Mindy e eu.

— Acho que vocês são todos da família?

Sra. Jenny estende uma mão suplicante.

— Sim, diga-nos o que está acontecendo.

— Ela está estável. Seus sinais vitais estão fortes...

— Oh, obrigada, Jesus.— Nós expiramos coletivamente.

— Mas ela está em um estado de inconsciência pós-traumática.

Estamos monitorando-a, mas estou preocupado que ela tenha sofrido uma falta de oxigênio no cérebro enquanto estava na água.

Meu peito parece vazio. Eu começo a cair para frente, mas meu irmão mais velho me segura.

— O que isso significa? —A voz de Sawyer está grave.

Os lábios do médico pressionam juntos.

— Isso pode significar qualquer coisa. Não saberemos até que ela recupere a consciência.

Estou com dificuldade para respirar. Minha garganta está apertada. Sra. Jenny me puxa para um abraço enquanto meu irmão fala com o médico.

— Quanto tempo ela vai ficar assim?

— Eu não sei, mas estamos levando-a para um quarto. Temos esperança que ouvir a voz de sua mãe, falar com ela a trará de volta. É um jogo de espera agora. Vou pedir para a enfermeira te mostrar o caminho.

— Obrigado, doutor. — A voz de Leon chama por ele.

Meu irmão ajuda minha amiga a me sentar em uma cadeira de vinil azul.

—Vamos sentar com ela, falar com ela e ela vai acordar. — A voz da Sra. Jenny é confiante.

— Você sabe como ela é tagarela. Ela vai querer entrar na conversa.

Eu não sei o que pensar. Meus ombros doem e eu sinto toda a esperança se esvaindo de mim.

E quanto a Taron? — eu pareço rouca.

— Eles nos falaram algo sobre ele?

— A última vez que soube, ele estava sendo tratado por um ferimento na cabeça...

— Eu oficialmente tenho uma cabeça dura .— Sua voz baixa e firme é como um bálsamo para minhas entranhas doloridas.

Minha mão treme quando eu o alcanço, e ele está comigo, na minha frente, segurando-me em seu forte abraço.

— Taron. — Eu mal consigo falar. — Você está bem.

Ele se inclina para trás e pega meus olhos. Uma pequena bandagem está acima de sua têmpora esquerda e um hematoma roxo feio está em sua bochecha esquerda, mas ele está quente e vivo. Ele desliza a mão sob meu braço e me ajuda a levantar.

— Eu a tive comigo o tempo todo. Eu não sei o que aconteceu quando o gelo quebrou... Eu perdi a consciência brevemente.

— Você salvou a vida da sua filha. — Sra. Jenny estende a mão para puxá-lo para um abraço firme. — Eu sempre soube que você era um bom homem. Você provou isso esta noite.

— Família LaGrange? — Nosso círculo se abre para uma jovem enfermeira em uniforme cáqui. — Eu posso levar dois de vocês de volta para verem Dove. Os pais dela estão aqui?

— Somos nós. —Taron segura minha mão e nós a seguimos pelo corredor silencioso, passando por portas decoradas com balões de papel e animais.

Não quero pensar sobre a tortura de ser forçada a ficar aqui esperando indefinidamente. Eu não posso deixar minha mente ir para o que isso significaria em última análise.

— Aqui estamos. — A enfermeira nos leva a um quarto escuro onde minha bebê está deitada em uma cama grande, cercada por aparelhos de bipe e um ventilador.

— Ah, não — eu sussurro, mas Taron me mantém de pé.

Ficamos sozinhos e eu vou para a cabeceira dela. Seu cabelo dourado está em volta do rosto em ondas úmidas, mas seus lindos

olhos estão fechados. Um tubo transparente está em seu nariz e seu pequeno tórax está se movendo.

—Ela não está no ventilador. —Taron está atrás de mim, falando suavemente.

— Isso tem que ser um bom sinal. É como se ela estivesse dormindo.

— Dove? — Minha voz está mais alta.

— Mamãe está aqui. Por favor, acorde.

O silêncio é minha única resposta.

Silêncio e barulho de máquinas buzinando.

Pisco os olhos preocupados para o pai dela, e seu rosto está solene. Ele está observando seu corpinho, esperando tão indefeso quanto eu por qualquer sinal de que ela ainda está lá. Qualquer indicação de que ela vai voltar.

O médico diz que as primeiras vinte e quatro horas são críticas. Ele nos diz que se ela ficar inconsciente por mais tempo, o risco de danos cerebrais aumenta dramaticamente.

Meu coração não consegue abrir. Está apertado como um punho em meu peito, e por mais que eu queira acreditar nas palavras da Sra. Jenny, tenho que me levantar e andar.

Taron é o oposto. Ele está ao lado dela, sua grande mão sob a pequena dela, observando seu rostinho e esperando.

— Ei, menina. Hora de acordar. — A menor rachadura em sua voz estilhaça meu coração.

— Oh, Taron.— Eu coloco minhas mãos em seus ombros enquanto as lágrimas esquentam meus olhos.

Ele não tira os olhos dela. Ele apenas espera, segurando a sua mão.



Capítulo 32

Taron

B*ela adormecida.* Nossa primeira conversa foi sobre a história daquele príncipe. Ele estava em uma masmorra e então teve que lutar através de espinhos e matar um dragão...

Eu disse que cortaria espinhos e mataria um dragão por ela.

— Acorde, Dove. É o papai. Precisamos praticar sua dança para a Princesa Pêssego.

Silêncio...

Eu estive em combate.

Eu fui contra os barões do tráfico.

Inferno, eu sobrevivi ao acampamento de treinamento da Marinha, mas nada assim.

Seu lindo rostinho está tão quieto e calmo. É como se ela estivesse apenas dormindo, mas ela não abre os olhos. Ela está em algum lugar que não podemos alcançá-la, e o desamparo é esmagador.

Depois de vinte e quatro horas, eles terão que entubá-la. É como o ponto sem volta, jogando a toalha e esperando o fim chegar.

Meu peito dói. Ainda posso ver o momento em que ela se afastou de mim na loja. Está tão claro em minha mente. Meu coração disse para detê-la.

Por que eu a deixei ir?

Noel não consegue ficar parada. Ela está nervosa e em pânico, e suas mãos não param de tremer. Tento abraçá-la, e ela me deixa um pouco. Então ela tem que se mover novamente.

Eu quero dar-lhe minha força, mas eu sinto isso drenando para fora de mim com a mesma rapidez.

É como estar vigilante. Eu estudo seus cílios escuros tocando levemente suas bochechas macias. Meus ouvidos se esforçam para ouvir o som de sua respiração. Eu quero ouvir a voz dela novamente.

Ela disse meu nome pelo menos mil vezes, mas ainda não foi o suficiente. Eu não tive tempo suficiente com ela. *Por favor, Deus... Não deixe que isso seja meu castigo...*

— Acho que irei à capela. — Noel toca meu braço. — Talvez se eu rezar...

Eu levanto sua mão e beijo o topo dela.

— Parece uma boa ideia.

Eu não posso sair do lado dela. Se ela abrir os olhos, tenho que estar aqui. Quando eu estava na água, eu a tinha em meus braços. Eu senti a vida nela... Acho que a ouvi dizer meu nome e tive certeza de que a tiraria viva.

O gelo quebrou e eu perdi meu controle.

Outra hora se passou.

— Angelina, é o Sr. Mouseling. Acorde para que possamos construir um trenó.

Silêncio...

Outra hora se passou.

Mãos quentes agarram meus ombros.

— Como você está?

Eu olho para cima para ver a mãe de Mindy parada perto de mim, sorrindo gentilmente.

— Estarei muito melhor quando ela acordar. Onde está Noel?

— Ela está falando com o pastor Sinclair. — Ela põe a mão na de Dove.

—Vamos, menina. Hora de acordar.

Ela parece tão certa. Eu quero ter esse tipo de fé, mas não tenho.

— Noel já passou por muita coisa. — Ela olha para minha filha enquanto fala. — Usou tudo o que tinha para sobreviver, o Senhor deu-lhe forças para isso. Ele não vai pedir mais dela do que ela pode suportar.

A culpa pesa sobre mim como uma rocha.

— Eu não deveria ter vindo aqui.

— O que você está dizendo? — Seus olhos escuros encontram os meus.

— Eu fiz coisas... coisas ruins. Noel não deveria sofrer por minha causa.

Suas mãos estão em meus ombros novamente, segurando-me com segurança e força.

— Não funciona assim. Você se coloca em cadeias agarrando-se ao passado. Deixe seus erros irem e se perdoe.

Eu começo a responder, mas ela me impede.

— A hora mais escura é pouco antes do amanhecer. — Então ela vai até a porta e nos deixa.

Olhando para trás, para minha garotinha, penso em suas palavras. Eu penso sobre a masmorra em que me mantive desde o México. É possível que a mãe de Mindy tenha me dado as chaves para me libertar?

Minha mão está na de Dove, e abaixo minha testa em meu braço. Está tudo tão quieto que não tenho certeza se vou cochilar. Só sei que o tempo passa e Noel volta. Ela se senta ao meu lado e põe a cabeça no meu braço. Eu me movo e a puxo contra meu peito.

— Eu te amo.— É a única coisa que posso dizer. Estou no fim da minha capacidade de consertar isso.

Ela levanta a cabeça, me dando um sorriso triste.

— Eu te amo.

Alcançando sua bochecha, eu puxo seus lábios nos meus e a beijo, suavemente. Nossos olhos se encontram, e eu faria qualquer coisa para tirar sua dor.

Colocando sua cabeça em meu peito novamente, fecho meus olhos e faço uma oração silenciosa. Ela está em meus braços, segura em meu abraço. Eu tenho que acreditar que vai ficar tudo bem.

— Papai...— Uma vozinha sonolenta nos assusta.

— Você estava beijando a mamãe?

Minha cabeça gira.

— Dove.

Seus lindos olhos piscam e sua mãe mergulha para frente.

—Dove? Você está acordada! — Noel beija sua bochecha. Ela beija a outra bochecha, o pescoço e o lado da mão.

— Oh, meu bebê... meu doce anjo, meu bebê...

Eu dou um passo para trás, dando-lhe espaço enquanto felicidade, alívio, gratidão e alegria surgem em meu peito. Indo para a cabeceira da cama, estendo a mão para acariciar seu cabelo macio.

— Como você está se sentindo, docinho?

— Minha cabeça dói. — Sua voz parece cansada.

Eu estava com tanto frio. Eu segurei Akela. Ela estava quente. Ela tentou me tirar... — Ela olha para mim, e seus olhinhos se arregalam.

— Desculpe por não ter ido para casa como você disse.

— Está tudo bem... Você não está com problemas...— Eu não sei como dizer isso.

— Nunca mais faça isso, ok?

Ela acena com a cabeça, solenemente.

— Akela está bem?

Noel a puxa para um beijo quando a enfermeira entra na sala e começa a se mover rapidamente, fazendo anotações e verificando seus sinais vitais.

Os olhos verde-azulados de Dove nunca nos deixam.

— Mamãe é sua princesa agora?

Eu apenas sorrio, muito grato por uma segunda chance.

— Falaremos sobre tudo quando chegarmos em casa.



Capítulo 33

Noel

— Cinco vezes quatro? — Leon se inclina no bar com Dove empoleirada bem na frente dele.

— Vinte! — ela grita, dando um pequeno salto.

— Dois vezes dois?

Sua cabeça inclina para o lado.

— Muito fácil... Quatro.

— Ok, tente isso. Sete vezes... — Sua voz falha, e seus olhos se arregalam.

— Nove!

Seus pequenos lábios se abrem e ela pensa por um momento.

— Sessenta e Três?

— Sim! — Leon levanta as mãos e ela bate com força. — Bebê gênia, vitoriosa!

Isso a deixa carrancuda imediatamente.

— Eu não sou um bebê!

Taron ri de onde está, encostado no bar oposto enquanto os observa. Ele é tão sexy em um smoking preto com o cabelo atrás das orelhas e os olhos de oceano cheios de amor.

Demoro um momento, deixando que a visão deles inunde minhas veias de alegria. Não tenho certeza se é possível ser mais feliz do que sou agora.

Como se concordasse com meus pensamentos, a melhor cadela do mundo trota até mim e coloca a cabeça sob minha mão. Eu me agacho para dar uma boa coçada na cabeça de Akela, e ela me lambe bem no rosto.

— Oh! — Eu rio.

— Assim vai tirar a minha maquiagem, garota.

Leon declarou Akela uma heroína.

Dove declarou seu pai um herói.

Sawyer e eu dizemos que eles estão certos... Taron, é claro, diz que ele apenas fez o que qualquer bom pai faria. Tenho certeza de que Akela diria que, para um Husky Siberiano, mergulhar em um lago gelado e ajudar a salvar a vida de uma menina faz parte do trabalho. Eu amo os dois.

De pé, eu aliso minhas mãos na frente do vestido de noite longo que estou usando. É sem mangas, feito de seda azul-marinho espessa com uma saia rodada e uma bela estampa floral perto da parte inferior. Eu olhava para frente e para trás testando meu cabelo para cima ou para baixo e, finalmente, deixei-o cair, por cima do ombro.

Respirando nervosamente, a excitação apertando minha garganta, eu faço minha grande entrada.

— Mamãe! — Dove se engasga, segurando suas bochechas. — Você é uma princesa!

— Droga, mana — é o melhor que recebo de Leon.

A expressão de Taron aperta meu peito. Ele se endireita, tirando a mão do bolso e parece atordoado, como se estivesse vendo o nascer do sol pela primeira vez.

— Você é tão bonita.

O calor inunda minhas bochechas. Meu coração bate mais rápido e eu olho para baixo, deixando uma onda escura cair em minha bochecha. Ele desliza para longe com os dedos e me puxa para um abraço.

Fechando meus olhos, eu inalo profundamente seu perfume. Sinto a força em seu corpo e as rédeas que prendem meu coração são finalmente afrouxadas. O medo se foi e estou livre para amar este homem completamente, com minha cabeça e todo meu coração.

— Estou muito feliz que você decidiu ir esta noite. — Sua voz é baixa, mas sinto seu braço se movendo.

Olhando em volta, vejo nossa filha puxando sua manga.

— Eu também, papai...

Ele sorri e a pega, segurando-a no quadril. Ela coloca o braço em volta do meu pescoço, puxando nós três juntos para um abraço, e eu beijo seu cabelo.

Um momento se passa e meu irmão se amontoa ao meu lado. Eu começo a rir, levantando meu braço e puxando Leon para o nosso abraço coletivo. A próxima coisa que sabemos é que Akela enfia o nariz no meio e Dove começa a se mexer.

Taron a coloca no chão, e ela abraça Akela antes de pular para a sala de estar, nossa cadela seguindo atrás dela.

— Divirtam-se todos. — Leon segue atrás dela, e eu volto para o meu encontro.

— Vamos fazer isso?

Ele estende o cotovelo e eu deslizo minha mão nele.

Estamos de volta ao centro cívico e é quase o mesmo que na noite do Baile do Pêssego. Olhando em volta, vejo os rostos familiares de nossos amigos sorrindo para nós. A cidade inteira sabe o que aconteceu com Dove... e como todos nós a salvamos, mas principalmente seu pai.

— Que bom que vocês puderam vir. — Ed Daniels nos para na porta, apertando a mão de Taron e me dando um abraço.

Sawyer está atrás conversando com Jeff Priddy, e quando nossos olhos se encontram, suas sobrancelhas sobem. Ele me dá um pequeno sinal de positivo, e eu balanço minha cabeça com um sorriso.

Mindy aparece com um cara que eu não conheço logo atrás dela. Ela está em um lindo vestido amarelo-manteiga, e seu par está em um terno lilás bem-feito. É claro que eles não estão juntos de uma forma romântica.

— Linda. — Ela dá um passo à frente para beijar minhas bochechas.

— Você parece uma supermodelo.

—Obrigada. — Eu a abraço de volta, falando perto de seu ouvido.

— Eu esperava que você estivesse com Deacon.

Ele está em Dallas.— Ela aponta para sua escolta.

— Noel, Taron, este é William. Nós nos conhecemos na escola de arte, e ele está procurando um novo colega de quarto.

— Prazer em conhecê-lo, William.—Taron aperta sua mão e as sobrancelhas de William se erguem.

— É este o herói de que tenho ouvido falar? Você parece tudo o que dizem, senhor. *Bravo*.

— Ahh... Obrigado, eu acho.—Taron dá um tapinha em seu ombro e Mindy ri.

— Você tem que aprender a aceitar elogios, T.

Espere...— Minha testa franze.

— O que é todo esse negócio de colegas de quarto? Você está se mudando?

— Estou pensando em me mudar para Dallas. Tenho uma oferta de emprego em uma empresa de design e bem... acho que é hora de mudar.

Nããão...— Eu seguro o braço dela, mas ela me empurra.

— É o teu aniversário. Dallas não fica muito longe e você pode vir me ver a qualquer hora. Falaremos sobre isso mais tarde. — Ela coloca a mão no braço de William e me sopra um beijo. — Feliz Aniversário. Divirta-se!

Eles se afastam e eu olho para o meu homem lindo.

Ele olha para mim e sorri, tirando meu fôlego.

— Vamos dançar?

A banda toca uma lenta música natalina sobre voltar para casa no Natal, e Taron me puxa para perto, colocando sua mão contra minhas costas e segurando a outra contra seu peito.

Nós balançamos de um lado para o outro, e eu estou perdida em um lugar mágico com seus braços em volta de mim, as luzes amarelas cintilantes refletindo em seus olhos hipnóticos e o calor subindo de nossos corpos pressionados juntos.

— Tenho tentado decidir o que comprar para você no seu aniversário. — Sua boca está no meu ouvido, e o sussurro de sua

respiração em minha pele me dá calafrios.

—Você salvou nossa filha do afogamento. Esse é o único presente de que vou precisar.

— Esse não foi o seu presente.— Ele beija minha bochecha.

— Salvar Dove foi para todos nós. É por isso que todos nós fizemos isso.

Meu coração aperta, e é tão real.

— Então eu tinha algumas coisas em mente. Acho que decidi qual será.

Erguendo meu queixo, eu sorrio para ele.

— É divertido ouvir você decidir bem na minha frente.

Ele belisca meu queixo e me puxa para fora da pista de dança.

— Venha comigo.

Nossas mãos estão entrelaçadas enquanto ele me leva rapidamente para a porta. Meu lábio vai entre os dentes, e fico orgulhosa e um pouco constrangida seguindo sua arrogância sexy pela sala, noto cabeças girando quando ele passa, e penso na primeira vez que vi Taron Rhodes. Eu pensei que ele era um deus. Agora eu sei que ele é tudo isso e muito mais.

Saímos noite adentro e o ar frio me atinge.

— Está congelando aqui!

Ele faz uma pausa para tirar o casaco do smoking, colocando-o em volta dos meus ombros. Eu deslizo meus braços nas mangas, e ele me leva um pouco mais longe, onde um mirante branco está elevado no meio do parque.

As decorações de Natal iluminam o cenário em lindos tons de vermelho, dourado e verde. Nunca me importei em nascer no dia de Natal. O mundo inteiro está lindamente decorado, as músicas são incríveis e é realmente difícil não sentir o amor em nossa pequena cidade.

Taron me encara, puxando-me para mais perto novamente.

— Eu queria falar com você sobre isso há algum tempo, mas as coisas foram acontecendo.

— Falar comigo? Está acontecendo alguma coisa?

— Acredito que sim.— Ele alcança o peito e para, exalando uma risada.

— Foi mal.

Estendendo a mão, ele apalpa o bolso da frente do casaco, que é grande demais para mim.

— Eu conversei com Sawyer sobre isso um tempo atrás...— Ele dá um passo para trás e se ajoelha.

— Oh, meu Deus, Taron... O que você...

— Noel Aveline, eu não mereço você. Eu nunca mereci. Fui embora para tentar provar que poderia ser bom o suficiente para você, mas estraguei tudo...

— Taron, não! Você não...

— Este não é realmente um presente de aniversário para você, porque se você disser sim, você estará me dando o melhor presente que eu poderia pedir.— Ele tira um lindo anel. Tem ramos de ouro branco que envolvem delicadamente uma pedra branca brilhante.

— É uma pedra da lua. Representa novos começos, sucesso e boa fortuna. Você é a única fortuna que eu sempre quis. Você é o amor da minha vida. Você é a mãe dos meus filhos. Você é a metade de mim sem a qual não posso viver. Você quer se casar comigo?

Minha garganta está tão apertada que mal consigo falar. Lágrimas inundam meus olhos, e só posso assentir rapidamente enquanto coloco a mão sobre o nariz, não querendo que ele me veja chorar feio.

— Oh, Taron... Sim! Claro que eu aceito. Eu te amo.

Ele se levanta, deslizando o lindo anel no terceiro dedo da minha mão esquerda.

—Eu sei que não é tradicional...

Estendendo a mão, coloquei minha mão em sua bochecha, sorrindo muito.

— Nada sobre nós é.

Inclinando-se, ele cobre minha boca com a dele, beijando-me lentamente, enrolando sua língua contra a minha.

— Vamos contar a todos.

— O quê?

Segurando minha mão, ele sai correndo em direção ao centro cívico. Eu mantenho as lapelas de sua jaqueta fechadas fazendo o meu melhor para acompanhar, e quando voltamos para o salão de baile lotado, ele irrompe pela porta e grita:

— Ela disse sim!

A sala inteira explode em vivas. Pessoas disparam serpentinas, e torrentes de confete voam ao nosso redor. Rolhas de champanhe explodem e a banda inicia "*All I Want for Christmas is You*."

— Sim, garota! —Mindy corre e me agarra pela cintura.

— Parabéns, vocês dois.

Sawyer se aproxima, aperta a mão de Taron e me abraça.

— Estou tão feliz por você, mana.

Meus olhos esquentam com suas palavras, e eu olho para Taron, que está olhando para mim com tanto orgulho em seus olhos.

— Você fez tudo isso?

Ele balança a cabeça, sorrindo daquele jeito que me faz querer arrancar todas as suas roupas.

— Estou feliz que você disse sim, ou eu teria ficado envergonhado.

— Como se eu fosse dizer qualquer outra coisa. — Eu me estico para abraçá-lo e ele me levanta do chão.

Todos aplaudem novamente enquanto ele gira em um círculo lento, segurando-me em seus braços. Eu rio e ele me coloca no chão. Estamos cercados por tantos amigos, nossa família. Só consigo pensar em uma coisa...

— Precisamos contar a Dove e Leon.

— Bem, Leon já sabe. Pelo menos, ele sabe que eu planejava perguntar a você.

Dançamos um pouco mais, apertando as mãos de amigos e abraçando pescoços, até que eu não aguento mais. Então nós acenamos e saímos pela porta, de volta para casa.

Dove está sentada no sofá entre Leon e Akela quando chegamos. Leon se levanta, dando um aperto de mão em Taron e apertando meu braço.

— Bem-vindo à família.

Suas palavras claramente significam muito para Taron, mas estou focada na pequena senhorita xcvnos observando com tanta curiosidade. Indo até ela, eu sento e pego sua mão.

— Tudo bem se conversarmos por um minuto?

Ela se mexe, franzindo a testa.

— Estou em apuros?

— Não! —Taron ri. — Nem um pouco, querida. Queríamos apenas falar com você sobre algo... Ver como você se sente sobre isso.

— OK. — Ela acena com a cabeça, olhando para nós como uma pequena adulta.

Limpando minha garganta, eu assumo a liderança.

Dove, você ama o papai, certo? — Ela acena com a cabeça enfaticamente e eu continuo.

— Eu amo o papai também. Então estávamos pensando, bem, decidimos... — Hesito, e Taron intervém.

— Mamãe disse que se casaria comigo. Ela vai ser minha esposa e todos nós vamos viver juntos como uma família. Tudo bem?

Ela não reage imediatamente, e meus nervos se aceleram.

— Dove? Tudo bem?

Seus olhos brilhantes piscam rapidamente e seu queixo pequeno treme. Taron e eu reagimos ao mesmo tempo.

— Querida, o que há de errado? — Pego sua mão, colocando a outra em seu ombro.

— Isso significa que o papai vai nos levar embora? Eu nunca mais vou conseguir ver o tio Sawyer ou tio Leon ou Boo ou Akela?

— Não! — Sinto um nó na garganta e quase choro. — Não, bebê, isso não significa nada disso!

— Dove. —A voz de Taron é gentil.

— Eu amo isto aqui. Eu nunca tiraria você de sua família.

— Papai está se tornando parte da nossa família agora. Sério.

Enquanto falamos, sua expressão muda. Ela começa a sorrir e, mesmo que uma pequena lágrima escape, ela pula no sofá e acena com as mãos.

— Vai ser um casamento! Assim como no final de *A Pequena Sereia*, e teremos arco-íris e música, e posso usar um vestido chique como o seu, mamãe?

Fungando, começo a rir, puxando-a para um abraço.

— Claro que você pode.

Taron nos cerca com seus braços fortes, mas só podemos segurar nossa fofurinha um segundo antes de ela sair do sofá e dançar pela sala.

— Um casamento! E nada vai mudar! — Ela pula, levantando a perna atrás dela e fazendo seus passos de dança Angelina.

— Bem, uma coisa terá que mudar. — A voz baixa de Taron nos faz parar. Nós olhamos para ele com olhos arregalados, imaginando. — Você vai ter que começar a dormir no seu quarto lá em cima.

Meus lábios pressionam juntos, lutando contra um sorriso, e Dove franze a testa.

— Você não quer dormir comigo?

— Apenas em ocasiões especiais. Precisamos de nosso tempo especial também.

Estou surpreso com o quão preocupado estou com a reação dela. Seus grandes olhos se movem para o lado e ela parece pensar.

— Akela pode dormir comigo?

— Sim! — Seu pai e eu respondemos ao mesmo tempo.

— Uhuuu! — Suas mãos sobem e ela começa a dançar novamente com Akela no sofá assistindo. Tenho certeza de que ela está sorrindo.

Mais tarde naquela noite, quando as roupas de festa estão tiradas e Dove está dormindo profundamente na minha cama, eu escorrego pela janela e corro para a cabana. Taron está na porta quando eu chego.

— Eu estava indo ver você. — Ele sorri, olhando para mim.

Dou um passo à frente e coloco meus braços em volta dele. Tão rápido quanto, ele me envolve em seus braços fortes. Nós nos abraçamos por um longo momento, e ouço sua respiração entrando e saindo. Eu ouço seu coração batendo. Eu sinto a força de seu corpo contra o meu.

— Obrigada por ter voltado.

Ele se inclina, deslizando os polegares em minhas bochechas.

— Obrigada por me esperar.

— Obrigada por me amar.

Seus braços se apertam e ele enfia minha cabeça sob seu queixo.

— Eu nunca vou parar.

Erguendo meu queixo, procuro seus lábios. Ele cobre minha boca com a sua, e não é preciso muito para estarmos em sua cama. Ele está entre minhas pernas, e aproveitamos para ficarmos completamente unidos, os corpos cobertos de suor, respirando pesadamente quando terminamos.

Seus braços estão em volta de mim, e sou muito grata pelas raízes que eram profundas demais para serem destruídas. Penso em nosso futuro e no caminho à frente. Eu sei que não será sem seus altos e baixos, mas depois de tudo que passamos, estou confiante de que podemos enfrentar quaisquer desafios que possam surgir.

Aprendi que o amor é um tornado, destrutivo, feroz e poderoso. Também é uma borboleta, suave, gentil, linda. Mas para chegar até a borboleta, você deve passar pelo tornado. O amor tem que mudar você. Você tem que crescer, e é difícil, transformador, assustador e solitário... mas saindo do outro lado, nós abrimos nossas asas.

Trocamos a dor e a perda por algo muito mais belo, valioso e duradouro. Nós criamos algo original e novo.

Caminhando pelo quintal em direção à casa, eu olho para a lua e penso no anel em meu dedo. Novos começos, cura, o início de boa sorte e bênção. Fazendo uma pausa, ouço os sons de minha mãe. Eu até escuto meu pai.

A família não deixa de te amar só porque você não consegue vê-la. Família é algo inquebrável para sempre. Está nas árvores, estendendo-se até o céu. É tradição, risos e amor. Meu agradecimento final é para eles.

Estamos começando uma nova família, e esta família não tem medo do tornado.

Esta família pode voar.



Epílogo

Taron

Noel e eu nos casamos na primavera, quando as árvores estavam florescendo e os açafreões estourando no solo.

Ela queria esperar até o outono, planejar um grande evento a ser realizado após a colheita, mas eu não podia esperar. Estávamos separados há tanto tempo e trabalhamos muito para voltarmos a ficar juntos. Mesmo quatro meses parecia muito tempo para esperar.

Nós nos casamos no pomar em abril, assim que o tempo esquentou o suficiente para Noel usar o vestido que ela havia escolhido.

Tenho certeza de que todo marido pensa isso, mas Noel era a noiva mais linda que eu já vi. Ela usava seu cabelo sexy em duas tranças bem no topo de sua cabeça com flores de pêssego entrelaçadas na coroa. O resto pairava em ondas sobre seus ombros. Sou um grande fã do cabelo dela, mas seu vestido me tirou o fôlego.

O top era de renda pura sobre o tecido cobrindo seus seios, então era longo com um design de sereia. Ela parecia algo saído do mar com seu cabelo e seu vestido. Eu simplesmente fiquei na frente em meu smoking com Sawyer, Leon, Patton e Marley, tentando me convencer de que nem tudo era um sonho.

Os caras ficaram maravilhados com Dove... e Noel. Claro que sim, e minha pequena companheira perguntou se ela poderia cantar

uma música em nosso casamento. Eu não consigo superar como ela adora atuar. Ela me disse que dançar não era um talento bom o suficiente para o concurso, então ela queria tentar cantar. Como se eu fosse dizer não a ela.

Em nosso casamento na primavera, ela fez sua estreia pública com "Love is Like a Butterfly", e embora eu realmente não goste dessa música (*eu sei, estou errado*), quando ouvi a doce voz da minha menina cantando para a mãe dela e para mim, enquanto estávamos sob pessegueiros cobertos de flores rosa... tornou-se meu número favorito de "Tia Dolly".

Um vento suave carregou o aroma fresco ao nosso redor enquanto jurávamos nos amar, honrar e cuidar um do outro enquanto vivermos.

São palavras que lhe prometi todas as noites desde que voltei. São palavras que sonhava dizer a ela todas as noites em que estávamos separados, e selá-las com nossa filha cantando para nós foi mais do que eu poderia ter imaginado.

O que mais eu não poderia ter imaginado era minha mãe aparecendo no casamento. Noel insistiu que a convidássemos, embora eu dissesse que ela não viria. Adivinha quem perdeu essa aposta?

Lucille Rhodes apareceu em toda a sua glória no Tennessee Mountain, vestindo um top creme e uma saia cor de pêssego, seu cabelo loiro-branco longo sobre um ombro, e Dove ficou imediatamente apaixonada por ela. O sentimento parecia ser mútuo.

— Você se parece com a tia Dolly! — Minha filha disse no minuto em que se conheceram.

Minha mãe enrolou o xale de seda bordado com franjas mais apertado em volta dos ombros magros e avaliou a menina de seis anos.

— Você se parece comigo. Qual o seu nome?

— Tara Dove Noel LaGrange Rhodes. Qual é o seu?

Isso foi o suficiente para torná-las amigas rapidamente. Qualquer pessoa com tantos nomes, não importa quantos anos tenha, impressionaria a minha mãe. No final do casamento, elas

estavam fazendo planos para Dove ir e ficar com ela no Tennessee e visitar o parque de diversões "Tia" Dolly.

Dois meses depois, estávamos estourando, suando na colheita. Minha lesão me impediu um pouco, mas fui capaz de entrar lá e fazer de tudo, menos carregar paletas. Tivemos outra temporada de sucesso, e as novas árvores lançaram brotos e criaram raízes profundas.

Assim como nossa família.

Noel planejou a inauguração de sua loja para coincidir com o início do Festival do Pêssego. Ela estava apavorada, primeiro que ninguém aparecesse e depois que todo mundo aparecesse e ela vendesse tudo e tivesse que fechar a loja e todo mundo que viesse depois ficasse bravo com ela.

Acho que minha linda esposa pode ser meio maluca às vezes, e eu a amo por isso.

— Querida, você só vai ter que fechar os olhos e pular.— Eu deslizei meus dedos por seu lindo cabelo enquanto ela colocava sua bochecha contra meu peito nu.

— Sonhei com isso por tanto tempo...— Sua voz estava apavorada, e eu apenas a beijei e a abracei, fazendo o meu melhor para confortá-la.

Ela não dormiu a noite toda.

Ela me avisou – estava acordada por causa do meu ronco, pela chegada noturna de Dove por volta das duas da manhã... Nosso bebê está tendo dificuldades para ficar em sua própria cama, mesmo com Akela lá. Acordo todas as manhãs com o pé de uma menina na cara e nossa filha dormindo de cabeça para baixo entre mim e sua mãe.

Às vezes, Akela também está ao pé da cama. Não tenho certeza de como nós quatro cabemos na cama queen-size de Noel, mas conseguimos.

Ainda temos nosso “tempo a sós” todas as noites até adormecermos. Quanto à espontaneidade, descobrimos isso antes de nos casarmos.

Devo dizer que a loja de Noel foi um grande sucesso? Ela vendeu seus itens mais populares, mas a maioria das pessoas

estava animada com o novo negócio na cidade. Eles ficaram animados em se inscreverem em sua lista de mala direta, e ela até recrutou alguns artesãos, cozinheiros, apicultores e fabricantes de condimento de pêssego locais para estocarem suas prateleiras.

— É o que sempre sonhei em fazer!— Seus braços estavam em volta do meu pescoço, e eu tive o benefício de sua emoção em abraços e beijos e um pouco de sexo realmente quente.

O que nos traz a esta noite...

O concurso da Princesa Pêssego.

Não acreditei na minha esposa quando ela me descreveu essa experiência antes. Sempre pensei em concursos como uma merda feminina.

Agora eu gostaria de nunca ter encorajado Dove a seguir seu sonho de ser a princesa Pêssego. Eu gostaria de tê-la encorajado a se concentrar em suas habilidades matemáticas, que aparentemente não contam para nada neste reino.

Estamos na metade.

As luzes se acendem e é hora de começar a parte do talento. Estou de pé no fundo da sala com os outros pais, mas meu peito está dolorosamente apertado enquanto espero Dove subir ao palco.

— Não acredito que estamos fazendo isso. — Noel anda ao meu lado com as mãos cruzadas na frente dos lábios.

Eu também aprendi isso sobre minha esposa: quando ela está nervosa, com medo ou preocupada, ela não consegue ficar parada.

— Ela vai se sair bem. — Eu cruço meus braços sobre o peito como os outros pais, e percebo que é um movimento defensivo.

Isso é assustador pra caralho.

— E agora temos a Srta. Dove LaGrange-Rhodes cantando “*Over the Rainbow*”— O idiota MC de Shreveport a apresenta com uma voz de apresentador de programas de jogos. Você pensaria que ela estava prestes a se tornar a próxima competidora da *Roda da Fortuna*.

Dove sai com um vestido xadrez azul e branco, uma peruca vermelha brilhante na cabeça com dois rabos de cavalo, uma pequena cesta e Akela ao seu lado. A sala ri da troca pelo cachorro, e ela começa sua música com uma confiança que me impressiona.

Ela se parece mais com uma garota de dezesseis anos do que de seis, e não estou sendo apenas o pai dela quando digo que ela tem uma voz muito boa. É doce e clara, e ela sabe cantar. Não é do calibre da Broadway, mas é boa.

Ela caminha lentamente, cantando sobre pássaros e desejando uma estrela e saudade, enquanto olha melancolicamente para cima com Akela ao seu lado. Meus olhos vão para os cinco jurados "celebridades", e eles não sorriem. Eles olham para sua mesa, alguns fazendo anotações. Tudo o que sei é que é melhor esses idiotas decidirem que ela é a melhor cantora que já ouviram.

— Eu entendi agora. — Eu me inclino para sussurrar para minha esposa.

Noel olha para mim.

— O quê?

— Concursos são horríveis.

Dove termina, e a sala explode em aplausos, olhando em volta, vejo algumas mulheres enxugando os olhos e bato palmas mais alto, apertando os lábios com os dedos para assobiar. Noel balança a cabeça, mas eu não me importo. Minha bebê vai arrasar.

Indo para a área do provador, passo por uma mulher com um casaco de zibelina e faço uma pausa.

— Cabeça erguida! — ela sussurra, observando a garota no palco agora.

— Sorriso.

Eu me inclino para o lado, espiando pelos bastidores, e vejo que Darcy está no palco cantando "*Good Morning, Baltimore*".

Minha testa franze quando eu olho da menina no palco para a mulher nos bastidores franzindo a testa e movendo os braços como se a criança não estivesse fazendo um bom trabalho. Quer dizer, ok, Darcy é uma figura, mas ela está fazendo um trabalho decente cantando a música.

Sinto um puxão na cintura e vejo minha pequena Dorothy-Dove na minha frente. Sorrindo, eu a coloco em meu quadril e dou um abraço nela.

— Você foi incrível.

Ela me empurra de volta, dando-me um olhar preocupado e acenando para a mãe do palco perdendo a cabeça atrás de mim.

— Não! — A mulher sibila.

— Sorria, Darcy! Queixo para cima!

Dove olha para o palco e sua testa ainda está franzida. Eu sigo seu olhar para onde Darcy está acenando com as mãos, apresentando-se forte em sua pequena peruca bufante e roupa dos anos cinquenta.

Ela termina e a sala explode em aplausos, Digger está na primeira fila de pé e batendo palmas alto. Darcy volta aos bastidores e a mulher puxa o colar.

— Foi terrível. Você parecia estar dormindo enquanto cantava.

O queixo de Darcy está contraído e estou prestes a dizer algo para a mulher.

— Desculpe, mamãe.

Ela pega a mão da menina e a arrasta para os bastidores, e eu olho para Dove.

Minha filha não diz uma palavra, mas seus olhos azuis são grandes e pensativos.

Ela se inclina para frente e beija minha bochecha.

— Eu tenho que voltar lá, papai.

Eu a coloco no chão e ela vai esperar com as outras meninas enquanto os juízes conversam e tomam sua decisão. Volto para onde Noel está andando de um lado para o outro no centro cívico, mascando as unhas.

— Como ela está? — Ela olha para mim, seus olhos âmbar tão grandes quanto os de sua filha.

— Bem. Ela está muito tranquila.

O Sr. MC chama os nomes, trazendo as últimas cinco garotinhas ao palco, como um verdadeiro concurso de Miss América.

Ele anuncia uma por uma. Boo ficou na quarta posição e batemos palmas ruidosamente, dando um abraço em Tamara.

— Pelo menos ela se saiu bem. — Ela ri. Todos nós nos divertimos com Boo usando os óculos de cristal como seu talento.

— Era tudo o que Bill sabia para ensiná-la— explicou Tamara.

— Meu talento é costurar, e você não pode costurar um vestido em um concurso.

Estamos entre as duas primeiras, e Darcy e Dove são as únicas meninas no palco. Meu coração está batendo tão forte que não pode ser saudável. Noel enterra a cabeça dela no meu peito e eu seguro sua nuca. Os olhos de Dove estão tão grandes e animados. Eu não posso suportar a ideia de ela ficar desapontada.

No entanto, nos bastidores, vejo a mãe de Darcy carrancuda e meus olhos vão para a sobrinha de Digger. Pela primeira vez, eu a vejo olhando para minha filha e ficando um pouco mais reta, erguendo o queixo um pouco mais alto.

A náusea está na boca do estômago. O MC pega um envelope enfeitado com purpurina e caminha até o centro do palco sorrindo.

— E nossos juízes decidiram. A Princesa Pêssego deste ano, que assumirá todas as funções e receberá uma bolsa de estudos no valor de cinco mil dólares é:

Os dedos de Noel apertam minha camisa e meus olhos se fixam nos da minha filha.

Parece que o tempo faz uma pausa para respirar.

— A vice-campeã é Dove LaGrange-Rhodes, o que significa que a Srta. Darcy Hayes é a Princesa Pêssego...

Sua voz desaparece enquanto meu olhar se dirige para Dove. Ela pisca e um verdadeiro sorriso divide suas bochechas. Ela recebeu a fita de segunda colocada e uma pequena tiara, mas também deu um abraço genuíno em Darcy.

Noel é exatamente o oposto ao meu lado.

— O quê? — Sua voz fica alta.

— Que bando de filhos da...

— Shh. — Eu coloco minha mão sobre sua boca e a puxo para perto do meu peito.

— Aguarde um minuto. Vamos ver o que Dove tem a dizer.

— Ela não precisa de um concurso de merda para dizer que ela é uma super estrela. É por isso que odeio essas... coisas idiotas.

Darcy salta ao longo da passarela com uma coroa quase maior que sua cabeça e um buquê de rosas maior que seu corpo. Ela se curva, e sua mãe fica parada nos bastidores.

Dove faz uma reverência e se move para a ala oposta, e estamos bem ali para pegar suas mãos e puxá-la para abraços.

— Você foi tão bem, querida! — Noel a abraça com força, beijando seu rosto.

— Eu não poderia estar mais orgulhosa de você do que se fosse a princesa Pêssego. Achei você incrível.

— Eu sei, mamãe. — Ela abraça a mãe, mas parece preocupada.

— O que está em sua mente, docinho? — Eu me agacho ao lado dela, colocando minhas mãos em sua cintura.

Ela não me responde imediatamente. Ela me deixa, e eu vejo como ela vai para onde Darcy está entrando nos bastidores.

— Parabéns, Darcy! — Ela estende a mão e a abraça.

— Gostei muito da sua música. Eu achei engraçado de assistir. Você fez um ótimo trabalho.

A mulher na zibelina acende um cigarro e franze a testa para as duas garotas se abraçando.

Darcy parece surpresa.

— Obrigada, Dove. Gostei do que você fez com a sua cadela.

— Talvez você possa vir e brincar comigo e com Boo algum dia lá em casa.

A sobrinha de Digger pisca e seu rosto parece se iluminar.

— OK! — Ela parece muito animada, e eu serei amaldiçoado.

Estou tão orgulhoso do meu bebê agora. Dove e Darcy se dão as mãos e se abraçam mais uma vez antes que minha filha volte para onde Noel e eu estamos. Tenho certeza de que o rosto de Noel está tão surpreso quanto o meu.

— Eu estou muito cansada.

Dove segura nossas mãos, puxando-nos para a saída.

— Vamos para casa agora.

Celebramos o aniversário de Leon com um peito feito por Sawyer, e todos nós brindamos a Dove como a princesa Pêssego em segundo lugar. Para seu crédito, ela realmente parece feliz por não ganhar.

Ela nunca diz, mas acho que ver a mãe de Darcy nos bastidores tem muito a ver com isso. Ela está enrolada no sofá ao lado de Sawyer quando dizemos boa noite antes do Baile do Pêssego.

Já se passaram oito anos desde meu último Baile, e não mudou muito. Os homens da associação de produtores estão alinhados atrás, acenando com a cabeça para nós quando entramos.

Noel é mais uma celebridade este ano por causa de sua inauguração bem-sucedida, e alguns de seus novos sócios se aproximam para cumprimentá-la e marcar horários para se encontrarem e discutirem o espaço nas prateleiras.

Estamos dançando na pista, e eu sorrio para seu rosto bonito. Estou de jeans escuro, camisa cáqui e blazer azul. Noel está arrasando em um vestido verde curto com bolinhas minúsculas por toda parte. Ele envolve seus ombros estreitos, e seu cabelo escuro cai pelas costas. Seus lábios são rosa brilhante, e ela está sexy pra caralho.

— Eu não vou mentir, esposa. — Eu me inclino para falar bem no ouvido dela.

— Mal posso esperar para tirar esse vestido de você.

Seus olhos castanhos brilham quando ela olha para mim.

— Mal posso esperar que você tire isso de mim, marido

Merda. Jamais ficamos até o fim dessas danças.

— Vamos. — Eu me viro e começo a levá-la até a porta, mas ela se afasta.

Rindo, ela balança a cabeça.

— Eu preciso pelo menos falar com a Sra. Jenny e fazer uma aparição. Eu sou uma empresária agora.

— Faça isso rápido.

Na verdade, ficamos mais uma hora no baile antes que eu conseguisse roubá-la. Durante todo o trajeto de volta, minha mão está entre seus joelhos e ela se inclina em meu ouvido, beijando e mordendo meu lóbulo, dizendo-me as coisas sujas que ela gostaria de fazer comigo.

— Você vai me destruir. — É importante para ela saber.

Eu estaciono o Tahoe, e saímos, nos beijando enquanto caminhamos para a porta. Ela ri quando eu a levanto e a carrego para dentro da cabana do capataz. Nós a mantemos pronta para o caso de precisarmos.

Nós dois estamos suados e respirando com dificuldade no momento em que acaba. Eu coloquei meu rosto entre suas coxas,

ela me cavalgou como um pônei na feira, e nós nos deitamos um ao lado do outro satisfeitos, entrelaçando nossos dedos e observando o luar passar pelas janelas.

— Eu fiquei tão orgulhosa da Dove hoje. — Ela observa nossas mãos enquanto nossos dedos se cruzam e giram no ar entre nós. A luz brilha em seu anel de noivado de pedra da lua e na aliança de ouro branco que fica em cima dele.

— Ela está crescendo rápido.

— Ela é uma boa menina. — Estou começando a cochilar, mas Noel puxa minha mão.

— Estava esperando um bom momento para contar isso, mas ficamos tão ocupados...

Minha testa franze e eu me viro de lado.

— O que está em sua mente?

— Bem...— Ela se vira de modo que seu rosto está no travesseiro e ela pisca para mim.

Meu peito aperta e eu não consigo evitar um sorriso. Tudo sobre ela sempre foi tão lindo para mim.

— Como você sabe, não temos prestado muita atenção ao controle de natalidade...

No minuto em que as palavras saem de sua boca, minha garganta fica seca.

— O que você está dizendo?

— Falei com o Dr. Fieldstone semana passada. Parece que teremos um novo pequeno membro na família quando a primavera chegar.

Ela solta um grito quando a viro de costas. Jogando o lençol de lado, eu espalhei minha palma sobre sua barriga lisa.

— Aqui? — Eu pressiono meus lábios contra sua pele, logo acima de seu umbigo.

Ela ri e acena com a cabeça.

— É muito cedo para saber se é uma menina ou um menino...

Fechando meus olhos, abaixo minha testa em seu estômago. Ela enfia os dedos nas laterais do meu cabelo.

— Você está feliz? — Sua voz fica ligeiramente preocupada.

Noel... estou tão feliz. — Minha voz falha e eu a abraço mais forte.

— Tão feliz.

Ela se inclina para trás, encontrando meus olhos.

— Não estamos casados há um ano. Nós nem tivemos uma lua de mel...

— Eu vou te levar a qualquer lugar que você quiser ir, meu amor. — Inclinando-me para frente, capturo seus lábios com os meus. — Diga o lugar e estaremos lá. Temos todo o tempo do mundo.

— Oh, Taron. — Ela me abraça, enterrando o rosto no meu ombro.

— Eu não posso te dizer o quão feliz você me faz.

Essas palavras são tudo que eu sempre quis ouvir. Ela me deu tudo que eu sempre desejei. Ela me amou, ela esperou por mim...

Poucos dias depois, minha querida filha deu uma festa com sua melhor amiga, Boo e sua nova amiga, Darcy. Quando Digger deixou sua sobrinha, eu nem consegui achar graça por ficar irritado com ele.

— Eu acho que vou ter que aturar você. — Seus lábios se curvam quando ele solta Darcy.

— Aposto que você conseguirá. — Estendo minha mão, fico um pouco surpreso quando ele a aperta. Então, novamente, estou acostumado a idiotas muito maiores do que Digger Hayes.

De pé na cozinha, segurando Noel em meus braços, minhas mãos estão em sua barriga enquanto observamos as meninas brincando.

— Você apenas pensa que seu pai é um príncipe. — O tom de Darcy não mudou, mas o da minha Dove, sim.

Meu pai não é um príncipe — ela responde docemente.

— Ele é um herói. Ele salvou a mim e a mamãe.

Meu coração sobe no meu peito, e eu deslizo minha palma sobre a barriga de Noel, sussurrando em seu ouvido:

— E você me salvou de volta.

— Eu disse que esperaria por você.

— Graças a Deus, você fez.



Agradecimentos

Gratidão. Essa palavra se destaca em minha mente com tanta força enquanto estou sentada aqui tentando encontrar as palavras para agradecer a todas as pessoas incríveis que me ajudaram a ter este romance completo em suas mãos.

À minha família, acima de tudo, agradeço pela paciência, por acreditarem em mim, por me dizerem que eu podia, e por serem a razão até de eu tentar.

Meus leitores, que amam meus livros, os que me dizem que amam meus livros, que deixam críticas incríveis, enviam cartões e dizem a seus entes queridos para lerem minhas histórias... Eu não poderia fazer isso sem vocês!

Muito obrigada a **Ilona Townsel** por ler enquanto eu escrevia e por me manter encorajada... esse foi difícil, garota! Obrigada por ser minha rocha.

Christine Estevez, que veio como uma chefe e juntou minhas coisas, organizou e dirigiu o navio enquanto eu descobria. **Dani Sanchez** pelo incrível suporte de marketing, e também **Kylie McDermott e todas as garotas da Give Me Books!**

Tanto AMOR ao meu incrível time beta... **Melissa Sagastume, Tina Snider, Renee McCleary, Jennifer Wolfel e KC Caron**, e à minha incrível editora, **Kathy Bosman**— vocês, senhoras, dão notas incríveis.

Às minhas sereias VIPs, **Ana Perez, Clare Fuentes, Sheryl Parent, Cindy Camp, Carla Van Zandt, Jaime Long, Tammi Hart,**

Tina Morgan e Jacquie Martin. Vocês, senhoras, não têm ideia do quanto eu amo todas vocês!

Cada autor que ajudou a compartilhar e promover comigo... O que eu faria sem vocês? Eu os amo.

Agradecimentos especiais a **Lori Jackson** pelo design da capa magistral e a **Wander** pelas fotos lindas e inspiradoras. Amo vocês dois!

Às minhas **Sereias** e à minha **Estrela do mar**, *obrigada* por me darem um lugar para relaxar e ser boba, e por me mostrar todo o amor ...

OBRIGADA a todos os **blogueiros e bookstagrammers** que criaram uma arte de amar os livros. Compartilhar este livro com o mundo leitor seria impossível sem vocês. Agradeço muito a ajuda de vocês.

Para todos que pegam este livro, leem, amam e falam a uma pessoa sobre ele, você faz o meu dia. Eu sou muito grata a todos vocês. Sem leitores, não haveria escritores.

Muito amor, Fique sexy, <3 Tia

Table of Contents

[Copyright](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Sete Anos Atrás](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Abalo Sísmico](#)

[Dias Atuais](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)